



ou they  
1796



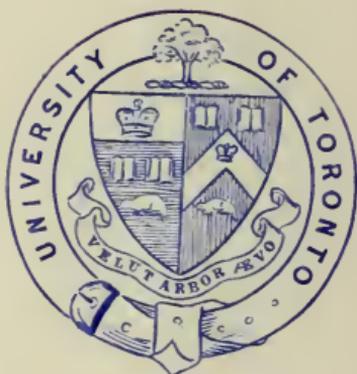
ITALIA-ESPAÑA

G  
U  
Á  
R  
D  
E  
S  
E  
  
C  
O  
M  
O



J  
O  
Y  
A  
  
P  
R  
E  
C  
I  
O  
S  
A

EX-LIBRIS  
M. A. BUCHANAN



PRESENTED TO

THE LIBRARY

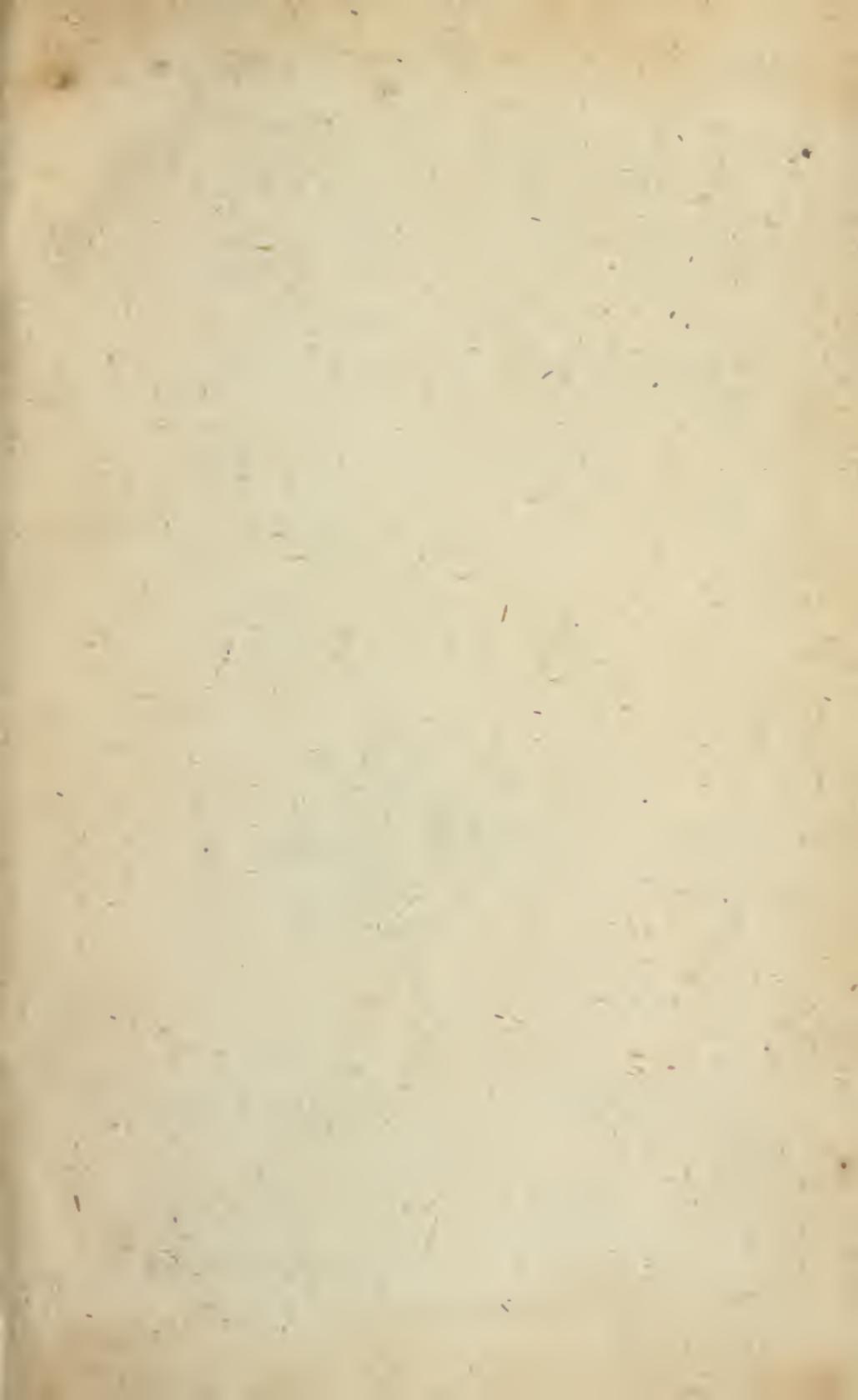
BY

PROFESSOR MILTON A. BUCHANAN

OF THE

DEPARTMENT OF ITALIAN AND SPANISH

1906-1946





Digitized by the Internet Archive  
in 2009 with funding from  
University of Toronto

L Por  
F3833 p F

# POEMAS LUSITANOS

DO DOUTOR  
ANTONIO FERREIRA

SEGUNDA IMPRESSÃO

Emendada, e accrescentada com a Vida, e Comedias  
do mesmo Poeta.

T O M O II.



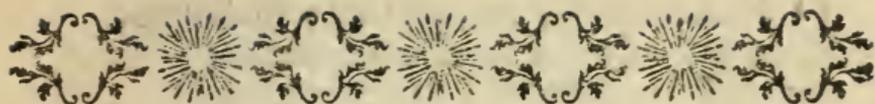
L I S B O A  
NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA  
ANNO M DCC-LXXI

*Com licença da Real Meza Censoria.*

A' custa dos Irmãos Du-Beux, á Cruz de Páo.

462031  
17. 5. 47





SEGUNDA PARTE  
DOS VERSOS  
DE  
ANTONIO FERREIRA,

---

DAS CARTAS

LIVRO I.

*Congratulação de todo Reyno a elRey D. João III. na  
morte do Principe D. João seu filho, que  
sôfreo paciëntissimamente.*

CARTA I.



Rá Rey, Senhor das Casas do Sol ambas.  
Bonissimo JOAM, mais pay da patria  
Que Bruos, ou que Augustos, ou Trajanos,  
Por grã mercê de Deos, e gloria nossa

Dado a estes Reynos teus do rico Téjo  
Até Eufrates, Nilo, Tigris, Gange;  
Vencedor da braveza de Neptuno,  
Senhor de seu Tridente, e ricas conchas,  
De barbaros espanto, amor, e medo.  
Luz clara de infieis; coluna firme  
Da catholica Fé; de idolatrias  
Falsas destruidor, paz do teu Reyno.  
Fortissimo JOAM, graças te damos.  
Não por tuas victorias com que espantas

O Mundo todo; não por teus thesouros,  
 Com que esta tua terra enriqueceste,  
 Justamente ganhados; não por letras  
 Com qu'as armas ornaste, honrado Phebo  
 Iguamente com Marte, que florecem  
 Agora mais que nunca: não por leys  
 Sanctas, iguaes, e justas, com que os vicios  
 Castigas nos mayores, e menores.  
 Não te louvamos, Rey, não te louvamos  
 D'espectaculos vãos dados ao povo;  
 De prodigalidade de moédas  
 Lançadas pelas ruas; não de mares  
 Appetitosamente atravessados,  
 De trabalhosas pontes semeadas  
 De peças de ouro, e prata, e ricas pedras,  
 De montes arrasados, rios secos,  
 De sem necessidade agoas trazidas  
 De longe por mil canos, mil rodeos.  
 Não de popas douradas, vélas ricas  
 De purpuras, e remos de ouro, e prata,  
 De tanques, de piscinas, de arcos, thermas,  
 Bosques, parques, theatros, capitolios,  
 Carros, litheras, Tigres, Liões, Uffos,  
 De féras monstruosas, nunca vistas,  
 E de outras não grandezas, mas solturas,  
 Que Reys Tyrannos livres costumavam  
 Em tempos infelices, e cecstumam  
 Pelo Mundo ind'agora, em si fõmente  
 Os publicos thesouros consumindo,  
 Tirados do suor, do sangue, e vida  
 De seus cativos povos. Nós, bom Rey,  
 De ti só te louvamos: de ti só  
 Damos graças ós Ceos, que te nos déram  
 Rey justo, Rey clemente, Rey pacifico,  
 Rey homem, Rey, e pay, senhor, e amigo.

A fortaleza grande, e gloriosa  
 Pera sempre a teu nome, a este teu Reyno,  
 Que exemplo immortal fica d'outros Reynos;  
 Aquella fortaleza nunca vista,  
 Grá Rey, que contra a morte de hum teu filho,  
 Unico successor do teu estado,  
 Mostraste, quem a entende? quem não espanta?  
 Como se pôde crer dos que vierem?  
 Ou em qual dos passados se vio nunca?  
 Christianissimo Rey, crer-se-ha de ti,  
 De JOAM o Terceiro, que constancia,  
 Que espantos, que grandezas, que milagres  
 Se não creram no Mundo? teu bom nome,  
 Por onde quer que soa, ama-se, e espanta.  
 E soa desd'hum polo ao outro polo.  
 Fere novas Estrellas, novos Ceos,  
 De ti só descubertos, e mostrados.  
 Espantem outros, sejam mais temidos  
 Que Tigres, que Liões, e trema ant'elles  
 Como ant'a mesma morte o triste povo.  
 Não ousem levantar os olhos nunca  
 A seus irosos rostos: adorados  
 Se façam ser por forças, e por medos.  
 Novas cruezas usem, com que tenham  
 Seguros os estados de seus odios.  
 Tu rege mansamente, e com justiça,  
 Estas sejam tuas artes, a paz ama:  
 A vencidos perdoa, que se entregam.  
 A soberbos destrue, desfaze, e apaga.  
 Amemoste nós sempre, e te chamemos  
 Clemente, bom, Christão, pay do teu Reyno,  
 Filhos teus nos chamemos: como pay  
 Nos ama, nos castiga, e nos perdoa.  
 Pendamos de teus olhos, mostra-os sempre  
 Seguramente rindo: essa tua graça

Mais força tem que ferro, ou fogo de outros.  
 Nossas almas nos levas apôs ti  
 Onde quer que te viras, tu só Rey  
 Es verdadeiro nosso. Em seu lugar  
 Deos na terra te pôs de sua mão.  
 Amor faz os bons Reys, não medo; amor  
 Estados dá, e conserva: o que he temido  
 De muitos, muitos teme. Nós te amamos.  
 O nome, e a honra, que ós bons Reys passados  
 Com amor damos, vivo já ta damos.  
 Esses Heróes antigos, e Monarchas  
 Vencendo, edificando, acrescentando  
 Imperios, repartindo grossos campos,  
 Julgando justamente, e defendendo  
 Seus povos com amor, com leys, e armas,  
 Choráram de não ver os iguaes premios  
 A seus merecimentos em suas vidas.  
 Romulo, Bacho, Castor, Pollux, Brutos,  
 Décios, Scipiões, Fabios, e Julios,  
 Depois de suas façanhas increiveis,  
 Hús foram recebidos nos vãos templos  
 De sua idolatria, outros honrados  
 Como Heróes illustres: até aquelle,  
 Que a grande, e cruel Hydra matar pode  
 De tantos seus trabalhos rodeado  
 Veo a crer, que com a morte se vencia  
 A inveja, qu'espanta, e queima sempre  
 Aquelles, que vencidos, cégos ficam  
 Co resplendor de quem os cega, e vence:  
 Mas morto s'ama mais, mais se deseja.  
 Alcança tu só Rey o que nunca outro  
 Em vida mereceo: crê que assi já  
 Nos he grande teu nome, brando, e doce,  
 Como o poderá ser em toda idade.

## A PERO D'ALCAC,OVA CARNEIRO

## SECRETARIO.

## C A R T A II.

**D**Os segredos Reaes segura guarda,  
 A cujos olhos s'abre o Real peito,  
 Em cujo peito seus intentos guarda:  
 Seja teu bom conselho sempre aceito  
 Ao melhor, e mor Rey, que te escolheo  
 Conforme em tudo a feu Real conceito.  
 Quam ditoso aquelle he, que mereceo  
 Aprazer a tal Rey, quam alvo dia,  
 Em que tam claro ao Mundo hum Sol nasceo!  
 Sancta alma, real zelo; a quem só guia  
 Amor, justiça, e paz, cujos bons meos  
 Em ti busca, em ti acha, em ti confia.  
 Sans letras, justas armas, dous esteos  
 Firmísimos do Imperio só tenhamos.  
 Mais bens, se o Mundo os tem, a outros Reys déos.  
 O Portugal antigo, que louvamos  
 D'spritos rudes, de animos ousados,  
 Qu'arte á sua guerra, á sua paz achamos?  
 Não e' cureço os feitos tam lembrados  
 De tantos Capitães, tantos Reys fortes,  
 Que por divino sprito eram guiados:  
 As vidas desprezar, não temer mortes,  
 A mais imigos, rostos mais seguros,  
 Ousados votos, e ditosas fortes.  
 Alvos cavallos, arcos mil em muros,  
 Mil palmas, e mil louros mereciam,  
 Mas não se honravam disso spritos puros:  
 Venciam os sanctos Reys, porém venciam

Mais por ousado esforço, que por arte,  
 Sem nenhum medo a tudo ousados hiam.  
**O** grã poder de Deos deixado a parte,  
 Que espantos hoje soam, que façanhas  
 Do grande Portugal em toda a parte!  
**De** tantos Capitães que artes, que manhas!  
 De tantos cavaleiros que ousadias!  
 Que victorias em terras tam estranhas!  
**Já** outros tempos, outros claros dias  
 Nos nasceram: entrou arte, e sciencia  
 De nosso sprito mais seguras guias.  
**Cresce** co tempo mais a experiencia.  
 Não louvamos já bons socedimentos,  
 Louvamos bom conselho, boa prudencia.  
**Em** quanto tristes fins de bons intentos  
 Roma sofria, em quanto castigava  
 Ditofos fins de mãos commetimentos,  
**Que** Mundos não vencia? que receava?  
 Como tam grande Imperio, e paz só tinha?  
 Quanto da má fortuna triumphava!  
**D'**armas em justa guerra armada vinha,  
 De letras em boa paz; e assi igualmente  
 D'ambas sempre ajudada se sostinha.  
**Ditosa** idade, bem lembrada gente,  
 Que exemplos cá deixastes, que memoria  
 Que do Occidente soa até Oriente!  
**Mas** quanto mor, quanto melhor historia  
 De Portugal já nasce, que escriptura  
 Nova, que nova fama, que alta gloria!  
**Ah** deve-se áquella alma sancta, e pura  
 Do nosso grande Augusto, bom Trajano,  
 Que aquella clara idade torna escura.  
**Seu** sancto fim todo he desviar o dano,  
 Que mal nos ameaça, destruindo  
 Mão desejo, mão zelo, e mão engano.

A nova luz das letras foy seguindo,  
 As fortes armas co'ellas governando,  
 De que tamanho bem ao Mundo he vindo.  
 Entráram máos intentos, que danando  
 Vão o conselho sancto, e já em mal  
 Aquelle tanto bem se vay mudando.  
 Inclinações danadas! que o que val  
 Pera conservar paz, destruir guerra,  
 Pera honra, e bem commum, e não pera al,  
 Seguem só polo seu. Aqui se encerra  
 Todo estudo, tod'arte; que fins sanctos  
 Se esperaram de quem no intento erra?  
 De tantos livros, tanto estudo, e tantos  
 Annos que fae já agora? má cobiça,  
 Risos de máos, e de innocentes prantos.  
 Aquella sancta, aquella igual justiça  
 No bom zelo só está, não em livros mudos,  
 Que zelos máos a tornam injustiça.  
 Não culpo os livros bons, os bons estudos,  
 Como não culparia a boa espada,  
 Bons elmos, bons arnezes, bons escudos.  
 Culpo, e praguejo aquella tam danada  
 Alma, que pera mal usa do bem  
 De seu cruel proveito conselhada.  
 Prudencia, e lealdade só fostem  
 Os bons Imperios: daqui nasce o amor,  
 Que ao povo o Rey, ao Rey seu povo tem.  
 Nunca os estados segurou temor.  
 Nunca foy o bom zelo desprezado.  
 Danou os bons desprezo, os máos favor.  
 O nosso bom JOAM tambem guiado  
 De seu sprito, viva em ti seguro,  
 E nos mais, de quem he bem conselhado.  
 Abrasan-se castellos, cae o muro.  
 Cansam forças, e braços, e ardidezas.

No bom conselho só está o bom seguro.  
 Do saber são as boas fortalezas.  
 Escolhan-se bons zelos, bons spritos,  
 Mais no Mundo soarão noſſas grandezas.  
 Aquelles claros feitos, altos ditos,  
 De que os livros são cheos, desprezemos.  
 Mores feitos ha cá, não tão bem eſcritos.  
 Vençamos no melhor, o outro imitemos.

## A PERO D'ANDRADE CAMINHA.

## C A R T A III.

**T** Eu nome, Andrade, de qu'he bem qu'esperem  
 O de que ſe já ſempre eſpantarão  
 Quantos te vem, quantos deſpois vierem:  
 Teu raro ſprito, de que ſe honrarão  
 As Muſas, que de ſi tanto te dêram,  
 E que tarde outro como a ti darão:  
 Os bons eſcritos teus, que mereceram  
 Ou ouro, ou cedro, pois já neſſa idade  
 Nos moſtras nelles, quanto em ti quiſeram  
 As Muſas renovar a antiguidade,  
 Em teu amor aceſo me levaram  
 A eſta ſam, e confiada liberdade.  
 Do que ſe antigamente mais prezaram  
 Todos os que eſcreveram, ſoy honrar  
 A propria lingua, e niſſo trabalharam.  
 Cada hum andava pola mais ornar  
 Com cópia, com ſentenças, e com arte,  
 Com que podeſſe d'outras triumphar.  
 Daquella alta elegancia quanta parte  
 Deves, tu Grecia, áquelle tam louvado  
 Poeta, que aſſi ſoa em toda a parte!  
 E tu grá Tybre, de que eſtás honrado

Senão com a pureza dos escritos  
Daquelle Manruano celebrado:  
Garcilasso, e Boscão, que graça, e spritos  
Dêstes á vossa lingua, que Princeza  
Parece já de todas na arte, e ditos!  
E quem limou assi a lingua Franceza  
Senão os seus Francezes curiosos  
Com diligencia de honra, e amor aceza?  
E vós ó namorados, e ingenhosos  
Italianos, quanto trabalhastes  
Por serdes entre nós nisto famosos!  
Assi enriquecestes, e apurastes  
Vosso Toscano, que será já tido  
Por tal, qual pera sempre o vós deixastes.  
Qual será aquelle povo tam perdido  
Que assi não seja mais affeiçoado  
Qu'a outro estranho, e pouco conhecido?  
Que barbaro não diz: mais obrigado  
Sou eu a aproveitar a mim, e aos meus,  
Que áquelle, que de mim está arredado?  
Gethas, Arabios, Persas, e Caldeus  
Gregos, Romãos, e toda a outra gente  
Nascem, vivem, e morrem pera os seus.  
Avermos nós agora hum excellente  
Capitão Portuguez de quantos temos,  
De que se espanta, e treme o Oriente,  
Querer mostrar a ordem, que devemos  
Guardar na guerra em lingua estrangeira,  
Quam certo, Andrade, he que nos riremos.  
Este, dirias, em vez da maneira  
Nos querer ensinar como vençamos,  
Faz outra gente contra nós guerreira.  
E tanto he mais razão que o nós sintamos,  
Quanto mayor proveito nos cabia,  
E quanto mór o dano, que esperamos.

- O que entre a antiguidade mais se avia  
 Por infamia, era desprezar a terra,  
 De que hum era filho, e em que vivia.  
 Contra a qual não sômente se diz que erra  
 O que desemparrar, trahir, vender,  
 Ou lhe mudar a boa paz em guerra,  
 Mas quem com quanto dizer, e fazer,  
 Em seu proveito pode, o não fizer,  
 Ou seja com bom braço, ou bom saber.  
 Duas cousas sômente se ham mister  
 Na República boa, corpo, e alma.  
 Ditosa aquella, que ambos bons tiver.  
 O corpo, que por ferro, frio, e calma  
 Rompa, e passe sem temor avante,  
 Porque o imigo lhe não leve a palma.  
 A alma, que seja tam pura, e constante  
 Em seu proveito, e honra, que pareça  
 Ter sua gloria, e bem sempre diante.  
 E que na paz, e guerra se offereça  
 A com prudencia, e conselho a ajudar,  
 Porque chamar-se filho seu mereça.  
 Por isso o grande Deos nos quiz formar  
 Por suas sanctas mãos de carne, e sprito,  
 Porque de ambos aviamos de usar.  
 Quem com armas não póde, com escrito  
 Poderá fazer tanto, que se ria  
 Do qu'os escadrões rompe, e inda c'um dito.  
 E não se honrava mais, e mais temia  
 Aquella vencedora Esparta antiga  
 Cos ditos de Licurgo, que a regia,  
 Que des que ella das armas, e ouro amiga  
 Os olhos lhe quebrou, e o desterraram?  
 Patria contra si mesma ingrata, e imiga.  
 O quantos quanto mór fama ganharam  
 Co a boa penna, que outros com a espada!

Quanto mais ricas estatuas cá deixáram!  
Quanto foy mais sentida, e mais chorada  
A morte do alto Homero por seu canto,  
Que a tua, Achilles, que elle fez honrada!  
Pois com quanto razão m'eu mais espanto  
Do que em ti vejo, tanto ver perdido  
Sinto, o que me allí move a mágoa, e espanto.  
Mostraste-te tégora tam esquecido  
Meu Andrade, da terra, em que nasceste,  
Como se nella não foras nascido.  
Esses teus doces versos, com que ergueste  
Teu claro nome tanto, e que inda erguer  
Mais se verá, a estranha gente os deste.  
Porque o com que podias nobrecer  
Tua terra, e tua lingua lho roubaste,  
Por ires outra lingua enriquecer?  
Cuida melhor que quanto mais honraste,  
E em mais tiveste essa lingua estrangeira,  
Tanto a esta tua ingrato te mostraste.  
Volve, pois volve, Andrade, da carreira,  
Que errada levas (com tua paz o digo)  
Alcançarás tua gloria verdadeira.  
Té quando contra nós, contra ti imigo  
Te mostrarás? obrigue-te a razão,  
Que eu, como posso, a tua sombra figo.  
As mesmas Musas mal te julgarão,  
Serás em odio a nós teus naturais,  
Pois, cruel, nos roubas o que em ti nos dão,  
Sejam á boa tenção obras iguais,  
E a boa tenção, e obra á patria sirva,  
Demos a quem nos deo, e devemos mais.  
Floreça, fale, cante, ouça-se, e viva  
A Portugueza lingua, e já onde for  
Senhora vá de si soberba, e altiva.  
Se téqui esteve baixa, e sem louvor,

Culpa he dos que a mal exercitaram:  
Esquecimento nosso, e desamor.

Mas tu farás, que os que a mal julgarão,  
E inda as estranhas linguas mais desejam,  
Confessem cedo ant'ella quanto erraram.

E os que depois de nós vierem, vejam  
Quanto se trabalhou por seu proveito,  
Porque elles pera os outros assi sejam.

Se me enganey, se tive máo respeito  
Andrade, tu o julga: mas espero  
De te fer este meu desejo aceito.

E em quanto mais não peço, isto só quero.

A ANTONIO DE SA' DE MENEZES.

C A R T A III.

**M**Inha Musa, que baixa estava tanto,  
Que do chão não se erguia, já levanta  
Em teu grá nome differente canto.  
Tu tam alta a poseste, que se espanta  
De como pode, e ou'ou subir tam alto,  
Que em ti s'ergue, em ti fala, a ti já canta.  
E com quanto he tam perigoso o salto  
Em ti, Antonio, está tam confiada,  
Que não lhe chega medo, ou sobrefalto.  
Alta nobreza em ti tam bem empregada,  
E de tanta nobreza sprito digno,  
O alma bem nascida, e tam bem dada!  
Tal sprito direy eu claro, e dino  
D'immortal canto, e gloriosa fama,  
Que faz de hum mortal homem ser divino:  
Não he aquella nobreza, nem se chama  
Que s'ennobrece só de prata, e d'ouro,  
E nelle poem seu estado, gloria, e fama.

Eu

Eu vejo aqui, e ali hum grã thesouro,  
 Eu vejo armas antigas cá deixadas  
 Deste, e daquelle, que matou Rey Mouro;  
 Mas que aproveita áquelle, de que olhadas  
 Sómente são, mostralas por vam gloria,  
 Pois que por elle as vemos deshonoradas?  
 Que lhe aproveita o repetir da historia  
 Tantas vezes, e como foy tomada  
 A antiga sua bandeira na victoria,  
 Pois assi como foy do avô ganhada,  
 Por elle só tornou ser tam perdida,  
 Que quasi ella se mostra envergonhada?  
 A gloria, e honra á virtude he devida,  
 Della nasce, e se cria, e se fostem,  
 Não se herda, não se compra, he como a vida.  
 O ouro a terra o cria, a terra o tem,  
 Se algũa cousa val, he só por ser  
 Hum instrumento bom pera ~~usar~~ bem.  
 Mas ah, vemos que agora tal poder  
 Lhe tem o Mundo dado, que elle manda,  
 Elle a virtude julga, elle o saber.  
 Por cima das estrellas já tal anda,  
 Tam soberbo, e tyranno, que cos Ceos  
 Pouco, e pouco, o que pode, se desfanda.  
 Lança aos olhos d'alma huns negros véos,  
 Com qu'assi a cega, e encanta, que não veja  
 Se não suas ricas veas, nunca a Deos.  
 Entam não lhe falece quem peleja  
 Por elle fortemente, em toda parte,  
 E telo por seu idolo deseja.  
 Por suas mãos a vida se reparte,  
 Por suas mãos a vida, a gloria, a honra,  
 E do qu'a melhor espera, he a pior parte.  
 O justo, e fabio jaz; e assi os deshonra,  
 Qu'he necessario aos tristes contentar-se

Do que em si tem, e saber que isso os honra.  
 Esperam quem os erga; mas passar-se  
 Vejo dias, e annos, sem o acharem,  
 Té que de todo vem desesperar-se.  
 Que de que vem perderen-se, ou cansarem  
 Os bons ingenhos? de que vem a virtude  
 Encolher-se? de a rirem affi, e pisarem.  
 Em tam rijos combates, tam a miude  
 Que animo bastará, que fortaleza,  
 S'em parte algúa se não vê saude?  
 Tu vês em que consiste já a grandeza;  
 Em abater o que merece erguido,  
 E em levantar aos Ceos toda a baixeza.  
 Mas a este grande mal tem socorrido  
 De pouco pera cá algum tanto as Musas,  
 (Mercê de quem nos foy tal dom trazido)  
 Já agora vão sofrendo mais escusas,  
 Vão confessando que foy bom o saber  
 Ao Tyranno cruel de Siracusas.  
 Hês por deslimular, outros por ver  
 A que sabe isto, de que tanto riam,  
 Vejo já começar, e proceder.  
 O bom Rey piadoso! estes não viam.  
 Tu lhes deste olhos novos, com que vem;  
 Por dom tam grande as almas te deviam.  
 Já esta nossa Terra ingenhos tem  
 Das Musas bem criados, mas mal cridos,  
 Que sempre o mal anda abatendo o bem.  
 Ingenhos nascem já, que a ser erguidos,  
 D'honrosos louros foram coroados,  
 Mas téqui de quem são favorecidos?  
 Os prémios que ós que correm são mostrados,  
 Porque ós ingenhos bons se negaram?  
 Sejam-nos bons juizes nisto dados.  
 Em tua grá profapia s'acharam

Insignias triumphaes de Apollo, e Marte,  
 Que os olhos, dos que as virem, espantarám.  
 De quem se não conhece, ou em que parte  
 Dos Sás o nome? onde se não fingem  
 As proezas, que a fama em mil reparte.  
 Onde tantos as Musas d'Hera cingem,  
 Onde armas victoriosas dão final  
 Do claro fangue, de que os campos tingem.  
 S'estas sós duas cou'as immortal  
 Podem fazer hum nome, que letreyro  
 Se póde a este teu nome achar igual?  
 De palma coroadó, e de loureiro  
 Por mão d'Apollo, e Pallas achará  
 No Ceo, e na terra o premio verdadeiro.  
 Mas eu não louvo, Antonio, isto que já  
 De longe herdaste, louvo o que em ti vejo  
 Que em só teu nome sempre vivirá.  
 Esse bom zelo teu, esse desejo  
 D'honrar as Musas, esse amor tam bom,  
 Que eu tanto em nossos Principes desejo.  
 Dom dos Ceos dado á terra, ó raro dom,  
 Que sempre aquelles, que o favoreciam,  
 Honraram as Musas com seu alto som.  
 As leys se violavam, e se rompiam  
 Por dar vida aos bons versos Mantuanos;  
 Cidades sobre o Grego contendiam.  
 Os bons ingenhos Gregos, e Romanos  
 D'homens, como nós, foram, mas viveram  
 Entr'homês bons, e Principes humanos.  
 As honras, que lhes davam, só lhes déram  
 Sprito, com que assi tam altamente  
 Seus nomes pelas terras estendêram:  
 A honra cria, e faz a arte excellente.

A D. JOAM D'LANCASTRO  
FILHO DO DUQUE D'AVEIRO.

C A R T A V.

**Q**ue dizes, meu Lancaastro, destes sabios,  
 Destes cachopos velhos, que desprezam  
 Quantos bons Catões ouve, quantos Fabios?  
**Q**ue dizes destes graves, que se prezam  
 D'authorizar com seu juizo o máo,  
 Por grandes contas entoado rézam!  
**Q**ue julgas d'outro louro Meneláo,  
 Que com seu corpo, e rosto capitáo  
 Se faz famoso mais que Agefiláo?  
**Q**ue da carranca deste? da tenção  
 D'aquelle? dos spritos, do desejo,  
 Dos fumos d'aquelloutro, e opiniáo?  
**E**stas são as differenças, de que eu vejo  
 Entre nós hoje tantas novidades,  
 Que de nellas cuidar me corro, e pejo.  
**A**quelle, que entre tantas vaidades  
 Não he vão, e não vendo húa só verdade,  
 Conhece, e segue todas as verdades:  
**E** entre tantas soberbas a humildade  
 Ama só, e quer; e onde se rim do casto,  
 Louva, e se abraça com a castidade;  
**Q**ue chamarás a este? que eu não basto  
 A titulo lhe dar delle tam dino.  
 Só me contento de seguir seu rasto.  
**D**itoso tu que és este; a que hum divino  
 Sprito rege, e guia; e aos Ceos direito  
 Pisando a terra vás seguindo o tino.  
**R**iste deste viver tam contrafeito,  
 Que vês nos homés, e dos seus preceitos

Novos, em que não ha hum só bom preceito.  
 E quando vês hús feitos, e desfeitos  
 Outros, já não te espantas, como quem  
 A toda a inconstancia os vê fogeitos.  
 O bem sempre por mal, o mal por bem,  
 Por virtude o mor vicio, e por prudencia  
 O que menos o he, seguem, e crem.  
 Ao vão prodigo dam magnificencia,  
 Chamam o deshonesto, homem de damas,  
 E louvam, e ham inveja á incontinecia.  
 Aquelle, que tu bom, e prudente chamas,  
 Que lança suas contas bem lançadas,  
 E seu pouco falar, bom, e raro amas,  
 Frio, e malecioso; e o de danadas  
 Entranhas, que c'um riso prazenteiro  
 Encobre suas peçonhas simuladas,  
 He só prudente, e cauto: falso arteiro  
 O que conhece bem, e sabe fazer.  
 Diferença do amigo ao lisongeiro.  
 O cego póvo, que não sabe crer,  
 Nem estimar se não o que he pior,  
 Como te saberá nunca entender?  
 Do mais inchado titulo, e mayor  
 Soberba, e fausto mais se espanta: e honra  
 O mais sem honra, e ri-se do melhor.  
 A' fama serve sempre, e a cega honra  
 Com'ao indigno a dá, sem mais certeza;  
 Assi lha tira, e deixa em vil deshonra.  
 Mas esse Real sprito, essa grandeza  
 D'animo, esse fugir do vulgo cego,  
 De seus enganos, erros, e baixeza,  
 Por onde quer, Senhor, que o eu digo, e prégo;  
 Em sãos. juizos acha amor, e espanto.  
 E que os mais o não entendam, não o nego.  
 Porém seja cad'hum prudente, e santo:

S'em vida não, em morte: os que o não crerem,  
 O virám crer com lagrymas, e pranto.  
 Dos outros (por ventura se morrerem  
 Antes d'elle) verá todos seus ventos  
 Com elles juntamente perecerem.  
 Quem, como tu, na vida traz taes tentos,  
 Quando morrer, começará sua vida.  
 Dos outros ficaram os vãos muymentos.  
 Vive, bom João, e seja conhecida  
 Essa alma sancta, sabia, e generosa,  
 Dos Ceos, por nosso exemplo, em ti influida.  
 Despreza a céga gente só ingenhosa  
 Em seguirem seu mal, e a quem imigo  
 Sempre foy o saber, virtude odiosa.  
 Ouvi sempre dizer, que o mór perigo  
 Para o homem era o homem: mas tenha eu  
 Credito com Deos n'alma, e só comigo  
 Paz boa: e seja o Mundo imigo meu.

## A JOAM RODRIGUES DE SA' DE MENEZES

N O P O R T O .

### C A R T A VI.

**A** Ntigo pay das Musas desta Terra,  
 Illustre geração forte, e prudente,  
 Igual sempre na paz, igual na guerra.  
 Viste-te já louvar da tua gente,  
 Viste-te dos estranhos invejado,  
 E veste hora viver tam longamente.  
 Viste o bom socessor desse morgado  
 Claro Antonio com netos, que serão  
 Herdeiros teus, de teu sprito, e estado,  
**E** vês o grá Francisco, a quem se dão

As graças de tal Príncipe, qual vemos,  
 Que Deos nos quiz formar de sua mão.  
 Dos outros que direy? ou que diremos  
 De ti, se não ditosos tu, e elles,  
 Ditosos nós, pois entre nós vos temos?  
 Em ti os vemos, e a ti vemos nelles.  
 Qual foy aquella estrella, que influyo  
 Tal pay, taes filhos, chama-la-hemos delles?  
 Mas minha ousada Musa mais subio  
 Do que pode, e não pode ir mais avante,  
 Querendo-te louvar, logo cahio.  
 Necessaria he tua mão, que a levante,  
 Necessario esse sprito, que lh'inspire  
 Sprito novo, com que s'erga, e cante.  
 Dá-lhe tu só favor, com que respire.  
 Form'a a tua douta mão, verás grandezas  
 Tuas, que o tempo, nem a inveja tire.  
 A ti, grã Sá, que avendo por baixezas,  
 Por sombras, por enganos, e por ventos  
 As que a céga opinião chama riquezas:  
 A ti, que nos Ceos pondo os pensamentos,  
 Dalli olhando o vão pôvo lhe fugiste,  
 (Eu chamo pôvo onde ha baixos intentos)  
 Pergunto, se essa estrella, que seguiste,  
 T'a mostrou a baixa terra, ou onde a achaste?  
 Ou porque meos, com que olhos a viste?  
 Que venda-a logo assi lá te apartaste  
 Do que se tanto estima; e se na terra,  
 E entr'homés vives vaós, como os deixaste?  
 Como vives em paz em tanta guerra?  
 Como assi estás seguro em taes perigos?  
 Como acertas em quanto cá o Mundo erra?  
 Eu por onde quer qu'olho, vejo imigos  
 Nos homés, nas riquezas, nos estados:  
 Tu delles usas só como de amigos.

Outros olhos, grã João, te foram dados,  
 Outro sprito dos outros differente,  
 Outro alto pensamento, outros cuidados.  
 Levou-te Phebo d'entre a cêga gente  
 Aquelle choro dos segredos seus;  
 O Mundo dalli viste claramente.  
 Dalli sayste tal, que já dos teus  
 Serás chamado em vida só ditoso;  
 Ah se mais alto voassem os versos meus!  
 O como esse teu nome glorioso  
 Vejo! quam altamente soará  
 Sempre o teu epithaphio tam famoso!  
 Já a ti em vivo te leva; e levará  
 Por ti aos Ceos teus filhos o alto exemplo,  
 Que em guerra, e em paz ao Mundo ficará.  
 Quando tal vida, tal saber contemplo,  
 Lembra-me, se tu foras n'outra idade,  
 Que estatuas já te erguêram, que alto templo.  
 Mas aquella honra dava a Antiguidade  
 As vezes cêgamente, outras forçada,  
 As mais vezes porém por vaidade.  
 A muitos foy injustamente dada.  
 A ti só fora dada justamente:  
 E tanto, quanto menos desejada.  
 Tu segues o saber por si sómente.  
 A virtude amas só polo que val,  
 Sem outra cor, e sem outro accidente.  
 Aos mais dos homês parecerás mal,  
 (Eu digo destes homês, que cá vemos  
 Feitos todos de terra, e de metal.)  
 Que julgam as virtudes por estremos,  
 E os seus estremos sós não chamá vicios:  
 Mas elles sim-no, e nós os conhecemos.  
 Reprehenderám teus santos exercicios,  
 De ler, e d'escrever, em que chorando

Estás seus vaõs desejos, seus officios.  
 Mas então te vejo ir já levantando  
 Mais forte, e mais constante, pois pareces  
 Tam differente dos que vás deixando.  
 Igual premio, bom João, ao que mereces,  
 He poderes dizer tu: eu sou só,  
 Quem tu, profano vulgo, não conheces.  
 O que mágoa tamanha, ó que grã dó  
 Se deve ter de tam cegos enganos,  
 Confiados em vento, em ar, em pó!  
 Como se os mores bens fossem seus danos,  
 Assi os aborrecem, e o mal por bem  
 Seguem: quando creãm seus desenganos?  
 Cegos, que não entendem, que não crem  
 Que o homem no corpo he bruto: e semelhante  
 A Deos, só no saber, que d'elle vem.  
 Hũa ave se achará, que melhor cante.  
 Hum bruto mais ligeiro, bravo, e forte,  
 Outro, que da só vista mate, e espante  
 Tambem verás que algum devinha a morte,  
 Outro sabe ferido a herva buscar:  
 Em morrer tens com elles igual forte.  
 De que te podes, homem, gloriar  
 Senão só da razão? se a mal empregas;  
 Que nome com razão te podes dar?  
 Que as feras com ser brutas, com ser cegas  
 Seguem o bem, e guardam suas leys:  
 E tu quebras as tuas, ou as negas.  
 Não são os Reys mais homês por ser Reys:  
 Nem vós ó homês fortes, e ligeiros  
 Mayor alma que os mais fracos tereis.  
 Aquelles são sós homês verdadeiros,  
 Que sómente o que he seu, seguem, e amam  
 E quanto mais o seguem, mais inteiros.  
 Aquelles são sós homês, que se affamam

Com letras, com saber, com que alumiam  
 O Mundo; e tudo o mais fortuna chamam.  
 Deste lume alumizados quanto viam  
 Desprezavam os sabios: neste está  
 Aquelle summo bem, a que subiam.  
 Com este viste a differença, que ha  
 D'hum homem a outro homem; e que baixeza  
 He quanto fóra disto o Mundo dá.  
 Em mancebo mostraste fortaleza,  
 Mas depois no que leste, então soubeste  
 Quando esforço se diz, quando fraqueza.  
 Com isso o Mundo, e a ti mesmo venceste,  
 D'ahi só tomando os preceitos seguros,  
 Seguro assi entr'os homês bem viveste.  
 Agora affirmarás que cavas, muros,  
 Baluartes, bombardas, armaduras,  
 Petrechos, vallos, minas, contramuros,  
 Nem por piques trepar, nem aventuras  
 Vans de desprezar morte dão victoria,  
 Mas prudentes conselhos, e almas puras.  
 Enriqueceste o peito, e a memoria  
 D'altos exemplos dos antigos feitos,  
 Que no Mundo deixaram clara historia.  
 Enchendo a alma sam de sãos conceitos,  
 A razão segues, que te leve, e guie  
 Pelos caminhos, qu'ao Cco vão direitos.  
 Dirás que não he bem que se homem fie  
 Nos homês, na fortuna: estarás rindo  
 Do yáo Mundo, por mais que o contrarie.  
 Quando mais ocioso, então abrindo  
 Os bons livros, regendo estás tua terra,  
 Em ti as proprias leys tuas cómprindo.  
 Sempre prestes, e prompto a paz, e guerra,  
 No mór descanso mais te temerás,  
 Crendo quanto a confiança ás vezes erra.

Affi effe nobre affento ; onde lá eftás ,  
 Já de tam longe de teu fangue herdado  
 Cos meus , porque fe ouve , o fofterás.  
 De quem , grá Sá , não ferás invejado  
 Em claro fangue , em feitos , em saber ,  
 Em que effe antigo nome he celebrado ?  
 Ditofó tu ; pois foubefte affi viver  
 Ou mayor , ou igual aos teus paffados.  
 Ditofó , que não pódes já temer  
 Principes , ou fortuna , ou morte , ou fados .

## A GARCIA FROIS FERREIRA

S E U I R M ã O .

## C A R T A VII.

**Q**Uam differentemente Deos reparte ,  
 Irmão , cos homês as inclinações !  
 Ditofó , ao que coube a melhor parte :  
 Quantas cabeças , tantas condiçoês ,  
 Quantas condiçoês , tantos appetitos ,  
 E quaes os appetitos taes tençoês .  
 Irás achar num homem taes fpiritos ,  
 Que outra coufa mór qu'homem te pareça  
 Nas obras , nos intentos , e nos ditos .  
 Com outro irás topár , que nem mereça  
 O nome de homem , antes elle fô  
 Dirás qu'os outros homês efcoreça .  
 E de quaes sobre todos eu hey dó ,  
 São deftes , que não crem , nem lhes parece  
 Que foram , como nós , feitos de pó .  
 Homem ha hi , que cuida que merece  
 A Deos fer immortal , e hum fo no Mundo :  
 Este dirás que a fi , e a Deos conhece :

Outro de vil, e baixo no mais fundo  
 Da terra anda metido, então dirá  
 Que nem quer ser primeiro, nem segundo.  
 Quem tanto engano defenganará?  
 Quem por exemplo claro, ou por figura  
 A luz a olhos tam cegos mostrará?  
 Parece já a algũs homẽs só ventura  
 Fortuna, e caso incerto, o que nos traz,  
 E volve de hũa em outra desventura.  
 Mas longe vá de nós, a quem apraz,  
 A quem aprovê dar tal nome errado  
 A summa providencia, que isto faz.  
 Muito bem conheceo isto o enganado  
 Gentio, que o alcançou naturalmente  
 Pelo lume de Deos, que lhe foy dado:  
 Mas temendo elle mais qu'a Deos a gente,  
 Não quis crer o que via, e assi enganou  
 Dobrado a si, e o pôvo simpresmente.  
 Aquelle Deos eterno, que criou  
 Este Mundo com quanto nelle vemos,  
 Aquelle o regeo sempre, e conservou.  
 Nós, que isto confessamos, e entendemos,  
 Quando mais nos combatem vãs mudanças,  
 Então devemos crer mais do que cremos.  
 Como nossos cuidados, e esperanças,  
 Todo nosso propôr, e proseguir,  
 Todos nossos desejos, confianças  
 Mais certas sempre estão em nos mentir,  
 Que áquelle fim chegar, que lh'esperamos,  
 Que lá de cima só lhes pôde vir.  
 Estas sombras, Irmão, tras que assi andamos,  
 Como sombras se vão de nós fugindo,  
 E nós tambem tras ellas caminhamos.  
 Quem inveja averá ao que vay rindo,  
 Se no meo do riso o vê chorando?

Quem

Quem o vento, que passa, irá seguindo?  
 Per'outro fim mais alto caminhando  
 Vamos, que tu grão Deos de lá nos guias,  
 E tinto de teu sangue o estás mostrando.  
 As vans mudanças nossas são as guias,  
 Que nos pera lá levam, e tu nos déste,  
 Mas nós seguimos nellas outras vias.  
 Por isso em quanto vemos nos quizeste  
 Mosttrar pouca firmeza, e fundamento,  
 Por isso inclinações varias nos déste.  
 Déste-nos ligeireza ao pensamento,  
 Porque da terra aos Ceos subindo visse  
 Que tinhamos nós lá outro firme assento.  
 E daquelle alto olhando a baixo risse  
 Dos jogos, em que andamos todos vaõs,  
 E logo elles deixados te seguisse.  
 Canfamos os spritos, pés, e mãos  
 Tras cousas, cujo fim sempre he mais certo  
 As almas corromper, e peitos faõs.  
 Por estas não tememos o deserto  
 Medonho, o mar inchado, a terra crua.  
 Ah que despois de avido, he mais incerto.  
 O quantos vão voando sem a sua  
 Mina d'ouro deixada ao ingrato herdeiro!  
 Como podes dizer hũa cousa tua?  
 Eu vejo que as mais vezes o primeiro,  
 Que quiz ser diligente, fica áquem,  
 E passa então por elle o derradeiro.  
 Quem confia pois já no que vê? quem  
 No mór seguro não se está temendo?  
 Quem debaixo do Ceo póde estar bem?  
 De quantas cousas ha se está bem vendo  
 Hũa roda continua successiva,  
 Em que hũs estão morrendo, outros nascendo.  
 Aquella parte só, que em nós he viva,

Aquella vive sempre; esta segura,  
 Esta livre nos he, nunca cativa.  
 Esta zomba de acertos, e ventura.  
 Ri-se de quanto ha cá pela terra.  
 Por nada cégamente s'aventura.  
 Tu, em quanto o vão Mundo enganado erra,  
 E as cousas de mór preço defestima,  
 Com estas armas vence sua má guerra.  
 Não ha signo, não estrella, ou polo, ou clima,  
 Que mudar possa a boa tenção constante,  
 Qu'os olhos da terra alça, e os ergue acima.  
 Em nossas mãos nos temos: e diante  
 Bem, e mal; honra, infamia; pena, e gloria;  
 Sigamos o melhor, por mais qu'espante.  
 De nós nos nasce ou triste, ou clara historia.  
 Vençamos cos bons fins principios duros,  
 O mór perigo com a mór victoria.  
 Ha dous caminhos: hum leva seguros,  
 Inda que estreito, aos Ceos spritos claros:  
 Outro largo, e mais livre os deixa escuros.  
 Figura antiga, e triste! Quem tam caros  
 Nos fingio nossos bens? porque parecem  
 Tantos máos caminhantes? bons tam raros?  
 Os homês, que por homês se conhecem,  
 Não vêm sua natureza alta a que os chama?  
 O que lhe não convêm? e o que merecem?  
 Como do nosso fogo a viva chamma  
 Não levantamos, que vá clara abrindo  
 A larga estrada da virtude, e fama?  
 Larga estrada, não estreita, a quem seguindo  
 Com claros olhos for a clara est ella,  
 Que nós com nevoas vans estamos cobrindo.  
 Apueça a Razão fermosa, e bella,  
 Criada em nossos peitos. Ah que amores  
 Nos nascerám tam vivos logo della!

Cairám os perigos, e os temores,  
 O campo livre, o Ceo claro, e sereno  
 Veremos sem trabalhos, e sem dores.  
 Vida tam larga por hum tam pequeno  
 Momento de miseria, não de vida,  
 Onde m'engana, o que mais fundo, e ordeno.  
 Memoria gloriosa tam devida  
 A virtude, honra, e gloria, por hũa morte,  
 Que as mais das vezes vem não conhecida.  
 Quem tam enganado he, tam pouco forte,  
 Que não troque por bens hũas sombras vãs?  
 Por tudo o nada? o certo pola forte?  
 Passam os annos lédos, vem as cãs.  
 Morrêram os prazeres, vem tristezas.  
 Contentes estam sempre as almas sãs.  
 Acham bem no trabalho, e nas durezas  
 Descanso, vencem tudo; e a derradeira  
 Hora ham por mór bem seu, mores riquezas.  
 Fortissimos spritos, que a carreira  
 De suas coroas lédos, e ousados  
 Corrêram desd'a sua hora primeira,  
 Sós ricos, sábios, bemaventurados.

## A P E R O D' A N D R A D E .

## C A R T A V I I I .

**D**Este meu peito são, em teu são peito  
 Candidissimo Andrade, vão seguras  
 Minhas palavras chãs, meu nú conceito.  
 Ivos daqui fingidas, ivos duras  
 Linguas, e condições: pura clareza  
 Saya de claros peitos, e almas puras.  
 Rio-me, bom amigo, da estreiteza  
 D'algũs curtos amigos, e da ousada

D'ou-

D'outros livres errada, e vam largueza.  
 Seja a amizade facil, confiada  
 Doce, aprazivel, branda; mas honesta,  
 Mas de lam liberdade acompanhada.  
 Pague-se amor fingido a quem o empresta,  
 Mas quem bom amor dá, receba-o bom,  
 Livre da tenção baixa, e deshonesto.  
 O que doce armonia, que igual som  
 Faz a virtude em dous peitos, que della  
 Se ajuntam, se compõem! divino dom!  
 Eu honro, e honrarei sempre a boa estrella,  
 Que tal te me mostrou, e a mim te deu  
 De Apollo amor, fama de Filis bella.  
 Ditosa, e ingrata Filis, deste teu  
 Gentilissimo sprito tomo a parte,  
 Que os Ceos me dêram nelle por bem meu.  
 Antes deste mortal meu véo se aparte  
 Est' alma, meu Andrade, que hum só dia  
 Deixe, como alli mesma, já de amar-te.  
 Tu em meus cégos passos foste a guia,  
 Qu'ao Muséo escondido me guiaste:  
 Devo-te quanto sem te vêr perdia.  
 Cresceo sempre este amor, com que m'amaste,  
 Cresceria tua fama, s'eu pudesse  
 Cantar-te igual ao nome, que ganhaste.  
 Dar-te-hia metaes ricos, se os tivesse,  
 Em marmor deixaria em vivas cores  
 Vivo esse sprito teu, s'arte soubesse  
 Igual á dos antigos, hús pintores,  
 Outros em pedras taes, que com suas mãos  
 Roubavam á natureza seus louvores.  
 Mas o Ceo negou-me isto: e esses tam saós,  
 Tam modestos desejos se contentam  
 Tambem dos meus desejos todos saós.  
 Folgas com versos; versos se apresentam

Meus,

Meus, quaes são, ante ti: versos dão vida  
Ao digno de memoria, e o accrescentam.  
As Músas cantam: dellas he sabida,  
Não de metaes, de cedros, de esculpturas  
A fama aos claros feitos concedida.  
Cacm as estatuas, gasta-se as pinturas;  
Aquelle brando canto he só mais forte  
Contr'o tempo, que ferro, ou pedras duras.  
Contra fogo, contra agoa, e contra a morte  
Fica soando sempre: ó tu ditoso,  
A quem tam grande sprito coube em forte.  
Teu bom versó te canta, glorioso  
Faça teu nome, em todo Mundo saya  
Tal som, que seja amado de invejoso.  
Qu'em tam ingratos tempos hora caya,  
Em tão duros ouvidos, outra idade  
O cantará daqui á Oriental praya.  
Se tão ousada fosse a liberdade,  
Como he o engano falso, eu ousaria  
Mostrar contra mil erros a verdade.  
Em vão o desejo, em vão me queixaria  
D'estes juizos cégos, que igualmente  
Gostam da Musa doce, e Musa fria.  
Louven-se os bons intentos, céga gente,  
Louven-se as boas obras, bons spritos,  
Não seja o máo co bom indifferente.  
Hús ditos serem graves; outros ditos  
Baixos, e despejados: d'húm louvor  
Quereis pagar os bons, e os máos escritos?  
Que gosto, que esperanza, que fervor  
Acenderá hum peito, que s'inflame  
A cantar, ou chorar o téro Amor?  
Que os claros feitos erga? Heróes affame?  
Armas de pó victorioso ornadas,  
Que milagres depois o Mundo chame;

Se tão rudes estão, se tão cerradas  
 As orelhas ao som, que de Enio a Maro  
 Não fazem as diferenças aprovadas?  
 Não sabem o escuro conhecer do claro,  
 Proprio do improprio, não do brando o duro,  
 O vulgar baixo, do bom grave, e raro.  
 Isto está leve, e frio; isto maduro,  
 E doce; o estylo aqui vence o conceito;  
 Aqui o conceito he bom, o estylo escuro.  
 Como os sem arte, como os sem preceito  
 Tal estreiteza de arte, e de preceitos  
 Notarãẽ? quem não tem mais alto obgeito  
 Que seguir seu juizo nú, que accitos  
 Versos fará a Horatio, digo ás Musas?  
 Que os que desfaz, das Musas são defeitos.  
 O bom louvas Horatio, o máo accusas,  
 De bons ingenhos mestre artificioso,  
 Não soffres falsas cores, vás escusas.  
 Grave censor das Musas, quam iroso  
 Te mostras contr'aquelles máos profanos,  
 Que se ousam coroar de louro honroso!  
 Suem, e tremam, galem bem seus annos,  
 Em teus preceitos, virãẽ mais seguros  
 Em ti, menos confiados em enganõs.  
 Aquelles versos teus, doces, e puros  
 Entenda eu sempre, e siga; elles abrandem,  
 Elles dem graça aos meus frios, e duros.  
 A ti leam, grã Flaco, apos ti andem  
 Meus olhos, trãẽ os que tambem te seguem,  
 Como o bom Sá Miranda (a que os Ceos mandem  
 Cantar mil annos cá, e então se entreguem  
 D'aquelle raro sprito) a estes contente  
 Meu verso, minha prosa; os cegos ceguem.  
 Não soffrem as altas Musas meamente  
 Serem tratadas: tanto que do estremo

Hum pouco deço, cayo baixamente.  
 Quem sprito me dá? como não tremo?  
 Como ousó tentar tanto? vós sabeis  
 Musas, quanto vos amo, quanto temo.  
 Soberbas confianças não sofreis,  
 Humilde imitação is levantando,  
 De juizos vaós, leves não pendeis.  
 Andrade, eu vou seguro desprezando  
 Ingenhos mal criados, a hum só certo  
 Juizo, bom, fiel sempre me átando  
 Juizo, que conheça ao longe, e ao perto,  
 Que saiba comparar á boa pintura  
 O bom poema em tudo vivo, e esperto.  
 A fria allegoria, a má figura,  
 A historia ou mal tocada, ou mal seguida.  
 A fea affeição, sentença dura.  
 Sentença boa, porém mal trazida.  
 Palavras muito novas, muito antigas,  
 Arte ou demasiada, ou esquecida.  
 O decóro, que quer que húa cousa digas,  
 Outra cales, em outras vás detendo  
 O leitor, isto fuja, isto siga.  
 De quem m'isto apontar, irey pendendo,  
 Ou me louve, ou reprecnda, gente céga,  
 Nem os estimo, nem me vão movendo.  
 Negue-me Louro Apello, Pallas nega  
 Teu bom fervor, e sprito, se eu mal quero  
 Aquelle ingenho bom, que bem se emprega.  
 Amo-o, honro-o, e figo-o; o inculto, e féro  
 Em si só confiado não me apraz:  
 Eu, Musas, a vós figo, em vós espero.  
 Jaz vosso nome baixo, e escuro, jaz  
 Mal entendido; vinde, desfazey  
 Tal guerra contra vós, deixay-nos paz.  
 Vinde Musas armadas, soccorrey

A vossos Louros, e Heras, que forçadas  
 Vos levam os que não guardam vossa ley.  
 Sejam as boas cabeças coroadas  
 Das sempre verdes folhas, outras sejam  
 De vossos sacros bosques desterradas.  
 Trazei-nos vossa luz, para que vejam  
 Quam longe estaes, quam altas, quanto acima  
 Dos que em vão a chegar-vos se despejam.  
 Doutrina, arte, trabalho, tempo, e linia  
 Fizeram aquelles nomes tam famosos,  
 Por quem a Antiguidade se honra, e estima.  
 Ah quem sofre huns Cheryllos tam pomposos  
 Aquelles altos nomes ir tomando,  
 Que foram aos que os ganháram tam custosos?  
 Magoas'o bom sprito, se roubando  
 Lhe vão seu preço, e a quem não he devido  
 Juizos enganados o estão dando.  
 Hum bom ingenho quer ser entendido.  
 Não quer thesouros, pede ouvidos puros,  
 Em que seu verso caya bem sentido.  
 Levavam pedras, levantavam muros,  
 Amanfavam Lioés os doces cantos,  
 Agora os homês fós lhes são mais duros.  
 Quem me désse a tal mágoa assi iguaes prantos,  
 Que aquelles duros peitos desfizesse  
 De quem foccorrer pôde a males tantos?  
 Quem vida livre, quem já tal tivesse  
 Authoridade, ó Principes, que á honra  
 Do verso, antiga, e grande vos moveisse?  
 Não vos honram thesouros, não vos honra  
 Rico cetro, alto estado, o mar, e a terra:  
 Quantos isso danou! quantos deshonra!  
 Por escritos viveis muitos em guerra,  
 Muitos em paz já ganharieis gloria;  
 Mas sabe-o a morte só, que tudo enterra.

Quanto mais cá foára a alta memoria  
 Que nos deixou o grã Grego, que o Mundo  
 Correndo foy com guerra, e com victoria,  
 Se daquelle alto, heroico, e facundo  
 Cantor de Efmyrna só fora entoado  
 Seu nome dos antigos sem segundo!  
 De Lyfippo esculpido, e só pintado  
 D'Apelles tavoas duras perecêram:  
 Os papeis cremos só, de que he contado.  
 Nelles se vê com quanta gloria ardêram  
 De Grecia, os Frigios muros; da alta Roma  
 Como da terra aos Ceos outros s'erguêram.  
 O Portuguez Imperio, que assim toma  
 Senhorio por mar de tanta gente,  
 Tanto barbaro ensina, vence, e doma;  
 Porque assi ficará tam baixamente  
 Sem Musas, sem sprito, que cantando  
 O vá do Téjo seu, ao seu Oriente?  
 Principe ( mágoa nossa, que chorando  
 Sempr'estarey ) tu cedo levantáras  
 Algum desses spritos, qu'hias criando.  
 Quam docemente, grã João, foáras  
 Em todo Mundo vivo! morto soa:  
 Honren-te as Musas, que tu tanto honráras.  
 Quantos de tua mão justa coroa  
 De louro recebêram! quantos de heras!  
 Herde teu filho tua tenção tam boa.  
 Já ha muito, meu Andrade, que me esperas.  
 Levou-me mágoa grande do mal nosso:  
 Iram-me condições de gentes féras.  
 Não posso o que desejo, o que só posso  
 Te digo: está este tempo todo em preço;  
 Não pôde hum ingenho já, Musas, ser vosso.  
 Do que esperey algu'hora, em vão me deço.  
 Cante, quem cantia ao som dos seus louvores.

Qu'

Qu'eu nem os acharey, nem os mereço.  
 Esfriassen-se em mim meus vaões ardores,  
 Tivesse boa paz sempre comigo,  
 Outros cantassem Reys, e Emperadores.  
 Sempre aos mais dos ingenhos foy perigo  
 Escrever: os bons temem; escrevam ousados  
 Elles, que tem grá credito consigo.  
 Ditofos os que vivem bem calados  
 Metidos em si mesmos, e contentes  
 De não serem ouvidos, nem julgados.  
 S'em mim algum juizo, ou amor sentes,  
 Ou não escrevas, ou s'escreves, pende  
 D'hum só juízo certo, a que contentes.  
 Daqui nasce o louvor, d'aqui s'estende  
 Por todo Mundo; em toda parte val;  
 O que hũa vez he bom, nada o offende.  
 As vezes se diz bem, melhor, e mal;  
 Assi se faz o livro: o bom prudente  
 Louva o bom, risca o mal, em tudo igual.  
 Não diffimula vicio: se o contente  
 No amigo, fallo seu; o amigo puro  
 Em ti, como em si mesmo, he diligente.  
 Cum olho só, que vejas, mais seguro  
 Irás, que com mil cégos: põem diante  
 Outra idade, outro tempo menos duro.  
 Dos mais claros Heróes hum, que cante  
 Escolha teu sprito, Real fugeito  
 Tens na alta geração do grande Iffante.  
 Ergue-te, meu Andrade, arça esse peito  
 Inflâmado d'Apollo, cante, e soe  
 Igual tua voz ao teu tam alto obgeito.  
 Ouça-se o grá DUARTE, por ti voe  
 Pelas bocas dos homês; de sua mão  
 Inda Pallas, ou Phebo te coroe.  
 Em mim, Amigo, tens hum peito são.

O mór preço te dou, tal mo tens dado.  
 Enfina-me no qu'erro: á tua razão,  
 Como a teu bom amor, fico obrigado.

A D. JOAM DE LANCASTRO,  
 FILHO DO DUQUE D'AVEIRO.

EM COIMBRA.

C A R T A IX.

**S**E te conheço bem, deffas Athenas,  
 S'lá achasses, Senhor, me mandarias  
 Pera fugir de cá ligeiras penas.  
 Que tristes horas cá, que tristes dias  
 Vejo passar em duvidosa forte  
 Imiga de descanso, e de alegrias!  
 Não conheço eu hum coração tam forte,  
 Que não tremesse, vendo só pintada  
 Tal figura de vida, antes de morte.  
 De que fio tam fraco pendurada  
 Vejo tanta honra, tantas esperanças,  
 De que tanta soberba confiada!  
 Vio já o Mundo, já chorou mudanças  
 De tempos, e fortunas; nós choremos  
 Nossas tam mal seguras confianças.  
 Inda as almas magoadas, inda temos  
 Os olhos molles da dor nossa, e o sprito  
 Já ao qu'antes andava sometemos.  
 Quem sabe o que nos Ceos estará escrito?  
 Esperemos bem sempre, mas temamos,  
 Em quanto tarda, a Deos suspiro, e grito.  
 Com dores, e com lagrymas compramos  
 Nossó remedio: com cuidados vaós,  
 Com risos livres mal o seguramos.

Eis

Eis os arrependidos, eis os faõs  
 Peitos já outra vez, quæes d'antes eram,  
 Eis as linguas primeiras, eis as mãos.  
 Aquellas immortaes graças, que dêram  
 Com tamanho fervor a Deos, quam cedo  
 S'esfriãram nas bocas, e morrêram!  
 Passou a onda já, passou o medo  
 Aparecido o Nome, nos seguros:  
 Mas quem no-lo terá senão Deos quedo?  
 Thesouros soterrados, altos muros,  
 Diligencias humanas ah que valem  
 Mais que innocentes mãos, e peitos puros!  
 Aos bons nunca falta que bem falem.  
 Mas quantos oufam? de quem são ouvidos?  
 Dá-se cá grande preço a homês, que calem.  
 Outros em commum dano só são cridos:  
 Falsos censores de innocentes, quantos  
 São d'essas livres linguas destruidos!  
 Destruidores de conselhos fantos,  
 Conselheiros crueis de voffo bem,  
 Custe alheos suores, sangue, e prantos.  
 Hum peito livre, que tyrannos tem!  
 Quem se levantará contra hús imigos,  
 Em que tantos adoram, tantos crem?  
 Em toda a parte enganos, e perigos,  
 Como se salvará hum perseguido  
 D'irmaõs, e de parentes, e de amigos?  
 O triste, que suspira, como ouvido  
 Será entre tantos risos? mas s'em vão  
 Aqui suspira, aos Ceos sobe o gemido.  
 Destes suspiros baixos quantos vão  
 Buscar vingança! tarda ella, mas quando  
 Chêga, que altas grandezas põem por chão!  
 Tantas mortes sobre outras, que espantando  
 Sempre êstãram, suspiros as trouxeram,

Que aos Ceos caladamente hiam bradando.  
 Nunca sem grandes culpas cá vieram  
 Castigos grandes, grande foi o nosso:  
 Quaes as culpas foram, que o mereceram?  
 Desejo falar livre, mas não posso.  
 Nunca se veja o que eu daqui já vejo,  
 S'ao longe, Musas, vê hum sprito vosso.  
 Humanissimo Joam, eu não desejo  
 Viver dependurado de vaidades,  
 Onde o bem he nenhum, e o mal sobejo.  
 Não queria adorar hñas vontades  
 Divinas, que cá fazem céga gente  
 Tornada a outras vans gentilidades.  
 Não me sofre o sprito, não consente  
 Que o qu'eu por mais vil tenho, estime, e adore  
 Polo mais precioso, e excellente.  
 Não me poderei ter, que ao menos chore  
 Baixissimos spritos levantados,  
 Em que, como forçada, a honra more.  
 Merecimentos mal galardoados:  
 Almas claras, sans linguas, peitos fortes  
 Esquecidos de todo, e desprezados:  
 Animo, e fé leal por tantas mortes  
 Por tantos fogos, e ondas já apurada  
 Igual como outra baixa, ás communs sortes.  
 Que me aproveita a lança ensanguentada  
 No peito do Rey mouro, se aventuro  
 Perder a vida, e não ganhar cá nada?  
 Não ha triumphos já, não quebrar muro,  
 Não coroas de palma, não de louro.  
 Ah tempo a todo bem ingrato, e duro!  
 Esta he a idade, que chamáram d'ouro.  
 Tudo obedece só a este Tyranno.  
 Tanto valho, Senhor, quanto enthesourõ.  
 Mas eu queria, só livre de engano

De mim mesmo, e dos homês, viver tal,  
 Que sempre hum esperasse o dia, e o anno.  
 Queria hum bom estado meão, igual  
 Em todo tempo, hũa fortuna honesta,  
 Que bastasse livrar-me de obrar mal.  
 O que convêm á vida, he o que presta.  
 Mão sempre, ou perigoso o que lobeja,  
 Que logo torce á via deshonesta.  
 Fujo daquillo, que se mais deseja.  
 Não quero eu amar tanto meus herdeiros,  
 Que minha morte desejada seja.  
 Não quero ser contado entre os primeiros;  
 Disto sô me contento, a isto chegasse  
 Que o primeiro fosse eu dos derradeiros,  
 Nem invejado fosse, nem invejasse.  
 Assi com meu sprito fessogado  
 Em tudo a meu estado m'igualasse.  
 Ah meu Lancastro, se me fosse dado  
 Remedio de fugir das tempestades,  
 Em que anda todo Mundo levantado;  
 Em que por mim passassem mil idades,  
 Por todas lédo, e rico passaria,  
 Com sô fugir vãs cortes, vãs Cidades:  
 No verde campo me amanheceria,  
 Veria o Sol saindo roxo, e claro  
 A grossa nevoa alçar, dourando o dia.  
 O que hão no Mundo por melhor, mais raro  
 Desprezaria; hum sô murmurio brando  
 D'agoa corrente me seria charo.  
 Não ás soberbas portas esperando  
 D'alta casa acharia a triste gente,  
 Que tam continua em vão anda velando.  
 Não de marmores altos, e esplendente  
 Pedra estranha, lavrada por nova arte  
 De finas tintas, e ouro reluzente

Ergueria columnas: não por parte,  
Qualquer que fosse, levaria forçados  
Quantos achasse; não do féro Marte  
A funesta trombeta, os tristes brados  
Me soariam, não os golpes duros,  
Nem as quédas dos muros arrasados.  
As minhas torres, os meus altos muros  
Sejam quieto sprito, e vida pura,  
Em que meus pobres bens estem seguros.  
Meus pensamentos sejam na pintura  
Do Ceo vario, e fermoso, que me está  
Mostrando outra mais alta fermosura.  
Outra alta fermosura, que eu de cá  
Vendo, quanto se vê na baixa terra,  
Fastio ós olhos, pejo ao sprito dá.  
O doce campo, ó delectosa terra,  
Valles sombrios, claras, e correntes  
Fontes, que bem secreto em vós s'encerra!  
Em vós vivêram as primeiras gentes  
Antigos padres noíços, santa idade  
Toda de mãos, e peitos innocentes.  
Em vós a alva innocencia, a sam verdade,  
Igual justiça andavam companheiras  
Da boa fé, da limpa castidade.  
Por vós, passando em vós, as derradeiras  
Pégadas cá deixáram aos Ceos subindo  
Da terra, ás suas moradas verdadeiras.  
Alli as brandas Musas, que seguindo  
Vou com tanto desejo, de hera, e louro  
Algú' hora me estem a fronte cingindo.  
Partam outros o mar, foterrem ouro.

## A MANOEL DE SAMPAYO

EM COIMBRA.

## C A R T A X.

**D**As brandas Musas deſſa doce terra  
 Pera ſempre apartado choro, e gemo .  
 Em vaõs cuidados poſto, em dura guerra.  
 Sampayo, ah que não vivo, ah que arço, e tremo,  
 Com medo dos perigos, que cá vejo  
 Taes, que do ſó ſeu roſto paſmo, e temo.  
 Ariſtippo por meſtre aqui deſejo,  
 Que com ſeu livre deſvergonhamento  
 Soltaffe minha lingua, e inutil pejo.  
 Tudo ſe vence cá com atrevimento,  
 Com lingua ouſada, e maõs, com não temer,  
 Compôr a proa a todo mar, e vento.  
 Mas eu vou-me com Diogenes meter  
 Dentro em mim meſmo: e aquelle doce eſpaço  
 Me não lembra mais Mundo, ou mais viver.  
 Quanto Mundo alli rio! alli deſfaço!  
 Que novos Mundos crio! quantas vezes  
 Mouro comigo alli, quantas renaço!  
 Ditofa aquelle, que contando os mezes  
 De ſua idade vai alegremente,  
 Sem ouvir de Heſpanhões, nem de Francezes.  
 Ditofa, ó quam ditofa aquella gente,  
 Que em ſua ſimpres, ſam ruſticidade  
 A noite tras o dia vê contente!  
 Quam triſte, e dura vida a da Cidade  
 Chea de pôvo vão! quam perigofa  
 A da Côrte a toda alma, a toda idade!  
 Eſta Cidade, em que naci, fermofa  
 Eſta nobre, eſta chea, eſta Lisboa

Em Africa, Asia, Europa tam famosa,  
 Quam differente em meus ouvidos soa,  
 Quam differente a vejo, do que a vê  
 O sprito enganado, que no ar voa!  
 Este idolatra pòvo, que só crê  
 No thesouro seu Deos, assi se cêga,  
 Qu'em al não cuida, ou escreve, ou fala, ou lê.  
 Que fé, que sangue já, que amor não nega  
 Polo seu amor proprio? que alma, ou vida  
 Lhe não dá, lhe não vende, ou não entrega?  
 Aquella grá rua nova conhecida  
 Por todo Mundo, que outra cousa conta  
 Senão da não ganhada, ou não perdida?  
 Ah que triste miséria, ah grande afronta,  
 Não ousar levantar-se hum bom sprito  
 A outro cuidado, outra mais alta conta!  
 Quam claro aquelle, que ou por feito, ou dito  
 Deixou nome immortal, e glorioso  
 Exemplo aos seus em proveitoso escrito.  
 Igualmente direi sempre ditoso,  
 Ou quem fez cousas dignas de memoria,  
 Ou quem pôs em memoria o proveitoso.  
 Esta he a vida, esta honra, esta he gloria  
 Tam amada daquelles, que deixáram  
 Em guerra, e em paz ao Mundo clara historia.  
 Quam prodigos das vidas derramáram  
 Seu generoso sangue, quam contentes  
 Por boa morte as vidas venturáram.  
 Roma, a grá Roma Emperatriz das gentes  
 Com que a soberba Grecia escureceo?  
 Com que tornou suas terras obedientes?  
 Com gloriosa inveja se moveo  
 Ular das gregas leis, com sua doutrina,  
 Com suas proprias armas a venceo.  
 Com ellas todo mar, e terra inclina

As vencedoras Aguias, que voando  
 Levam por todo Mundo a honra latina.  
 Aquillo, a que se vão afeiçoando  
 Nossos olhos, e sprito, ou tarde, ou cedo  
 Nos levam, se os deixamos ir levando.  
 Tambem tem seu começo o esforço, ou medo,  
 Seu começo o desejo, ou odio d'honra,  
 Vem azos, passa o tempo, não está quedo.  
 Quem seus olhos alçou áquillo, que honra,  
 É aceso de sua gloria o foy seguindo  
 Té fim, tudo o mais baixo há por deshonra.  
 Quem a vontade affi zombando, e rindo  
 Deixou levar apôs seu cégo gosto,  
 De todo mais saber s'esta sorrindo.  
 Vês aquelle tornar com lédo rosto  
 Do sangue, e suor das armas bem corado,  
 Defendendo o lugar, em que foy posto,  
 Quam confiado chega, quam olhado  
 Por onde quer que vai, quam recebido  
 D'homés, quanto de damas festejado?  
 Vês d'outra parte estoutro, que perdido  
 Seu tempo, seu desejo, baixo, e vil,  
 Não entr'aquella gente conhecido?  
 Tantos dobroés antigos num ceitil  
 Infame, e vergonhoso se tornáram,  
 Qu'ás vezes anda em vão pedindo a mil.  
 Ambos suas estrellas os leváram.  
 Mas hum seguio sua boa; outro da má  
 Não quis fugir, que ellas nenhum forçáram.  
 Quam caro custa o bem, que o Mundo dá!  
 Sempre em dor, ah sempre em arrependimento  
 O mór seu gosto acaba, e acabará.  
 Spritos vagos, vaós, como do vento  
 Viveis? como seguis quem tanto dana?  
 Em que affi descançais o pensamento?

Ah, que hum só doce canto nos engana  
 De fereas crueis, que no mór mal,  
 No mór perigo em vão nos defengana!  
 Quanto, Sampayo meu, quanto mais val,  
 Meu bom amigo, hum ocio, livre, e honesto,  
 Que as Indias guerrear de Portugal!  
 India, Guiné, Brasil, e todo resto  
 Do Mundo, a que nos chama, a que convida  
 Em Mundo, assi ambicioso, e deshonesto?  
 Que bém, que alegria ha, que destruida  
 Não seja de mil males, que em espreita  
 Parece que tem sempre nossa vida?  
 Busquemos húa estrada mais direita  
 Amigo, com faude, e com descanso  
 De vida, inda que humilde, aos Ceos aceita.  
 Do fresco prado pelo rio manso  
 Em leve barco, verde de mil ramos,  
 De mil flores rememos manso, e manso.  
 Mais ondas, mores mares não queiramos;  
 Com nossa baixa véla, mas segura  
 Chegemos ao bom porto, a que guiamos.  
 Tu em castos desejos alma pura  
 Sammente contemplando, já mais que homem,  
 No que te deu teu sprito, não ventura.  
 Eu em quanto hús cuidados crueis me comem,  
 No que me representam enlevado,  
 Iremos, té que os veja, ou que mos tomem.  
 Sprito meu, sprito tam cansado,  
 Descansarias hora, se chegasses  
 Aquelle teu bom fim tam desejado.  
 S'esta minh'alma triste perguntasses  
 Sampayo, de que vive, ou em que espera?  
 Sey que de seus desejos só chorasses.  
 Quem me déra no Mundo, ah quem pudéra  
 Ter contigo húa vida, qual desejo,

Qu'a ambos prazer, e offensa a ninguem déra!  
Pendurado ando todo d'hum desejo.

S'eu algu'hora o viffê, tu verias  
O claro fogo, em que arder me vejo.

O doces, ó ditosos os meus dias,  
S'a tal estado chegam, qu'igualmente  
Os passassemos inda em alegrias!

Não alegrias, quacs as quer a gente,  
D'alvoroços, de festas, de pandeiros,  
Mas d'amor, de prazer, qu'alma só sente.

Ao som das agoas, sombra dos ulmeiros,  
No doce collo de sua mây fermosa  
Fermosos viffê eu inda os meus herdeiros.

Não soberba, não seca, não pomposa,  
Mas branda, humilde, casta, sábia, e santa,  
Fermosa sempre a mim, nunca queixosa.

Já a vejo, já se affenta, já me canta  
Ao som da doce lira, os doces cantos,  
Que eu não compunha em esperança tanta.

Alli vejo acabar meus tristes prantos:  
Alli novos prazeres, novas festas  
Nascem d'amor, e de deleites santos.

Tu chegas, meu Sampayo, e alli me emprestas  
Toda tu'alma, todo teu bom fiso,  
Com que esta minha vida mais honestas.

Temperas gravemente o solto riso  
De meu contentamento: e então m'ensinas  
Subir por este ao outro Paraíso.

Pisando hora a herva verde, hora as boninas  
Roxas, azueis, e brancas desfolhando,  
Com historias humanas, e divinas.

Vejo-me estar ouvindo, a ti contando,  
Pendendo da tua boca, té que as horas  
De mudar o lugar nos vem chamando.

Ajunta o precioso ouro, que adoras,

Avaro cobiçoso, taes riquêzas,  
 Que avidas temes, que perdidas choras.  
 Procura honras, estados, e altezas  
 Ambicioso vão, farta esse peito,  
 Que em fim contigo acabam essas grandezas.  
 Visse eu do que desejo santo effeito  
 Com saude, com livros, com meam vida,  
 Com ter de mim em minh'alma bom conceito;  
 S'ella mais desejar, não seja ouvida.

## A DIOGO DE BETANCOR.

## C A R T A XI.

Q Ue poderosas hervas nessa Beyra,  
 Que agoas tam esquecido te tornáram,  
 Tam cru, meu Betancor, ao teu Ferreira?  
 Se novas Nymphas, novo amor criáram  
 Nesse teu brando peito doce fogo,  
 Nas minhas tuas châmas se esfriáram.  
 Entra zombando, entra entre riso, e jogo  
 Brandamente o Amor, e então se mostra;  
 Quando já não aproveita choro, ou rogo.  
 Qu'arte, que graça põem nua só mostra!  
 Que viveza, que força, quando a esconde!  
 Quam sabiamente finge o que demonstra!  
 Minino, que não fala, nem responde,  
 Mas com aquelle silencio pôde tanto,  
 Que sentimos a força, sem ver donde.  
 Eu em suas cousas já perdi o espanto.  
 Conhecido me fez em toda parte  
 Com tristes vozes, com saudoso canto.  
 Já provou toda a força, já toda arte  
 Nesta alma, em que só quis fazer vingança  
 D'offensas, em que a triste não tem parte.

Moço cruel, que á minha conta lança  
 As offensas, e as iras, de quem sabe  
 Ter só pera meu mal de mim lembrança!  
 Não permittam meus fados, que eu acabe  
 Em tanto dano meu, tam grá perigo  
 Em que nem força val, nem razão cabe.  
 Inda que affaz confelho tens contigo,  
 Ouve porém, em quanto sofre a idade,  
 O que te lembra, amigo, hum teu amigo.  
 Quanto vay do engano, á sam verdade,  
 Tanto vay d'hum amigo ao lisongeiro;  
 Hum te fala á razão, outro á vontade.  
 Esse sprito tam puro, tam inteiro,  
 Nalcido pera honra, e pera gloria,  
 Não o deças em baixo cativeiro.  
 Não to levem em triumpho, em vam victoria,  
 Mas vergonhosa a ti, baixos affeitos,  
 Que á vida, e alma deixam baixa historia.  
 Enche de tençoês altas teus conceitos,  
 Iguaes áquella sancta alta doutrina,  
 Que entra de livros sanctos em saõs peitos.  
 Sogiga teu juizo, e todo o inclina  
 A firme, e verdadeira fé, sem que  
 Nenhũa alma criada he dos Ceos dina.  
 Engana-se o olho fraco no que vê.  
 Engana-se o juizo confiado.  
 Só a humildade entende, adora, e crê.  
 Ditoso sprito, bem aventurado,  
 Que aprende só de Deos, que de Deos fala  
 Já em corpo mortal aos Ceos levado!  
 Começas; ouve agora: crê, e cala:  
 Vay seguro na fé dos que te guiam,  
 Té que Deos pera os outros te dê fala.  
 S'algãs mãos máos movimentos te desviam  
 (Por ventura d'Amor) do sancto estudo;

Teme em ti o que em mim todos temiam.  
 Quam pouco ha que me vias surdo, e mudo  
 Pera ouvir, e pedir cura a meu mal,  
 Entrou conselho bom, curou já tudo.  
 Mudou-se aquelle amor em outro igual,  
 Mas d'outro novo fogo casto, e puro,  
 Que quanto mais vivo he, tanto mais val.  
 Não quero ser tam largo, nem tam duro  
 Que t'ate todo, ou solte livremente,  
 Fazer'aqui somente forte muro.  
 Coufa sancta, mas rara, alma innocente  
 Em poucos se acha: cahirás hñ'hora,  
 Logo em te levantar sê diligente.  
 Já que a mór perfeição não chega agora  
 O Mundo fraco, aquelle he o melhor,  
 Que menos máo dentro he, menos de fóra.  
 O pequeno erro público he maior  
 Que os maiores secretos: o segredo  
 O mór dos erros grandes faz menor.  
 Tanto póde a vergonha, tanto o medo,  
 Que ou esconde, ou encolhe: onde falecem  
 Estes, tras o mal vem castigo cedo.  
 Mas os spritos bons não obedecem  
 Por força: só a razão, só a virtude  
 Os leva tras o bem, que alli conhecem.  
 Ama tu'alma, ama tua faude:  
 Não empeça hñã á outra, andem confórmes;  
 Irmamente hñã á outra sempre ajude.  
 Se ris, s'estudas, vélas, andas, dormes,  
 Não receba do corpo o sprito dano,  
 Nem todo em puro sprito te transformes.  
 Cos homês, cos amigos sê humano.  
 Fuge de pesadumes, de tristezas,  
 Que te farám soberbo, ou deshumano.  
 Quem se pôem logo em duras estreitezas,

Que a idade não sofre, esfria, e cansa;  
 Vem-se depois soltar em mil larguezas.  
 Sam alma em corpo são, condição mansa,  
 Boas falas, boas graças, brando riso  
 Alegria a vida, e sua dureza amansa.  
 Convem viver assi entre jogo, e riso  
 Com nossas horas sempre revezadas,  
 Não perdendo das almas bom avifo.  
 No mór seguro são mais falteadas  
 D'honras vans, d'esperanças, crueis imigos,  
 De que nos bons spritos são tentadas.  
 Trazem dissimulados seus perigos.  
 Não te canses inda agora esses cuidados.  
 Repousa o pensamento cos amigos.  
 Nunca os sanctos desejos desprezados  
 Foram dos Ceos; quem de lá os vê nas almas,  
 Os faz claros aqui, nos Ceos honrados.  
 Despreza os Louros vaõs, soberbas Palmas  
 Dos que vencem os homês, não a si;  
 Se te vences, ao Ceo levanta as palmas.  
 O que sempre em teu sprito conheci  
 Te levantará cedo ao que mereces,  
 Claros sinaes desta verdade vi.  
 Ditoso tu, que já por ti conheces  
 O que deves seguir, o que deixar;  
 Mais ditoso, se já bem te obedeces.  
 Quando dos livros sanctos te cansar  
 O grave estudo, vai-te á natureza,  
 Em que aprendeste bem philosophar.  
 Medirás com desprezo a redondeza  
 Baixa da terra, quando os olhos cheos  
 Trouxeres do alto Ceo, da clara alteza.  
 Rirte-hás das cegas sombras, dos rodeos,  
 Com que aquelles Gentios foram dando  
 Com a verdade por escuros meos.

Outra mais clara luz alumando

Nossa cegueira foy; luz, que alumia

Todo o que com bom zelo a vai buscando.

Acharás na moral philosophia

Bons preceitos, a fim de amor, e paz

Aos Ceos da terra necessaria guia.

E que sem bom amor a Deos apraz?

Em vão vive, em vão obra, em vão deseja,

Quem o bem, que deseja, a outro não faz.

Nem de ti desprezada tambem seja

Das nove Irmãs a grave, e doce lira,

Que teu peito inquieto affente, e reja.

Deleita suavemente, amansa a ira,

Compoem nossos affeitos: move, abranda:

Inspira altos conceitos, baixos tira.

Dom divino, dom raro, quam baixo anda!

Mas tu o levantarás cedo, se queres

Soltar ao doce som tua voz tam branda.

Se todo tempo ao grave estudo deres,

Como arco sempre armado ficarás

Com menos força, quando a mais quizeres.

Porque, meu Betancor, não cantarás,

S'ao som da harpa o sancto Rey cantava?

Porque o divino dom desprezarás?

Hora triste, hora alegre temperava

Do psalteiro divino as altas cordas,

Eu público, em secreto a voz alçava.

Quam docemente dormes! como acordas

Co peito fofegado, que adormece

Ao doce som, que tu tam bem concordas!

Não te falece lyra, não falece

Sprito: Grecia, Roma, Italia, Hespanha

Sua lira ao teu canto te offerece.

Hora entoarás o triste engano, e manha

Do incendio Troyano ao som mais grave

De quem lhe deu, cantando-o, honra tamanha.  
 Hora daquelle moço, que como ave  
 Voando entre nós anda, e despejando  
 Seu coldre a elle leve, ás almas grave.  
 Meu Betancor, assi se vay passando  
 Este desterro nosso, tu procura  
 Por contente viver, té que voando  
 Vamos desta baixeza á clara altura.

## A DIOGO BERNARDES.

## C A R T A XII.

**F**Ez força ao meu intento a doce, e branda  
 Musa tua, Bernardes, que a meu peito  
 Dá novo sprito, novo fogo manda.  
 Como hum juizo queres, que fogeito  
 Vive a tantos juizos, se não guarde  
 De tanto riso, e rosto contrafeito?  
 Quanto em mim mais das musas o fogo arde,  
 Tanto trabalho mais por apagalo,  
 Quanto o silencio val, sabe-se tarde.  
 A medo vivo, a medo escrevo, e falo,  
 Ey medo do que falo só comigo;  
 Mas inda a medo cuido, a medo calo.  
 Encontro a cada passo c'um inimigo  
 De todo bom sprito; este me faz  
 Temer-me de mim mesmo, e do amigo.  
 Taes novidades este tempo traz,  
 Qu'he necessario fingir pouco riso,  
 Se queres vida ter, se queres paz.  
 Vida em tanta cautella, tanto aviso,  
 Quando me deixarás? quando verey  
 Hum verdadeiro rosto, hum simprez riso?  
 Quando a mim me creram, todos crerey

Sem duvidas, sem cores, sem enganos,  
E eu, que de mim mesmo seja Rey!

Ah tantos dias tristes, tantos annos

Levados pelos ares em desejos

De falsos bens, e nossos tristes danos!

A quem os deixa, e foge, quam sobejos

Lhe parecem mais bens, que os que só bastam

Desviar da virtude os cegos pejos.

Quantos as vidas, quantos almas gastam

Em buscar seu perigo, e sua morte,

E tras ella seus jugos crueis arrastam!

Aquelles vivem só, a que coube em forte

Ao som da frauta, que dos ombros pende,

O Mundo desprezar com sprito forte.

Toda minh'alma em desejar se estende

A doce vida, que tam doce cantas,

Que quasi a força quebra, que me prende.

Mas ajunta a estas forças outras tantas,

Todas quebraria eu, s'alas tivesse,

Com que chegasse onde me tu levantas.

S'eu podesse, Bernardes, se eu podesse

Ser senhor só de mim, eu voaria

Onde do vulgo mais longe estivesse.

Alli quam livremente me riria

De quanto agora choro! alli meu canto

Livre por ares livres soltaria.

Em quanto me vês preso, amigo, em quanto

Sem sprito, sem forças, não me chames

Com teus versos, que a ti só honram tanto.

Por mais que me desejes, mais que me ames,

Não empregues em mim tam cegamente

Teu canto, com que he bem que Heróes affames.

Mas tratarei contigo amigamente

Do conselho, que pedes, juizo, e lima

Tem em si todo humilde, e diligente.

Quem

Quem tanto a si mesmo ama, tanto amima,  
 Que a si se favorece, e se perdoa,  
 Que espirito mostrará em prosa, ou rima?  
 Taes sam algfis, a que triste a Hera coroa  
 Roubada do vão povo ao claro espirito,  
 Que esconder-se trabalha, e então mais soa.  
 Aquelle dá de si publico grito:  
 Este cala, e s'encolhe: o tempo em fim  
 Hum apaga; immortal faz d'outro o escrito.  
 A primeira ley minha he, que de mim  
 Primeiro me guarde eu, e a mim não crea,  
 Nem os que levemente se me rim.  
 Conheça-me a mim mesmo: siga a vea  
 Natural, não forçada: o juizo quero  
 De quem com juizo, e sem paixão me lea.  
 Na boa imitação, e uso, que o féro  
 Ingenho abranda, ao inculto dá arte,  
 No conselho do amigo douto espero.  
 Muito, ó Poeta, o ingenho pode dar-te.  
 Mas muito mais que o ingenho, o tempo, e estudo;  
 Não queiras de ti logo contentar-te.  
 He necessario ser hum tempo mudo:  
 Ouvir, e ler sómente: que aproveita  
 Sem armas, com fervor commetter tudo?  
 Caminha por aqui. Esta he a direita  
 Estrada dos que sobem ao alto monte  
 Ao brando Ápollo, ás nove Irmãs aceita.  
 Do bom escrever, saber primeiro he fonte.  
 Enriquece a memoria de doutrina  
 Do que hum cante, outro ensine, outro te conte.  
 Isto me disse sempre hũa divina  
 Voz á orelha; isto entendo, e creio.  
 Isto hora me castiga, hora m'ensina.  
 Cad'hum pera seu fim, busca seu meo:  
 Quem não sabe do officio, não o trata,

Dos que sem saber escrevem o Mundo he cheo.

S'ornares de fino ouro a branca prata:

Quanto mais, e melhor já resplandece,

Tanto mais val o ingenho, s'á arte se ata.

Não prende logo a planta, não florece,

Sem ser da destra mão limpa, e regada,

Co tempo, e arte flor, fruito parece.

Questão foy já de muitos disputada

S'obra em verso arte mais, se a natureza?

Hãa sem outra val ou pouco, ou nada.

Mas eu tomaria antes a dureza

Daquelle, que o trabalho, e arte abrandou,

Que destoutro a corrente, e vam presteza.

Vence o trabalho tudo: o que cansou

Seu sprito, e seus olhos, algũ'hora

Mostrará parte algũa do que achou.

A palavra, que sae hũa vez fóra,

Mal se sabe tornar: he mais seguro

Não tê-la; que escusar a culpa agora.

Vejo teu verso brando, estylo puro,

Ingenho, arte, doutrina: só queria

Tempo, e lima d'inveja forte muro.

Ensina muito, e muda hum anno, e hum dia,

Como em pintura os erros vay mostrando

Despois o tempo, que o olho antes não via.

Corta o fobejo, vay accrescentando

O que falta, o baixo ergue, o alto modéra,

Tudo a hãa igual regra conformando.

Ao escuro dá luz, e ao que pudéra

Fazer dúvida, aclara: do ornamento

Ou tira, ou põem: co decóro o tempéra.

Sirva propria palavra ao bom intento,

Aja juizo, e regra, e differença

Da pratica commum ao pensamento.

Dana ao estylo ás vezes a sentença,

Tam igual venha tudo, e tam conforme  
 Que em dúvida estê ver qual delles vença.  
 Mas diligente assi a lima reforme  
 Teu verso, que não entre pelo são,  
 Tornando-o, em vez de orná-lo, então disforme.  
 O vicio, que se dá ao pintor, que a mão  
 Não sabe erguer da taboa, fuge: a graça  
 Tiram, quando algũs cuidam que a mais dão.  
 Roendo o triste verso, como traça  
 Sem sangue o deixam, sem sprito, e vida:  
 Outro o parto sem forma traz á praça,  
 Ha nas coufas hum fim, ha tal medida,  
 Que quanto passa, ou falta della, he vicio:  
 He necessaria a emenda bem regida.  
 Necessario he, confesso, o artificio:  
 Não affeitado; empece á tenra planta  
 O muito mimo, o muito beneficio.  
 As vezes o que vem primeiro, tanta  
 Natural graça traz, que hũa das nove  
 Deos parece que o inspira, e canta.  
 Qual he a lingua cruel, que inda ouse, e prove  
 Em vão alli seus fios? deixe inteiro  
 O bem nascido verso, o máo renove.  
 Não mude, ou tire, ou ponha, sem primeiro  
 Vir aos ouvidos do prudente, experto  
 Amigo, não invejoso, ou lisongeiro.  
 Engana-se o amor proprio, falso, e incerto,  
 Tambem s'engana o medo de aprazer-se,  
 Em ambos erro ha quasi igual, e certo.  
 Per'isto he bom remedio ás vezes ler-se  
 A dous ou tres amigos; o bom pejo  
 Honesto ajuda então melhor a ver-se.  
 Alli como juiz então me vejo.  
 Sinto quando igual vou, quando descayo,  
 Quanto d'outra maneira me desejo.

Quando eu meus versos lia ao meu Sampayo,  
Muda (dizia) e tira: hia, e tornava:  
Inda, diz, na sentença bem não cayo.

O que mais docemente me soava,  
O que m'enchia o sprito, por máo tinha,  
O que me desprazia me louvava.

Então conheci eu a dita minha  
Em tal amigo, tam desenganado  
Juizo, e certo, em que eu confiado vinha.

Quem d'olhos tantos lido, quem julgado  
De tanto inimigo ás vezes a de fer,  
Convem tempo esperar, e ir bem armado.

Isto me faz, Bernardes meu, temer  
No teu, como no meu: não val escusa.

Doe muito ver meu erro, e arrepender:

Quem louva o bom? quem bom, e máo não accusa?  
Mas tu não tens razão de temer muito,  
Assi te alça, e te leva a branda Musa.

Deixa só madurar o doce fruto  
Hum pouco: deixa a lima contentar-se:  
Inventa, e escolhe então o melhor do muito.

Eu vejo cada dia accrescentar-se  
Em ti fogo mais claro, e o ingenho teu  
Cada dia mais vivo levantar-se.

Então darás com gloria tua o seu  
Grá premio ás Musas, que te tal criaram,  
Vida a teu nome, qual a fama deu  
A muitos, que da morte triumpharam.

## AO SENHOR D. DUARTE.

## C A R T A XIII.

**Q**uem tam igual sprito a meu desejo  
 Criasse agora em mim, grande DUARTE,  
 Quem canto, novo igual ao qu'em ti vejo!  
 Com que daqui soasse em toda parte  
 O teu Real sprito, em que se cria  
 Nova luz, nova gloria a Apollo, e Marte.  
 Vejo Phebo coroadado de alegria  
 Teu nome estar cantando ao som divino  
 Das nove Irmãs, divina companhia.  
 Novo som, novo canto em perêgrino  
 Instrumento me soa, em novo nome  
 Indino desta terra, dos Ceos dino.  
 Mas vive-nos tu nella, e em tanto tome  
 Nossa idade essa gloria a nós mostrada,  
 Que a dos antigos vença, a inveja dome.  
 Ditoso, e alvo dia, hora dourada  
 Estrella liberal, luz bem nascida,  
 Em que tanta esperança nos foi dada.  
 Por ti vejo já ser restituída  
 A' honra, e gloria antiga novamente  
 Minerva, a novo estado, nova vida.  
 Das mãos a livrarás da baixa gente,  
 Gente cruel, e céga, e indouta, e indina  
 De tal dom, só devido a quem o sente.  
 Dom por nosso bem dado da divina  
 Mão aos mortaes, que com doces accents  
 Passar a dura vida nos ensina.  
 Serena o ar escuro, abranda os ventos,  
 Faz o dia mais claro, o Sol fermoso,  
 Levanta aos Ceos da terra os pensamentos.

O turvo rio faz correr gracioso:

Enche o campo d'outra herva, d'outras flores,  
Com que o torna mais verde, e mais cheiroso.

Dá nova folha ás arvores, dá cores

A's boninas, e ás aves, que ou cantando,  
Ou chorando andam nellas seus amores.

Ou as rusticas frautas imitando

De Tityro, e Menalca, Galathea

Com triste voz na praya em vão chamando.

Ou do rustico Satyro a Napea

Cantam, que foge ao bosque, descorada  
Co tenro pé pisando a grossa areia.

Ou de mais alto fogo outra inflâmada

Chamma, qual vemos inda clara, e pura  
Nas cinzas de Petrarca renovada.

Hora nos mostra viva a má figura

Da fortuna cruel, céga, enganosa,

No bem sempre mudavel, no mal dura?

Hora em mais alta voz, mais sonora

Trombeta em armas a custosa fama

Renova com memoria gloriosa.

Quem a gloria não move, nem inflâma

A generosa inveja dos Herôas,

Qu'aquelle grave som tanto alça, e affama?

Quam doces são, quam altas as coroas

Dos verdes Louros, e Heras concedidas

Não a obras sómente, a tenções boas!

Mas quaes serám iguaes, quaes as devidas

A Real geração do Iffante claro?

A tres spritos taes, a taes tres vidas?

Em que voz caberás? ond'ao teu raro

Sprito, DUARTE, que aos Ceos vay sobindo,

S'achará novo Homero, ou novo Miaro?

Já te chega, Senhor, já quasi he vindo

O tempo de tua idade desejado,

Que

Que teu glorioso sprito vás seguindo.  
 Ditosa máy, a dor do mal passado  
 Ablanda já: verás engrandecido  
 De tuas Reaes plantas o alto estado.  
 Cresce, e cumpre, DUARTE, o promettido,  
 Que te dos Ceos está: enche a alta historia,  
 Que as tres Irmãs te tem de ouro tecido.  
 Que triumphos já vejo da victoria  
 Do fogigado Mauritano povo,  
 A que Andrade dará clara memoria!  
 Com prazer a esperá-lo já me movo,  
 Com prazer a alta empreza vivo, e pronto  
 Vejo Andrade inflâmado em furor novo.  
 Que peregrino canto, ó que alto conto  
 Ouço, não de estranhezas fabulosas,  
 Qu'em nomeá-las só me pejo, e afronto!  
 Verdades s'ouvirám maravilhosas  
 Em verdadeiro, e grave, e doce estilo  
 D'emprezas sanctas, de armas gloriosas.  
 Soará aquelle canto álem do Nilo,  
 Achará amor, e fé em todo peito,  
 Todo Mundo trará apôs si a ouvi-lo.  
 Ver-se-ha a fortuna igual sempr'ao conceito;  
 Ousadia, e prudencia tam conjuntas,  
 Que parte igual terám no alto effeito.  
 Graves repostas ás graves perguntas,  
 Conselho, e esforço, ardis, e boa presteza,  
 Em paz, e guerra as boas artes juntas.  
 A tal gloria te chama, a tal alicza  
 A Deosa, que já honras; leva avante  
 Tal animo, tal zelo, Real grandeza.  
 Por ti vivam as Musas, por ti espante  
 Seu canto, Principe alto, e os baixos peitos,  
 Que co'a terra se roçam aos Ceos levante.  
 A ti devam memoria os altos feitos

Em poetico canto levantados,  
 Gloriosos no Mundo, e sempre aceitos.  
 Os Louros, e Heras, de que coroados  
 Serám os bons poetas, já crescendo  
 Soberbamente vão por ti honrados.  
 Nascey claros spritos, y enchendo  
 De voffo fom divino este ar, cantando  
 O grá DUARTE, em que o Mundo vá vendo  
 Quant'honra, quanta gloria lhe irá dando.

# D A S C A R T A S

## L I V R O II.

### A ELREY D. SEBASTIAM.

#### C A R T A I.

**R** Ey bemaventurado, em quem parece  
 Aquella alta esperanza já comprida  
 De quanto o Ceo, e a terra te offerce;  
 Fermosa planta de Deos concedida  
 A lagrymas d'amor, e lealdade,  
 Só noſſo bem, vida da noſſa vida:  
 Em quanto eſſa innocente, e branda idade  
 Por Deos crescendo vay felicemente  
 Té o Mundo encher de nova claridade:  
 Em quanto eſte teu povo, e o d'Oriente  
 Novo accrescentamento por ti esperam  
 D'outros Reys, d'outra terra, d'outra gente:  
 Taes promeſſas os Ceos de ti nos déram  
 No teu tam milagroſo nascimento,  
 E ſprito igual em ti nellas puzeram.  
 Eu levado d'amor de ſancto intento

(Quem

(Quem ant'essa brandura temeria?)  
 Deter-te com meu verso hum pouco tento.  
 Depois virá hum tam ditoso dia,  
 Que as tuas Reaes Quinas despregadas  
 Na multidão de toda a Barbaria,  
 As victoriosas frótas carregadas  
 Das cativas coroas, e bandeiras,  
 D'outro sprito mayor sejam cantadas.  
 Agora ouve, Senhor, as verdadeiras  
 Guias, que levam os Reys a essa alta gloria,  
 Não duras armas só, velas ligeiras.  
 Quantas armadas conta a antiga historia,  
 Quantos grandes exercitos perdidos  
 A mais poucos deixáram já victoria!  
 Esses tanto no Mundo conhecidos,  
 Cujos nomes venceram tantos annos,  
 Não foram só por força obedecidos.  
 Não se fogigam corações humanos  
 De boa vontade a força, hum peito aberto  
 Os vence de boim amor, sem arte, e enganoso.  
 Nesta sombra, onde tudo anda encuberto,  
 Quem da verdade vê mais que a figura?  
 Quem seu passio direito leva, e certo?  
 Hús falsos longes de húa vam pintura  
 Com sua cor ao parecer lustrosa  
 Quantos detem co'a falsa fermosura!  
 Não tem cores, não dobras a fermosa  
 Verdade. Que buscais, ó gente céga?  
 Humilde, e nua está, não tam custosa.  
 Não he hum só Cupido, que almas céga.  
 Mais ha no Mundo qu'hús sóos vaões amores,  
 Que he tudo, o em qu'a vontade mal s'emprega.  
 Aquelles, que do Amor foram pintores,  
 Que os olhos lhe tiráram, e o descobríram,  
 Pintáram pera Reys, e Emperadores.

Altos ingenhos! que em figura viram  
 As forças deste proprio Amor imigo,  
 Que moço, e cego, e nú, e cruel fingiram.  
 Cada hum traz em si mesmo seu perigo  
 Herdado desta natural fraqueza,  
 Que tanto faz hum homem de si amigo!  
 Iguaes somos, Senhor, na natureza,  
 Assi entramos na vida, assi saimos.  
 O entendimento he nossa fortaleza.  
 Igualmente de hum só principio vimos.  
 Igualmente a hum fim todos corremos.  
 E húa estrada commum, e igual seguimos.  
 Na terra a morte, a vida nos Ceos temos,  
 Quanto esta terra mais que os Ceos olhamos,  
 Tanto o caminho do bom fim perdemos.  
 Cegos de nós, que nós tam mal trocamos,  
 Que a parte vil, e baixa senhorea,  
 E o mais alto ao mais baixo cativamos!  
 Força cruel, que dentro em nós guerreia,  
 Vence a céga vontade á razão clara,  
 E leva assi de nós victoria fea.  
 Aquelle lume, qu'a alma illustra, e aclara,  
 Apagado por nós nella, e perdido  
 Como mortos nos deixa, e desempara.  
 Deu o remedio Deos: eis hum erguido  
 Por elle em poder alto, de que o povo  
 Seja ou por bem levado, ou constrangido.  
 Não he nome de Rey titulo novo:  
 Com elle começou o Mundo, e dura;  
 Por fabulas antigas não me movo.  
 Depois que d'aquella alta fermosura  
 Cahio o primeiro homem, e a triste sorte  
 O envolveo nesta sombra grossa, e escura,  
 Fugio a luz, entrou armada a morte:  
 Cumprio nova vigia, guarda, e ley,

Qu'ao cêgo mostre a luz, e obrigue o forte.  
 Elegeo Deos Pastor á sua grey,  
 Vio tambem a razão neccesidade,  
 Eis aqui eleito hum Rey, eis outro Rey.  
 Confôrme, e junto o povo nũa vontade  
 Num só, por bem commum, por seus poderes,  
 Promettendo obediencia, e lealdade.  
 Obrigáram suas vidas, seus averes,  
 Prometteo o bom Rey justiça, e paz,  
 E remedio, e soccorro a seus misteres.  
 Dalli fogeito ao Rey o povo jaz,  
 Dalli fogeito o Rey á boa razão  
 Da mesma ley, que em si esta força traz.  
 A quem todos seus bens, e vidas dão  
 Polos livrar d'injuria, e de violencia,  
 Se lhas elle fizer, a quem s'irão?  
 Seja juiz a justa consciencia,  
 E aquelle sancto, e natural preceito;  
 Deve á ley, o que a fez, obediencia.  
 Quem o caminho á de mostrar direito,  
 Se torce delle, e segue a falsa estrada,  
 Como terá seu povo á ley fogeito?  
 Pôs Deos na mão do Rey a vara alçada  
 Pera guia do povo errado, e cêgo,  
 Mas não foy só á sua vontade dada.  
 Como destro piloto no alto pégo  
 Co leme guia a náó, hora a hũa parte,  
 Hora a outra a desvia do vão cêgo:  
 Alli não valem forças, val só arte:  
 Arte vence do mar a ira espantosa;  
 Arte vence, e encadea o bravo Marte.  
 Hydra de mil cabeças enganosa,  
 Pego de tantos ventos revolvido  
 Não se vence, Senhor, com mão forçosa.  
 Em duas iguaes partes repartido

Te deu Deos seu poder: em premio, em pena  
Dê-se a cada hum, o que lhe for devido.

Aquelle, que suavemente ordena

Todas as cousas, olha com que amor  
Paga o bem logo, e de vagar condena.

Não se acha alli respeito, não favor,  
Tanto val cada hum, quanto merece,  
Iguaes ant'elie são servo, e senhor.

Olha-te bem, grã Rey, e a ti conhece  
Nascido só pera reger a tantos,  
E deffã grande alteza ao teu fim dece.

Ver-te-has igual na humanidade a quantos  
Mandas, verás o fim tam duvidoso,  
Como quem tambem morre, e nasce em prantos.

Que presta ser na terra poderoso,  
S' o alto fim do Ceo se põem em forte,  
Que té ao filho de Deos foy tam custoso?

Córte o bom Rey primeiro por si, córte;  
Mais vence o exemplo bom que o ferro, e fogo,  
Não pôde errar quem contra si he forte.

Nem a propria affeição, nem brando rogo  
Tire a força á razão, e á igualdade:  
Não se lhe faça sempre falso jogo.

Sómente em Deos razão he a vontade.  
Absoluto poder, não o ha na terra,  
Qu'antes terá injustiça, e crueldade.

Que vontade mortal, Senhor, não erra;  
S'a ley justa, e a razão a não enfrea?  
De quê nasce a injusta, e cruel guerra?

Em seu peito cada hum pinta hũa Idéa,  
A qual ou mal, ou bem se s'affeioa,  
Assi lhe sae fermosa, ou lhe sae fea.

A boa guia he a inclinação boa,  
A qual nasce do claro entendimento,  
E com facil discurso ao melhor voa.

Tanto val, tanto pôde o sancto intento,  
 Que só por si honra, e louvor merece,  
 E a obra, que val dez, faz valer cento.  
 E quando humanamente erro acontece,  
 (Quem pôde acertar sempre?) a culpa he leve;  
 E todo bom juizo a compadece.  
 Que justiça ferá, que não releve  
 Não sair á vontade a obra igual,  
 Pois pelo intento só julgar se deve?  
 No livre peito, e coração Real  
 Estê o bem commum sempre fundado,  
 Não pôde de tal fonte manar mal.  
 Ama o povo o bom Rey, e he d'elle amado,  
 Lédo, e facil em crer, e em julgar bem,  
 Imigo de todo animo dobrado.  
 Sempre a mão larga, sempre aberto tem  
 O generoso peito ao premio justo,  
 E triste, e vagaroso á pena vem.  
 Este he chamado bom, e grande, e Augusto,  
 Da patria pay, prazer, e amor do Mundo,  
 Mortal imigo do tyranno injusto.  
 Este logo d'hum alto, e d'hum facundo  
 Ingenho té as estrellas bem cantado  
 Voando vay na terra sem segundo.  
 Tal nos cresce, grá Rey, por Deos cá dado,  
 Inda mayor que as nossas esperanças,  
 Mayor que tua estrella, e alto fado.  
 Cedo teu sprito vencerá as tardanças  
 Da tenra idade, e cedo renovando  
 Irás dos altos Reys altas lembranças.  
 Começa-te já agora ir costumando  
 A pôr em nós teus olhos Reaes serenos,  
 O mansíffimo avô teu imitando  
 Inteiro aos grandes, humano ós pequenos.

AO CARDEAL IFFANTE D. ANRIQUE

R E G E N T E.

C A R T A II.

**E** Ntre tantos negocios, e tam graves  
 Hora da Fé, que tu tam bem sustentas  
 Co grã poder, que tens das sanctas chaves;  
 Hora do Reyno, em que nos representas  
 Em tudo o sancto Irmão, em quanto a idade  
 Do tenro Rey não sofre paes tormentas,  
 Com teu sancto exemplo a Christandade  
 Reformando, e este povo, e o d'Oriente  
 Conservando em justiça, e em liberdade:  
 Contrario ao bem commum screy, se tente  
 Com meus versos, Senhor, pejar-te hũ'hora  
 De tempo, de que pende tanta gente.  
 Ouve antes a viuva, que te chora,  
 Ouve o que pede o orfão desherdado,  
 S'lic às de dar despois, antes dá agora.  
 Ouve o que vem de tam longe arrastado,  
 Que tremendo se chega, e não se atreve  
 Queixar se de quem he tyrannizado.  
 Lê o que Africa, Arabia, India te escreve,  
 Nisto a menham comece, a tarde acabe;  
 O tempo repartindo a quem se deve.  
 Ama, e rege este povo, que bem sabe,  
 E alli o affirma, e crê, e só nisto acerta,  
 Qu'outro assento mayor t'espera, e cabe.  
 No mais não tem a opinião tam certa,  
 Nem das let.as recebe mais que aquellas,  
 Que ao doce ganho tem a porta aberta.  
 Boas são leys: melhor o uso bom dellas.  
 Boa he sua sciencia, quando pura

Vem das espinhas, que nascem entr'ellas.  
 Quando o seu fim só guia á fermosura  
 Da justiça, que tam viva, e fermosa  
 Chryssippo nos deixou mais qu'em pintura,  
 Virgem no aspeito, grave, e temerosa,  
 De vivos olhos, não de cruel, nem brando  
 Vulto, mas quasi de hũa tristeza honrosa.  
 Averá algũs, que o povo estê mostrando  
 Co dedo dados por hum dom divino,  
 Que a esta imagem só se vão formando.  
 Cada hum delles de grande honra he dino,  
 Que se assenta severo, inteiro, igual  
 Ao rico, ao pobre, ao seu, ao peregrino.  
 As obras dão de tudo bom final.  
 Qual o fim se pertende, tal he o fruto,  
 Cada hum corre, Senhor, ao que mais val.  
 Nisto o costume, e o tempo póde muito,  
 Que ao mal, e ao bem dá, como quer, valia;  
 Das letras assi o preço he pouco, ou muito.  
 Quando o outro mudava a noite em dia,  
 E o dia em noite, e a menham na tarde,  
 Quem na grã Roma então o não seguia?  
 E quando o outro canta, que Roma arde,  
 Quem vay então lançar agoa no fogo?  
 Quem ha, que em tão grã força alli leys guarde?  
 Passava tal crueza em festa, e em jogo.  
 Já o tempo passou dos máos Tyrannos.  
 Senhor, inda ficáram preço, e rogo.  
 Inda cá nos ficáram os máos enganos,  
 Que o proveito ensinou: a mostra he boa,  
 Em bens se vestem todos nossos danos.  
 Tudo aparece, tudo logo soa;  
 Ficou esta vingança aos innocentes,  
 Que o mesmo mal a seu author pregoa.  
 Cruéis, no mal alheio diligentes,

Que obedeceis á força, ao rogo, ao preço,  
Morrereis tristes, se viveis contentes.

Sancta justiça, a que eu mal reconheço

Tua alta magestade, tu nos julga,

Que vês o nosso fim, nosso começo.

Qual respeito o Rey tem, quando promulga

A ley igual em público proveito,

Que com prazer do povo se divulga,

Tal a tenha o juiz dentro em seu peito,

Na justa execução constante, e forte:

Nisto consiste a ley, nisto o direito.

A quem tam alto sprito coube em sorte

Bem he que o Rey o estime, o povo o ame,

E honrado seja sempre em vida, e em morte.

Mas nem por isso logo o povo chame

Vans outras letras, e o honesto exercicio

Das brandas Musas tam mal julgue, e infame.

Em nenhum estudo bom póde aver vicio.

As artes entre si se communicam.

Cada hũa ajuda á outra em seu officio.

De area, e cal, e pedra, os que edificam

(Baixas, mas necessarias miudezas)

As torres erguem, que tam altas ficam.

Tem tambem seus principios as grandezas,

E ás cousas grandes pequenas ajudam.

Boas letras, Senhor, não são baixezas.

Pera o publico bem tambem estudam,

E cantam os bons Poetas, deleitando

Enfinam, e os máos affeitos em bons mudam.

E ás vezes aos Reys vão declarando

Mil segredos, que então só vem, e sabem,

Mil rostos falsos, linguas más mostrando.

Em poucas bocas as verdades cabem.

Terám ás vezes a culpa os ouvidos.

Os versos ousam, e em toda parte cabem.

Dos bons amados, e dos máos temidos.  
 Assi he a justiça, assi a verdade:  
 Assi sejam tambem favorecidos.  
 Usam de sua honesta liberdade  
 Rindo do povo chamar sô letrados,  
 Os que conselham roubo, e crueldade.  
 Ou outros, que se fazem affamados  
 Julgando, e interpretando duramente,  
 Dos innocentes fazendo culpados.  
 Outro se vende por piadoso á gente,  
 Deixa o delicto passar sem castigo,  
 Da vam piadade usando cruelmente.  
 Tambem, senhor, contra mi falo, e digo,  
 Qu'em nossas letras não está a justiça:  
 Está num peito da justiça amigo.  
 Não tiram a ambição, não a cobiça;  
 Se accrescentam, duvido: cada hum veja  
 Quem lhe vence o trabalho, e ingenho atiga.  
 Seja mais riguroso o exame, e seja  
 Grande das letras; mayor do letrado,  
 Saiba-se o fim, que o leva, e o que deseja.  
 Da Patria pay será o Rey chamado,  
 Que a justiça começa dos que a tratam,  
 Antes de ser do povo provocado.  
 Onde todos se roubam, e se matam,  
 Defende se cada hum da força injusta,  
 E os que mais podem, seus inimigos atam.  
 Nós, que vivemos por regra tam justa,  
 Que os mesmos Reys ás suas leys s'obrigam,  
 Remedio temos certo, e á pouca custa.  
 Que mal he, que os Poetas isto digam?  
 Se o mal reprimem, á virtude inclinam,  
 Porque assi injustamente os mal persegam?  
 Almas indoutas, que cá peregrinam  
 Cativas em seus corpos, e forçadas

A nenhum bem, nenhum saber atinam.

Deixemos estas já em vida enterradas,  
Que os olhos abrem sómente ao proveito,  
Como s'á terra só fossem criadas.

O bem nascido sprito, e culto peito  
Mais deseja, mais quer, mais alto voa,  
Mais glorioso propõem seu obgeito.

A' gloria, á fama, á triumphal coroa  
Áspira; á alta trombeta, e vivo canto,  
Em que no Mundo o grande Achilles soa.

Não ha tam humilde sprito, não tam sancto,  
Que não ame sua gloria: e quem não pede  
O louvor de suas obras tanto, ou quanto?

Desejo he natural, que não impede,  
Mas accrescenta a virtude louvada,  
E a torpeza, e preguiça d'alma espede.

De que vem tanta insignia em armas dada?  
Tantas capellas cheas de letreiros?  
E a triste sepultura tam dourada?

Mais geraes, mais constantes pregoeiros  
São os bons versos, que contino falam,  
E duram té os dias derradeiros.

Nem as victorias, nem as grandezas calam  
Dos clarissimos Reys de gloria dinos,  
E o passado ao presente tempo igualam.

Chamados foram os Poetas divinos.

(Quem tal, que tal furor não mova, e espante?)

Mas quantos foram de tal sorte indinos!

A quem sprito, e boca, com que cante  
Altas grandezas os Ceos concedêiam,  
E que em mór voz, que humana se levante;

A este Apollo, e as Musas só tecêram  
Verde coroa; a este justamente

A honra, e nome de Poeta déram.

Pois entre tanta confusão de gente,

Que a República cria, quem mal nega  
 Lugar honesto a sprito assi excellente?  
 Quando se romperá esta nuvem céga,  
 Que o cobiçoso vulgo veja, e entenda  
 Qu'outro saber ha mais, que o em que se emprega?  
 Determine a razão esta contenda:  
 O máo juiz rouba, o máo medico mata;  
 O máo Poeta enfade antes, que offenda.  
 Demos bons todos: a razão não ata.  
 Mais a justiça val, mais a faude:  
 Mas nem por ouro se despreza a prata.  
 Nem tira á mór virtude a outra virtude  
 Seu preço, antes s'abraçam, e entre si s'amam,  
 Porque húa irmamente á outra ajude.  
 As artes, que mechanicas se chamam,  
 Baixas parecem; mas dão ornamento.  
 As illustres Cidades, e as affamam.  
 O raro sprito, que de cento, em cento  
 Annos, e inda mais tarde o Ceo nos cria;  
 Em desprezo estará, e esquecimento?  
 Perdão ao condenado concedia  
 A ley (assi os interpretes o entendem)  
 Se n'algũa arte aos outros excedia;  
 Entendam mal, ou bem, certo comprehendem  
 Por boa razão quanto favor merece  
 A rara arte, que assi tam bem defendem:  
 Quem isto affirma, e julga, ind'escurece  
 Das castas Musas os sanctos estudos?  
 Inda seus louros lhes não offerece?  
 Destes spritos nesta parte rudos  
 As devem defender, Principe raro,  
 Os que lhes podem ser firmes escudos.  
 Inda o Sol resplandece hoje tam claro.  
 Inda as estrellas não perdêram lume:  
 Não falta ingenho, não faleça emparo.

Vence tu novamente o máo costume :

Vivam por ti, e floream as boas artes,  
Que o tempo vencem, que tudo consume.

Reforma, grã Senhor, em todas partes  
Este Reyno, que em ti, espera, e confia,  
Porque igualmente todo te repartes.

A's Musas se perdoe esta ousadia  
Acoftumadas a Reaes favores,  
Não percam em ti a antiga sua valia.

Não fazem dano as Musas ós Doutores,  
Antes ajuda a suas letras dão :  
E com ellas merecem mais favores,  
Que em tudo cabem, pera tudo são.

A LUIZ GONC,ALVES DE CAMARA,

MESTRE DELREY D. SEBASTIÃO.

C A R T A III.

**P**ORQUE não ousarey livre contigo,  
Clarissimo Luiz, sprito puro,  
Só da virtude, e da verdade amigo,  
Porque não ousarey em tanto escuro  
Mostrar à clara luz, que tu descobres,  
Tomando-te por guia, e por meu muro?  
São da terra os thesouros affaz pobres,  
Estes desprezas, mostras os divinos  
Doés do Ceo, quanto em ti mais os encobres.  
Foram por ti os nossos tempos dinos  
De vêr áquella Idéa hum Rey formado,  
De que tantos atràs foram indinos.  
Porque foy de Philippe festejado  
Do feu grande Alexandre o nascimento,  
Senáo só polo mestre, a que foi dado?

D v

Quem

Quem não vê o geral contentamento  
 Das altas esperanças, em que crias  
 Ao Mundo hũa nova luz, novo ornamento?  
 Chegue SEBASTIAM onde o tu guias  
 Igualmente entr'as armas, e entr'as artes,  
 Nascer-nos-ham outros mais claros dias.  
 Affi o Real sprito lhe repartes  
 Por todas as virtudes, e exercicios,  
 Que inteiro, e todo está em todas as partes.  
 Seus tempos, seus lugares, seus officios  
 Conhecendo, usará de cada cousa  
 Sammente, sem extremos, e sem vicios.  
 Aquelle heroico ardor, que não repousa  
 Naturalmente á fama, e gloria erguido,  
 Sem Deos diante, a nada passar ousa.  
 Dos ardentes effeitos seus movido  
 Tu lhe poês logo diante o sancto obgeito,  
 A que o intento são vá dirigido.  
 Não se pôde forçar o altivo peito,  
 Que arde em desejos de Reaes grandezas;  
 Mas pôde-se á razão fazer sogeito.  
 Aquellas tam cantadas estranhezas  
 Do soberbo Alexandre não contente  
 D'hum Mundo fô, as prodigas larguezas  
 Não o fizeram grande, a quem bem sente  
 Da natural razão algfia parte,  
 Que força, e tyrannia não consente,  
 Por outra via levas, por outra arte  
 Encaminhas, Luiz, o Real sprito,  
 Com Phebo temperando a ira a Marte.  
 Aquelle alto preceito, e grave dito  
 O Reyno do Senhor buscaey primeiro;  
 Lhe tens lá dentro na su'alma escrito.  
 Fazes hum Rey Christão, Rey verdadeiro.  
 Que a si reja primeiro, a si obedeça,

Porque dos outros seja Rey inteiro.  
 No qual o Mundo veja, e reconheça  
 Que hũa cousa he espantoso, outra he ser grande;  
 E dê a cad'hum o nome, que mereça.  
 Mostra-lhe quam errada cá a fama ande,  
 Que honra o que o alto Deos culpa, e reprova,  
 Porque outro sprito mór dos Ceos lhe mande.  
 Quem a Alexandre deu mais certa próva  
 Desta verdade clara, que hum pirata  
 Com sua reposta tam livre, e tam nova?  
 Se por roubar com hũa véla a prizão me ata,  
 Tu, que com tantas roubas, que justifica  
 D'outras móres cadêas te desfata:  
 Ah que não ambição, força, e cobiça  
 Dão ao Rey nome de grande, e Augusto,  
 Nem tudo o mais, que a tyrannia atica.  
 Então será o Rey grande, se for justo,  
 Ou defendendo bem o bem ganhado,  
 Ou despojando o occupador injusto.  
 Não ha outra boa estrella, ou outro fado,  
 Senão com as partes, que hũ Rey grande fazem,  
 Com essas ter seu nome conservado.  
 A quem as Reacs virtudes não aprazem?  
 Digo a clemencia, a liberalidade,  
 Que entre os Tyrannos tam escuras jazem!  
 Aquella graciosa humanidade  
 De não deixar ninguem ir de si triste,  
 Aquella fé Real, firme verdade:  
 A que Principe nunca estes doês viste,  
 Que de trophéos não enchesse a terra?  
 Que Rey assi á fortuna não resiste?  
 Sempre felice em paz, felice em guerra,  
 Amado do seu povo, e obedecido,  
 Por amor, e ninguem por temor lhe erra.  
 Tambem lhe mostras como he mais seguido

O exemplo do Principe, que a dura  
 Força de ley, ou premio prometido.  
 Bonissimo Luiz, a tua brandura  
 Me leva a tanto. Eu vejo hum grã perigo,  
 Que todo Imperio põem em aventura.  
 Por proveito commum, Senhor, o digo.  
 Acuda o Rey com seu Real exemplo,  
 Acuda co sevéro seu castigo.  
 Aquella antiga idade, que contemplo  
 Dos nossos affamados Portuguezes,  
 Dos quaes erguido vês hum, e outro templo,  
 Suas lanças, seus cavallos, seus arnezes  
 Por só seus jogos, e delicias tinham,  
 As couraças, adargas, e padefes.  
 Trajos limpos, e honestos, quaes convinham  
 A' boa temperança, e fortaleza,  
 Com que mais duros ós trabalhos vinham.  
 Tendo a mediocridade por riqueza,  
 Todo o sobejo fausto aborreciam,  
 Quam limpa, e fermosa era a sua pobreza!  
 Nem ouro, nem vans purpuras cobriam  
 Seus leitos, nem seus corpos tam mimosos;  
 A fome, e sede pouco lhes pediam.  
 Não eram seus banquetes tam custosos,  
 Nem a vida tam larga, e tam profana,  
 Nem sabiam viver tam ociosos.  
 Era no Mundo a gente Lusitana  
 Outra Lacedemonia, e Esparta antiga  
 Livre de todo vicio, que os bons dana.  
 Toda entre si conforme, quieta, e amiga  
 A Deos honrava, ao Rey obedecia,  
 D'engano, e trayção cruel imiga.  
 Contento cada hum do seu vivia,  
 Iguaes de todos quasi as mezas eram,  
 Igual em todos quasi a cortezia,

Os despojos, que os Barbaros lhes déram,  
 Aquelles sanctos Reys, em que os gastavam,  
 Se não nos templos, e torres, que erguêram?  
 Por Deos, e pera Deos só pelejavam.  
 O tempo sancto, idade tam ditosa,  
 Que hús Reys pera outros Reys enthesouravam.  
 Em toda parte então victoriosa  
 A bandeira Real se despregava  
 Rodeada da gente bellicosa.  
 Que perigos, ou medos receava  
 Assi ao trabalho dura, a forte gente?  
 Que inimigos campos não desbaratava?  
 Incansavel, constante, e obediente,  
 De duras armas, corações mais duros  
 Sofredores da neve, e Sol ardente.  
 Quando esquecidos, posto que assi escuros,  
 Serão do grande AFONSO os grandes feitos,  
 Dest uydor de Reys, e fortes muros?  
 De cujo invicto esforço, e fortes peitos  
 Dos poucos do trabalho endurecidos,  
 Tendo á verdadeira honra olhos direitos,  
 Mil exercitos foram destruidos,  
 Téjo, e Guadalquivir fangue correndo,  
 Nós á cativa Patria restituydos.  
 Cos altos soccessores estendendo  
 Foram o Imperio, foram os thesouros,  
 Claros trophéos em toda parte erguendo.  
 Lançados álem mar de todo os Mouros,  
 A Africa os nossos Scipioés passando  
 Tornáram coroados de altos Louros,  
 Huns apôs outros todos triumphando,  
 Vio o Athlantico mar victoriosas  
 Sempre as frótas Reaes indo, e tornando.  
 Depois d'Oceano grande as espantosas  
 Ondas vencendo, com espanto a Fama

Mil victorias cantava milagrosas.  
 Ah não se apague hũa tam clara chamma,  
 Que apagar quer a ociosa vida,  
 Se nisto o Real sprito não s'inflamma.  
 Aqui, senhor, aqui he bem devida  
 Tua lembrança; mais devida a emenda,  
 Primeiro da esperança ser perdida.  
 Conheça o Rey prudente, saiba, entenda  
 Que na boa paz a guerra s'exercita,  
 Porqu'os vicios da longa paz reprecnda.  
 Por Deos, e polo povo, o que milita  
 Justissimo Rey he, Capitão sancto,  
 A que honra, e gloria se deve infinita.  
 Quanto he sempre a paz boa, a tempos tanto  
 Tambem a guerra he necessaria, e boa,  
 Dos imigos defença, medo, e espanto.  
 Soê Portugal sempre como soa.  
 Tornem os jogos da Cavallaria.  
 Não se nos torne Capua Lisboa.  
 Assi o bom Rey, que em tuas mãos se cria,  
 (S'aprovas do philosopho o deseio,  
 Que desejava ao Rey philosophia)  
 Grande, prudente, e justo por ti o vejo.

## A DIOGO DE TEIVE.

### C A R T A III.

**P** Romitti-te, meu Teive, á tua partida  
 Mil profas, e mil versos; e em mil mezes  
 Hũa carta té outra terás lida.  
 Não sohiam mentir os Portuguezes.  
 Entrou novo costume, e he ley antiga  
 Romano em Roma, Francez cos Francezes.  
 Quem queres que por força cá não siga

A ley da terra? e mais tam bem guardada  
 Dos que em mal nosso tem a fortuna amiga?  
 Seja com tanto honrado desculpada  
 Minha mentira: a sam nossa amizade  
 Nunca esquecida foy, nunca mudada.  
 Mas então chea, em tam grã Cidade,  
 Onde o sprito, e a vista leva a gente,  
 Quem pôde ser senhor da sua vontade?  
 Mora hum lá fó a além do grã Vicente,  
 Outro cá na Esperança; e ey de vêr ambos,  
 Foge inda o dia ao muito diligente.  
 Pelas ruas mil cambos, mil recambos,  
 Cargas vem, cargas vão, mil mós, mil traves,  
 Hũ arranca, outro foge, e encontro entrábos.  
 Vay hora então compondo versos graves,  
 Versos doces, e brandos, quaes mereçam  
 Parecer ao meu Teive lá suaves?  
 Onde os Loureiros, onde as Heras creçam  
 Lá nos cerrados bosques, brandas fontes  
 As Musas co as capellas versos teçam.  
 Amam as castas Deosas altos montes,  
 Valles sombrios, não Cidades cheas  
 D'homês, em que tam poucos ha que apontes.  
 Lá livres abrem suas ricas veas,  
 Lá suas doces liras encordoam,  
 Ao brando som tecendo immortaes teas.  
 Com tudo algús ha cá, que se coroam  
 D'outras Heras, contentes de si s'amam,  
 A si tangem, a si cantam, a si bem soam.  
 Tambem Musas invocam, Apollos chamam,  
 Outra Mantua povoam, outras Athenas,  
 Outros novos Parnafos por cá affamam.  
 Voam cubertos de mil novas penas  
 D'aves nunca cá vistas, e fermosos  
 A si mesmos, se vão entr'as Camenas.

A todo tempo entoam os seus mimosos  
 Versos, a toda hora á voz, e á lira  
 Concordam seus accentos sonorosos.  
 Ditoso sprito, a quem toda hora inspira  
 Outro Apollo, outro ardor, que não se apaga,  
 Mas sempre do seu fogo, fogo tira.  
 Eu, meu Teive, não sey que estrella, ou maga  
 A lingua me ata; não sou de toda hora.  
 Em fim esta he a desculpa da má paga.  
 Por hum momento, que em mim Phebo mora,  
 Mil dias se me esconde, e desempara.  
 E inda bem me não chega, já vay fóra.  
 Vejo esse peito aberto, essa alma clara,  
 Onde me tens, bom Teive, ouso contigo  
 O que com outro eu, sómente oufára.  
 Temeraria com outros o perigo  
 De meus tam soltos versos, mas eu r'amo,  
 Eu te honro, douto mestre, doce amigo.  
 Quantas vezes saudoso cá te chamo,  
 Quantas vezes contigo me desejo  
 Lá á doce sombra d'algum verde ramo!  
 Hora de cá teu sancto ocio lá vejo,  
 Hora por só meu bem cá te queria  
 Onde meu amor te chama, e bom desejo.  
 Mais val, amigo, lá hum quieto dia,  
 Que mil annos, e mil cá inquietos,  
 D'onde eu, se tivesse afas, fugeria.  
 Não te são meus intentos lá secretos,  
 Pus-te nas mãos minh'alma, á minha vida  
 Sabes que desejei portos quietos.  
 Se vida temos pera ser vivida,  
 Se chão se á de escolher pera morada,  
 Onde melhor que em campo he escolhida?  
 Vida dos sabios sempre desejada,  
 Vida de paz, d'amor, e de brandura,

Em meus versos serás sempre cantada.  
Onde estará mais fã, e mais segura  
A alma innocente? onde mais sem cuidado  
De medos, de perigos, de ventura?  
Pera a faude onde mais temperado  
O frio Inverno? onde he do brando Norte  
Ou o Cáo, ou o Liáo mais amansado?  
Mais larga vida, menos triste morte;  
Sono doce, seguro, brando, inteiro,  
Sem sobressalto, que to quebre, ou córte.  
O verdadeiro gosto, o verdadeiro  
Deleite, he quieto ocio entr'hervas, e agoas  
Em Julho frias, quentes em Janeiro.  
Não vês choros alheos, não vês mágoas  
Ou tuas, ou dos teus: livre de invejas,  
Em que cá ardem, como em vivas fragoas.  
S'ò que convêm á vida só desejas,  
Estimarás mais doce liberdade,  
Que quantas minas d'ouro a outros vejas.  
Mais val a curta geira, a pobre herdade,  
Que, ó rica Arabia, ó India, o teu thesouro,  
Se á justiça se rouba, se á verdade.  
Mais val no campo coroar o Touro  
No fresco Mayo de hervas de mil cores,  
Que altos teitos pintar de azul, e ouro.  
O bemaventurados os Pastores,  
Se seus bens conhecessen! a quem dá a terra  
A' vida mantimento, aos olhos flores.  
Que he este fermoso ouro se não guerra,  
Muito melhor quando de nós se esconde  
Ou na encuberta arêa, ou n'alta ferra?  
Onde assi cheiram em Libia as pedras? onde  
Resplandecem assi, como as cheirosas  
Hervas, qu'ò campo aberto a ninguem esconde?  
Por ventura serám mais graciosas

As agoas, que cá os canos vão rompendo,  
 Qu'as que entre feixos correm saudosas?  
 Mas atadas aos marmores crescendo  
 Vão mil Heras, jardins dependurados,  
 Que das altas janellas s'estam vendo.  
 Artificios são como roubados  
 A Natureza, que por mais que os forcem,  
 Não podem longo tempo ser forçados.  
 Invejofos do campo affi em vão torcem  
 As vergas, e os arames, mas c'um vento  
 Ou quebram, se se fêcam, ou se destorcem.  
 Leva já a natureza hum movimento  
 A seus tempos contino sempre, e certo,  
 Que arte imitar não pode, ou instrumento.  
 Que gofto he vêr do campo o Ceo aberto,  
 Tantos lumes, hum corre, outro está quedo,  
 Hum tam longe apartado, outro tam perto!  
 Quanto milagre alli, quanto segredo  
 Contemplanás naquelle livro escrito  
 De quanto cá acontece ou tarde, ou cedo!  
 E rompend'os Ceos todos com o fprito,  
 Que já a mores grandezas vay voando,  
 Súspiras alto a Deos com baixo grito.  
 Alli aprendendo estás como guiando  
 Vás as fimpres ovelhas ao feguro  
 Curreal, que anda o máo Lobo falteandô.  
 Outra cerca farás, outro al'o muro  
 De doutrina, de exemplo, e faões costumes,  
 Quaes eu conheço do teu peito puro.  
 Do teu lume acendendo outros mil lumes,  
 Ricos ganhos darás dos teus talentos  
 Não de agoas, não de cheiros, nem perfumes.  
 Depois receberás por hum dozentos  
 Do jufto pagador, que hi te alugou,  
 E as obras vê de cima, e os pensamentos.

Quem

Quem pera esse sancto ocio te chamou,  
 Te chamará mais alto, vive, e espera,  
 Olha como este Mundo se mudou.

Quem cuidou que tam cedo volta déra  
 Esta roda inconstante? ah Reys que são?  
 Tambem aquelle Rey pó, e sombra era.  
 Rey manso, Rey benigno, Rey Christão,  
 Ah quam depressa desapareceo!  
 Quantas altezas caem abrindo a mão!

Em fim ditoso, quem se bem regeo.  
 Mais annos são mais carcer, e mais carga,  
 Affaz viveo, quem sempre bem viveo.

Devemo-nos á morte: doe, e amarga  
 O só seu nome: hũa hora chega em fim  
 Triste, espantosa, fea, dura, amarga.

Pareça bem a purpura, e o marfim,  
 Os luzidos metaes, a prata fina;  
 Mas eu vou, elles ficam cá sem mim.

Quanto melhor, meu Teive, aquelle atina,  
 Que quanto cá dos Ceos por fé nos soa  
 Dos secretarios seus, a outros ensina!

Guardando em si aquella ordem tam boa  
 De quem fazia, despois ensinava,  
 Ah que honrada victoria, que coroa!

O que entendeo JERONIMO, ao que voava  
 AGOSTINHO, BERNARDO o que dizia,  
 Quando da Máy de Deos se namorava.

O que aquella divina companhia  
 De sanctos Gregos na alta sua escriptura  
 Deixáram, lume he nosso, e nossa guia.

Alli, como dos Ceos viva pintura  
 Se mostra. O tu ditoso, pois pudeste  
 Ir lá só contemplar tal fermosura!

Mas com quanto tam alto te puseste  
 Das brandas Musas, desce: e outra vez próva

A doce lira, a que tal som já déste.  
 No teu verso Latino nos renova  
 Hora outro Horacio, hora outro grande Maro:  
 Na grave prosa Padua, Arpyno em nova.  
 Por ti começou já ser grande, e claro  
 O Portuguez Imperio: igual aos feitos  
 No Mundo raros teu estillo raro.  
 Encheşte d'esperanças nossos peitos  
 Não nos detenhas encubertos tanto  
 Altos exemplos de obras, e conceitos.  
 Em quanto allí estis livre, Teive, em quanto  
 Te não chama tua sorte ao que mereces,  
 Cria ao Portuguez nome amor, e espanto  
 Lédo, e confiado do que em ti conheces.

A ANTONIO DE SA' DE MENEZES.

C A R T A V.

**A** Quella proveitosa liberdade  
 Aos antigos Poetas concedida  
 De mostrar de mil erros a verdade,  
 E do mais livre pôvo então soffrida,  
 E do mais poderoso receada,  
 Porque entre nós será mal recebida?  
 O claro Antonio, que segues a estrada  
 Da virtude mais cham, mais descuberta,  
 Dos teus grandes avôs, grã pay herdada;  
 S'hús cégos nos deixáram a porta aberta  
 Pera o Ceo, pera honra, e pera gloria  
 Porque em tão clara luz ninguem acerta?  
 Que espantos nos renova a alta memoria  
 De tantos Gregos, e Romaões gentios  
 Senhores do saber, paz, e victoria!  
 Postos ao ardor do Sol, postos aos frios,

Olhos

Olhos nos Ceos, o sprito nas estrellas,  
 Nas hervas, e nas pedras, e nos rios.  
 Quantos segredos nestas cousas bellas,  
 Que o Mundo tam fermoso fazem, viram,  
 Erguendo todavia o homem sobre ellas!  
 Tanto cuidáram, tanto aos Ceos subíram  
 Por causas, por razões, por natureza,  
 Que hum alto Deos, fim do homé descobríram.  
 A' virtude chamáram só nobreza,  
 Ao honesto, e bom, só doce, e proveitoso,  
 Ao alto saber do sprito, alta riqueza.  
 Cada hum ao parecer mais ocioso  
 Então móres segredos descobria,  
 Com que inda o Mundo ficou mais fermoso.  
 Hora hum a terra, hora outro o Ceo media,  
 Sem se mover o Oceano navegava,  
 Deixando pontos certos por onde hia.  
 Outro apôs o Sol claro caminhava,  
 E depois da ligeira volta dada,  
 Co a Lua, e com as estrellas se tornava.  
 Alli a altura, e a linha foi achada;  
 O movimento, os polos, a figura  
 Redonda; a de tres cantos, e a quadrada.  
 Outro na trabalhosa quadratura,  
 Possível de saber-se, e não sabida,  
 A alma cansava, em vão trabalho dura.  
 Daqui nasceo a fábula mal crida,  
 Que toda est'alma machina já hũ'hora  
 Dos ombros do grande Athlas foi sôstida.  
 Se não somos ingratos, quanto agora  
 Sabem os que mais sabem, áquella idade  
 O devem, que o achou, e o deixou fóra.  
 Eu não falo na nova claridade,  
 Que dos Ceos milagrosamente veo  
 Do saber, do poder, e da bondade:

Falo daquelles, que por certo meo  
 Das cousas, que cá viram, conhecêram  
 Outras, que o Ceo encerra lá em seu seo.  
 Mas ah s'elles fizeram o que entendêram!  
 Todos erramos, mas quaes mais culpados?  
 Hús de dia, hus de noite se perdêram.  
 Bem pudêram os spritos ir guiados  
 Por sua escura luz ao que a fé mostra,  
 S'em Deos puzeram todos seus cuidados.  
 Mas inda hoje pera honra he a vam mostra  
 D'alta virtude, que o alto Ceo só pede,  
 Então mayor, quando se menos mostra.  
 Quam enganadamente inda concede  
 Louvor o Mundo a muitos! clara he a obra;  
 Mas Deos só pelo intento a péfa, e mede.  
 Seguro vive quem boa fama cobra,  
 Diz o vão povo. O sabio está dizendo:  
 Quem Deos cuida enganar, contra si obra.  
 Quantos ha agora, de que estamos crendo,  
 Que igual seja ás boas mostras o conceito!  
 Quantos, em que o contrario estamos vendo!  
 Não deixava porém de ser aceito  
 A Deos o zelo da justiça igual  
 Daquelle povo á fama só fogeito.  
 Tanto a virtude, tanto o honesto val,  
 Que inda que o proprio fim, e direito s'erre,  
 Aproveita o exemplo, e atalha o mal.  
 Cada hum lá em si o secreto intento encerre,  
 Mas faça bem verdadeiro, ou corado,  
 Antes que a Deos, e ao Mundo os olhos cerre.  
 Com quanta razão deve ser chorado  
 Hum tempo, em que por Deos, nem polo Mundo  
 Vemos hum do outro ser bem conselhado!  
 Por não sofrer igual, não vêr segundo  
 A custa de mil honras destruidas

Sobe o mais vil, mil bons mete no fundo.  
 Ah que hoje custa hũa vida dez mil vidas,  
 Vence a cega vontade a razão forte,  
 As leys hora crueis, hora torcidas.  
 Sprito bom, fóra da geral forte,  
 Pera publico bem dado, e nascido,  
 Prompto pola verdade a soffrer morte,  
 Inda bem não parece, eis perseguido  
 De mil mãos olhos, de mil linguas más  
 S'encolhe dentro em si, como vencido.  
 Ah sancta liberdade, onde hora estás?  
 Porque não soltas minha lingua muda,  
 Pois aquelles se calam, a quem a dás?  
 Tenham versos licença: quem não muda  
 A vergonha de si, mude o castigo,  
 Nomee-se na praça, o povo acuda.  
 Vingue-se alli cada hum do cruel imigo  
 Do commum bem, apontem-no co dedo,  
 Aja sem liberdade sem perigo.  
 Venha hum Horacio livre, a que aja medo  
 Não o pobre, ou triste, ou innocente,  
 Cuja voz ouve Deos, ou tarde, ou cedo.  
 Mas pois o triste tempo não consente  
 Verdade boa, e clara; corra, e vá  
 Tras sua perdição a cega gente.  
 Despreze-se o saber, e viva a má  
 Ignorancia soberba; e honra, e fama  
 Só seja, o que a fortuna, e engano dá.  
 Seja sabio o que sabio o povo chama,  
 E rido, e desprezado o que de Louro,  
 Ou Palma se coroa, e outro fim ama.  
 Tenham por Deos o ventre: e o vil thesouro,  
 Que a si mesmo roubou o triste avaro,  
 Consumenta o ingrato herdeiro imigo de ouro.  
 Tu nas antigas armas, sangue claro

Dos illustres avôs de parte, a parte  
 Constante lá occupa o sprito raro.  
 O nome grande a Apollo, grande a Marte  
 Conserva, e accrecenta, antigo nome,  
 Que por outros tam grandes se reparte.  
 Igualmente te dê sempre honra, e a tome  
 Apollo no devido a ti seu canto,  
 E contigo, meu Sá, a inveja dome.  
 Eu tenha hum quieto ocio, honesto, e sancto.

A ANTONIO DE CASTILHO,

GUARDA-MOR DA TORRE DO TOMBO.

C A R T A VI.

C Astilho, de meus versos doua lima,  
 Que cuidarey que fazes lá escondido,  
 Donde me não vem prosa, nem vem Rima?  
 Trabalhas por ventura que vencido  
 Fique o grã Ferrares no doce canto  
 Té qui com tanto gosto, e fama lido?  
 Ou num alto sagrado bosque, e sancto  
 Andas quieto, enchendo o peito puro  
 Do que soffega o sprito, e vence o espanto?  
 Colhendo de mil flores o maduro  
 Fruto, que alma sustenta, e no perigo  
 Te ensina poder sempre estar seguro?  
 Eu te conheço, bom sprito, imigo  
 Naturalmente de ocio, só de gloria,  
 Só de virtude, e de saber amigo.  
 Quando será que eu veja a clara historia  
 Do nome Portuguez por ti entoada,  
 Que vença da alta Roma a grã memoria?  
 Não me foy dado sprito, não foy dada

Igual

Igual boca ao grã canto. Bom desejo  
 Não basta: a ti a alta empreza está guardada.  
 Desse sancto sossego, em que te vejo,  
 Desse tam raro sprito olha as grandezas,  
 Qu' o Mundo espera, e eu já vêr desejo.  
 Abre já, meu Castilho, essas riquezas,  
 Que tanto ha já, que em ti Phebo enthesoura,  
 Solta o grã Rio, farta mil pobrezas.  
 Assi consentirás, cruel, que moura  
 Teu nome, e desse sprito o claro lume?  
 Assi a coroa, que te Phebo enloura?  
 Quanta arma, quanto sangue nos consume  
 O silencio cruel! terror, e medo  
 N' Africa ao Mouro, n' Asia ao bravo Rume.  
 Tu Castilho, tu lá ocioso, e quedo  
 Vencerás de mil Mundos os espaços,  
 Por onde voarás, se queres, cedo.  
 Solto de vaões desejos, de vaões laços  
 O bom sprito dentro em si só posto  
 Mais largo vivirá, que em largos paços,  
 A todo tempo terá sempre hum rosto,  
 Nam turvará sua paz nenhũa guerra.  
 Nenhũa mudança danará seu gosto.  
 Ditoso aquelle, que em si só se encerra,  
 E estimando o thesouro, que em si tem,  
 Pisa soberbamente toda a terra.  
 Sempre o dia pior he o que vem.  
 Comece de viver á primeira hora  
 Quem poder, e a quem Deos quis tanto bem.  
 Em quanto hum ri, em quanto cá outro chora,  
 Passa a vida, lá o tempo todo he teu:  
 Logra-o, e tua sorte ama, e a Deos adora,  
 Que tantos, e taes doés te concedeu.

A JOAM LOPES LEITAM  
NA INDIA.

CARTA VII.

**D**O antigo Portugal, da grã Lisboa,  
 Por novos mares, novos Ceos, e climas  
 Ao novo Portugal, á clara Goa,  
 Te vay faudar, Joam Lopes, s'inda estimas,  
 S'inda as nove Irmãs honras, minha Musa,  
 Dem lugar duros Troês ás brandas Rimas.  
 Ou teu armado braço estê no que usa,  
 Com Marte contendendo em fortaleza  
 Sem ao Rume aceitar ouro, ou escusa,  
 Ou rompendo com furia, e com braveza  
 As escumofas ondas, vás levando  
 Socorro á quasi entrada Fortaleza.  
 Não deixes de ir cos olhos só passando  
 Estes versos, verás quanto ás trombetas  
 Mais animoso som estaram dando.  
 Antes que com forte animo comettas  
 A feroz multidão, e com honroso  
 Despojo, humilde o imigo a ti somettas,  
 Ou do triste successo temeroso  
 (Como a fortuna quer) com arte, e rogo  
 Ternes o teu soldado furioso,  
 As Musas ouve sempre, acendem fogo  
 Nos altos corações, e o mór perigo  
 Te fazem parecer prazer, e jogo.  
 Tanto mais forte irás contra o imigo  
 Co sprito aceso em doce som de gloria,  
 Quanto das Musas mais fores amigo.  
 Ao som da alta trombeta, que a memoria  
 De Achilles fero ao Mundo renovava,

Encheo o grã Macedonio su'alta historia.  
 Quantas vezes gemia, e suspirava  
 Com generosa inveja do alto canto,  
 Que a nova gloria, e fama o levantava!  
 Aquelle sprito aceso, aquelle sancto  
 Furor do Rey Profeta, ao som da lira  
 Hora era fogo todo, hora era pranto.  
 Sobre si posto já mais que homem aspira  
 Aos Ceos, e altos segredos, que lá via,  
 Deos chama, de Deos canta, a Deos suspira.  
 Já aquelle fogo claro, que allí ardia  
 Antigamente nūs spritos raros  
 Torna inflammam a noísa idade fria.  
 Já os dias nascer vemos mais claros,  
 O Mundo mais fermoso; e já das nove  
 Musas os nomes mais ao Mundo charos.  
 Tambem algũa esse teu peito move,  
 E todo a honra, e gloria to levanta,  
 Por mais que em ti o Amor suas frechas prove.  
 Mas tu com Marte t'arma, com Amor canta.  
 Inda juntos verás Venus, e Marte,  
 Juntos Apollo, e Pallas em paz sancta.  
 Ah quanto Ceo, quanta agoa, João, nos parte!  
 Os spritos porém de lá se chamam.  
 Lá de mim tens, amigo, a melhor parte.  
 Não são os olhos, não os corpos, que amam.  
 Outra força secreta nos convida;  
 Naturalmente hūs s'amam, hūs se defamam.  
 Pôde hũa voz, hũa fama ao longe ouvida  
 Juntar duas almas em amor igual,  
 Fazendo em dous hũa vontade, e vida.  
 Esta he a sancta amizade, esta a que val.  
 Dos corpos, e olhos são baixos amores,  
 Que ao bem se chegam, apartáo-se co mal.  
 Dous em bom amor juntos são senhores

De duas almas: nisto, João, vencemos  
 Mil grandes Reys, e mil Emperadores.  
 Elles tem seus Imperios: mas nós temos  
 Nossas vontades, boa segurança.  
 Reynem temidos lá, nós nos amemos.  
 A estrada cham da bemaventurança,  
 Que desta vida á eterna vay sobindo,  
 Que he, se não deste amor sam confiança?  
 Em quanto tu teu braço estás tingindo  
 Nesse barbaro fangue, e das honrosas  
 Folhas essa tua frente vás cingindo,  
 E inda ás armas antigas, e fermosas  
 Nova, e mór fermosura vão ganhando  
 Teu forte peito, e maós victoriosas,  
 Eu estou tua doce vista desejando  
 Com toda est'alma, com toda a vontade,  
 Ah vive, e vem, João, de cá gritando.  
 Devemos este amor ao nosso Andrade,  
 De nosso amor seguro fundamento.  
 Amigo tens em mim, tens sam verdade:  
 Que servidor nome he de comprimento.

A D. CONSTANTINO  
 FILHO DO DUQUE DE BRAGANÇA  
 INDO GOVERNAR A INDIA.

CARTA VIII.

CONSTANTINO, tu vás provar tua forte,  
 E descobrir-te ao Mundo: olha o perigo  
 Mór inda da fortuna, que da morte.  
 Fuge de ti, que em ti tens mór imigo,  
 Se muito te amás; se te vence, e manda,  
 Teu bom conselho, em ti tens mór amigo.

Livre a Fortuna pelos ares anda

De mil, e mil despojos carregada ;

A muitos dura, a muito poucos branda.

Não se vence a cruel com mão armada.

Não obedece a rogos, ou branduras.

Então mais falsa, quando mais amada.

Se a tu vencida em tudo vêr procuras,

Confia de ti pouco, menos della.

Terás a vida, e honra mais seguras.

O sprito, e olhos postos na alta estrella

Da nova gloria, que te leva, e chama ;

Ousado a forte lança, e solta a véla.

Tua fé, teu Rey, tua terra, teu nome ama.

Dos bons te ajuda : em Deos espera, e crê ;

Acenderás de amor hũa viva chamma:

Nenhum olho direito no Sol vê ;

Mas finge que com hũa noda hoje amanheça,

Todos a enxergarãõ onde quer que estê.

Qualquer pequena culpa, que pareça

Em ti, logo se vê, logo se sente.

As obras ven-se, o peito Deos conheça.

Aos olhos posto estás de toda a gente.

Num descuido vê quanto s'aventura

Teu nome, e o alto Imperio do Oriente.

O que as estrellas vence, o que assegura

Altos estados he seguir razão,

De nossas almas propria fermosura.

Mil razões hús, mil outros te darãõ,

Estê teu juizo firme, livre, e isento,

Logo as boas das más se apartarãõ.

S'a vontade obedece ao entendimento,

Elle naturalmente o melhor mostra,

E com hũa só razão responde a cento ;

Mas quem conhecerá a fingida mostra

Do que o conselho funda em commum bem

Contrario dentro do que fora mostra?  
 Logo a virtude, logo a razão tem  
 Hũa divina luz, com que esclarece  
 A alma daquelle, que buscar a vem.  
 Aquelle estatuas d'ouro só merece,  
 Que firme tem o generoso peito  
 Té o fim bom chegar do que conhece.  
 Constante, e forte, a medo não fogeito,  
 Nem o ardor do pôvo cêgo o move,  
 Nem o espanta o trabalho do alto feito.  
 Hora o fogo, hora o vento, e a onda prove  
 O grande Capitão, que em si deseja  
 Que o mais famoso nome se renove.  
 Quem primeiro consigo só peleja,  
 E com victoria say, ponha seguro  
 A fortuna seu peito, rosto á inveja.  
 Cahir-lhe-ha ant'os pés o imigo duro  
 Vencido do grã nome, e acender-se-ha  
 Em mais fermoso fogo o forte muro.  
 Quem de tantos mil annos vida dá  
 A tantos mortos? quem tam altos cantos,  
 E a viva voz, que sempre soarã?  
 Porque d'homês mortaes em templos sanctos  
 Se guardavam as cinzas, e adoradas  
 Eram de Emperadores, e Reys tantos?  
 Tantas ricas estatuas levantadas,  
 Tantos mil arcos, mil tropheos, mil aras  
 A constante virtude eram só dadas.  
 Vivem, e viverã as obras raras  
 Eternamente, e em outra luz, que temos,  
 Parecerã hum dia inda mais claras.  
 Os antigos exemplos já deixemos:  
 Vencem os nossos; vencem, ou certo igualam.  
 (Té quanto contra nós crueis seremos?)  
 Não espantam, não soam hoje, não falam

Pelo Mundo o grá Conde, e o Rey primeiro,  
 Por mais que os tempos d'outros muitos calam?  
 Hum Sancho, hum só Dinis, hum Afonso inteiro  
 No alto sprito, e zelo da Fé sancta,  
 D'Hespanha outro Camillo verdadeiro?  
 Ah' olha Constantino, e verás quanta  
 Luz clara, que alta estrada vão mostrando  
 Dous, de que tem teu fangue parte tanta.  
 Deus Rayos Joam, e Nuno, como ousando  
 Com animos constantes, a coroa  
 Real com grá vigor vão conservando.  
 Contra tantos dous sós co a tenção boa,  
 Olha o rico despojo, Reaes bandeiras,  
 Olha a victoria, que no Mundo soa.  
 Não fabulas fingidas, verdadeiras  
 Historias vês de Reys; pois tu seu fangue,  
 Corre com lédo sprito taes carreiras.  
 Fazê inda mais temido ao Rume o Frangue.  
 Leva diante os Capitaés passados,  
 Que esse Imperio ganháram com seu fangue.  
 Tantos Varoés illustres, que igualados  
 Com razão devem ser aos mais antigos,  
 Tantos a nenhũs outros comparados.  
 D'hũs o conselho, d'outros nos perigos  
 O animo invencivel, d'outros a arte  
 De sem fangue vencer cem mil imigos.  
 A que Baccho, a que Romulo, a que Marte  
 Concedêram vantagem? mil Scipioés,  
 Fabios mil, Paulos mil em toda parte.  
 Ajunta os Portuguezes coraçõs  
 Naturalmente á gloria, e fama erguidos,  
 Que mares temerám, ou que regioés?  
 Poucos, mas bem conformes, bem regidos  
 De que ondas, de que fogo, ou fortalezas  
 Pudêram n'alta empreza ser detidos?

Vencem o credito já tantas grandezas;  
 Tantas victorias em tam nova terra,  
 Ganhadas pola Fé, não por riquezas.  
 As innocentes armas, sancta guerra  
 Dá Deos altas victorias: quem outro fim  
 Leva diante, á gloria, e á fama erra.  
 Nunca as pedras, as conchas, e o marfim  
 Deixáram ao que as amou, nome famoso.  
 Vê de Fabricio, e Crasso o nome, e o fim.  
 Dario com seus thesouros poderoso,  
 Rico despojo foy ao Grego pobre  
 Só d'honra, só de fama cobiçoso.  
 Ah quem o alto sprito livre, e nobre  
 Tam vilmente cativa no baixo ouro,  
 Que pera mal da honra se descobre?  
 Tu, Real sangue, tu outro thesouro  
 Trará deffe teu nome grande dino  
 De nova palma, de fermoso Louro.  
 Suprir a idade vás de hum Rey minino,  
 Que Rey te faz por si de tantos Reys.  
 Vence, triumpho, e deixa, Constantino,  
 Novos Imperios postos ás suas leys.

A FRANCISCO DE SA' DE MIRANDA.

C A R T A IX.

**A** Ntes que minha sorte impida, ou mude  
 A occasião de praticar contigo  
 Mestre das Musas, mestre da virtude;  
 Antes que o tempo a todo bem imigo  
 Me desvie forçado, onde eu já vejo  
 Minha vida sem gosto, alma em perigo,  
 Consente-me faltar este desejo  
 O Francisco só livre, e só ditoso,

Em

Em quanto a carta ao longe não tem pejo.

O tempo escuro, e triste, e tempestoso

Mal ameaça; assi viste o passado,

E vê's inda o por vir mais perigoso.

Chamart'ey sempre bemaventurado,

Que tanto ha, que em bom porto co essas sanctas

Musas te estás em sancto ocio apartado.

Nam esperas, nem temes, nem te espantas,

Sempre em bom ocio, sempre em saõs cuidados

A ti só vives lá, e a ti só cantas.

Os olhos soltos pelos verdes prados,

O pensamento livre, e nos Ceos posto,

Seguros passos dás, e bem contados.

Trazes húa alma sempre num só rosto,

Nem o anno te muda, nem o dia,

Hum te deixa Dezembro, hũ te acha Agosto.

Quam alta, quam Christam philosophia

De poucos entendida nos mostraste,

Que caminho do Ceo, que certa guia!

De ti fugiste, e lá de ti voaste,

Lá longe, onde teu sprito alto sobindo

Achou esse alto bem, que tanto amaste.

Novo Mundo, bom Sá, nos foste abrindo

Com tua vida, e com teu doce canto,

Nova agoa, e novo fogo descobrindo:

Não resplandecia antes o Sol tanto.

Não era antes o Ceo tam lumioso,

Nem nos erguia o sprito em seu espanto.

Contigo nos nasce o anno mais fermoso,

Mais rosada, e mais loura a Primavera,

Co seõ de alvas flores mais cheiroso.

Por toda a parte o Louro abraça a Hera,

Por toda a parte rios, e agoas claras,

E outra mór natureza já da que era.

Tu as fontes abriste, os Ceos aclaras,

As estrellas dás luz, vida aos Amores,  
 Sanctos amores d'húas Nimphas raras.  
 Levantas sobre Reys, e Emperadores  
 Ao som da lira doce, e grave, e branda  
 A humildade innocente dos Pastores.  
 Por onde vay teu sprito, por hi anda  
 Sempre firme teu pé, e o peito inteiro;  
 Obedece a vontade, a razão manda.  
 Nem ao Rey, nem ao povo lisongeiro,  
 Nem odioso ao Rey, nem leve ao povo,  
 Nem contigo inconstante, ou tençoeiro.  
 Neste Mundo por ti já claro, e novo  
 Já hús spritos s'erguem no teu lume,  
 Por quem eu, meu Sá, vejo, e meus pés movo.  
 Já contra a tyrannia do costume,  
 Que té qui como escravos em cadeas  
 Os tinha, subir tentam ao alto cume  
 Do teu sagrado monte, donde as veas  
 Desse liquor riquissimas abriste,  
 De que já correm mil ribeiras cheas.  
 Alli teus passos, por onde subiste  
 A tam alta virtude, e tanta gloria,  
 Medindo iriam, como os tu mediste.  
 Inda seguindo a tua clara historia,  
 Que em vida de ti lemos, algum sprito  
 Com teu nome honraria sua memoria.  
 Mas ah tempos crueis! (foe meu grito  
 Por todo Mundo) mas ah tempos duros,  
 Em que não soa bem o bom escrito!  
 Eu vejo hum valle, e hum monte, onde seguros,  
 Onde saõs, e quietos os meus dias  
 Teria em ocio bom, cuidados puros.  
 Mas chama o Mundo vans philosophias  
 A virtude, o repouso, a liberdade;  
 E as sanctas Musas são fabulas frias.

He fraqueza do sprito a humildade,  
 O ser do homem são honras, são riquezas,  
 E subir onde mais voa a vontade.  
 Levantar os spritos a grandezas,  
 Entrar Cidades, e mostrar vencidos  
 Imigos mil, queimando as fortalezas,  
 Ser de Principes grandes conhecidos,  
 Ao Rey aceitos, á gente espantosos,  
 Ou por temor, ou por amor seguidos.  
 Duros trabalhos fizeram famosos  
 Alexandres, e Julios, Scipiãos,  
 Não os bosques sombrios, faudosos.  
 Aos que não bastaram os corações,  
 A subir alto, té os nomes perdêram.  
 Alevanta a fortuna altas tençoês.  
 Cuiros suas terras em boa paz regêram,  
 Armando-as com boas leys, e bons preceitos,  
 Com que igual honra ás armas merecêram.  
 Como? e he pouca glória a dos direitos  
 Juizes, que guardando as iguaes leys,  
 Tem té os que podem mais a si sogeitos?  
 Em quem os seus poderes põem os Keys?  
 Por quem se rege o Mundo, e se sustenta?  
 Assi ociosos á honra fugereis?  
 Nem com dita cad'hum sua sorte tenta.  
 Sentou-se, o que temeo: mas quem ousou  
 O rosto, e peito ter firme á tormenta,  
 Co generoso sprito ao fim chegou.  
 Isto me diz o povo. Eu lhe respondo:  
 Vá, quem sua léda sorte alto chamou.  
 Besta de mil cabeças, eu me escondo,  
 Não dos trabalhos d'honra, mas de ti  
 Que cégamente estás pondo, e despondo.  
 Já eu os olhos á virtude ergui,  
 Já levantey o sprito á gloria, e fama,  
 E vi

Mas dentro inda de mim logo cahi.  
 Este bom povo, que a honra cá assi ama,  
 Que assi de honra enche a boca, só proveito,  
 Só doce ganho estima; este honra chama,  
 Ouro primeiro (este he seu preceito)  
 Ouro, despois virtude: ouro honra dá,  
 Ouro ao Rey faz, e aos homês fer accito.  
 Logo quem nada tem, nada terá;  
 Essa he cá a ordem, essa a regra, e meo.  
 Logo a quem muito tem, mais se dará?  
 Logo em vão hum sprito ao Mundo veo  
 Simprez, nu, puro, aceso em fogo vivo  
 De virtude, e de amor, de gloria cheo?  
 O céga multidão! e assi cativo  
 Quereis fazer á baixa fex da terra  
 Hum alto ingenho? assi enterrá-lo vivo?  
 Quem á gloria, e á honra assi o nome erra,  
 Que honra dará? e quem tam ociosa  
 Acha a virtude pera paz, e guerra?  
 Onde a livre verdade, a tam fermosa  
 Se vende por vil ganho, e máo engano;  
 E a quem a segue, e ama he mais danosa?  
 Onde mais justo chamam o mór tyranno,  
 E a céga affeição, juizo certo,  
 E o teu entendimento te he mór dano?  
 Tenhas fé, tenhas lingua, e peito aberto,  
 Se te falta o mais baixo, e que mais val,  
 Como na cinza o fogo estás cuberto.  
 Quanto he mais justo, quanto mais igual  
 Dos mininos o jogo: será Rey  
 Quem o melhor fizer, prezo, quem mal!  
 Pois ó porque de ti não fugirey  
 Pôvo, e cruel, e cégo? que esperança  
 Me das? que nem mintir, nem servir sey.  
 Quem dos Ceos hum sossego bom alcança,

Mais

Mais não deseje: he livre, he Rey, he rico,  
E tem da vida a bemaventurança.

Que aproveita o que ajunto, o que edifico  
Por agoa, e fogo, pondo a vida a preço,  
Se quanto ajunto mais, mais pobre fico?

Porque a alma tam custosa a Deos, offereço  
Ao baixo ganho, se hum momento d'hora  
Como hãa sombra ao Sol desapareço?

Quanto vivem melhor os que estão fóra  
Contentes do que são, mais não desejam,  
Vivem dia por dia, hora por hora!

Sejam chamados ociosos, sejam:  
Bom he o ocioso, que do mal aparta,  
Inda qu'outros mais bens nelle não vejam.

Este desejo, que se nunca farta,  
Alli mais obedece á natureza,  
Que quer que o bem por todos se reparta.

Mais magnifica ás vezes he a pobreza  
D'hum, que os thesouros d'outro; a alta tenção  
Estima Deos; as obras vans despreza.

Tudo se torna em bem no que está são.  
O doce, e proveitoso amarga ao doente,  
Erra com cor de bem o pôvo vão.

Só andava Scipião, fugindo á gente,  
Então mais occupado, quando menos.  
Fabricio pobre só, Fabio paciente.

O campo ensina ser justo ós pequenos,  
Desprezador dos máos, só no bem forte,  
De si contente, e a si só fomenos.

Não acha, quando vem armada a morte  
Mais que o seu vil despojo, ó ferra, ó monte,  
Ditoso aquelle, a que cahiste em sorte?

Lá me escondas, lá onde ninguem conte  
Minhas ditosas horas, lá sem nome  
No Mundo coma o fruto, e beba a fonte.

Antes co duro arado a terra dome,  
 E della as más espinhas arrancando,  
 Do meu trabalho sancto exemplo tome.  
 Alma de mãos defejos apartando,  
 Nella, e na terra sans raizes plante,  
 Que vão fermoso fruto levantando.  
 A ti, Marilia, a ti, e ás Musas cante,  
 Alli meu todo, e teu, livre, e seguro,  
 Nada me offenda, nada turve, ou espante.  
 Em mim metido, e forte em meu bom muro,  
 Nem o exemplo do máo me mude ou dane,  
 Nem me seja do povo o riso duro.  
 Antes que eu erre, antes que m'engane,  
 A ti, Sá, figa: que me estás dizendo,  
 Fuge antes que o máo vulgo te profane.  
 A vós, ó castas Deosas, me encommendo.  
 Vós me livray em paz, vós me apartay  
 Onde convosco lédo esté vivendo.  
 E o voffo bom Francisco me mostray.

A D. SIMAM DA SYLVEIRA.

C A R T A X.

**D**Om Simão da Sylveira (este só nome  
 Passe por claro titulo, em quem Marte  
 Sempre igual honra, igual Apollo tome.)  
 As victoriosas armas a de parte  
 Do illustre sangue teu sempre esparzido,  
 Co sprito, e fim só posto em melhor parte:  
 Em quanto aos claros feitos mais devido  
 He o teu raro, e grave, e doce canto,  
 Em quanto do alto lume o meu vencido,  
 Nas brandas Musas, que tu honras tanto,  
 Mal o humilde meu verso se despeja

Fur-

Furtado hora a suspiros, hora o pranto.  
 Quem poderia ser qual se deseja?  
 Boa parte porém dá, quem dá a vontade,  
 Inda que a algũs de pouco fruito seja.  
 Porque, pois arde esta ditosa idade  
 Em outro novo fogo, em melhor lume,  
 Que já o Mundo encheo de claridade,  
 Terá tam dura força o máo costume  
 Que té ás suas leys os bons espiritos,  
 Que o Ceo livre nos dá, força, e consume?  
 Deixáram boa materia a altos escritos  
 Nossos Passados: não lhes tiro a fama,  
 Mais dados a bons feitos, que a bons ditos.  
 Mas se nos nasce agora hũa nova chãma,  
 Que a sua sombra alumia, quem accusa  
 A clara luz, e a sombra antiga inda ama?  
 Vê-se já Marte junto á branda Musa:  
 Dantes todo diamante, e malha, e acciro,  
 Sem esperar tempo, ou receber escusa.  
 Posto á fortuna todo aventureiro  
 Inigo de piadade, e de brandura,  
 Tal era o Capitão, e o Cavalleiro.  
 Eis já aquella brutal fereza dura,  
 Da branda humanidade temperada,  
 Que ás armas deu sua propria fermofura.  
 Eis Minerva de Marte namorada,  
 Elle ós seus brandos olhos mil perigos  
 Rompe co a forte lança, e aguda espada.  
 A Deosa canta, elle arde: em tanto imigos  
 Mil, e mil deixam armas, e bandeiras,  
 A soberbos feroz, brando ós amigos.  
 As fabulas antigas lisongeiras  
 Ao pio Troyano, ao Grego forte  
 Brandas Deosas não dão por companheiras?  
 Nem tudo á de ser ferro, e fogo, e morte.

Ociosa nos foy logo esta vida,  
 Se toda á-de pender de furia, e forte.  
 Aja a Razão lugar, seja entendida.  
 Fiquem aos Lioês a força, e a braveza,  
 Que em fim d'arte a grande Hydra foi vencida.  
 Manfosa nos criou a mansa Natureza.  
 Ira a guerra pario, ira armas géra.  
 Ira chamou á boa razão fraqueza.  
 Inda naquella idade inculta, e séra,  
 As forças toda dada, hum sprito raro  
 Piadoso templo ao brando Apollo erguêra.  
 Sancto DINIS na Fé, nas armas claro,  
 Da patria pay, da sua lingua amigo,  
 Daquellas Musas rusticas emparo.  
 Com mágoa o cuido, ah com mágoa o digo.  
 Como hum pôvo em seu bem sempre constante  
 Veo assi ser da sua lingua imigo?  
 Quem ao Grego deu voz, que soê, e cante  
 Tam altamente? quem ao bom Latino  
 Com que já Grecia iguale, e o Mundo espante?  
 Quem se não arte, e uso, hum só divino  
 Ingenho, que inflammado em novo fogo  
 Ousou roubar o canto peregrino?  
 Os Pastores primeiro em festa, e em jogo  
 D'espigas coroados em suas canas  
 Seus Deoses invocavam a seu vão rogo.  
 D'alli vem Nimphas, Faunos, e Dianas  
 Musas, Graças, e Venus, e os Amores,  
 Crescem co tempo as invenções humanas.  
 Eis despois Capitaês, e Emperadores  
 Entr'armas, e estandartes tam cantados,  
 Eis publicos theatros ós Cantores.  
 Não correm sempre os Ceos iguaes: seus fados  
 Teve já Grecia, e Roma; acabou tudo.  
 Perdêram-se os bons cantos cos estados.

Ficou o Mundo hum tempo frio, e mudo:

Veio outra gente, trouxe outra arte nova,  
Em que alçou hora som grave, hora agudo.

Chamou o pôvo á sua invenção trôva,  
Por ser achado consoante novo,  
Em que Hespanha téqui deu alta próva.

Eu por cêgo costume não me movo:

Vejo vir claro lume de Toscana,  
Neste arço; a antiga Hespanha deixo ao pôvo.

O doce Rima! mas inda ata, e dana,  
Inda do verso a liberdade estreita,  
Em quanto co som leve o juizo engana.

Não foy a consonancia sempre aceita  
Tam repetida, assi como a doçura  
Continua o appetite cheo engeita.

Mas soframo-la, em quanto húa figura  
Não vemos, que mais viva represente  
D'aquella Musa antiga a boa soltura.

Esta deu gloria á Italiana gente:

Nesta primeiro ardeõ cá o bom Miranda:  
Vivam Lasso, e Boscão eternamente.

Já com suas Nimphas Phebo entre nós anda,  
Já a lira a nossas sombras encordoa,  
Responde o valle, e o bosque á sua voz branda.

Porque mais Mantua, e Esmyrna que Lisboa,  
Se o claro Sol seu lume nos não nega,  
Terá (se s'arte usar) mayor coroa?

Aja estudo, aja uso, não aja cêga

Ousadia, na fonte beberemos,  
Donde o doce liquor mil campos réga,

Porque, ó Simão, porque não oufaremos,  
O que tantos oufaram? em tanta mingua  
Té quando descuidados viviremos?

Deo-nos o Ceo spritos, não nos mingua

Mais que mestre, e uso: Ferrara, ou Florença

Quam

Quam rica teve em seu começo a lingua?  
 Geralmente foy dada boa licença  
 As linguas: hūas ás outras se roubáram:  
 Só o bom sprito faz a differença.  
 Quantos antes de Homero mal cantáram!  
 Quanto tempo Sicilia, quanto Athenas,  
 Que despois tal som déram, se caláram!  
 Não criou logo Roma as altas penas,  
 Com que de boca em boca foy voando,  
 Iguaes fazendo ás armas as Camenas.  
 E nós inda estaremos duvidando?  
 E o vivo fogo, que se em nós levanta,  
 A outra lingua, ah crucis, iremos dando?  
 Docemente suspira, doce canta  
 A Portugueza Musa, filha, herdeira  
 Da Grega, e da Latina, que assi espanta.  
 Vá sempre victoriosa a alta bandeira  
 Ao som da nova lira, em paz, e em guerra,  
 Vá Lusitania, se puder, primeira.  
 O raro sprito, que da baixa terra  
 Ao Ceo voando vás aceso em gloria  
 Longe do cégo vulgo, que sempre erra:  
 Acrescenta dos teus á clara historia  
 Brandas Musas. Eu vejo o glorioso  
 Grá Conde encommendar-te sua memoria.  
 Clarissimo Luis, rayo lumioso,  
 Marte nas armas, Apollo entr'as Musas,  
 Mas por ti, Simão, inda mais ditoso.  
 Ao som da lira, de que tam bem usas,  
 Vay a verde Hera entretecendo o Louro,  
 Que já honrou Mantua, Esmyrna, e Syracusas.  
 Em ti nos mostra Apollo o seu thesouro.

## A O C O N D E D O R E D O N D O

D. F R A N C I S C O C O U T I N H O ,

R E G E D O R .

## C A R T A X I .

**I**lustre Conde, dentre mil eleito  
Pera a sancta justiça ter inteira  
Igual a todos no constante peito;  
Despois que de inñeis a alta bandeira  
Mil vezes victoriosa recolheste  
Na boa estrella, do teu sangue herdeira,  
Despois que a inveja com a fama venceste,  
E os claros nomes dos famosos Condes  
Não sey como inda mais esclareceste;  
E quanto foges mais tua gloria, e a escondes,  
Mais aos olhos se mostra, e inda á tua fama  
Com mais verdade, da que diz, respondes;  
Perdoa este furor meu, que me chama,  
E me leva após ti, como forçado  
A louvar, o que o Mundo louva, e ama.  
Não feste sem divino sprito dado  
A este regimento: no Ceo escrito  
Está todo conselho bem fundado.  
Fortaleza, e justiça estão no sprito;  
Serve o corpo sómente de instrumento,  
Quando obedece ao bom conceito, ou dito.  
Primeiro julga, e escolhe o entendimento  
O que fugir, o que seguir se deve;  
Nasce a obra conforme ao pensamento.  
Nem todo aquelle, que romper se atreve  
Pelo armado esquadrão, e agudas pontas,  
Da boa fortaleza o nome teve.

Quan-

Quantos mortos vamente ás suas mãos contas  
Mal prodigos das vidas! cégos de ira!  
Dá vagar á Razão, e lança contas.  
Aquelle, que a mór gloria, e fama aspira,  
Cuida o perigo, e o fim tam duvidoso  
Da ventura, que a tantos a honra tira.  
Tu vencedor, Francisco, o animoso  
Não julgas polas forças, e ousadia,  
Mas polo sprito de erro arrecesofo.  
Quem áquelle fermoso fim só guia,  
Que as claras obras dão, o corpo offrece  
Ousado onde perdê-lo he mór valia.  
Manda a razão morrer, lédo obedece;  
Véda a razão morrer, conserva a vida,  
Donde o perigo á alma, e honra empece.  
Está toda virtude em boa medida.  
Em tanto he justiça, e fortaleza,  
Em quanto a razão he obedecida.  
O contrario he injuria, e he fraqueza.  
Só no vencer o vicio está a victoria,  
Que o Mundo mal conhece, e só Deos preza.  
Mas depois nasce a tam fermosa historia,  
Que pera exemplo eterno ao Mundo dura,  
Dos que fazendo bem, deixão memoria.  
Aquella tam escondida fermosura  
Da verdadeira gloria á só virtude  
Se mostra, e dá na propria sua figura.  
Não ha falsa opinião, que a turve, ou mude,  
Do cégo vulgo, sempre em si constante  
Serve-se da doença, e da faude.  
He fraca ant'ella a força do Alifante,  
E do bravo Lião a ira espantosa,  
E a ligeireza da Aguia mais voante.  
Só hũa firme vonrade, hũa animosa  
Tenção de bem fazer a vence, e abraça,

Esta he sua prizão rica, e fermosa.  
 Nesta só acha paz, amor, e graça.  
 Esta ama, e louva, e honra, adora, e estima,  
 Não vozes vás da ociosa praça.  
 Ah quem me deffê tam suave rima,  
 Que podessê cantar a viva força  
 Da virtude, que em toda alma s'imprima?  
 Que perigo, ou medo ha, que a vença, ou torça?  
 Que espantos, que a espantem? que cadeas,  
 Que não quebre? que nós, que não destorça?  
 As claras agoas, que das limpas vêas  
 Correm, campos regando, enchendo rios,  
 Flores aos prados dando, ouro ás arêas,  
 Correndo vão seu curso por seus fios  
 Direitos té o mar, alli descansam,  
 Vencendo no caminho mil desvios.  
 Húas seguindo as outras nunca cansam,  
 A fonte sempre viva, sempre mana,  
 E ao caminhante a ardente sede amansam.  
 Que exemplo dão á natureza humana,  
 Que exemplo a terra, o mar, o ar, e o fogo,  
 Que tudo ao Mundo serve, e a ninguem dana!  
 Communica-se o bem, não espera rogo.  
 Não ha onde elle estí necessidade.  
 Amor he seu prazer, amor seu jogo.  
 Aborrece a mentira, ama a verdade.  
 Não tem imigo, todos são parentes,  
 Quantos veste húa mesma humanidade.  
 Não tem unhas, nem pontas, nem mãos dentes,  
 Todo he simpreza sam, e bom desejo.  
 Todo maõs liberaes, e diligentes.  
 Tal te temos, bom Conde, tal te vejo,  
 Sprito generoso, inteiro, e forte,  
 Livre de odio, d'amor, de medo, e pejo.  
 Pois te chamou nossa diosa sorte

Das armas á justiça, outra coroa  
 Espera, qual não gaste inveja, ou morte.  
 Favorecem os Ceos a tenção boa,  
 Dos homês mal, mas de Deos bem julgada;  
 Vence a verdade, vence, e fala, e loa;  
 E vem té dos imigos-fer louvada.

## A VASCO DA SYLVEIRA.

### C A R T A XII.

**P**oeta queres fer, e fer letrado?  
 (Diz hum roim, e ás vezes dous, e tres)  
 Poeta, e Senador grave chamado?  
 Que mór Chymera? que novo entremes?  
 Como s'entende o texto co soneto?  
 Como, em quanto tercetas, as leys vês?  
 Nesta contenda, neste duro reto  
 Que farey, ó bom Vasco da Sylveira?  
 A teu grave juizo me someto.  
 Não he esta, não temas, a primeira  
 Guerra, que padeceo hum sprito raro.  
 Vay, rompe, vence, alçada tua bandeira.  
 Nas mesmas Musas acharás emparo:  
 Achá-lo-ás em spritos generosos,  
 A quem o bom saber sempre foy charo.  
 Largos sejam teus dias, gloriosos,  
 Claro Sylveira, eu em mim não conheço  
 Tam raros doês, nem fados tam ditosos.  
 Ser chamado Poeta não mereço.  
 Poeta seja Maro, e seja Homero,  
 E seja o meu Horacio, a quem obedeço.  
 Mas aja hum ba-baro, hum inculto, e fero  
 Merecida reposta, aja vergonha,  
 Em quanto eu suas cores dar lhe quero.

A Aranha da boa flor faz má peçonha.  
 O estamago danado em mal converte  
 Qualquer que nelle bom liquor se ponha.  
 Quem nega que a malicia não soverte  
 O bom juizo? e que a ignorancia cega  
 Faz que nunca a verdade bem se acerte?  
 Tal he ó baixo sprito, e máo, que néga  
 Ajudar o bom ingenho a boa doutrina,  
 Quanto elle em mais estudos bons s'emprega.  
 Esta alma, que he dos Ceos cá peregrina,  
 Que dom mór recebeo, que a razão clara,  
 Por quem se faz tam alta, e tam divina?  
 A qual razão, se Deos não inspirára  
 Outra mór luz em nós do Ceo influyda,  
 Por quem sua escuridão se alumiára,  
 Quam cega, e escura fora nossa vida!  
 Quam incertos passos, os que cá andamos,  
 E a estrada do Ceo quam mal seguida!  
 Nós dos antigos troncos somos ramos,  
 Que secáram, perdendo sua virtude,  
 Que de hum divino tronco já cobramos.  
 Perdeo-se a vida, perdeo-se a faude  
 Com a luz natural, veo outra nova  
 Luz do alto Ceo, que nunca em nós se muda.  
 Esta, como mais clara, fez mór próva  
 No natural ingenho, e rudes artes,  
 Em que outro mór misterio se renova.  
 Cefsáram Joves, e cefsáram Martes,  
 Apareceo o Ceo claro, e fermoso,  
 Fermoso o Mundo em todas suas partes.  
 Pois se naquelle tempo perigoso  
 Assi escuro, assi triste, assi confusão  
 Não era o bom saber tam desditoso:  
 Louvava-se o bom ocio, e o bom uso,  
 Louvavan-se as boas artes; e o Tyranno

Avaro a hum bom ingenho era profuso;  
 Donde nos veo tal perigo, e engano  
 Em tempo, em que mayor luz esclarece?  
 Donde tanta malicia? tanto dano?  
 Como? o saber o ingenho assi escurece,  
 Que, por saber mais artes, menos sabe?  
 Como? o saber tanto a si mesmo empece?  
 Tam barbara razão não coube, ou cabe  
 Senão em rude sprito ao bem imigo,  
 A quem o saber mesmo tam mal sabe.  
 Olha o medo, senhor, olha o perigo,  
 Em que hum sprito raro, e bom se cria,  
 Que nem louvor lhe dão, nem acha abrigo!  
 Escuro, e triste foy aquelle dia,  
 Que ao saber, e ingenho hū juiz foy dado,  
 Que nunca ao claro Sol olhos abria.  
 Não obrigam estrellas, não ha fado;  
 Mas quem negará as claras influencias,  
 De que o inferior Mundo he governado?  
 A vontade governa as consciencias:  
 Eu assi o digo: em minhas mãos minh'alma,  
 Deixemos sombras vans, vans apparencias.  
 Mas hora o Mundo he todò fogo, e calma,  
 Hora regelo, e frio, e tem mudanças  
 Certas; mas delle terá certa a palma  
 Quem só no Ceo tiver suas esperanças.

A FRANCISCO DE SA' DE MENEZES.

C A R T A XIII.

**S**Ofrrera-se melhor húa Elegia  
 Branda d'Amor de ti tam bem cantado,  
 Quando FILIS tua doce frau a ouvia.  
 Mas fuja-se de Amor o vão cuidado.

Cantem de Amor , Francisco , os ociosos ,  
 Que inda o sprito não tem mais levantado.  
 Ah que effes fogos todos espantosos ,  
 Que pintaes , gente a voffo prazer dada ,  
 Vós mefmos mostraes bem fer fabuloſos.  
 Outro fogo he , o em que arde hũa magoadã  
 Alma , que s'acha só , onde ſe reparte  
 A honra com balança , e mão errada.  
 Quem ſofrerã que leve a melhor parte ,  
 Que ſe deve á razão , a diligencia ?  
 E que Mercurio vença a Apollo , e Marte ?  
 Tantas vezes provada a paciencia  
 Não deſesperará deſta juſtiça ?  
 E não trará mal quieta a ſãã conſciencia ?  
 Aquelle alto furor , que move , e atença  
 Hum grande ſprito , e o ergue a claros feitos ,  
 Quem o derriba mais , que hũa injuſtiça ?  
 Fez-nos noſſa fraqueza em fim ſogeitos  
 As eſperanças de honra , e premio juſto :  
 Tenha a honra , Senhor , juizes direitos.  
 O titulo de Magno , Pio , Auguſto  
 Nem a todos ſe dava , nem o herdou  
 No Mundo algum Tyranno cruel , e injuſto.  
 Cada hum teve o nome , que ganhou  
 Por ſua morte , a vida he liſongeira ,  
 Mas nunca o vulgo niſto ſ'enganou.  
 Dã ſe a coroa no fim da carreira.  
 E ha inda de vir publico hum dia  
 De publica juſtiça , e verdadeira.  
 Alli o repartidor , que repartia  
 Cuſtoſas honras , e vidas de tantos ;  
 Medido ſerã alli , como media.  
 Alli dos mal roubados , juſtos prantos ;  
 Alli dos bons ſpritos mal julgados ,  
 A juizes crueis tarãã eſpantos.

Porque não julgam letras os letrados?  
 Bons a bondade? e porque os Cavalleiros  
 De Cavalleiros não foram julgados?  
**Conselhem** no que entendem os Conselheynos:  
 E dos que entendem, quem melhor entende;  
 Julgue cad'hum em su'arte os companheiros.  
**Esta** he a justa ordem, que comprende  
 A boa parte da philosophia,  
 De que o bom regimento inda depende.  
**Affi** fica vencida a tyrannia,  
 (Não s'erre a cada hum seu proprio nome)  
 Affi floresce a sancta Monarchia.  
**Não** se cegue o bom Rey, não escolha, ou tome  
 Acafo, ou a montão; vença a verdade,  
 Sogue a inveja, e a malicia dome.  
**O** sancta paz! ó sancta liberdade!  
 O doce jugo do bom Rey prudente,  
 Que guarda esta justiça, esta igualdade!  
**Menos** se escandaliza, e menos lente  
 Negarem-lhe o que he seu hum raro sprito,  
 Que vê-lo dar a outrem cegamente.  
**Sobe** aos Ceos logo hum lastimoso grito,  
 Que alta justiça pede, alta vingança.  
 E fica logo lá o castigo escrito.  
**Não** aja erro, ou engano na balança.  
 Dar-se-am seus nomes a cad'hum devidos,  
 Seu premio aos bons livros, e á boa lança.  
**Descobrir** se-am por si rostos fingidos,  
 E mil titulos falsos, que roubando  
 Estam os premios d'outros merecidos.  
**S'o** fim do bom governo he ir conservando  
 Na Republica paz, e paz nos vem  
 De ir a justiça a todos igualando.  
**A** todos o Sol nasce, todos tem  
 Nelle sua parte igual; porque no Rey

Não terám sua parte igual tambem?  
 Porque, pois commum he a todos a ley,  
 Ha na justiça tanta differença,  
 Que inda premio me dão polo que errey?  
 Tenha, Senhor, a justa dor licença.  
 Que queres tu que faça hum livre peito,  
 Que não sabe fazer co tempo avença?  
 Assi estará cativo, assi fogueito,  
 Que té do entendimento seu se guarde,  
 Que não julgue quem vay torto, ou direito?  
 Quem não diz, fogo, fogo, se a casa arde?  
 Mas fique tudo a Deos, que vê bem tudo,  
 E sempre dá o remedio ou cedo, ou tarde.  
 Entre tanto he melhor ser cego, e mudo.

## DOS EPITAPHIOS.

A ELREY D. AFONSO ANRIQUES.

### E P I T A P H I O.

**P** Rimeiro Afonso sou, filho de Anrique;  
 Entr'armas, ante imigos Rey alçado,  
 Testemunha será o campo d'Ourique,  
 Onde vi a JESU Crucificado.  
 Esta alta gloria a meus herdeiros fique  
 Por mór que o Reyno por mi só ganhado;  
 Que a cruz, e as armas lhes deixey divinas  
 Pera vencerem sempre em cinco Quinas,

## A EL REY D. DINIS.

## EPITAPHIO.

**Q**uem he este de insignias diferentes  
 Cetro, e picão, e livro, e espada, e arado?  
 Este foy paz de Reys, e amor das gentes,  
 Grande Dinis, Rey nunca affaz louvado.  
 Outros foram nua só cousa excellentes:  
 Este com todas nobreceo seu cistado.  
 Regeo, edificou, lavrou, venceo,  
 Honrou as Musas, poetou, e leo.

## A EL REY D. JOAMI.

## EPITAPHIO.

**S**oberba sepultura, alta grandeza  
 Vês com espanto: lê a grande historia;  
 Lido seu nome, dirás que he baixeza  
 O que antes tinhas por heroica gloria.  
 Este he o Rey, que com sua fortaleza  
 Estes Reynos ganhou, e a boa memoria.  
 Foy gloria immortal dos Lusitanos,  
 Pranto, e terror fatal dos Africanos.

## AO INFANTE D. PEDRO

## REGENTE.

## EPITAPHIO.

**F**ilho segundo del Rey João primeiro,  
 Tio, e sogro del Rey Afonso Quinto,  
 Vês-me em premio do amor tão verdadeiro,

De pó cuberto, do meu fangue tinto.  
 D'ingratos morto, e em morte prifioneiro,  
 Lê minha triste historia, que não minto.  
 A fama dá de mim fé verdadeira.  
 Do injusto, e cruel odio Alferrobeira.

## A O M E S M O.

## E P I T A P H I O.

**P** Assa, amigo, não faibas a ventura  
 Cruel, que a hū triste Iffante aconteceo,  
 A quem inda a piadosa sepultura  
 Por lagrymas de tantos se vendeo.  
 Meus ossos estiveram em prisão dura,  
 Té que meu neto, e vingador nasceo;  
 Contra mim se quebráram fangue, e leys.  
 Aqui estou filho, sogro, e pay de Reys,

## A E L R E Y D. J O A M I I.

## E P I T A P H I O.

**A** Qui está o corpo sancto do Rey sancto,  
 Cujo sprito' no Mundo não cabia.  
 Amor dos bons, dos máos terror, e espanto,  
 A cujo nome Africa tremia.  
 Não lhe deixou a morte cruel ver quanto  
 Novamente do Mundo descobria.  
 Hora que já nos Ceos reyna, e repousa,  
 Confessa o Mundo ser-lhe pouca cousa.

## A EL REY D. MANOEL.

## EPITAPHIO.

**Q**uem não sabe a ventura, e forte estranha  
 De Manoel em tudo tam ditoso,  
 Que Principe jurado foy d' Hespanha  
 D'ambas casas do Sol Rey glorioso?  
 Aqui em conhecimento de tamanha  
 Fortuna, alçou a Deos tropheo famoso.  
 Do sancto Rey João seu primo herdeiro.  
 E pay do pio Rey Dom João terceiro.

## A O PRINCIPE D. JOAM.

## EPITAPHIO.

**E**M paz, e em guerra hũa esperança grande  
 Principe João, filho de João terceiro,  
 De Carlos genro, a que outro igual Deos mande,  
 Despojo de Joanna, e amor primeiro;  
 Dor, que o tempo, nem ella quer que abrande,  
 Dos tristes pays, e Rey unico herdeiro,  
 Cobre esta pedra moço em flor cortado,  
 Que mais podéra dar do que tem dado?

## A EL REY D. JOAM III.

## EPITAPHIO.

**A** Paz, a mansidão, a alta bondade,  
 Em que o Reyno viveo tão docemente,  
 Em quanto em guerra, em quanto em crueldade  
 A sancta Igreja ardia, e Christam gente:  
 A piadosa liberalidade,

Que

Que todo Mundo enchia até Oriente,  
Aqui estão co bom Rey, pay verdadeiro  
Da Religião, e lettras João terceiro.

A D. V A S C O C O U T I N H O

C O N D E D E B O R B A.

E P I T A P H I O.

**A** Qui o grã Capitão, e illustre Conde  
De Borba, leal Dom Vasco os pos enterra.  
O valeroso sprito lá está, onde  
Ganhou feu alto assento em sancta guerra:  
A fama ao claro nome não responde  
Igual, nem ao serviço os Reys da terra.  
Leal contra feu fangue, em armas forte.  
Nunca vencido, e vencedor da morte.

A O G R A N D E A F O N S O D ' A L B O Q U E R Q U E.

E P I T A P H I O.

**V** Ejo Alexandre, Cesar, Scipião;  
Quem he, o que em meo d'elles resplandece?  
Afonso d'Albuquerque, a quem elles dão  
Cada hum feu lugar, que bem merece.  
As grandezas de todos nelle estão;  
Quem os tres nunca vio, nelle os conhece.  
Tam liberal, tam casto, tam clemente,  
Triumphador glorioso do Oriente.

A ANTONIO DE SA' DE MENEZES.

E P I T A P H I O.

**D**Onas quem fois? Sciencia, Honra, Bondade.  
 E que fazeis? aqui nos enterramos.  
 Quem vos enterra? amor, e faudade.  
 De quem? d'Antonio, com que nos criamos.  
 Té quando? té que o Douro, e sua Cidade  
 Tenha outro abrigo, onde nos metamos.  
 Inda o pay vive, e vivirá o irmão;  
 Hay, nós choramos, porque mortaes são.

A J O A M C A M I N H A,  
 E D. PHILIPPA DE SOUSA

S U A M O L H E R,

AMBOS MORTOS, E ENTERRADOS NUM DIA.

E P I T A P H I O.

**N**Aó passes, Caminhante; hum pouco espera:  
 Duas almas, que em nó sancto Deos juntou,  
 Das quaes o amor hũa alma só fizera,  
 Juntas no mesmo amor Deos as chamou.  
 Cada hum sua vida pola d'outro déra.  
 Hũ d'outro a morte não vio, nem chorou,  
 O almas sanctas, bemaventuradas,  
 Nunca na vida, nem morte apartadas!

## A DIOGO DE BETANCOR.

## EPITAPHIO.

**A** Qui jaz Betancor, chorou-o a morte;  
 Chorou-o a morte, e suspirou-o a vida:  
 Antes lhe deu eterna vida a morte,  
 Antes s'elle devia a eterna vida.  
 Começo de sua vida foy a morte.  
 E nunca morte foy sua sancta vida.  
 A morte deixa a terra, a vida á fama.  
 O sprito ao Ceo, que taes spritos chama.

## A D. ANGELA DE NORONHA.

## EPITAPHIO.

**A** Qui d'húa part'o Douro, d'outra o Lima  
 Angela choram, seu prazer, e gloria.  
 Ella nos Ceos triumphá, e lá de cima  
 Mostrando a palma está de sua victoria.  
 Seja cantado sempre em prosa, e em rima  
 Seu nome, seu sprito, sua memoria.  
 Não choreis Nimphas, não choreis Amores;  
 Offerecei-lhe aqui versos, e flores.

## A' M E S M A.

## EPITAPHIO.

**A** Qui as Graças, Virtude, e Ferosura,  
 Arte, Saber, Grandeza, e Cortesia  
 Angela choram, que de sombra escura  
 Morte cobrio tanto antes de seu dia.  
 Ay falsas esperanças da ventura!

Quanto áquelle alto sprito se devia!  
 Mas não lhe era igual paga a baixa terra,  
 Que indignamente em si seu corpo encerra.

## A DONA ANNA DE TOAR.

## EPITAPHIO.

A Quella em vida morta na vontade,  
 No ponto, que a sancta alma desatou,  
 Vestida já de nova claridade,  
 Pondo aqui o mortal véo, aos Ceos voou.  
 Innocente Dona Anna, irmam d'Andrade,  
 Filha dos pays, que juntos Deos chamou,  
 Sanctos pays, sancta filha, sangue sancto!  
 Louva a Deos, Caminhante, deixa o pranto.

## A MARIA PIMENTEL.

## EPITAPHIO.

Quem jaz aqui? hum corpo, em que vivia  
 Húa alma sempre delle faudosa.  
 Que nome? e de que sangue? era Maria,  
 Dos claros Pimenteis planta ditosa.  
 Que bens possuyo cá? nella se via  
 Igual corpo fermoso á alma fermosa.  
 Quem perdeu tanto bem? O Mundo, e hum triste.  
 Que em vão suspita, em vão aos Ceos resiste.

A' M E S M A.

E P I T A P H I O.

**Q**ue choras? cres que he isso sepultura?  
 He thesouro de amor, e sanctidade;  
 Revolve a pedra: vês que fermosura?  
 Vês que novos finaes de claridade?  
 Esta he inda de fóra a vam pintura  
 Do sprito nunca visto em outra idade.  
 Julga pois, Caminhante, qual feria  
 Em tal corpo a sancta alma de Maria.

C A S T R O.

T R A G E D I A.

P E S S O A S D A T R A G E D I A :

*Castro.**Ama.**Choro das moças de Coim-  
bra.**iffante D. Pedro.**Secretario seu.**ElRey D. Afonso III.**Pero Coelbo.**Diogo Lopes Pacheco.**Messageiro.*

A C T O I.

*Castro.**Ama.**Choro.*

**C**olhey, colhey alegres,  
 Donzellas minhas, mil cheirosas flores;  
 Tecey frescas capellas  
 De lyrios, e de rosas; coroay todas  
 As douradas cabeças.

Espirem suaves cheiros,  
 De que s'encha este ar todo.  
 Soem doces tangeres, doces cantos.  
 Honray o claro dia,  
 Meu dia tam ditoso! a minha gloria  
 Com brandas liras, com suaves vozes.

*Am.* Que novas festas, novos cantos pedes?

*Cast.* Ama, na criação ama, no amor máy,  
 Ajuda-m'ao prazer.

*Am.* Novos estremos vejo.

Nas palavras prazer, agoa nos olhos.

Quem te faz juntamente leda, e triste?

*Cast.* Triste não pôde estar, quem vês alegre.

*Am.* Mistura ás vezes a fortunatudo.

*Cast.* Riso, prazer, brandura n'alma tenho.

*Am.* Lagrymas sinaes são da má fortuna.

*Cast.* Tambem da boa fortuna companheiras.

*Am.* A dor são naturaes. *Cast.* E ao prazer doces.

*Am.* Que força de prazer tas traz aos olhos?

*Cast.* Vejo meu bem seguro, que receava.

*Am.* Que novo caso foy? que bem te veo?

Porque me tens suspenfa?

Abre-me já, Senhora, essa alma tua.

O mal s'abranda, o bem contando-o cresce.

*Cast.* O Ama, amanheceo-me hum alvo dia.

Dia de meu descanso. Sofre hum pouco

Repetir de mais alto a minha historia,

Em quanto o sprito lêdo co a lembrança

De seu temor, de que já está seguro,

Ajunta ao mal passado o bem presente.

Daquelle grande Afonso forte, e sancto

Por poderosa mão de Deos alçado

Entre armas, ant'imigos o Real cetro

Do grande Portugal, que inda está tinto

Do sangue de infieis por seu bom braço,

Por legitima herança rege, e manda  
O bom velho glorioso da victoria,  
E nome do Salado, Afonso Quarto,  
Dos Reys de Portugal setimo em ordem,  
Filho do grande Dinis, de Isabel sancta,  
Ambos já no alto Ceo claras estrellas.  
Cuja alta casa, e acrecentado Imperio  
Pelos grandes avós, espera alegre  
Seu desejado herdeiro o Iffante Pedro,  
Meu doce amor, minha esperança, e honrá.  
Sabes como, em saindo dos teus braços  
Ama, na viva flor da minha idade,  
(Ou fosse fado seu, ou estrella minha)  
Cos olhos lhe acendi no peito fogo,  
Fogo, que sempre ardeo, e inda arde agora  
Na primeira viveza inteiro, e puro.  
Por mim lhe aborreciam altos estados.  
Por mim os nomes de Princezas grandes,  
Por tam grande me avia nos seus olhos.  
Hum tempo duro, mas em fim forçado  
Deu a Costança a mão, Costança aquella  
Por tantas armas, e furor trazida,  
Já quasi do seu fado triste agouro:  
Deu a Costança a mão, mas a alma livre,  
Amor, desejo, e fé me guardou sempre.  
Quantas vezes quizera honestamente  
Podê la dar a mim! quantas mais vezes  
S'arrependeo despois de se ver prezo!  
Não lhe apagou o amor a nova esposa;  
Não o tam festejado nascimento  
Do desejado parto: antes mais vivo  
Co tempo, e co desejo ardia o fogo.  
Que fará? se o encobre, então mais queima.  
Descobrí-lo nam quer, nem lhe he honesto.  
Mas quem o fogo guardará no seo?

Quem

Quem esconderá amor, que em seus sinaes.  
 A pezar da vontade se descobre?  
 Nos olhos, e no rosto chamejava.  
 Nos meus olhos os seus o descobriam.  
 Suspira, e geme, e chora a alma cativa  
 Forçada da brandura, e doce força,  
 Sogeita ao cruel jugo, que pezado  
 A seu desejo facodir deseja.

Não póde, não convem: a furia cresce.  
 Lavra a doce peçonha nas entranhas.  
 Os homês foge, foge a luz, e o dia.  
 Só passeia, só fala, triste cuida.  
 Castro na boca, Castro n'alma, Castro  
 Em toda parte tem ante si presente.  
 Elle á mulher cuidado, eu odio, e ira.  
 Arde o peito a Coftança em furor novo.  
 Nem me ousam descobrir, nem vedar nada.  
 D'antiga Casa Castro em toda Hespanha,  
 Já dantes do Real cetro deste Reyno  
 Por grande conhecida, inda meu fangue  
 Do Real fangue seu tinha grã parte.  
 Mas inda á natureza dobram força,  
 Arte ajuntando, e manha: elRey ao neto  
 Por madrinha me dá, comadre ao filho.

*Am.* Cegos, que quanto mais vedam, mais chamam.  
 Cresce co a força Amor: e o que á vontade  
 Se faz mais impossivel, mais deseja.

*Cast.* Em fim, fortuna, que me já chamava  
 Esta glória tã grande, quebra o nó  
 Daquelle jugo a meu amor contrario.  
 Leva ante tempo a morte a Iffante triste.  
 Herdo eu mais livremente o amor constante,  
 Que a mim se entregou todo, e todo vive  
 Na minh'alma, onde está seguro, e firme,  
 Já com doces penhores confirmado.

Mas

Mas o sprito inquieto cos clamores  
 Do povo, e rogos graves, que trabalham  
 Apartar est'amor, quebrar sua força,  
 Me traziam medrosa receando  
 A volta da fortuna, que hora amiga  
 Hora imiga cruel alça, e derriba;  
 Que sempre do mór bem, mór mal promette  
 Falsa, inconstante, cega, varia, e forte.  
 Lograva como a medo os meus amores.  
 Criava o grande amor desconfiança:  
 E a consciencia errada sempre teme.

*Am.* Quem te segurou já? quem novo sprito  
 Te deu aos temores? *Cast.* O meu medo.

*Am.* Contrarias cousas falas. *Cast.* O medo oufa  
 As vezes mais que o esforço: tomo os filhos  
 Co as lagrymas nos olhos, rosto branco,  
 A lingua quasi muda, em choro solta  
 Ant'elle assi começo: meu Senhor,  
 Soam-me as crueis vozes deste povo,  
 Vejo delRey a força, e imperio grave  
 Armado contra mim, contra a constancia,  
 Que em meu amor tégora tens mostrado.  
 Não receo, Senhor, que a fé tam firme  
 Queiras quebrar a quem tua alma déste;  
 Mas receo a fortuna que mais possa  
 Com seu furor, que tu com teu amor brando.  
 Por estes minhas lagrymas, por esta  
 Mão tua, que em final de fé me déste,  
 Pelos doces amores, doce fruto,  
 Que delles tens diante, se me debes  
 Amor igual ao meu; ou se algú' hora  
 Fui a teus olhos vista alegre, e doce,  
 Me segures, me guardes, me conserves  
 Contra os duros mandados de teu pay,  
 Contra importunas vozes dos que podem

Mudar acaſo teu conſtante peito.  
 Ou quando minha eſtrela, e cruel genio  
 Te puder arrancar deſt'alma minha,  
 Com teu armado braço envolta em ſangue  
 M'arranques deſte corpo, que não veja  
 Tam tritte dia, tam cruel mudança;  
 Eu tomarey por doce a minha morte:  
 Por piadoſo amor, tal crueldade.

*Am.* Moveſte-me a alma, e os olhos.

*Caſt.* Affi diſſe. Elle então lançando os braços  
 Eſtreitamente em mim, mudado todo  
 Em vão trabalha de encobrir a mágoa  
 De meu temor, e lagrymas. E póde  
 O Dona Ines, me diz, póde teu peito  
 Conceber tal receo? aquelle dia  
 Primeiro, que te vi, não moſtrou logo  
 Que eſta minh'alma á tua ſó ſe deve:  
 Por ti a vida me he doce, por ti eſpero  
 Acrecentar imperios: ſem ti o Mundo  
 Duro deſerto me pareceria.

Não poderá fortuna, não os homês,  
 Não eſtrelas, não fados, não planetas  
 Apartar-me de ti por arte, ou força.  
 N'eſta tua mão te ponho firme, e fixa  
 Minh'alma; por Iſſante te nomeo,  
 Do meu amor Senhora, e do alto eſtado,  
 Que me eſpera, e teu nome me faz doce.  
 O grande movedor dos Ceos, e terras  
 Invoco, e chamo aqui: o alto Ceo m'ouça,  
 E meu intento ſancto approve, e cumpra.

*Am.* Entendo o teu prazer, as tuas lagrymas.  
 Tambem de prazer choro: tam contraria  
 Nos he ſempre a alegria, que inda toma  
 Lagrymas empreſtadas á triſteza.

*Caſt.* Já não temo fortuna, já ſegura,

**E** léda vivirey. *Am.* No Real sprito

Não se deve esperar leve mudança.

Ajuda tua estrella co bom siso.

Muitas vezes a culpa empece ao fado.

Prudencia, e bom conselho o bem conserva:

A soberba o destrue, e em grã mal muda.

*Cast.* Rege tu, ama minha, este meu peito.

O subito prazer engana, e erra.

*Am.* Encobre teu segredo. *Cast.* N'alma o tenho.

*Am.* Deos to conserva. *Cast.* Humilde aos Ceos o peço.

*Isfante.*

*Choro.*

**P**Oderoso Senhor, grã pay do Mundo,  
 Cujo poder immenso, altas grandezas  
 Cantam os Ceos, a terra, os elementos,  
 A cujo aceno treme a redondeza,  
 A cujo querer nada he impossivel,  
 Fortalece meu peito, arma-me todo  
 De paciencia igual á dura afronta.  
 Soffega os alvoroços deste povo,  
 A furia de meu pay, que em vão trabalha  
 Arrancar me minh'alma donde vive.  
 Sou humano, Senhor: tentações grandes  
 Vencem animos fortes.  
 Ferve o fangue, arde o peito, cresce-me ira  
 Contra quem me persegue: tu me amansa.  
 Não poderey soffrer, não poderey  
 A dura pertinacia, o cruel odio,  
 Que ao meu doce amor mostram.  
 Vence a dor a razão: vence Amor força.  
 Tu conserva, alto Deos, a prometida  
 Fé, a quem já de lá dar-ma mandaste.  
 Tudo de ti procede: sem ti nada  
 Se move cá na terra. Quem entende  
 Teus meos, e teus fins, e teus segredos?

Quan-

Quantas vezes mal he, o que bem parece!  
 Quantas vezes o mal causa bens grandes!  
 Quanto tempo soffreste o grande Afonso  
 No nome de Bolonha celebrado,  
 Que novas torres ajuntou ás Quinas,  
 Dura força fazendo ao matrimonio,  
 Contr'as divinas leys, contra as humanas!  
 Quem então não chorava a crueldade  
 Contra o primeiro amor? e quem calava  
 A dura pertinacia do segundo?  
 Mas tu querias dar ao Mundo o grande,  
 Forte, prudente, e sancto, hum só Dinis  
 Paz, e concordia entre altos Reys, que Reynos  
 Deu, e tirou; em armas claro, e em letras.  
 Eu de seu sangue, de seu estado herdeiro,  
 Porque do meu amor tam mal julgado  
 Nam esperarey grandezas? velas-ey,  
 Velas-ey de ti, Castro; vive leda,  
 Vive segura, lança os medos fóra,  
 Que antes morte, que vida sem ti quero.  
*Ch.* Não he desculpa ao mal, outro mal grande.  
 Quam danoso he no Mundo hum máo exemplo!  
 Mas não póde assi ser a Razão cega,  
 Que o que reprende em outro, em si o aprove.  
 Cada hum levar-se deixa da vontade.

*Secretario.*

*Iffante.*

*Choro.*

**Q**uem ajuntar poder com agoa o fogo,  
 Quem misturar co dia a noite escura,  
 E quem o máo peccado com a virtude,  
 Este no amor ajuntará razão,  
 Este em falsa lisonja a lealdade.  
 Hum o amor não sofre, outro a virtude.  
 E eu destes ambos venho agora armado.  
 Não sey se poderey vencer com elles.

S'al-

S'algum sprito bom me quizesse hora  
 Ajudar lá dos Ceos, e aqui acabasse  
 Esta vida; que fim mais glorioso  
 Que polos Ceos deixar a baixa terra,  
 Antes que por temor honra, e verdade?  
 Aquelle he que lá vejo pensativo;  
 Deos m'inspire que diga sem temor.  
 Confiança ha mister, e animo livre  
 Quem quizer resistir ao máo proposito  
 Do Principe, em que está determinado.  
 Mas deixar de o fazer he vil fraqueza.

*Iff.* Que dirás, Secretario, a tam grá força  
 Como querem fazer a esta minh'alma?

*Secr.* Senhor, mas antes querem dar-ta livre  
 Donde está tam forçada, e tam cativa.

*Iff.* Arrancam-me as entranhas, que me querem?  
 Esta gente que quer, que assi me mata?

*Secr.* Querem-te só, e procuram-te tua honra.  
 E quebrar daqui as añas á fortuna  
 Que contra ti não teñha nunca forças.

*Iff.* Mas antes lhas vão dando quanto podem,  
 Procurando apartar me donde vivo.

*Secr.* Se te visses, Senhor, verte-yas morto:  
 Verte-yas cego, em quanto homem não vive  
 Com su'alma propria, póde a tal ser vida?

*Iff.* Tambem tu me persegues? tambem vens  
 Afiado cortar-me estas raizes,  
 Que no meu peito já tam firmes tenho?

*Secr.* Piadosa obra faz ao que está prezo  
 Quem as prisoões lhe corta, e as más cadeas?  
 Oh clarissimo Iffante, meu Senhor,  
 Muito ha que me conheces, teus segredos  
 De mim com razão sempre confiaste.  
 Nunca te descobri as zombarias,  
 Nunca descobrirey o menor delles.

D'hũa parte me tens por Secretario ;  
 Mas d'outra me has de ter por Confelheiro.  
 Comprirey eu contigo , e co que devo :  
 Então venha tua ira , que eu não quero  
 Melhor morte , que aquella , que de infamia  
 Livrar a vida , e a alma de perigo.  
 Não vês , Senhor , que o Sol , se escurecessê ,  
 Quanto cobre , e descobre , ficaria  
 Tam triste , e escuro , como agora claro ?  
 Pois tal he o bom Principe : Sol nosso ,  
 Com cuja luz nos vemos , e seguimos  
 A justiça , que aos Ceos nos vay levando.  
 Se s'esta em ti perder , onde a acharemos ?  
 Quem a virtude seguirá , quem honra ?  
 Abateres-te assi de Principe alto  
 A pensamentos baixos , que s'estranham  
 Nos homês baixos , parecer te pôde  
 Grandeza de ti digna ? e do que debes  
 A este estado tam alto , que te espera ?

*If.* Quem tam livre te faz , e tam ousado ?

*Secr.* Amor , e lealdade esta ousadia

Me dão : dá-ma a Razão , que tem tal força ,  
 Que inda que se não figa , não se nega.  
 Lá dentro em ti te vejo estar sentindo  
 Em teu animo Real , e generoso  
 Quasi huma reverencia , a que te move ,  
 Inda que com desgosto , a sam verdade.  
 Não me queres ouvir , mas bem me julgas.  
 Move-te o zelo honesto , a fé tam pura.  
 Deixa-te reprender de quem bem t'ama ,  
 Que ou te aproveita , ou quer aproveitar-te.  
 Não recebas enganos de quem teme ,  
 Ou deseja , ou espera , á custa tua ,  
 De tua honra , e dos teus , que a tantos mata.  
 Louvas tu , ou alguem louvará aquelle ,

Que

Que podendo illustrar a gloria antiga  
De seus passados com mór honra, e fama,  
Náo fõmente o não faz, mas escurece  
Daquella luz antiga o claro rayo?

*Iff.* Mas antes não viver merecia esse,  
Antes não ser nascido: que a Aguiã vemos  
Os filhos engeitar, que ao Sol não olham.

*Secr.* E que dirás, que julgarás daquelle,  
Que em vez de se armar bem contr'a fortuna,  
Causas anda buscando de a ter sempre  
Contraria a sua vida, e seu estado?

*Iff.* Quem não teme a fortuna, e não procura  
De contr'ella se armar, tê-la-a imiga,  
Que aos que se lhe mais dão, sempre persegue.

*Secr.* Julgaste-te a ti mesmo. *Iff.* Em que? ou como?

*Secr.* Aquelle claro sangue, aquelle nome  
Heroico, tam alto, e em todo o Mundo  
Honrado, e conhecido dos Reys grandes,  
De cujo tronco vens, não fica escuro  
Misturado com outro differente  
Dos que foram nascidos, e criados  
Pera humildes sofrerem teu Real jugo,  
Obedecendo ao Imperio, e aos acenos?  
Despois disto não vêes o grã desprezo,  
Em que serás aos teus? o grã perigo  
Em que poés este Reyno, co a soberba  
De poucos, que ergues tanto, e tanto podem  
Com teu favor, que mostram já desprezo  
A quem devem mostrar acatamento?

Que cousa mais destrue o Rey, e Reyno?

Que cousa cria mor desprezo, e odio

Que vê-lo fogeitar-se a cousas baixas?

Que vê-lo ser mandado de seus vicios?

Com que rosto, Senhor, darás castigo

Aos que allí commetterem, o que commettes?

Como conservarás a obediencia  
 Sancta devida aos pays, pois tu a negas  
 Aos teus nõ que te pedem justamente?  
 Memoria deixarás de máo exemplo  
 A teus filhos: darás licença larga  
 A Reys, que isto souberem: ao Mundo causa  
 D'escurecer teu nome pera sempre.

De hum mal vê quantos males nascem logo:  
 Todos sobre ti caem: Senhor, vê-te.

Conhece-te melhor: entra em ti mesmo.

Verás então o porque te importunam,  
 O que te pede elRey, o que teu povo.

*Cb.* Conselheiro fiel, ousado, e forte  
 Feriste co a razão a alma, que dura  
 Os olhos em vão cerra.

*Iff.* Eu não sou, nem fuy nunca qual me julgas,

Ou qual me julgaes todos. Outros olhos  
 Differentes dos vossos são os meus,

Com que me vejo; e vejo que o que faço,  
 Não he tamanho mal, como vós vedes.

Eu não faço erro algum: figo o que o sprito  
 Me diz, e me revela, a quem eu creio.

Cos Principes tem Deos outros segredos,  
 Que vós não alcançaes, e como cegos

Nos juizos erraes de seus mysterios.

Olhay esta molher, vede o que ha nella.

D'hum sangue nos formou a natureza:

Real he, de Reys vem, de Reys he digna.

Do Mundo quísera eu ser só Monarcha,

Monarcha de mil Mundos, pera todos

Debaixo dos pés pôr, de quem tanto amo.

Muy baixa me parece esta coroa

Pera aquella cabeça Olha o que mando:

Tu jámais me não fales em tal cousa.

Meus duros pays não curem de cansar me;

Porque nem posso nisso obedecer-lhes,  
 Nem em o não fazer desobedeço.  
 Arranquem-me a vontade deste peito,  
 Arranquem-me do peito est'alma minha,  
 Entam acabarám o que começam.  
 Não cuidem que me posso apartar donde  
 Esteu todo, onde vivo: que primeiro  
 A terra subirá onde os Ceos andam,  
 O mar abraçará os Ceos, e terra,  
 O fogo será frio, o Sol escuro,  
 A Lua dará dia, e todo Mundo  
 Andará ao contrario de sua ordem  
 Que eu ó Castro, te deixe, ou nisso cuide.  
 Dey-te alma, dey-te fé, guardá-la-ey firme.  
 Confio isto de ti, não mo descubras.

*Secr.* Oh Senhor, que me matas! Deos quísera  
 Que nunca merecêra honra tamanha.  
 Pois me põem em perigo de deshonra.  
 Seguir tua vontade, he destruir-te,  
 Destrui este Reyno, e teu pay triste:  
 Querer-te apartar della he impossivel.

*Iff.* Sigue minha razão, minha vontade.

*Secr.* Não te vejo razão, vejo vontade.

*Iff.* Sigue a vontade, que forçar não podes.

*Secr.* Manda-me o que te devo que a não figa!

*Iff.* Queres mandar teu Principe? *Secr.* Mas sirvo.

*Iff.* Obedece ao que quero. *Secr.* Manda o justo.

*Iff.* Deos só me julga. *Secr.* E a razão te obriga.

*Iff.* Livre á de ser hum Principe. *Secr.* Cativo

He, quem de si se vence.

*Iff.* Inda importunas?

*Secr.* Se te não conselhar, meus são teus erros.

*Iff.* Eu te livrarey delles. *Secr.* A Deos temo.

Tu no corpo só podes, elle n'alma.

Eu aconselhar-te posso, forçar não.

Testemunha me he Deos: e tu tambem.  
 Amor em ti só reyna, amor te manda  
 Peçonha doce d'alma, d'honra, e vida.  
 Mas porque te não movem tantos choros  
 Da Rainha tua mãy? os tantos rogos  
 D'elRey teu pay? os tam leaes conselhos  
 De quantos a teus pés estão lançados,  
 Pedindo te piedade d'este Reyno,  
 Que ameaçado está assi da fortuna?  
 Não te declararás por honra tua,  
 E prova pera o Mundo, que t'infama  
 Com nome de peccado pertinaz?  
 Eu choro de assi ver hũa molher fraca  
 Mais forte contra ti, que quantas forças  
 De Deos, do Mundo estão por ti tirando.

*1.<sup>ff.</sup>* O perseguição forte, ó odio estranho!  
 O duros fados todos conjurados  
 Cos Ceos, e com as estrellas a perder-me!  
 Que me quereis? que sem razão vos faço  
 Homês d'entranhas féras, e danadas,  
 Em ter igual amor a quem mo tem?  
 A quem he tam devido? quem o Mundo  
 Todo merece ter, e inda he pequeno?  
 Homês, que procuraes meu mal, e morte,  
 Vede bem o que eu vejo: que alto imperio  
 Daquelle Real rosto não será  
 Honrado, e acrecentado? aquelle rosto,  
 Que tanto aborreceis, que Mundos pede!  
 Que estados, que grandezas, que triumphos!  
 Em corpo tam fermoso a fermosa alma  
 Tam sancta, tam honesta, casta, e pura  
 Que tacha podeis dar? ou que virtudes,  
 Que graças das mais raras, e excellentes  
 Não achareis em tudo, quanto mostra?  
 Póde ser mais crú odio, e mais injusto?

Póde ser mór inveja, e mais sem causa?

*Chor.* O quam perigoso he qualquer principio  
De mal, que hum só descuido póde tanto,  
Que traz hum animo alto a tal baixeza!

*Iff.* Para onde fugirey, porque me deixem?

*Secr.* De ti ás de fugir, por teu remedio.

*Iff.* Não me valerá já ver que não posso?

*Secr.* Tu mesmo te puzeste em tal fraqueza.

*Iff.* Não quero, nem desejo arrependerm-me.

*Secr.* Accrescentas o erro co a vontade.

*Iff.* S'he erro, como dizes, não ouve outros?

*Secr.* Ouve, mas todavia foram erros.

*Iff.* Desculpem-me outros Reys, e Emperadores.

*Secr.* Como o farám, pois a si não pudéram?

*Iff.* Não me perfigas mais. *Secr.* O mal perfigo.

*Iff.* Hum Principe de hum Reyno tam cativo

A de ser, que não faça o que costuma

Qualquer do povo seu. *Secr.* Hum Principe antes

A de ter seu sprito tam alçado

Da terra, que della erga o pensamento

Ao baixo povo seu, pera que o siga.

Sprito á de ser puro: hum ouro limpo,

Sem fézes, e sem liga: exemplo claro

De fortaleza, mansidão, e justiça.

*Iff.* Vay-te diante mim, fuge minha ira.

*Secr.* Quem governará hũa vontade livre,

Que outro Senhor não tem, senão a si mesma?

*Choro I.*

**Q**Uando Amor nasceo,  
Nasceo ao Mundo vida,  
Claros rayos ao Sol, luz ás estrellas.  
O Ceo resplandeceo,  
E de sua luz vencida  
A escuridão mostrou as cousas bellas.

Aquella, que subida  
 Está na terceira esphéa,  
 Do bravo mar nascida  
 Amor ao Mundo dá, doce amor géra.

Por amor s'orna a terra  
 D'agoas, e de verdura,  
 As arvores dá folhas, cor ás flores.  
 Em doce paz a guerra,  
 A dureza em brandura,  
 E mil odios converte em mil amores.  
 Quantas vidas a dura  
 Morte desfaz, renova:  
 A fermosa pintura  
 Do Mundo, Amor a tem inteira, e nova.

Ninguem tema seus fogos,  
 E chammas furiosas.  
 Amor he tudo, amor suave, e brando,  
 Sogeito a brandos rogos,  
 As agoas amorosas  
 Dos olhos com brandura está alimpendo.  
 Douradas, e fermosas  
 Sétas n'aljaba soam  
 A vista perigosas;  
 Mas amor levam, dos amores voam.

Amor em doces cantos,  
 Em doces liras soe,  
 Torne seu brando nome est'ar sereno.  
 Fugam mágoas, e prantos,  
 O lédo prazer voe,  
 E claro o rio faça, o valle ameno.  
 No terceiro Ceo toe  
 D'amor a doce lira,  
 E de lá te coroe  
 Castro, d'ouro o grá Deos, que amor inspira.

## Choro II.

Antes cégo Tyranno  
 Dos poetas fingido,  
 Cruel desejo, e engano  
 Deos de vam gente, de ocio só nascido.  
 Geral estrago, e dano  
 Da gloriosa fama,  
 Com sua séta, e chamma  
 Tirando a toda parte  
 Ardendo fica Apollo, ardendo Marte.  
 Vay pelos ares voando;  
 Arde cá toda a terra,  
 E d'aljaba soando  
 O tiro empece mais, quanto o mais erra.  
 Tem por gloria yr juntando  
 Estados differentes:  
 Os mais convenientes  
 A Amor, e iguaes aparta.  
 Nunca de fangue, e lagrymas se farta.  
 No tenro, e calto peito  
 Da moça vergonhosa,  
 Tempo esperando, e geito,  
 Entra com força branda, ou furiosa.  
 O fogo já desfeito  
 Da cinza outra vez cria,  
 No frio fangue, e fria  
 Neve outra vez se acende.  
 Dos olhos no meo d'alma o rayo prende.  
 Dalli sua peçonha  
 Vay por todas as veas.  
 A alma dormente sonha  
 Em seu engano, e tece doces teas.  
 Foge a casta vergonha.  
 Foge a constancia forte.

Entra tristeza, e morte  
 Debaixo da brandura,  
 Que a razão mata, o coração endurece.  
 Quem a ferrada maça  
 Ao grande Alcides toma?  
 E quer que assi aos pés jaça  
 Da moça, feito moça, quem liões doma?  
 Quem da espantosa caça  
 Os despojos famosos  
 Lhe converte em mimosos  
 Trajos de Dama, e o uso  
 Das duras mãos lhe põem no brando fuso?  
 Jupiter transformado  
 Em tam varias figuras,  
 Deixando desprezado  
 O Ceo, quam baixo o mostram mil pinturas!  
 Poderosas branduras,  
 Que assi as almas convertem  
 No que amam! assi fovertem  
 Por manha a grande alteza  
 Do sprito, que s'enterra em vil fraqueza!  
 De que outro fogo ardia  
 Dos Teucros a alta gloria?  
 De que deixou historia  
 Tam triste ao Mundo Hespanha a forte, e pia?  
 Amor cego vencia.  
 Amor cruel matava.  
 Hum moço triumphava  
 De tanto sangue, e vidas  
 Por hum vão appetite mal vendidas.  
 Ditoso, ó quam ditoso!  
 Quem o seu peito armou  
 Contra o rayo furioso:  
 Ou em alçando as chammas o apagou!  
 Poucos, que Deos amou,

Dos Ceos tanto alcançaram.  
 E mil, e mil choráram  
 Do vão contentamento  
 Ao cego Iffante seu rependimento.

## A C T O II.

*ElRey D. Afonso IIIII.      Pero Coelbo.*  
*Diogo Lopes Pacheco.      Conselheiros.*

**O** H cetro rico, a quem te não conhece,  
 Como és fermoso, e bello! e quem soubesse  
 Bem quam differente és do que promettes,  
 Neste chão que te achasse, quereria  
 Pisar-te antes cos pés, que levantar-te.  
 Não louvo, os que se louvam por imperios  
 A ferro, fangue, e fogo destruirer,  
 O seu proprio estendendo: mas aquelles  
 (O grandeza espantosa, e animo livre!)  
 Que tendo-os muito grandes, os deixáram.  
 Mór alteza, e mór animo he as grandezas  
 Desprezar, que aceitar: e mais seguro  
 A si cada hum reger, que o Mundo todo.  
 O resplendor deste ouro nos engana.  
 E he terra em fim, e terra a mais pesada.  
 De hũa alta fortaleza estamos sempre  
 Postos por atalayas á fortuna:  
 Por escudos do povo, offerecidos  
 A receber seus golpes; não fazê-lo  
 He usar mal do cetro, e bem fazê-lo  
 He não ter vida mais segura, e certa,  
 Que quanto estes perigos nos promettem.

*Cons.* Gloriosos perigos, e trabalhos,  
 Oh bemaventurados, pois te sobem  
 Da coroa da terra a que nos Ceos

Mais rica , mais gloriosa te darám.

*Pach.* Trabalho mais que estado tem os Reys ,  
Os bons Reys , que não amam assi seus vicios ,  
Como as obrigações de se mostrarem  
Contra si mais izentos , e mais fortes  
Que o povo baixo , que anda só apôs elles.  
E tal Rey como tu , Senhor , he Rey.  
Não te peze de o ser , que virá tempo ,  
Que te ajam mais inveja a effes trabalhos  
Sofridos com paciencia , e bem regidos ,  
Que a victorias famosas com grã perda  
De homês , e de riquezas mal ganhadas.  
Isto faz os Reys grandes , dignos sempre  
De memoria immortal ; sofrer trabalhos  
Polo publico bem , quebrar a força  
Do sangue , e proprio amor ; fazer-se exemplo  
De todo bem ao povo , atalhar prestes  
O mal em seu começo , antes que empeça.  
Despois nem forças bastam , nem conselho.  
Atalhando a este mal , que t'assi agora  
Tam trabalhado traz , ficarás livre ,  
Rindo te da fortuna , e de seus medos.

*Rey.* Vence o mal ao remedio. Vejo o Iffante  
De todo contra mim determinado ,  
Duro a meus rogos , mais duro aos mandados.  
Que estrella foy aquella tam escura ?  
Que mão signo , ou que fado , ou que planeta ?

*Pach.* Em quanto ha occasião , dura o peccado :  
Tirando lha , ey lo livre. *Rey.* Forte cousa  
Endurecer se assi aquella vontade !

*Pach.* Endureça-se a tua com justiça.

*Rey.* Duro remedio ! quanto melhor fora  
Amor , e obediencia ! meus peccados  
Quam gravemente sobre mim cahíram !

*Conf.* Senhor , pera que he mais ? moura esta dama.

*Rey.*

*Rey.* Que moura todavia? *Pach.* Senhor moura  
Por salvação do povo. *Rey.* Não he crueza  
Matar quem não tem culpa? *Conf.* Muitos podes  
Mandar matar sem culpa, mas com causa.

*Rey.* Com que cor, com que causa esta matamos?

*Pach.* Não basta que em sua mo te só se atalham  
Os males, que sua vida nos promette?

*Rey.* Ella que culpa tem? *Pach.* Dá occasião.

*Rey.* Oh que ella não a dá, o Iffante a toma.

Que ley ha, que a condene, ou que justiça?

*Conf.* O bem commum, Senhor, tem taes larguezas  
Com que justifica obras duvidosas.

*Rey.* Assi que assentaes nisto? *Conf.* Nisto: moura.

*Pach.* Moura. *Rey.* Hũa innocente? *Conf.* Que nos mata!

*Rey.* Não averá outro meo? *Pach.* Não o temos.

*Rey.* Me ê-la-ey num Mosteiro. *Conf.* Ey-lo queimado.

*Rey.* Mandá-la ey deste Reyno. *Conf.* O amor voa.

Este fogo, Senhor não morre logo.

Quanto lhe mais resistes, mais s'acende.

Contra Amor que lugar darás seguro?

*Rey.* Matá-la he cruel meo, e riguroso.

*Pach.* Não vês, não ouves quantas vezes morrem

Muitos, que o não merecem? Deos o quer

Polo bem, que se segue. *Rey.* Deos o faça,

Cuja vontade he ley, e a minhã não.

*Pach.* Essa licença tem tambem os Reys,

Que em seu lugar estão. *Rey.* Antes não tem

Licença pera mais, que quanto pede

A razão, e justiça: a mais licença

He barbara crueza de infieis.

*Pach.* Pois que dirás daquelles, que a seus proprios

Filhos, e a seu amor não perdoáram

Polo exemplo commum, e bem do povo?

*Rey.* Aos que o bem fizeram, hey inveja.

Os outros nem os louvo, nem os figo.

- Conf.* Inda que ouvesse excessos , todavia  
Mais males atalháram , dos que deram.
- Rey.* Não se ha de fazer mal por quantos bens  
Se possam dahi seguir. *Conf.* Nem bem nenhum ,  
De que se figam males. *Rey.* Mal parece  
Matar hñia innocente. *Pach.* Não he mal :  
Que a causa o justifica. *Rey.* Antes Deos quer  
Que se perdoe hum máo , que hum bom padeça.
- Conf.* O bem geral quer Deos que mais s'estime ,  
Que o bem particular. Nas circumstancias  
Se salvam , ou se perdem as obras todas.
- Rey.* Enganáo-se os juizos muitas vezes.
- Conf.* Os dos Reys bem fundados Deos inspira.
- Rey.* Ey medo de deixar nome de injusto.
- Conf.* De justo o deixarás , pois te conselhas  
Cos juizos dos teus leaes prudentes.
- Pach.* Vês , poderoso Rey , vês cos teus olhos  
A peçonha cruel , que vay lavrando  
Gerada deste amor cego : vês quanto  
A soberba , e desprezo destes homês  
Contra ti , e contra todos vay crescendo.  
S'em tua vida nos tememos tanto ,  
Que faremos despois de tua morte ?  
Por dar saude ao corpo , qualquer membro  
Que apodrece , se corta , e pelo são ,  
Porque o são não corrompa. Este teu corpo ,  
De que tu és cabeça , está em perigo  
Por esta mulher só : corta-lh'a vida ,  
Atalha esta peçonha , tê-lo-ás salvo.  
Medico , Senhor , és desta República.  
O poder , que tem o Medico num corpo ,  
Tens tu sobre nós todos : usa d'elle.  
Se te parece em parte isto crueza ,  
Não he crueza aquella , mas justiça ,  
Quando de cruel animo não nasce.

Tua tenção não pecca, em si se salva.  
 A aspereza dest'obra he medicina,  
 Com que s'atalham as mortes, que adiante  
 Muitos he que por força te mereçam.  
 A clemencia por certo he grã virtude,  
 E digna mais dos Reys, que outras virtudes;  
 Polo perigo grande, que ha na ira,  
 Em quem tam livremente assi a executa:  
 Mas com esta o rigor he necessario,  
 Por não vir em desprezo tal virtude.  
 Este he o que se chamou severidade,  
 De que tantos exemplos nos deixáram  
 Os famosos Romanos em paz, e guerra.  
 Estas columnas ambas são tam fortes,  
 Que bemaventurado este teu Reyno,  
 Que nellas por ti só está tam fundado.  
 De tal modo, Senhor, ás de usar dellas,  
 Que hũa vá sempre d'outra acompanhada.  
 Exemplos tens mostrado de clemencia,  
 Mostra agora, que he bem, severidade.

*Rey.* A parte, que me cabe deste feito,  
 Eu a ponho em vós toda, como aquelles;  
 Que sem odio, e temor sois obrigados  
 Aquillo conselhar-me, que he só justo,  
 Mais serviço de Deos, e bem do povo.  
 Vós-outros sois meus olhos, que eu não vejo.  
 Vós sois minhas orelhas, que eu não ouço.  
 Minha tenção me leve, ella me salve.  
 O engano se he vosso, em vós só caya.

*Pach.* Sobre nós descarrega esse teu pezo.

*Conf.* Eu tomo minha parte, eu tomo todo.

Almas, e honras temos: estas ambas

A ti, Senhor, se devem, a ti as damos.

Estas sós te conseiham, que bem vês

Quam grande mal he nesso, o que fazemos.

Aventuramos vidas, e fazendas,  
 Que em odio de teu filho ficam sempre,  
 Sob cujos pés ficamos, e em cuja ira.  
 Mas percamo-nos nós, percamos vidas;  
 Soframos crueis mortes; nossos filhos  
 Fiquem orfaãos de nós, e desherdados;  
 A furia de teu filho nos perfiga,  
 Antes que esse tal medo em nós mais possa,  
 Que o que a virtude manda, e te devemos.

*Rey.* Ivos apparelhar, que em vós me salvo.  
 Senhor, que estás nos Ceos, e vês as almas,  
 Que cuidam, que propõem, que determinam;  
 Alumia minh'alma, não se cegue  
 No perigo, em que está: não sey que siga.  
 Entre medo, e conselho fico agora:  
 Matar injustamente he grã crueza.  
 Socorrer a mal público he piedade.  
 D'hũa parte receo, mas d'outra ouso.  
 Oh filho meu que queres destruir-me!  
 Ha dó desta velhice tam cansada:  
 Muda essa pertinacia em bom conselho.  
 Não dês occasião pera que eu fique  
 Julgado mal na terra, e condenado  
 Ant'aquelle grã Juiz, que está nos Ceos.  
 O vida felicissima, a que vive  
 O pobre lavrador só no seu campo,  
 Seguro da fortuna, e descansado,  
 Livre destes defastres, que cá reynam!  
 Ninguem menos he Rey, que quem tem Reyno.  
 Ah que não he isto estado, he cativoiro  
 De muitos desejado, mas mal crido.  
 Huma servidão pomposa, hum grã trabalho  
 Escondido sob nome de descanso.  
 Aquelle he Rey sómente, que assi vive  
 (Inda que cá seu nome nunca s'ouça)

Que de medo, e desejo, e d'esperança  
 Livre passa seus dias. O bons dias!  
 Com que eu todos meus annos tam cansados  
 Trocára alegremente. Temo os homês,  
 Com outros dissimulo: outros não posso  
 Castigar, ou não ouso. Hum Rey não ouso:  
 Tambem teme seu povo: tambem sofre.  
 Tambem suspira, e geme, e dissimula.  
 Não sou Rey, sou cativo: e tam cativo  
 Como quem nunca tem vontade livre.  
 Salvo-me no conselho dos que creio,  
 Que me serão leaes: isto me salve,  
 Senhor, contigo: ou tu me mostra cedo  
 Remedio mais seguro, com que viva  
 Conforme a este alto estado, que me déste.  
 E me livra algum tempo antes que moura,  
 De tanta obrigaçam, pera que possa  
 Conhecer-me melhor, e a ti voar  
 Com mais ligeiras asas do que póde  
 Húa alma carregada de tal pezo.

*Choro.*

**Q**Uanto mais livre, quanto mais seguro  
 He aquelle estado, que de si contente  
 Não se levanta mais que quanto póde  
 Fugir miserias!

Tristes pobrezas ninguem as deseje.

Cegas riquezas ninguem as procure.

Num meo honesto está a felicidade

Dos Ceos, e terra.

Reys poderosos, Principes, Monarchas

Sobre nós pondez vossos pés, pisay-nos.

Mas sobre vós está sempre a fortuna.

Nós livres della.

Nos altos muros soam mais os ventos.

G vi

As

As mais crecidas arvores derribam.  
 As mais inchadas vellas no mar rompem  
 Caem móres torres.

Pompas, e ventos, titulos inchados  
 Não dão descanso, nem mais doce sono.  
 Antes mais cansam, antès em mais medo  
 Poem, e perigo.

Como se volvem no grá mar as ondas,  
 Assi se volvem estes peitos cheos.  
 E nunca fartos, nunca satisfeitos,  
 Nunca seguros.

S'eu me pudesse á minha vontade  
 Formar meus fados, mais não quereria  
 Que meammente segurar a vida  
 Co necessário.

Quem mais deseja, muitas vezes s'acha  
 Triste, enganado: poucas vezes dorme,  
 Temendo o fogo, ventos, ares, sombras,  
 Temendo os homés.

Rey poderoso, tu porque desejas  
 Nunca ter Reyno? porque essa coroa  
 Chamas pesada? polo peso d'alma,  
 Que te carrega.

Quam poucas vezes vimos  
 Tardar a grá justiça,  
 Que não decesse sobre  
 Aquelles livres filhos,  
 Que contra a natural  
 Obrigação, e ley  
 Negáram obediencia  
 Aquelles, que os geráram!

Peccado torpe, e feo  
 Ante Deos, ant'os homés.  
 Mais pera Hyrcanos Tigres,  
 Mais pera Liões bravos,

Que razão não conhecem,  
 Que pera quem só della,  
 E per'ella he formado.

Aquelle amor tam grande  
 Dos pays, com que te criam  
 Co sangue do seu peito,  
 Que fereza ha tamanha,  
 Que tal brutalidade,  
 Que contr'elle te mova?

Rey Dom Afonso, Rey,  
 Lembra-te de ti mesmo.  
 Aquelles erros feos,  
 Com que tu perseguiste  
 Teu pay tam cruamente,  
 Lhe dão de ti vingança  
 Por outro tu teu filho,  
 Que te desobedece.

Viram-se as Reaes Quinas  
 Polo mesmo Deos dadas  
 Aquelle Rey primeiro,  
 De que herdaste esse nome  
 Com esse cetro rico,  
 Levantadas por ti,  
 Não contra cinco Reys,  
 Com cujo sangue as ouve,  
 Mas contra elRey teu pay,  
 Mas contra teus vassallos.

Viram-se as Reaes Quinas  
 Crucis contra si mesmas  
 Em bravo fogo acelas  
 Contr'hũa parte, e outra,  
 De que tam cruelmente  
 Corria hum mesmo sangue!

Quantas vezes a sancta  
 Raynha tua máy

Se metteo nesse fogo  
 Por te salvar a vida?  
 Por ella era apagado.  
 Por ti tornava arder.  
 Agora ardes nestoutro.  
 Justiça de Deos grande!

### A C T O III.

*Castro.*

*Ama.*

**N**unca mais tarde pera mim que agora  
 Amanheceo. O' Sol claro, e fermofo  
 Como alegras os olhos, que esta noite  
 Cuidáram não te ver! ó noite triste!  
 O noite escura quam comprida foste!  
 Como cansaste est'alma em sombras vãs!  
 Em medos me trouxestes taes, que cria  
 Que alli se me acabava o meu amor,  
 Alli a faudade da minh'alma,  
 Que me ficava cá: e vós meus filhos,  
 Meus filhos tam fermosos, em que eu vejo  
 Aquelle rosto, e olhos do pay voffo,  
 De mim ficaveis cá desẽmparados.  
 Oh sonho triste, que assi me asombrafte!  
 Tremo ind'agora, tremo. Deos afafte  
 De nós tam triste agouro. Deos o mude  
 Em mais ditoso fado, em melhor dia.  
 Crescereis vós primeiro, filhos meus,  
 Que choraes de me ver estar-vos chorando;  
 Meus filhos tam pequenos! ay meus filhos,  
 Quem em vida vos ama, e teme tanto,  
 Na morte que fará? mas vivireis,  
 Crescereis vós primeiro, que veja eu  
 Que pisaes este campo, em que nascestes,

Em

Em fermosos ginetes arrayados,  
 Quaes vosso pay vos guarda, com que o Rio  
 Passeis a nado a ver esta máy vossa:  
 Com que canseis as féras; e os imigos  
 Vos temam de tam longe, que não ousem  
 Nomear-vos sómente. Entam me venham  
 Buscar meus fados: venha aquelle dia  
 Que me está esperando: em vossos olhos  
 Ficarei eu, meus filhos: vossa vida  
 Tomarei eu por vida em minha morte.

*Am.* Que choros, e que gritos, Senhora, eram  
 Os que t'ouvi esta noite? *Cast.* O ama minha,  
 Vi a morte esta noite crua, e fera.

*Am.* Entre sonhos t'ouvi chorar tam alto,  
 Que de medo, e d'espanto fiquei fria.

*Cast.* Ind'agora minh'alma s'entristece  
 Afombrada dos medos, em que estive.  
 Cansada de cuidar na saudade,  
 Que sempre leva, e deixa aqui o Iffante,  
 Adormeci tam triste, que a tristeza  
 Me fez tomar o sono mais pesado  
 Do que nunca me lembra que tivesse.  
 Então sonhei que estando eu só num bosque  
 Escuro, e triste, de huma sombra negra  
 Cuberto todo, ouvia ao longe huns brados  
 De féras espantosas, cujo medo  
 M'arrepiaava toda, e me impidia  
 A lingua, e os pés, eu co'alma quasi morta  
 Sem me mover, meus filhos abraçava.  
 Nisto hum bravo Lião a mim se vinha  
 Co acatadura féra, e logo manso  
 Pera tras se tornava: mas em s'indo,  
 Não sey donde sabiam huns bravos Lobos,  
 Que remetendo a mim com suas unhas  
 Os peitos me rasgavam. Então alçava

Vozes aos Ceos, chamava meu Senhor,  
 Ouvia me, e tardava: e eu morria  
 Com tanta faudade, que ind'agora  
 Parece que a cá tenho: e est'alma triste  
 Se m'arrancava tam forçadamente,  
 Como quem ante tempo assi deixava  
 Seu lugar, e deixava pera sempre  
 (Que este na minha morte era o mór mal)  
 A doce vista de quem me ama tanto.

*Am.* Hay, e como estaria essa tu'alma  
 Tam morta! Dees te guarde. Mas ás vezes  
 O pensamento triste traz viscões  
 Escuras, e medonhas: do cuidado;  
 Com que, Senhora, andaste, e adormeceste,  
 Se te representáram effes medos.

*Cast.* Chóro daquella dor, daquella mágoa,  
 Que ao meu Iffante déra a minha morte.

*Am.* Pera que chóras sonhos? *Cast.* Não sey que hey:  
 Não sey que peso he este, que cá tenho  
 Assi no coração, que me carrega.  
 Soya ser, que quando só ficava,  
 Como agora me vejo, em meu senhor  
 Eram todos meus sonhos tam alegres,  
 Que desejava a noite, pera nella  
 Me lograr dos enganos, que com elle  
 Se me representavam; alli o via,  
 Alli cria que o tinha, e que falava  
 Comigo, e eu com elle: e muitas vezes  
 Muitas palavras, que elle em se partindo  
 Me dizia chorando, alli chorando  
 Mas tornava a dizer, e eu o detinha  
 Apertado em meus braços, senão quando  
 Acordava abraçada só comigo.  
 Aquelles meus enganos me sostinham  
 Das noites pera os dias. E esta noite

Perdia estes enganos com a vida.

*Am.* Outro dia verás, que te amanheça  
Mais claro, e mais ditoso: em que a coroa  
Que t'espera, terás sob'esses teus  
Cabellos d'ouro. Alegra-te entre tanto.  
Deixa vãs sombras, deixa tristes medos.

*Cast.* Não sey que est'alma vê, que tanto teme.

*Am.* A imaginação he perigosa.

*Cast.* Que fará quem não pôde fugir della?

*Am.* Cuidar no bem, lança a tristeza fóra.

*Cast.* Faze-me o bem seguro, que eu não vejo.

*Am.* Porque temes o mal, de que estás livre?

*Cast.* Porque temo perder o bem, que espero.

*Am.* Temer de longe o mal, he mal dobrado.

*Cast.* Como estará alma leda em culpa sua?

Julgam me mal os homê, e a Deos temo.

*Am.* Dos secretos, Senhora, que parecem  
Ao Mundo (que os não vê, e do de fóra

Julga sómente) feos, máos, e torpes,

Basta a só consciencia, basta tanto,

Que com esta áde ter Deos toda a conta.

Esta, Senhora, he boa prova d'alma.

Pois esta está segura no teu peito.

Se peccado ouve já, já está purgado

Com esse animo firme, com que já ambos

Estaes confederados sanctamente.

O tempo Deos trará com mór seguro

Do que vos este dá, pera mais claro

O Mundo conhecer quam grã perigo

He as almas julgar, que só Deos vê.

Entre tanto contente espera, e vive.

Vive, pera que viva quem tanto ama

Esta tua vida, em que toda está a sua.

*Cast.* Nunca o tanto meus olhos desejarã.

Nunca meu pensamento o imaginou

De mim tam esquecido. Deos o guarde.  
 Deos te guarde, senhor, que me parece  
 Que algum mal te detem: algum mal grande.  
 Arranca-se a minh'alma de mim mesma,  
 Parece que voar quer onde estás.

Parece que lhe foges, que me deixas.  
 Ah pensamentos tristes, pensamentos  
 Escuros, carregados! yvos, yvos.

*Am.* Ah não te agoures mal! que melhor fado

O teu será, Senhora; quem tristeza  
 De sua vontade chama, mal a póde  
 Lançar de si, que ás vezes n'alegria  
 Entra tam furiosa, que a destrue.  
 Olha pera estes teus doces penhores  
 Tam seguros, e certos desse amor,  
 De que forão gerados: em seus olhos  
 Alegria hora elles teus, que allí desfazes  
 Com essas crueis lagrimas; não chores.

Danas esse teu rosto tam fermoso  
 Filha, com tantas lagrimas: não chores:  
 Não offendas teus olhos: ah não vejam  
 Nelles sinaes tamanhos de tristeza  
 Aq'elles, cuja gloria he vê-te alegre.

Olha as agoas do Rio como correm  
 Pera onde está tam saudosamente.  
 De lá te vê, Senhora; ellas lhe lembram  
 Este aposento seu, ou da su'alma.

Estes campos fermosos, que parecem  
 Debaixo deste Ceo dourado, e bello,  
 Quem os verá, que logo não se alegre?  
 Ouve a musica doce, com que sempre  
 Te vem a receber os passarinhos  
 Por cima destas arvores fermosas.  
 Cuida, Senhora, de logreres isto.  
 Em algum tempo com dobrado gosto,

Segura da fortuna, e de seus medos,  
Senhora do teu bem, e desta terra.

*Choro.*

*Castro.*

*Amã.*

**T**Ristes novas, crueis,  
Novas mortaes te trago, Dona Ines.  
Ah coitada de ti, ah triste, triste!  
Que não mereces tu a cruel morte,  
Que assi te vem buscar. *Am.* Que dizes? fala.  
*Ch.* Não posso. *Choro.* *Cast.* De que choras? *Ch.* Vejo  
Esses rosto, esses olhos, essa... *Cast* Triste  
De mim, triste! que mal? que mal tamanho  
He esse, que me trazes? *Ch.* He tua morte.  
*Cast.* He morto o meu Senhor? o meu Infante?  
*Ch.* Ambos morreréis cedo. *Cast.* O novas tristes!  
Matam-me o meu amor? porque mo matam?  
*Ch.* Porque te matarãam: por ti só vive.  
Por ti morrerá logo. *Am.* Deos não queira  
Tal mal, tal desventura. *Ch.* Vem muy perto.  
Nam te tardará muito, poem-te em salvo.  
Fuge coitada, fuge, que já soam  
As duras ferraduras, que te trazem  
Correndo a morte triste. Gente annada  
Correndo vem, Senhora, em busca tua.  
ElRey te vem buscar determinado  
D'em ti vingar sua furia. Vê se podes  
Salvar tambem teus filhos, não lh'empça  
Parte de teus máos fados. *Cast.* O coitada  
Só, triste, perseguida! hay meu senhor  
Onde estás, que não vens? elRey me busca?  
*Ch.* ElRey. *Cast.* Porque me mata? *Ch.* Rey cruel!  
Crueis os que o movêram a tal crueza!  
Por ti vem perguntando. Esses teus peitos  
Vem só buscar, per: com duro ferro  
Serem furiosamente traspassados.

*Am.*

*Am.* Cumpriram-se teus sonhos. *Cast.* Sonhos tristes!  
 Sonhos cruéis! porque tam verdadeiros  
 Me quizeste sayr? ó sprito meu!  
 Como não creste mais o mal tamanho  
 Que crias, e sabias? Ama, fuge.  
 Fuge desta ira grande, que nos busca.  
 Eu fico, fico só, mas innocente.  
 Não quero mais ajudas, venha a morte:  
 Moura eu, mas innocente. Vós meus filhos  
 Vivireis cá por mim: meus tam pequenos,  
 Que cruelmente vem tirar de mim.  
 Soccorra me só Deos, e soccorrei me  
 Vós moças de Coimbra. Homés, que vedes  
 Esta innocencia minha, soccorrei-me.  
 Meus filhos não choreis: eu por vós choro.  
 Logray-vos desta máy, desta máy triste,  
 Em quanto a tendes viva. E vós amigas  
 Cercay-me em roda todas, e podendo,  
 Defendey-me da morte, que me busca.

*Choro.*

**T** Eme teus erros, mocidade cega.  
 Fuge a ti mesma, logra-te do tempo,  
 Que allí te deixa correndo, e voando.  
 Com suas alas.

O quanto huma hora, quanto hum só momento  
 Breve algú'hora quererás debalde!  
 Poupa o presente, guarda-o, enthesoura-o,  
 Telo-ás seguro.

Todo ouro, e prata, pedras preciosas,  
 A que correndo vão todos perdidos,  
 Por agoa, e fogo, não temendo a morte  
 Cavar nas veas,

Nunca poderám, nunca poderám  
 Comprar hum ponto deste tempo livre,

Que

Quê affi atras deixa Principes, Senhores,  
 Como os mais baixos.

Igual a todos, igualmente foge.  
 Não valem forças, não val gentileza. .  
 Por tudo passa, tudo calca, e pisa.  
 Ninguem o força.

Com sua fouce, cruel vay cortando  
 Vidas a moços, trabalhos a velhos.  
 Só boa fama, só virtude casta  
 Pode mais que elle.

Esta se salva sómente em si mesma.  
 Esta o sprito segue, sempre vive.  
 Esta seguindo vencerás o tempo  
 Rir-te ás da morte.

Vive pois, vive, mocidade cega,  
 Vive co tempo, delle te enriquece.  
 Delle só t'arma contr'aquelle dia  
 Do grande aperto.

Apos amor vem morte,  
 Ou da vida, ou da honra,  
 E d'alma juntamente,  
 Que em noite escura poem,  
 Sem ver, o claro dia  
 Da razão, que lhe diz  
 Os males, e perigos,  
 Em que este amor acaba.  
 O Principe tam cego!

O Principe tam duro!  
 Que cerraste os teus olhos  
 Aquelles bons conselhos,  
 Que cerraste as orelhas  
 Aquelles bons aviãos.  
 Tu dormes, ou passeas,  
 E pelos campos vem  
 Do Mondego correndo

A cruel morte em busca  
Da tua doce vida,  
Do teu amor tam doce.

Cruel morte, que vens  
Buscar esta innocente,  
Ha piadade, e mágoa  
Dos seus fermosos olhos,  
Do seu fermoso rosto,  
Não defates hum nó  
Tam firme, com que dous  
Corações ajuntou  
Amor tam estreitamente.

Cruza farás grande  
Partir huns olhos d'outros;  
Húa alma assi d'outr'alma:  
E derramar o sangue,  
O sangue tam fermoso  
Do seu fermoso corpo.  
Doante aquelles peitos  
De marfim, ou de neve.

Doante aquellas faces  
De lyrios, e de rosas,  
Que já perdem sua cor  
Pola falta do sangue,  
Que no coração junto  
Lhes tens frio, e coalhado  
Com medo do teu nome.

Aquella alva garganta  
De cristal, ou de prata,  
Que sostem a cabeça  
Tam alva, e tam dourada,  
Porque cortar a queres  
Com golpe tam cruel?  
E derramar nos ares  
Aquelle sprito digno

Do corpo em que vivia,  
 Ha piedade, e mágoa  
 De tanta fermosura,  
 Daquelle triste Iffante,  
 E destes seus penhores.  
 Deten-te, em quanto chega,  
 Deten-te, em quanto tarda.  
 Corre, ó Iffante, corre:  
 Soccorre ao teu amor.  
 Hy tardas! saberás  
 Como o Amor sempre acaba.

## A C T O III.

*Pacheco. ElRey. Choro. Castro. Coelbo.*

*Pach.* **A** Presteza em tal caso, he bom seguro,  
 E piedade, Senhor, será crueza.

Cerra os olhos a lagrimas, e mágoas,  
 Que te podem mover dessa constancia.

*Rey.* Esta he, que a mim se vem: ó rosto digno  
 De mais ditosos fados! *Ch.* Eis a morte

Vem. Vay-te entregar a ella: vay depressa,  
 Terás que chorar menos. *Cast.* Vou amigas;

Acompanhay-me vós, amigas minhas,  
 Ajuday-me a pedir misericordia.

Choray o desemparo destes filhos

Tam tenros, e innocentes. Filhos tristes,

Vedes aqui o pay de vosso pay.

Eis aqui vosso avô, nosso senhor;

Beijai-lhe a mão, pedi-lhe piedade

De vós, desta máy vossa, cuja vida

Vos vem, filhos, roubar. *Ch.* Quem póde ver-te.

Que não chore, e s'abrande? *Cast.* Meu senhor,

Esta he a máy de teus netos. Estes são

Filhos daquelle filho, que tanto amas.  
 Esta he aquella coitada molher fraca,  
 Contra quem vens armado de crueza.  
 Aqui me tens. Bastava teu mandado  
 Pera eu segura, e livre t'esperar,  
 Em ti, e em minh'innocencia confiada.  
 Escusaras, Senhor, todo este estrondo  
 D'armas, e Cavalleiros; que não foge,  
 Nem se teme a innocencia da justiça.  
 E quando meus peccados me acusaram,  
 A ti fora buscar: a ti tomára  
 Por vida em minha morte: agora vejo  
 Que tu me vens buscar. Beijo estas mãos  
 Reaes tam piadofas: pois quise  
 Por ti vir-te informar de minhas culpas.  
 Conhece-mas, Senhor, como bom Rey,  
 Como clemente, e justo, e como pay  
 De teus vassallos todos, a quem nunca  
 Negaste piedade com justiça.  
 Que vês em mim, Senhor? que vês em quem  
 Em tuas mãos se mete tam segura?  
 Que furia, que ira esta he, com que me buscas?  
 Mais contra inimigos vens, que cruelmente  
 T'andassem tuas terras destruindo  
 A ferro, e fogo. Eu tremo, Senhor, tremo  
 De me ver ante ti, como me vejo.  
 Molher, moça, innocente, serva tua,  
 Tam só, sem por mim ter quem me defenda.  
 Que a lingua não s'atreve, o sprito treme  
 Ante tua presença; porém possam  
 Estes moços, teus netos defender-me.  
 Elles falem por mim, elles sós ouve:  
 Mas não te talarám, Senhor, com lingua,  
 Que inda não podem: falan-te co as almas,  
 Com suas idades tenras, com seu sangue,

Que he teu, te falarám: seu desamparo  
 T'está pedindo vida: não lha negues.  
 Teus netos são, que nunca téqui viste:  
 E vê-los em tal tempo, que lhes tolhes  
 A gloria, e o prazer, qu'em seus spritos  
 Lhe está Deos revelando de te verem.

*Rey.* Tristes foram teus fados, Dona Ines,  
 Triste ventura a tua. *Cast.* Antes ditosa  
 Senhor, pois que me vejo ante teus olhos  
 Em tempo tam estreito: poem-nos hora,  
 Como nos outros soes, nesta coitada.  
 Enche-os de piedade com justiça.

Vens-me, senhor, matar? porque me matas?

*Rey.* Teus peccados te matam: cuida nelles.

*Cast.* Peccados meus! ao menos contra ti  
 Nenhum, meu Rey, me accusa. Contra Deos  
 Me podem accusar muitos: mas elle ouve  
 As vozes d'alma triste, em que lhe pede  
 Piedade. O Deos justo, Deos benigno,  
 Que não mata, podendo com justiça,  
 Mas dá tempo de vida, e espera tempo  
 Só pera perdoar: assi o fazes,  
 Assi o fizeste sempre: pois não mudes  
 Agora contra mim teu bom costume.

*Rey.* Tua morte m'estam outras muitas vidas  
 Pedindo com clamores. *Pach.* Foge o tempo.

*Cast.* Oh triste, triste! meu senhor não me ouves?  
 Socega tua furia, não a figas.

Nunca conselhou bem: nunca deu tempo  
 De remedio a algum mal a ira. Sempre  
 Traz arrependimento sem remedio.

Ouve minha razão, minh'innocencia.  
 Culpa he, senhor, guardar amor constante  
 A quem mo tem? se por amor me matas,  
 Que farás ao imigo? amey teu filho,

Não o matey. Amor amor merece;  
 Estas são minhas culpas: estas queres  
 Com morte castigar? em que a mereço?

*Pach.* Dona Ines, contra ti he a sentença dada.  
 Despide essa tu'alma desse corpo  
 Em bom estado, e seja prestesmente  
 Não tenhas que chorar mais, que só a morte.

*Cast.* O meus amigos, porque não tirais  
 ElRey de ira tamanha? a vós me vou,  
 Em vós busco soccorro: ajuday-me hora  
 Pedir-lhe piedade. O Cavalleiros  
 Que as tristes promettestes defender,  
 Defendei-me, que mouro injustamente.  
 Se me vós não defendeis, vós me matais.

*Coelb.* Por mágoa dessas lagrimas te rogo  
 Que este tempo, que tens, inda que estreito,  
 Tomes pera remedio da tu'alma.  
 O que elRey em ti faz, faz com justiça.  
 Nós o trazemos cá, não com tenção  
 De fermos em ti crus: mas de salvarmos  
 Este Reyno, que pede esta tua morte.  
 Que nunca, ó Deos quísera que tal meo  
 Nos fora necessario. A elRey perdoa,  
 Que crueza não faz: se a nós fazemos  
 Por ti ante o grã Deos será pedida  
 Vingança justa, se te não parece  
 Que perdão merecemos nas tenções,  
 Com que elRey conselhamos. O ditosa,  
 Dona Ines, tua morte! pois só nella  
 Se ganha hũa geral vida a todo Reyno.  
 Bem vês por tua causa como estava,  
 Além desse peccado, em que te tinha  
 O Iffante forçada (que assi o cremos)  
 Mas pois pera remedio he necessario  
 A morte sua, ou tua, he necessario

Que tu sofras a tua com paciencia,  
 Que isso te ficará por mayor gloria  
 Que aquella, que esperavas cá do Mundo,  
 E quanto mais injusta te parece,  
 Tanto mais justa gloria lá terás,  
 Onde tudo se paga por medida.

Nós, que a teu parecer mal te matamos,  
 Não viviremos muito: lá nos tens  
 Antes de muito tempo ánt'esse trono  
 Do grã Juiz, onde daremos conta  
 Do mal, que te fazemos. Não ouviste  
 Já das Romãs, e Gregas com que esforço  
 Morrêram muitas só por gloria sua?  
 Morre pois, Castro, morre de vontade,  
 Pois não pôde deixar de ser tua morte.

*Cast.* Triste pratica, triste! crú conselho  
 Me dás. Quem o ouvira? mas pois já mouro,  
 Ouve-me Rey senhor: ouve primeiro  
 A derradeira voz dest'alma triste.

Co estes teus pés me abraço, que não fujo.  
 Aqui me tens segura. *Rey.* Que me queres?

*Cast.* Que te posso querer, que tu não vejas?  
 Pergunta-te a ti mesmo o que me fazes.

A causa, que te move a tal rigor.

Dou tua consciencia em minha prova.

S'os olhos de teu filho s'enganáram

Com o que víram em mim, que culpa tenho?

Paguei-lhe aquelle amor com outro amor,

Fraqueza costumada em todo estado.

Se contra Deos pequei, contra ti não.

Não soube defender-me, dei-me toda.

Não a imigos teus, não a traidores,

A que alguns teus segredos descubriſſe

Confiados a mim, mas a teu filho

Principe deste Reyno. Vê que forças

Podia eu ter contra tamanhas forças.  
Não cuidava, senhor, que t'offendia.  
Defenderas-mo tu, e obedecêra.  
Inda que o grand'amor nunca se força:  
Igualmente foy sempre entre nós ambos:  
Igualmente trocámos nossas almas.  
Esta que te hora fala, he de teu filho.  
Em mim matas a elle: elle pede  
Vida par'estes filhos concebidos  
Em tanto amor. Não vês como parecem  
Aquelle filho teu? Senhor meu, matas  
Todos, a mim matando: todos morrem.  
Não sinto já, nem choro minha morte,  
Inda que injustamente assi me busca,  
Inda que estes meus dias assi corta  
Na sua flor indigna de tal golpe:  
Mas sinto aquella morte triste, e dura  
Pera ti, e pera o Reyno, que tam certa  
Vejo naquelle amor, que esta me causa.  
Não vivirá teu filho, dá-lhe vida  
Senhor, dando-ma a mim: que eu me irey logo  
Onde nunca appareça; mas levando  
Estes penhores seus, que não conhecem  
Outros mimos, e tetas sênão estas,  
Que cortar-lh'ora queres; hay meus filhos  
Choray, pedi justiça aos altos Ceos.  
Pedi misericordia a vosso avô  
Contra vós tam cruel; meus innocentes.  
Ficareis cá sem mim, sem vosso pay,  
Que não poderá ver-vos, sem me ver.  
Abraçay-me, meus filhos, abraçay-me.  
Despedi-vos dos peitos, que mamastes.  
Estes sós foram sempre: já vos deixam.  
Ah já vos desempara esta mãy-vossa.  
Que achará vosso pay, quando vier?

Achar-vos-á tam sós, sem vossa máy:  
 Não verá quem buscava: verá cheas  
 As casas, e paredes de meu sangue.  
 Ah vejo-te morrer, senhor, por mim.  
 Meu senhor, já que eu mouro, vive tu.  
 Isto te peço, e rogo: vive, vive.  
 Empara estes teus filhos, que tant'amas.  
 E pague minha morte seus defastres,  
 Se alguns os esperavam. Rey senhor  
 Pois podes soccorrer a tantos males,  
 Soccorre-me, perdoa-me. Não posso  
 Falar mais. Não me mates, não me mates.  
 Senhor não to mereço. *Rey.* O mulher forte!  
 Venceste-me, abrandaste-me. Eu te deixo.  
 Vive, em quanto Deos quer. *Ch.* Rey piadoso  
 Vive tu, pois perdo-as: moura aquelle,  
 Que sua dura tenção leva a diante.

*Pacheco.**Rey.**Coelho.*

**O**H Senhor, que nos matas! que fraqueza  
 Essa he indigna de ti? de hum real peito?  
 Vence-te huma mulher, e estranhas tanto  
 Vencer assi teu filho? que já agora  
 Terá desculpa honesta, não te esqueças  
 Da tenção tam fundada, que te trouxe.

*Rey.* Não póde o meu sprito consentir  
 Em crueza tamanha. *Pach.* Mór crueza  
 Fazes agora ao Reyno: agora fazes  
 O que faz a pouca agoa em grande fogo.  
 Agora mais s'acende, arderá mais  
 O fogo de teu filho. A que vieste?  
 A pôr em mór perigo teu estado?

*Rey.* Vejo aquella innocente, chora-m'alma.

*Coelh.* O animo Real tam firme, e forte  
 A de ser no que faz, que nunca possa

Debaixo do Ceo nada pervertê-lo.  
 A justiça, Senhor, pinta-se armada  
 D'espada aguda, contra cujos fios  
 Não possa aver brandura, nem dureza.  
 Cada hum destes extremos he grã vicio  
 Em quem he pay commum de todo hum Reyno.  
 Depois da conta feita, e razões claras,  
 Depois de taes conselhos em que viste  
 Quam necessaria era esta tua vinda,  
 Quam necessario o effeito, a que viste,  
 Se muda assi, senhor, tam levemente  
 Por lagrymas teu animo constante?  
 Antes não commettêras, nem cuidáras  
 Commetter isto, porque não vieras  
 Acrecentar o mal, que agora vejo  
 Que fica já de tódo sem remedio.

*Rey.* Não vejo culpa, que mereça pena.

*Pach.* Inda hoje a viste, quem ta esconde agora?

*Rey.* Mais quero perdoar, que ser injusto.

*Coelh.* Injusto he quem perdoa a pena justa.

*Rey.* Peque antes nels'estremo, que em crueza.

*Coelh.* Não se consente o Rey peccar em nada.

*Rey* Sou homem. *Coelh* Porém *Rey.* *Rey.* O Rey perdoa.

*Pach.* Nem sempre perdoar he piadade.

*Rey.* Eu vejo hũa innocente, mãy de hũs filhos  
 De meu filho, que mato juntamente.

*Coelh.* Mas dás vida a teu filho, salvas-lh'alma,  
 Pacificas teu Reyno: a ti seguras.

Restitues-nos honra, paz, descanso.

D. strues a traidores; cortas quanto

Sobre ti, e teu neto se tecia.

Offensas, senhor, públicas não querem

Perdão, mas rigor grande. Daqui pende

Ou remedio d'hum Reyno, ou quéda certa.

Abre os olhos ás causas necessarias,

Que te mostramos sempre, e que tu vias  
Cuida no que emprendeste, e no que deixas.

O odio de teu filho contra ti,  
Contra nós tal será, como qual fora,  
Fazendo-se, o que deixas por fazer.

A ti ficam seus filhos, ama-os, honra-os.  
Assi lh'amanfarás grã parte da ira.

Senhor, por teu estado te pedimos:

Polo amor do teu povo, com que t'ama,  
Polo com que sabemos que nos amas:

Por mais vida, e mais honra de teu filho,  
Principe nosso: e por aquelle seu

Fernando unico herdeiro, cuja vida

Te está pedindo justamente a morte

Desta mulher, em fim por honra tua,

Pola constancia firme, com que sempre

Acudiste ós remedios, e á justiça,

Que a não deixes agora: que te movam

Mais estas razões fortes, que essa mágoa

Injusta, que despois chorarás mais,

Perdendo esta occasião, que Deos te mostra.

*Rey.* Eu não mando, nem vedo. Deos o julgue.

Vós-outros o fazei, se vos parece

Justiça, assi matar quem não tem culpa.

*Coelb.* Essa licença basta: a tenção nossa

Nos salvará cos homês, e com Deos.

*Cb.* Em fim venceo a ira, cruel imiga

De todo bom conselho. Ah quanto podem

Palavras, e razões em peito brando!

Eu vejo teu sprito combatido

De mil ondas, ó Rey. Bom he teu zelo:

O conselho leal: cruel a obra.

*Rey.* Por crueza julgais o que he justiça?

*Cb.* Cruenza a chamará tod'outra idade.

*Rey.* Minh'alma innocente he, conselho sigo.

*Ch.* Deos te julgue. Eu não ouso. Porém temo.

*Rey.* Que temes? *Ch.* Este sangue, que aos Ceos brada.

Não culpamos a ti: nem desculpamos  
As descortezes mãos de teus Ministros  
Constantes no conselho, crús na obra.  
Ay vês que crueldade? ó nunca visto  
Mais innocente sangue! e como soffres  
O Rey tal injustiça? ouves os brados  
Da innocente moça? ouves os chóros  
Dos innocentes filhos? triste Iffante  
Alli passam tu'alma teus vassallos,  
De teu sangue os crucis tingem seus ferros.

*Rey.* Afronta-se minha alma. O quem pudéra  
Desfazer o que he feito†

*Choro.*

**J**A morreo Dona Ines, matou-a Amor;  
Amor cruel! se tu tiveras olhos,  
Tambem morrêras logo. O dura morte  
Como ousaste matar aquella vida?  
Mas não mataste: melhor vida, e nome  
Lhe déste do que cá tinha na terra.  
Este seu corpo só gastará a terra,  
Por quem estará chorando sempre o Amor,  
Honrando-se sómente do seu nome.  
Mas quem a quizer ver com outros olhos,  
Outro nome, outra gloria, outra honra, e vida  
Lhe achará, contra a qual não póde a morte.  
Aquelles matas tu sómente, ó morte,  
Cujo nome s'esqueçe; e a quem na terra  
Fica de todo sepultada a vida.  
Mas ésta vivirá, em quanto o Amor  
Entr'os homêes reynar, e sempre os olhos  
De todos a verãem com melhor nome.  
Real amor lhe dará Real nome.

O que coroa lhe aparelha a morte!  
 Depois que lhe cerrou os claros olhos  
 Indignos d'ante tempo irem á terra,  
 Sem quem fô fica, e desarmado Amor;  
 Sem quem quam triste, Iffante, a tua vida!  
 Tu és o que morreste, aquella vida  
 Era tua; já agora aquelle nome  
 Que tam doce te fez sempre o Amor,  
 Triste to tem tornado a cruel morte.  
 Chorando a andarám sempre na terra  
 Té que nos Ceos a vejam effes teus olhos.  
 Nem averá já nunca no Mundo olhos,  
 Que não chorem de mágoa de húa vida  
 Assi cortada em flor. E quem a terra  
 For ver, em que estiver escrito o nome  
 Della, dirá: Aqui está chorando a morte  
 De mágoa do que fez, aqui o Amór.  
 Amor quanto perdestes nús sós olhos,  
 Que debaixo da terra poz a morte,  
 Tanto elles mais terám de vida, e nome:

*Saficos.*

**C**Horemos todos a Tragedia triste,  
 Que esta crua morte deixará no Mundo.  
 Já aquelle sprito, que tambem vivia  
 Em ti, ó Castro, vay aos Ceos voando.  
 Já aquelle sangue purpureo, innocente  
 Forçadamente desempara os membros,  
 A que elle dava aquella cor, e graça,  
 Que a natureza mais perfeitamente  
 Formar pudéra nesta, ou outra idade.  
 Assi a região, que vê nascer o Sol,  
 Como a região, onde o Sol se esconde,  
 Assi aquella, que ao fervente Cancro,  
 Como aquell'outra, que á fria mór Urfa

Estão fogueitas, esta mágoa chorem.  
 Jaz a coitada no feu fangue envolta  
 Aos pés dos filhos, pera quem fugia,  
 Não lhe valeram, que não tinham forças  
 Pera tomarem os agudos ferros,  
 Com que seus peitos tam irosamente  
 Traspassar viam aquelles crueis.  
 O mãos tam duras, ó corações duros,  
 Como pudestes fazer tal crueza?  
 Outras mãos venham, que vo-las arranquem  
 Com mór crueza.

Que duros Getas, mas que Liões, que Uffos  
 Não amansára tam fermoso rosto?  
 Que ira tam brava não tornára branda  
 Hũa só mágoa de tam doce boca?  
 Que mãos tão cruas não agáram logo  
 Aquelles crespos seus ricos cabellos?  
 Aquelles olhos em que pedras duras  
 Não imprimíram brandura? ó que mágoa!  
 O que crueza tam féra, e tam bruta!  
 Moça innocente por amor só morta:  
 Com gente armada, como forte imigo.  
 Tu, Deos, que o viste, ouve o clamor justo  
 D'aquelle fangue, que t'está pedindo  
 Crua vingança.

## A C T O V.

*Iffante.*

*Messageiro.*

**O** Utro Ceo, outro Sol me parece este  
 D'fferente daquelle, que lá deixo  
 Donde parti, mais claro, e mais fermoso.  
 Onde não resplandecem os dous claros  
 Olhos da minha luz, tudo he escuro.

Aquelle he só meu Sol, a minha estrella,  
 Mais clara, mais fermosa, mais luzente  
 Que Venus, quando mais clara se mostra.  
 Daquelles olhos s'alumia a terra,  
 Em que sombra não ha, nem nuvem escura.  
 Tudo alli he tam claro, que té a noite  
 Me parece mais dia, que este dia.  
 A terra alli s'alegra, e reverdece  
 D'outras flores mais frescas, e melhores.  
 O Ceo se ri, e se doura diferente  
 Do que neste Orifonte se me mostra.  
 O soberbo Mondego com tal vista  
 Parece que ao grá mar vay fazer guerra.  
 D'outros ares respira alli a gente,  
 Que fazem immortaes os que lá vivem.  
 O Castro, Castro, meu amor constante!  
 Quem me de ti tirar, tire-me a vida.  
 Minh'alma lá ma tens, tenho cá a tua.  
 Morrendo hãa destas vidas, ambas morrem.  
 E avemos de morrer? póde vir tempo  
 Que ambos nos não vejamos? nem eu possa,  
 Indo buscar-te, ó Castro, achar-te lá?  
 Nem achar os teus olhos tam fermosos,  
 De que os meus tomam luz, e tomam vida?  
 Não posso cuidar nisto, sem os olhos  
 Mostrarem a saudade, que me fazem  
 Tam tristes pensamentos. Viviremos  
 Muitos annos, e muitos: viviremos  
 Sempre ambos nest'amor tam doce, e puro.  
 Raynha te verey deste meu Reyno,  
 D'outra nova coroa coroadá  
 Differente de quantas coroáram  
 Ou de homẽs, ou mulheres as cabeças,  
 Então serão meus olhos satisfeitos:  
 Então se fartará da gloria sua

Est'alma, que anda morta de desejos.

*Mess.* O triste nova, triste mensageiro

Tens ante ti, senhor. *Iff.* Que novas trazes?

*Mess.* Novas crueis; cruel sou contra ti,

Pois m'atrevi trazê-las. Mas primeiro

Socega teu sprito: e nelle finge

A mór desventura, que te agora

Podia acontecer: que grã remedio

He ter o sprito armado á má fortuna.

*Iff.* Tens-me suspenso. Conta: que acrescentas

O mal com a xardança.

*Mess.* He morta Dona Ines, que tanto amavas.

*Iff.* O Deos, ó Ceos! que contas? que me dizes?

*Mess.* De morte tam cruel, que he nova mágoa

Contar-ta: não me atrevo. *Iff.* He morta? *Mess.* Si.

*Iff.* Quem ma matou? *Mess.* Teu pay, com gente armada

Foy hoje saltéa-la. A innocente,

Que tam segura estava, não fugio.

Não lhe valeo o amor, com que te amava.

Não teus filhos, com quem se defendia.

Não aquella innocencia, e piedade,

Com que pedio perdão aos pés lançada

D'elRey teu pay, que teve tanta força

Que lho deu já chorando. Mas aquelles

Crueis Ministros seus, e Conselheiros

Contr'aquelle perdão tam merecido

Arrancando as espadas se vão a ella

Traspassando-lh'os peitos cruelmente;

Abraçada cos filhos a matáram,

Que inda ficáram tintos do seu sangue.

*Iff.* Que direy? que farey? que clamarey?

O fortuna! ó crueza! ó mal tamanho!

O minha Dona Ines, ó alma minha

Morta m'es tu? morte ouve tam ousada

Que contra ti pudeste? ouço-o, e vivo?

Eu vivo, e tu és morta? ó morte crua!  
 Morte cega mataste minha vida,  
 E não me vejo morto? abra-se a terra.  
 Sorva-me num momento: rompa-s'alma,  
 Aparte-se de hum corpo tam pezado,  
 Que ma detem por força.  
 Ah minha Dona Ines, ah, ah minh'alma!  
 Amor meu, meu desejo, meu cuidado,  
 Minh'esperança só, minh'alegria  
 Mataram-te? mataram-te? tua alma  
 Innocente, fermosa, humilde, e sancta  
 Deixou já seu lugar? ah de teu sangue  
 S'enchêram as espadas: de teu sangue?  
 Que espadas tam crueis, que crueis maós?  
 Ah como se movêram contra ti?  
 Como tiveram forças, como fios  
 Aquelles duros ferros contra ti?  
 Como tal consentiste Rey cruel?  
 Imigo meu, não pay, imigo meu!  
 Porque assi me mataste? ó Lioés bravos!  
 O Tygres, ó serpentes! que tal sede  
 Tinheis deste meu sangue, porque causa  
 Vós não vinheis em mim fartar vossa ira?  
 Matareis-me, e vivêra. Homés crueis  
 Porque não me matastes? meus imigos,  
 Se mal vos merecia, em mim vingareis  
 Esse mal todo. Aquella ovelha mansa  
 Innocente, fermosa, simples, casta  
 Que mal vos merecia? mas quizestes  
 Como imigos crueis buscar-me a morte  
 Não da vida, mas d'alma. O Ceos, que vistes  
 Tamaña crueldade, como logo  
 Não cahistes? O montes de Coimbra  
 Como não sovertestes taes Ministros?  
 Como não treme a terra, e s'abre toda?

Como sustenta em si tam grá crueza?  
*Mess.* Senhor, pera chorar fica affaz tempo:  
 Mas lagrymas que fazem conti'a morte?  
 Vay ver aquelle corpo, vay fazer-lhe  
 As honras, que lhe debes. *Iff.* Tristes honras!  
 Outras honras, senhora, te guardava:  
 Outras se te deviam. O triste, triste!  
 Enganado, nascido em cruel signo,  
 Quem m'enganou? ah cego que não cria  
 Aquellas ameaças! mas quem crêra  
 Que tal podia ser?  
 Como poderei ver aquelles olhos  
 Cerrados pera sempre? como aquelles  
 Cabellos já não de ouro, mas de sangue?  
 Aquellas mãos tam frias, e tam negras,  
 Que antes via tam alvas, e fermosas?  
 Aquelles brancos peitos traspassados  
 De golpes tam crueis? aquelle corpo,  
 Que tantas vezes tive nos meus braços  
 Vivo, e fermoso, como morto agora,  
 E frio o posso ver? hay como aquelles  
 Penhores seus tam sós? ó pay cruel!  
 Tu não me vias nelles? meu amor  
 Já me não ouves? já não te ey de ver?  
 Já te não posso achar em toda a terra?  
 Chorem meu mal comigo quantos m'ouvem.  
 Chorem as pedras duras, pois nos homês  
 S'achou tanta crueza. E tu Coimbra  
 Cubre-te de tristeza pera sempre.  
 Não se ria em ti nunca, nem s'ouça  
 Senão prantos, e lagrymas: em sangue  
 Se converta aquella agoa do Mondego.  
 As arvores se sequem, e as flores.  
 Ajudem-me pedir aos Ceos justiça  
 Deste meu mal tamanho.

Eu te matey, senhora, eu te matey.  
Com morte te paguei o teu amor.  
Mas eu me matarey mais cruelmente  
Do que te a ti maláram, senão vingó  
Com novas crueldades tua morte.  
Par'isto me dá Deos sómente vida.  
Abra eu com minhas mãos aquelles peitos.  
Arranque delles hús corações feros,  
Que tal crueza ousáram: entam acabe.  
Eu te perseguirey, Rey meu imigo.  
Lavrará muito cedo bravo fogo  
Nos teus, na tua terra, destruidos  
Verão os teus amigos, outros mortos,  
De cujo sangue s'encherão os campos,  
De cujo sangue correrão os rios,  
Em vingança daquelle: ou tu me mata,  
Ou fuge da minh'ira, que já agora  
Te não conhecerá por pay. Imigo  
Me chamo teu, imigo teu me chama.  
Não m'es pay, não sou filho, imigo sou.  
Tu, senhora, estás lá nos Ceos, eu fico  
Em quanto te vingar: logo lá voo.  
Tu serás cá Rainha, como foras.  
Teus filhos, só por teus serão Iffantes.  
Teu innocente corpo será posto  
Em estado Real: o teu amor  
M'acompanhará sempre, té que deixe  
O meu corpo co teu; e lá vá est'alma  
Descansar com a tua pera sempre.

*Fim dos versos do Doutor Antonio Ferreira.*

DE DIOGO BERNARDES  
A PERO D'ANDRADE CAMINHA.

NA MORTE  
DE ANTONIO FERREIRA.  
ELEGIA.

**C**Om quem posso chorar senão contigo  
 A morte, quanto a nós, do bom Ferreira  
 (Andrade) amigo teu, e meu amigo?  
 Fiquei da triste nova da maneira,  
 Que se póde huma vida dividir-se,  
 Não me deixou a dor a minh'inteira.  
 Nem devia de mim menos sentir-se,  
 Vendo quem deu sprito a mil spritos  
 Pera nunca o mais ver, de nós partir-se.  
 Ah lagrymas correy! ouça meus gritos  
 No cristalino Ceo, onde descansa,  
 Ficando immortal cá em seus escritos.  
 Passiou alegre de incertá esperança  
 A certos galardões, e da coroa  
 Do Louro á da gloria sem mudança.  
 Como bom filho de sua mãy Lisboa  
 Não pode sofrer mais ver tanta mágoa  
 Que não sey quem não tema, e se não doa.  
 Eterno Rey dos Reys a viva fragoa  
 Em que tu'ira forja as mortaes setas,  
 Apaguem tantos olhos fontes d'agoa.  
 Não a má influencia dos planetas  
 Tam rigurosamente nos castiga,  
 Mas noíãs culpas claras, e secretas.  
 Porém, senhor, não queiras tu que diga  
 O que não crê em ti, que não tens cura

Daquelle que a guardar tua ley s'obriga.  
 Olha que negam nesta desventura  
 As almas o remedio espirital,  
 Os corpos a devida sepultura.  
 Cesse por quem tu es, tamanho mal.  
 Converta teu furor em piedade  
 A Fé nunca quebrada em Portugal.  
 Que me dirás a isto, amigo Andrade?  
 Ficava, por ventura, por passar  
 Outro infortunio algum em nossa idade?  
 Tivemos poucas vezes que chorar?  
 Vimos hum dia só hum bem perfeito?  
 E inda agora esta dor particular.  
 Sayndo o nosso Antonio dest'estreito,  
 E miseravel valle, onde vivendo  
 A terra, e ao Ceo foy sempre aceito.  
 Bem vejo que com lagrymas offendo  
 A sua morte, que lhe deu tal vida  
 Que já não tem de que viver temendo.  
 Mas que farey á pena da partida  
 Que sinto dentro n'alma? que farey  
 A saudade a feu amor devida?  
 Por onde quer que for, sempre darey  
 Lagrymas a meus olhos sempre tristes.  
 Suspiros pelos ares soltarey.  
 Nymphas do claro Téjo, que cubristes  
 A gram envolta em neve, estrellas, e ouro  
 De negro véo, quando tal perda vistes:  
 Vinde de fresca Murta, de Hera, e Louro  
 Ornar de tempo em tempo a pedra fria,  
 Ond'a morte escondeo vosso thesouro.  
 Vinde cubrir as cinzas, onde ardia  
 Fogo d'amor divino, de alvas flores,  
 Em lembrança da mágoa deste dia.  
 Venham tambem as Musas, e os Amores

Offerecer-lhe dôes, que Arabia manda,  
 E cante Phebo em tanto seus louvores.  
 Depois pendurè a lira doce, e branda  
 Em cima do sepulchro, por memoria.  
 E Cupido arco, e setas d'outra banda.  
 Ambos perdêram nelle sua gloria.  
 Quem d'hum cantarà já tanta belleza?  
 Quem d'outro a doce guerra, e a victoria?  
 Ah bom cultor da Musa Portugueza!  
 Qual foy Virgilio a Roma, a Grecia Homero,  
 Tal foste tu á tua natureza.  
 Em quanto da triste ausencia o fim espero,  
 E Cloto não me corta a mortal tea,  
 Pois te não sey cantar, chorar te quero.  
 Verey cos secos olhos seca a vea,  
 Que dando á patria tantos versos raros,  
 Hum sô nunca lhe deu em lingua alhea?  
 Verey serenas noites, dias claros?  
 Ah nunca veja tal! os duros fados  
 De gostos pera mim sejam avaros.  
 Chorem por ti, Antonio, bosques, prados.  
 As aves por ti gritem, e nos montes  
 Os animaes por ti andem pasmados.  
 Esmalte de cor triste os orifontes  
 O Sol tarde, e menham; não d'ouro, e neve.  
 Faltem flores no valle, agoa nas fontes.  
 Não mova a leve folha o vento leve  
 Branda, e docemente; antes iroso  
 Envolta em seco pó ao Ceo a leve.  
 Deixe o dourado leito o caudaloso  
 Teu patrio Téjo, mude seu costume  
 Em turvo o claro, o doce em amargoso.  
 Apagueu se contigo hum novo lume  
 Tam contratio ás nevoas de Parnaso,  
 Que ind'agora as desfaz, inda as consume.

Emmudeceo hum som, (ah triste caso!)  
 Que fazia cobrir, quando ouvido era,  
 De flores, e verdura o campo raso.  
 Hum som, que do profundo bem pudéra  
 Euridice tornar á luz do dia  
 Mil vezes, se mil vezes lá descêra.  
 Mas hay que ter mais olhos me compria  
 Pera tudo chorar, que Argos pastor,  
 Do qual se diz, que cento possuhia.  
 Que não podem os meus conforme á dor  
 Derramar quantas lagrimas coalhadas  
 No peito a mágoa tem cada vez mór.  
 Inda que bem sem fruto derramadas  
 Sejam todas por ti, que já seguro  
 Estás nessas altíssimas moradas.  
 Onde vês outro Sol mais claro, e puro,  
 Outra mais alva Lua, outras estrellas  
 Onde noite não ha, nem dia escuro.  
 Onde passando mais acima dellas  
 Conversar pôdes outros excellentes  
 Spritos, que na luz passam por ellas.  
 Ouvindo aquelles dous resplandecentes  
 Franciscos, como em nome, assi iguaes  
 No verso, só na patria differentes.  
 Hum de quem vós a morte inda choraes  
 Nymphas do brando Neiva, e brando Lima,  
 Outro que fez os louros valer mais.  
 O Bembo, e o Sannazaro, em prosa, e em rima  
 Dignos d'alto louvor: Boscão, e o Lasso,  
 Que levantou o seu verso mais acima.  
 O Dolce, e o Ariosto, e o culto Tasso,  
 Que d'Amor, e de Marte versos dignos  
 Foram juntando tanto passo a passo.  
 Com taes spritos, e outros peregrinos,  
 Que deu a Idade antiga, e a moderna

Cantarás novos psalmos, novos hymnos.  
 Em descanso sem fim, em paz eterna  
 Diant'aquella luz esclarecida,  
 Que luz a tudo dá, tudo governa.  
 Mas tu, triste Elegia, em dor nascida  
 Não deixes de chorar, pois vás a parte,  
 Onde tambem chorando serás lida.  
 Não cures de ornamento, vay sem arte  
 Fuge de ver prazer, fuge de quanto  
 Pudéra em menos perda consolar-te.  
 A quem te mando, roga, que o teu pranto  
 Ajunte co seu lá, pera que seja  
 Ouvido com mais dor, menos espanto  
 De te faltar na mágoa, que sobeja.

## REPOSTA DE PERO D'ANDRADE.

## E L E G I A.

**H**Um silencio, Bernardes, me rompeste  
 Já quasi a não falar determinado  
 Na dor, que hora de novo em mim moveste.  
 Igualmente á dor minha ser chorado  
 Não podia em meu verso o meu Ferreira;  
 Nem ser de mim sem sprito bem cantado.  
 Entendia de mim que á verdadeira  
 Fama do que elle em tudo merecia,  
 Bem não chegaria a minha voz inteira.  
 Calava: e a falar nelle m'escondia,  
 Por não offender morto hum bom amigo;  
 Que me quiz tanto, quando cá vivia.  
 Fizeste-me chorar hora contigo  
 Com nova mágoa, nova laudade  
 A dor, que eu cá chorava só comigo.  
 Moveste-m'alma a nova piedade,

A nova pena, e novo sentimento  
Daquella grande perda desta idade.  
Aquella grande perda, que hum momento,  
Despois de tanto mal acontecido,  
Não deixei de trazer no pensamento.  
Mas eu não choro ver de entre nós ido  
Este retrato só da Idade Antiga  
Do Ceo á nossa lingua concedido;  
Mas faltar-me hum ingenho, a qué o meu siga;  
E húa voz, que ouça, sprito de que aprenda,  
E os segredos das Musas m'abra, e diga.  
E quem o meu máo verso me reprenda:  
E o meáo me concerte, e mo levante  
Com douto aviso, e com segura emenda.  
Sinto faltar, Bernardes, quem m'espante  
Com seu bom canto, e com seu bom escrito,  
Com cuja imitação possa yr avante.  
Aquelle claro, aquelle puro sprito  
De são conselho cheo, e de prudencia  
Sempre será de mim cantado, e escrito.  
Agora em sua triste, e longa ausencia  
Quem acharey, que a dor me desagrave?  
E me mostre o remedio na paciencia?  
Fazia-me a tristeza menos grave:  
Mais branda a dura pena, a dor mais leve,  
Fazia-m'alegria mais suave.  
Se teve (mágoa nossa!) a vida breve,  
Largo nome terá, larga memoria,  
Que a toda parte, e tempo a fama leve.  
Já do tempo terá certa victoria  
Quem s'ouve assi na triste, e mortal vida,  
Qu'aspirou sempre á clara, e immortal gloria.  
Nella da mortal carne despedida,  
Esquecida de tudo, nos amores  
Divinos estará toda embebida.

A voz levantatá a outros louvores  
 Mais devidos, mais puros, e mais sanctos  
 Arrebatada d'immortaes fervores.  
 Mil versos, e mil hymnos, e mil cantos  
 Cantará sempre á eterna fermosura,  
 Mais dignos de memoria, mais d'espantos.  
 Será nelles guiado de mais pura,  
 De mais fermosa, de mais rica Musa,  
 Mais ornada de cópia, e de brandura.  
 Amará, e será amado: assi lá s'usa.  
 Cantará, e será ouvido de a quem canta,  
 Que quem lá s'ama, de amar não s'excusa.  
 O Sol, que sobre o Mundo se levanta,  
 Que com sua luz clara, e tam fermosa  
 Nos vence a vista, e o sprito nos espanta,  
 Em conta não terá: que outra gloriosa  
 Luz, que dá luz ao Sol, e ás almas lume,  
 Lhe terá mais que o Sol a alma lustrosa.  
 Hum tempo eterno, hum immortal costume  
 Seguirá sempre: tempo alegre, e puro,  
 Primavera, que nunca se consume.  
 Já não verá inverno triste, e escuro,  
 Não ventos, não tormentas, não mudanças.  
 Mas tudo quieto em Deos, tudo seguro.  
 Livrou-se das incertas esperanças,  
 Que nos desafocgam, e desbaratam,  
 E das leves, e falsas confianças.  
 Não vês, Bernardes, como nos maltratam  
 Os movimentos vaõs, e os vaõs reccos,  
 Que as almas inquietam, e as vidas matam?  
 Quem pôde defender-se a mil enleos?  
 Quem se pôde valer em mil perigos  
 D'outros muitos perigos sempre cheos?  
 He perigo não ter, e ter amigos.  
 Mal se pôde viver nest'estreiteza,

Se me ey de velar delles, como de imigos.

O nosso Antonio está em outra largueza.

Ninguem teme, ninguem d'elle se teme.

Em tudo vê pureza, e tem pureza.

E cá Bernardes nosso, quem não treme?

Quem não deve de si mesmo temer-se?

Quem ha, que contra tempo em vão não reme?

Quem vê coufa, de que possa valer-se?

Olhos no Ceo, e no divino norte

Póde guiar tod'alma a não perder-se.

Não chores já do nosso Antonio a forte.

A minha forte chora, e a forte tua,

Pois no-lo tem roubado a dura morte.

A nós dura, a nós aspera, a nós crua,

Que nos levou o nosso amigo brando,

E a doce, e branda conversação sua.

Por elle rindo, por mim vou chorando.

E por elle contente; e por mim triste

Sem elle a vida irey toda passando.

Tu que a nossa amizade clara viste,

Claro verás que a dor da perda grande

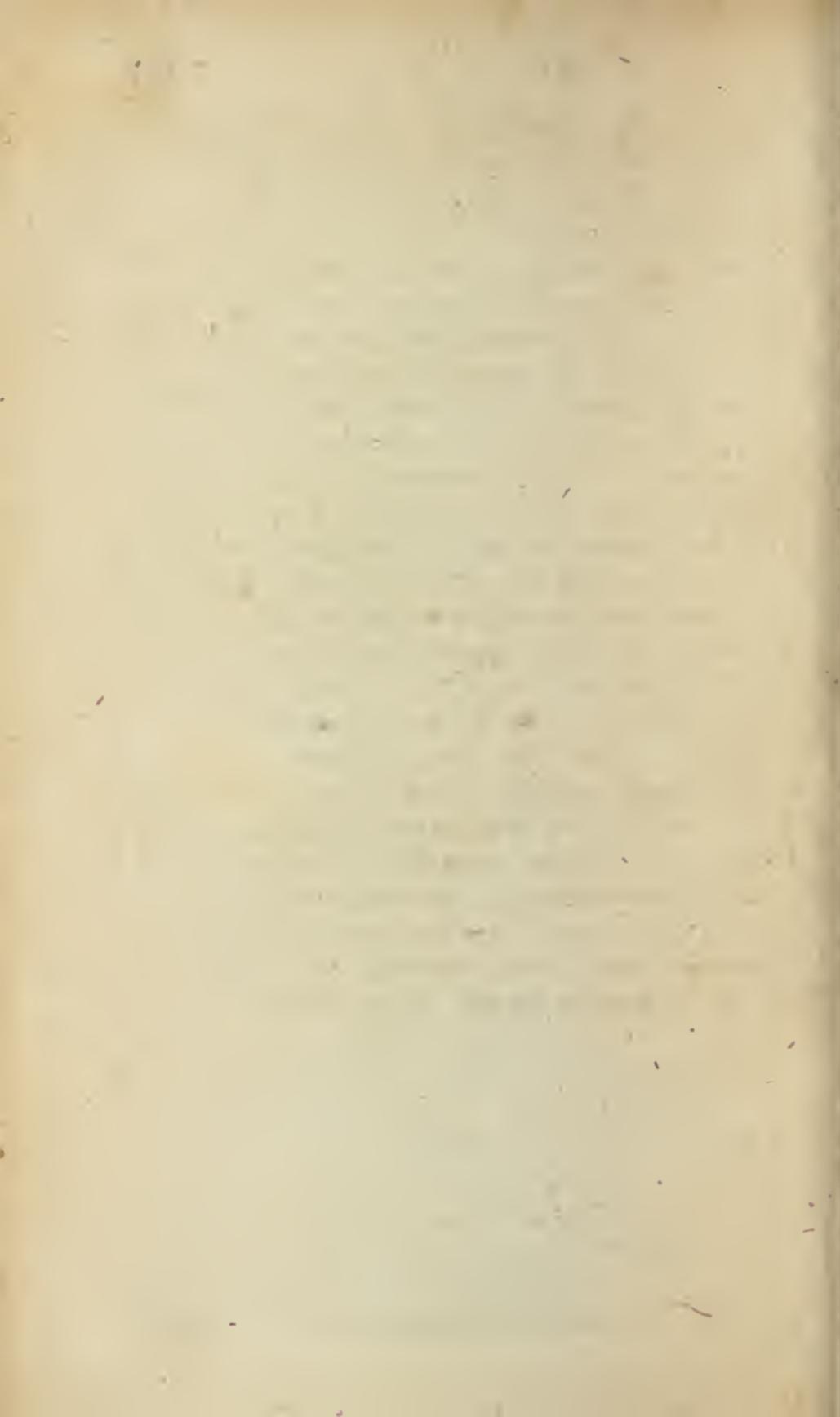
D'hum claro amigo bom mal se resiste.

Nunca tal perda, amigo, o Ceo te mande.

Dor he, que nunca a vida perde hū'hora.

Remedio póde aver, com que s'abrande;

Não que de todo a vença, e deite fóra.



# COMEDIA

## DE BRISTO

FEITA PELO DOUTOR

ANTONIO FERREIRA

AO PRINCIPE DOM JOAM.

**N**ACER esta Comedia pera serviço de V. A. foy pera mim tamanho milagre, que depois de visto, ainda o não acabo de crer. Porque sendo a primeira causa de homem tam mancebo, feita por só seu desenfadamento em certos dias de ferias, e ainda esses furtados ao estudo, quem crerá, que como cousa pera isso de dias ordenada, e de Author grave composta, fosse por seu serviço nesta Universidade recebida, e publicada, onde pouco antes se virão outras, que a todas as dos antigos ou levam, ou não dam ventagem. Salvo-me na força, que me foy feita nos bons juizos de homens de muitas letras, que consentiram nella, a que o meu foy necessario obedecer, que tambem escusam estoura ousadia de a offerecer a V. A., a que peço que a receba por sua, pois por esta Universidade, com igual consentimento de todos, lhe foy offerecida, e por ser em seu serviço merecco ser bem julgada.

# P R O L O G O

**B**EM sey que entre tantos juizos não faltarám aquellas differenças que a natureza tão variamente repartio com todos, nos rostos, nas proporções, nas falas, e nas letras. Porque poucas vezes se vio em tres cabeças hum si, ou hum não, ou hum duvido. Por isto não estranharei o rir deste, o murmurar daquelle, o praguejar daqueloutro. Com estes ainda se podia passar; mas ha hi huns colericos tam arrebatados, que como acham huma cousa fóra de seu gosto, não querem soffrer as outras, tão cegos na razão, que lhes não lembra, que são os gostos diversos, e o que a elles não apraz, póde aprazer a outros. Com estes taes me não ponho em juizo, sómente sou aqui vindo pera outros a que a natureza deu as condições manças, os juizos livres, as tenções bem inclinadas. Estes julguem se he vicio querer cada hum seguir com suas forças as cousas que bem parecem, principalmente esta, que antigamente foy tida em tanta conta. E pola qual aquelle Livio Andronico Romam antiquissimo, alcançou famoso nome pera sempre; não falo nos que o seguiram desde então até agora em Italia, pois em nossos dias vemos neste Reyno a honra, e o louvor de quem novamente a trouxe a elle, com tanta differença de todos os Antigos, quanta he a dos mesmos tempos. Porque quem negará, que na pureza de sua lingua, na arte da composição, naquelle estylo tão comico, no decóro das pessoas, na invenção, na gravidade, na graça, no artificio, não possa triumphar de todos? Hora sendo a cousa em si tão boa, seguida de varões prudentes, authorizada pela antiguidade dos tempos,

e ago-

e agora finalmente vista , e approvada com igual consentimento , e espanto nesta terra , não sey quem com boa razão terá a mal quem a quizer seguir , e mais com tão boa guia. Verdade he , que requiere idade , juizo , e experiencia (o que por ventura se não achará em todos) mas nem por isso se deve reprehender , querer cada hum com o trabalho anticipar o tempo. Contentar a todos ninguem o alcançou , muitos se contentáram com aprazer a muitos. O Author tomará por grande honra satisfazer a poucos.

A Comedia he mixta , a mór parte della motoria , fundada nos acontecimentos do Mundo , que commummente correm. Primeiramente virá aqui ter hum mancebo chamado Lionardo , que seguindo secretamente huns amores perdidos , que o trazem perdido , vindo saber como o seu pay quer casar , vem mettido em agonia. Outro seu amigo o aconselha , que vença com razão seu appetite. Mas como já tenha nelle criado raizes , não aproveita razão , nem conselho. E porque delles , e dos outros comprehendereis mais o argumento , favorecei com silencio , pera que melhor julgueis.

## PESSOAS DA COMEDIA

<i>Lionardo</i>	<i>Mancebo.</i>
<i>Alexandre</i>	<i>Mancebo.</i>
<i>Roberto</i>	<i>Velbo.</i>
<i>Calidonio</i>	<i>Velbo.</i>
<i>Bristo</i>	<i>Alcoviteiro.</i>
<i>Pinerfo</i>	<i>Moço.</i>
<i>Annibal</i>	<i>Cavalleiro de Rhodes.</i>
<i>Montalvão</i>	<i>Soldado.</i>
<i>Pilarte</i>	<i>Moço.</i>
<i>Cornelia</i>	<i>Mãe.</i>
<i>Camilia</i>	<i>Filha.</i>
<i>Licisca</i>	<i>Mulher solteira.</i>
<i>Pindaro</i>	<i>Pay.</i>
<i>Arnolfo</i>	<i>Seu filbo.</i>

## A C T O I.

## S C E N A I.

*Lionardo.**Alexandre.*

**N**ISTO vejo amigo meu Alexandre , que a agoa , e o fogo podem os homens escusar , a amizade não. Porque se te não tiverá pera communicação de meus males , como pudéra com elles. *Alex.* Verdadeiramente eu os sinto como meus , e muitos inconvenientes grandes , que dahi nascem ; não sei porque não queres olhar por ti ? *Lion.* Não posso , que estou a mil nós atado. *Alex.* Todos os quebrarás com a razão , que he mais forte , se a quizeres conhecer. *Lion.* Que farei ? que me aconselhas ? *Alex.* Que te hei eu de aconselhar , pois tu não

não estás pera conselho. *Lion.* Já que minha ventura foi essa, necessario he seguila. O amor não consente força. *Alex.* Dahi bem sabes quão honrado ficas, e teu pai tão contente, peza-me pelo perigo, em que pôs a ti, e a elle. *Lion.* Não sei se me vá daqui; mas como o poderey eu acabar comigo? *Alex.* Póde ser se o fizesses, que o tempo, e o esquecimento te curassem; porque em quanto estiveres a par de fogo, sempre te queimarás. *Lion.* Enganas-te, que este fogo não se apaga com agoa, nem com ausencia, antes ella he o que mais accende. *Alex.* Bebe logo algum vaso, toma algum remedio de esquecimento. *Lion.* Nem a isso me dá o amor licença. *Alex.* Pois eu não sinto que te mais diga, choro tua peña, doe-me tua perdição, Deos te desembarace o juizo pera te remediare. *Lion.* Que direy a meu pay? que escusa lhe darey, com que me não sinta? *Alex.* Que és ainda moço, que te não queres fogeitar tam cedo. *Lion.* Bem me aconselhas. *Alex.* Eu tambem (se me fallarem nisso) com a mesma escusa dilatarey o negocio, póde ser que entretanto algum desastre te mude a vontade. *Lion.* Quanto a mi (pera te dizer verdade) não me parece ora o peccado tão feo. *Alex.* Porque trazes os olhos cegos. *Lion.* Esta moça he fermosa, e boa filha, honesta, sezuda, recolhida. A máy tem fama de virtuosa, e de viverem honestamente. *Alex.* Bom he isso tudo, quando não vem faá. *Lion.* Emende-se huma cousa por outra. Se he pobre, tem outro melhor dote, que he fermosura, e virtude. *Alex.* Vay hora dizer isso a teu pay. *Lion.* Tambem elle deu sua cabeçada, não he muito dar eu a minha. *Alex.* Os erros alheos hão-se de olhar pera se fugirem, e não pera se imitarem. *Leon.* E mais tudo vem de Deos. Não posso eu fo-

gir do que me está ordenado. *Alex.* Essa razão he de Luthero, não sey se te valerá. *Lion.* Se me não valer, não sey que lhe faça. Meu pay se se agastar, defagastar-se-ha, se morrer ahi me fica tudo. *Alex.* E não te magoará muito seres tu causa de sua morte? *Lion.* Mas se Deos quiz que fosse o casamento livre, porque me estranhará elle usar eu de minha liberdade? *Alex.* Porque não he fundada em virtude, mas em appetite, que o casamento pôde ser livre, virtuoso, e muito honrado. *Lion.* Tambem Deos quer que se faça huma obra de Misericordia. *Alex.* É tu por essa razão o fazes? pois affirmo-te, que nunca te esta leve ao paraíso. *Lion.* Se quizeses bem, não me dirias isso. *Alex.* Quero-to logo a ti, e por isso to digo, andas cego, não vês, nem entendes, guar-te de arrependimentos sem cura, que doem muito. *Lion.* Ora meu Alexandre, peço-te que me encubras como sempre atéqui fizeste. *Alex.* E eu pela amizade, que entre nós ha, te rogo, que não faças de ti nada sem primeiro me dares conta. *Lion.* Não he necessario pedires-me tu isso, pois eu te busquey sempre pera meus segredos. *Alex.* Onde te vás agora? *Lion.* Esta he a minha hora, não a queria perder. *Alex.* Quanto peor he perderes-te a ti.

## S C E N A II.

*Alexandre só.*

**Q**uem deo tamanha força ao amor? como alcançou tamanho poder nos corações dos homens, que os cega, que os aleija, que os ata de pés, e mãos, e os traz apôs si, como encantados, porque (deixando os antigos de que lemos grandes cousas) pelo que agora vemos nos presentes,

res , quem se não espantará de ver andar homens perdidos apôs seus appetites , tão mettidos nelles , e tão esquecidos de si mesmos , que he vergonha , e piedade? E o pior he , que além de os amor cegar pera não verem seus erros , faz-lhes parecer o Mundo cego , e daqui vem cairem em tamanhas cegueiras , como cada dia vemos. Eu me ponho a cuidar ás vezes , de que vem fogeitar-se hum homem tanto , e acho , que não he amor tão poderoso , que possa entrar com quem lhe fechar a porta. Mas ha hi huns delicados , huns doces , derretidos , ociosos , escusados , com quem elle póde muito. Quanto eu vivo tão contente de me ver livre , que me rio de todolos contentamentos destes. Os meus amores são de tres dias , se me não succede bem , mudo-me a outros. Como , bebo , e rio , durmo meu sono em cheo , converso com meus amigos , jogo , tango , passo , com isto me defensado. Entregar a liberdade , he rija cousa. Que vedes aqui Lionardo meu amigo , que sendo filho de Roberto , homem muito rico , e muito honrado , Cidadão desta Cidade , e dos principaes , não tendo mais que este , e huma filha , ordenando de o casar com minha irmã , e a mi com a sua : huma rapariga chamada Camilia , a quem se foy affeiçoar , pobre , orfaã , filha de huma viuva , que não tem mais que quanto ganhão pela agulha , o tem da maneira que vedes , que nem lhe lembra quem he , o muito que perde , o perigo , em que põe seu pay , que he velho cançado , a vergonha do Mundo , o desgosto de seus parentes , tudo esquece , tudo despreza , não ha já conselho , nem remedio , que com elle possa. Eu quero-lhe bem , como irmãos , porque desde mininos nos creamos ambos , ambos aprendemos , e ambos sempre conversamos , hey dó d'elle , re-

prehendo-o , conselho-o , parece que então o atijo mais , o melhor remedio he deixá-lo á natureza. Como sentio hoje em casa que se falava no casamento , veyo se logo a mi todo desfigurado , frio , e morto , que polo amor de Deos o aconselhasse em tamanha afronta : trabalhei com boas razões de o trazer á razão , está tão fóra della , que a não conhece , hey medo que se acabe de perder de todo. Moça fermosa , elle afeiçoado , e favorecido , a conversação estreita , o conhecimento antigo , seguro está o negocio , a primeira vista , e o contrato acabado , e pera mais ajuda anda em mãos de Bristo , hum alcoviteiro , que revolve toda esta terra , day-o por feito de todo. Coitado do velho desque o souber. Tenho eu pera mi , que não he pera reprehender muito hum mancebo ser jugador , revoltoso , dado a mulheres , porque são peccados de mocidade , perque os mais passam. Casar-se sem licença de seu pay , me parece rija cousa. E eu tudo a meus filhos sofreria , senão isto , porque alli principalmente parece , que se nega aquella obrigação da obediencia natural. Lionardo he fóra de todos estes vicios , e de muitos outros , que se agora costumão , tem boas manhas , boa condição , discreto , sezudo , conversavel , amigo de seus amigos , se não quanto algum tanto he determinado , mas isto não he tacha , que lhe o tempo , e a idade não mudem , se lhe allí mudassem a tenção , que tão firme tem em seu dano. Estes amores o tem feito doudo , triste , solitario , desconversavel , fóra de toda a conclusão. Trabalhei por vezes de lhe ver bem a dama , nunca pude , agora vou espreitar seus passos. Mas he este Roberto seu pay.

## S C E N A III.

*Roberto Velho. Alexandre. Calidonio Velho.*

**V** Ou-me em busca de Calidonio pedir-lhe a re-  
posta do que praticámos, queira Deos fazer-  
nos nella tão conformes, como sempre atéqui fo-  
mos. Oh Alexandre, acharey teu pay em casa?  
*Alex.* Ha já pedaço que say della, mas creio que  
devagar ficava. *Rob.* Só, ou acompanhado? *Alex.* Só  
o deixei eu. *Rob.* Ora Deos vá contigo, que lá  
me vou. *Alex.* Quem pudesse dizer o que sabe;  
mas o velho he resto, mataria o filho logo, e de-  
pois a si. Em quanto o mal não he mais, Deos o  
póde curar. Entre tanto bom he esperar bem. Mi-  
nha máy me contará o que passarem ambos. *Rob.*  
Folgo de ver aquelle moço, a quem hey de dar o  
meu; e quanto o mais vejo, melhor me parece.  
Bom filho, sezudo, manso, amigo de seu pay, da  
honra, e da virtude, oh quam bem parecem os  
bons filhos, e quam mal os que o não são, que  
vejo por aqui andar huns perdidos, vadios, esfol-  
caras, que deshonoráo a si, e aos pays. Porque não  
haverá entre os Christãos, o que havia antigamente  
entre os Gentios? Dous homens, que elles chama-  
vão Censores, graves, antigos, prudentes, que ti-  
nhão cargo de emendar os máos costumes, castigar  
os mancebos viciosos, reprehendê-los, e ensiná-los.  
Oh que costume aquelle tanto pera seguir; mas da-  
nou-se o Mundo de maneira, que o não póde já  
receber, todos os bons costumes se perdem, toda  
a virtude se defacostuma. Os vicios, e as maldades  
vivem, e crescem. Sinal he isto, que vem nosso  
fim perto. Quem ouve dizer daquelles Lacedemo-  
nios.

nios a diligencia que tinham em crear seus filhos em virtude , que dirá de nossa negligencia ? Entre as boas doutrinas que lhe davão , principalmente era , que acatassem muito aos velhos , que os honrassem , e lhes dessem lugar onde quer que estivessem. Doutrina por certo santa , e boa. Agora os nossos manebos usão tão mal della , que nenhuma cousa defestimão tanto. Estes taes nunca os vós vereis chegar a esta idade. Os pays , que taes filhos tem , e os não afogão , merecião padecer a pena de seus erros. E assi se fazia antigamente , porque em vez de crearem homens pera a Republica , crião bestas feras pera sua destruição. Calidonio sabe de casa , quero-me ir a elle. *Calid.* Se aqui vier ter Roberto ? *Rob.* Aqui o tens. *Calid.* Oh Roberto , Deos venha contigo , agora hia a tua casa. *Rob.* E eu venho em tua busca. *Calid.* Queres que subamos ? *Rob.* Mas passeemos hum pouco , se mandares. *Calid.* Bom he pera a faude. *Rob.* Eu Calidonio tornei a cuidar no que tenho tocado , e quanto mais cuido , melhor me parece. *Calid.* Tambem eu cuidei assaz nisso , e ainda esta noite o pratiquei com minha mulher na cama. *Rob.* Como ? E estes segredos confias tu se não de ti mesmo ? *Calid.* Estranhas dar parte delles a minha mulher ? *Rob.* Antes me espanto muito , porque ás mulheres não se ha de descobrir mais , que o que tem necessidade de feu consentimento. *Calid.* E não queres , havendo eu de casar meus filhos , que tambem são seus , que o saiba ella ? *Rob.* Não , antes da cousa feita , pois não está em sua mão fazê-lo , nem desfazê-lo , queres apostar que o sabem já teus filhos ? *Calid.* Isso não ousaria ella , que eu tambem sou agastado. *Rob.* Eu grande bem quero a minha mulher , mas cousas semelhantes nunca lhas descubro , senão em feu

seu tempo, e sey que me póde conselhar. *Calid.* Se eu errey, perdoa-me. Quantas são as tenções dos-homens. *Rob.* Assi que digo, por muitas razões acho que vem isto igual a ambas as partes, como cousa ordenada por Deos, princiramente o conhecimento antigo, e boa amizade, que sempre entre nós houve. *Calid.* Que eu tenho bem experimentada. *Rob.* Depois disso a conversação destes moços de tamaninos, o amor que se tem ambos como irmãos, que folgo muitas vezes de os ver tão amigos, e tão bons companheiros. *Calid.* Se se lhes a elles apegassem as outras nossas condições, como tomárão essa. *Rob.* Quanteu não vejo em algum delles manhas des-honestas doutros mancebos, porque já teu filho sempre de moço teve coufas de homem, hum fizo, e hum repouso de que muitos velhos podem ter inveja: *Calid.* Eu não te quero gabar o teu, que tu sabes bem o que tens nelle. *Rob.* Basta que nesta parte não temos de que nos queixar. Ora a honestidade, e recolhimento de nossas filhas, todo o Mundo o sabe. *Calid.* Que he a principal parte no bom dote. *Rob.* Antes este só ordenou, e recebeu aquelle grande legislador na sua República. *Calid.* Vemos nós logo muitos, que andão buscando dobrões, e não tem conta com mais. *Rob.* Esses taes casão com o dinheiro, e dahi a dous dias ficão sem elle, e sem honra, quem busca virtude, Deos o ajuda. *Calid.* Bofé Roberto, essa val já tão pouco, que ainda que se ache, não ha quem a queira. *Rob.* Porque não serve senão das portas a dentro, se a mostras fóra, rin-se de ti. *Calid.* Mais seguro está quem acha tudo junto. *Rob.* A isso te hia, porque louvado Deos, tu bem sabes o que eu tenho, e o que espero de herdar por parte de minha mulher, daquella velha sua tia. *Calid.* Nunca te tenhas a essas

esperanças , que são muito duvidosas. *Rob.* Esta hey eu por certa , e por segura , porque ella fez seu testamento , e entregou-mo na minha mão. *Calid.* Assi pôde fazer outro , e revogar esse , e mais não faltará hum malsim , que te faya de través , que ou a sobornaste , ou lho fizeste fazer por força , ou estando fóra de seu juizo , e mil achaques outros costumados. *Rob.* E parece-te a ti , que não fabe-ria eu fazer com fizo cousa , que me tanto releva? *Calid.* Eu não digo que tu o não farias , mas o que te podem fazer , que eu fiquei tão escaldado do meu foro , que depois de gastar na demanda mais do que valia , vendi-o logo , só pelo aborrecimento que me deixou. *Rob.* He verdade que se fazem muitas bul-ras , mas tambem assi me podem vir demandar quan-ta fazenda tenho. *Calid.* E tu duvidas disso? *Rob.* Pois digo-te eu , que antes largava tudo , que an-dar por audiencias. *Calid.* Sohia ser , que se havia por injuria andar homem em demanda. *Rob.* Ago-ra té os Reys , e os Senhores andão mettidos nellas. *Calid.* Por isso os Letrados são tantos. *Rob.* Vi-vem , e reynão. *Calid.* As nossas custas. *Rob.* Pó-de ser , se Catão fora neste nosso tempo , que tam-bem os não recebêra , como aos Physicos. Mas se os homens quizessem viver conforme á razão , e á natureza , assi se escusarião as leys dos Gregos , e dos Romãos como as purgas , e invenções perigo-sas da Medicina. *Rob.* Já que nossa malicia não quer isso , bem me está aver leys , e aver Letra-dos , se se todos sometteessem ás leys. *Calid.* Por isso se comparão ellas a teas d'aranha. *Rob.* E o que me mais espanta , que mais leys tem estes feito de suas opiniões dez vezes das que acharão feitas. *Ca-lid.* E ainda effas mudanças de tantas maneiras , que as não conheceria agora quem as fez. *Rob.* Quan-

tas mais leys mais bultras, mais roubos, mais malicias. *Calid.* Affi diz o rifão Italiano. *Rob.* Mas tornando á pratica, creio que quanto ao dote não estamos differentes. Ora nos estados tu bem me conheces, e bem conheceste meu pay, e meus passados. *Calid.* E tu os meus. *Rob.* Que sempre se ajudarão huns dos outros. *Calid.* Dahi nos ficou a nós nossa amizade. *Rob.* Pois bem entendes quanto faz a igualdade no casamento. *Calid.* Dito foi a hum grande fabio. Casa com igual. *Rob.* Além disso, nossas filhas não são tão fermosas que fação ciumes, nem tão feas que não contentem. Antes tem aquelle parecer meão, a que hum Romam chamou muy bem fermosura de casada. *Calid.* Bem vejo, que em isso tudo estamos conformes. *Rob.* Em que achas tu logo a-differença? *Calid.* Nas idades. *Rob.* Como? *Calid.* Que estes moços são ainda muito moços. *Rob.* Pera este Mayo que vem faz o meu 22. annos. *Calid.* E tu não sabes que mandavão os antigos, que o homem fosse de 35, e a mulher de 18, pera que os filhos nascessem mais robustos, e com menos debilitação dos pays? *Rob.* Isso era no tempo, que os homens vivião cem annos, quem agora chega aos 60. já não presta. *Calid.* Todavia, fogeitar assi huns moços tão cedo a tamanha carga, não me parece bem feito, porque ainda tambem o tempo não acabou de descubrir nelles o que póde estar encuberto. *Rob.* Dizem lá, que de pequenino verás, elles sempre atéqui forão bons, daqui por diante o fizo, e a idade os fará melhores. *Calid.* O matrimonio requiere idade perfeita, prudencia, e conselho pera saber tratar a mulher, grangear a fazenda, ensinar os filhos, e mandar a casa. *Rob.* Não me parecia a mi' grande inconveniente esse; mas se assi queres, não se perde na-

nada fazermos entretanto nossos concertos. *Calid.* Esse era o meu conselho , e assi o determinei com minha mulher. Por tanto ajuntemo-nos , quando tu quizeres , e concertaremos tudo. *Rob.* Falas á minha vontade , e eu espero em Deos amigo meu Calidonio , que estes moços nos hão de fazer mui contentes. *Calid.* Assi queira Deos. *Rob.* Ora eu me vou , Deos fique contigo. *Calid.* Não te vás , jantará do que ouver , e da boa vontade , que he a melhor iguaria. *Rob.* Eu to agradeço. Este contentamento me farta , e me mantem. *Calid.* Vay as boas horas.

## S C E N A III.

*Calidonio só.*

**O** Quanto devem os filhos aos pays ; nem sem causa lhes davão os antigos poder de os matarem , pois os pays se matão por lhes dar a vida , por os pôr em honra , com tantas fadigas , com tantos trabalhos , e suores. Mas qual he o filho , que conheça isto , e que trabalhe de dar hum contentamento ao pay em pago de tantos desgostos passados por amor d'elle ? Porque deixando o trabalho da criação , seus choros , suas meninices , que ás vezes enfadão , e canção , as travessuras da mocidade , os sobressaltos , que com elles tendes cada hora , com que se podem pagar ? ora desque são homens , as brigas , as doudices , os jogos , as mulheres. Verdadeiramente muito deve a Deos , a quem elle deo filhos manços , e obedientes , porque estes são os que descanção os trabalhos da vida , e os que consolão a tristeza da morte. Contento morre hum homem , quando cuida que deixa cá no Mundo hum  
bom

bom filho em conservação de sua memoria , que lhe reze pela alma , que visite sua sepultura , com que aquelles ossos , e aquella terra parece que se consolão. Eu entre as muitas mercês , que Deos me fez , esta hei por principal. Deo-me hum filho , e huma filha conformes a meus desejos. A moça he boa filha , honesta , sezuda , devota , e que toma toda boa doutrina minha , e de sua máy. O moço manço , e repousado , como diz Roberto , fóra das condições , e tratos dos outros mancebos , em quem sempre conheci huma vergonha , huma mansidão , huma obediencia , que maleja seu acatamento , seus olhos no chão , de tamanino , que não tinha idade , nem saber pera entender aquillo. Tudo vay na boa inclinação. Por isso receo muito de os empregar mal , que estes casamentos são muito perigosos , e acertar hum bom acerto , he cousa , que poucas vezes acontece. Des que me Roberto falou nisto , não como , não durmo , nem socego. Mas deitadas bem todas as contas , acho que se lembrou Deos de minhas orações. Este he bom homem , afazendado , dos principaes da terra , os filhos tambem sahem a elle. Determinado tenho de nos concertarmos , senão quanto me parece grande inconveniente esperar pela herança da outra , que está mais sã , e mais rija , e mais moça que ellas. Perigosa cousa he pôr a esperança na morte alhea , por isso quiz dilatar o casamento , porque o tempo em diante me ensine o que heyde fazer. Bom he ter homem na tormenta huma taboa a que se pegar , e mais agora que o mar anda tão revoltto. Lá vem meu filho , quero mandar pôr a meza.

## S C E N A V.

*Alexandre só.*

**D**Igo-vos, que não culpo Lionardo em seus extremos, antes me espanto de o ver com tanto fizo. Vês Camilia, que me pareceo a mais fermosa coufa, que meus olhos virão, he vento o que se diz, já agora não culparei quem fizer qualquer desmancho por ella. Não parece senão que a fermosura, assi como representa mais aquella semelhança de Deos, assi tem huma força natural, com que afieço os olhos, e as vontades. E por isso lhe chamou o Grego, reyno sem vassallos, todavia o mais seguro he guardar-se homem destes encontros. Porque já eu começo sentir em mi humas differenças, que não entendo. Deos me guarde do laço de Lionardo. Vou-me jantar, não espere meu pai por mi.

## A C T O II.

## S C E N A I.

*Pinerfo moço.**Bristo alcoviteiro.*

*Pinerf.* **O**Lha que te não esqueça. *Brist.* Mano queres-me tu mais que isso? *Pinerf.* Bem sabes que não empregas mal teu trabalho. *Brist.* Antes te'cu ora digo, que são as mercês muitas. *Pinerf.* Pelo tempo em diante as acharás maiores. *Brist.* Pera quem deixa de fazer o que lhe releva, e de ganhar sua vida, onde pôde ter mais proveito. *Pinerf.* E tu tens outro officio, ou beneficio? *Brist.* Bom está o rato, que não tem mais que hum buraco.

co. Este he o de que eu faço menos conta. *Pinerf.* Quaes são os outros por vida de Bristo? *Brist.* Allí queres que te descubra meus segredos, e mais na praça? *Pinerf.* Por tão palreiro me tens que to vá logo apregoar? *Brist.* Vai enganar o diabo. Bem disse o outro, não te fies de rapazes. *Pinerf.* Pera ser tão livre, folgára de ser como tu es. *Brist.* Pois de que te vem a ti queres saber o que te não releva? *Pinerf.* Mas de que te vem a ti encubrires-te allí tanto? *Brist.* Que dizes? *Pinerf.* Que atégora não tens que te queixar de Annibal. *Brist.* Si bofé, a todo o Mundo eu faço inveja com as suas dadivas. Não vedes como estou rico, e honrado. *Pinerf.* Boas duas cousas querias. Andas logo gordo, e farto. *Brist.* Tenho-me eu com outros, que me vestião, e calçavão como huma dama. E além disso os banquetes, e os jantares, que me enfastiavão, pois não tinha eu então tanto trabalho, nem elles tanta renda. *Pinerf.* Hum dia destes lhe háo de vir humas poucas de dobras. Allí tens então bom salto. *Brist.* Quantos annos ha que tu, e elle me ameaçais com isso? *Pinerf.* O que tarda não se perde. *Brist.* Tanto que pôde tardar, que fique pera meus herdeiros. *Pinerf.* Forte diabo he este, que nunca se farta. *Brist.* Esse teu senhor cuida que eu sou Camalião, que me hey de manter com vento? *Pinerf.* Queres trocar esses teus ventos polo meu pão? *Brist.* Não vou nunca a casa de nenhum homem honrado, que por huma cantiga só, que lhe cante ao meu adufe, não venha com hum no papo, outro no sacco. *Pinerf.* Pera que he ser mais Rey. *Brist.* Pois que cuidas? parecer-te-ha ora que zombo? *Pinerf.* E como te creio, que vós-outros sois os que estorvais as obras pias. Mas pera tão boa renda, não trazes grande apparatus? *Brist.* Huy co-

mo és moço? sou eu por ventura, como estes parvos ventosos, que querem cubrir o Ceo com huma joeira? Não me deo minha máy esse conselho? *Pinerf.* Pois qual? Por vida tua que me ensines. *Brist.* Enthefourar, e guardar, e depois quebrar o mealhico. *Pinerf.* Então? *Brist.* Prouvera a Deos que o tivera eu já cheo, tu me viras mudado em dous dias. *Pinerf.* Que avias de fazer? *Brist.* Essas contas guardo eu pera mi só, és tu por ventura meu padre espiritual? *Pinerf.* Não has vergonha de ganhares tua vida tão torpemente? *Brist.* Mor torpeza, e mor vergonha he furtar, queres que te diga, eu não o roubo a Deos, nem ao pobre. *Pinerf.* Deos o sabe. *Brist.* Outros averá, que o ganhem peor que eu. *Pinerf.* Com esses te consola. *Brist.* Não o furto á dizima, nem á siza, Deos he o que mo dá, e meu trabalho. *Pinerf.* Mas o diabo. *Brist.* Não hajas medo que me venha nunca o Corregedor a casa, que se queixe o pobre que o esfolei, que lhe roubei sua justiça, que dei sua fazenda a outrem a poder de peitas. *Pinerf.* Essas contas enganão muitos, que querem desculpar seus erros com os alheos. *Brist.* Não te entendo. *Pinerf.* Digo que com tudo isso, eu não te queria jazer na pele. *Brist.* Bem, e quantas vezes me viste tu neste Mundo prender, ou açoutar? *Pinerf.* Poucas a falar verdade. *Brist.* Huy pelo enxoval que affi me honra, prometto de o dizer a teu amo. *Pinerf.* Vá huma por outra, e fiquemos amigos. *Brist.* Encomendo-te eu aos imigos. *Pinerf.* Ora. *Brist.* Tirtela, que não hei hoje lá dir. *Pinerf.* Não farás. *Brist.* Se não se for por teu nial. *Pinerf.* E quando vás tu lá por nosso bem. Todavia ficas nisto? não me quer fallar. Sabes mais que todo Mundo. Vedes aqui como se gastão muitas vezes os bens da

Igreja, as comendás da cavalleria com alcoviteiros, com chocarreiros, com cães, com dados. Digo-vos que quero antes ferver, e morrer de fome, que tomar tamanhas obrigações ás costas, porque por derradeiro tão farto hey de ir á cova como elles, e no outro Mundo tenho a pousada mais certa.

## S C E N A II.

*Bristo só.*

**D**Izem lá, que melhor he huma arte, que hum Reyno, porque o Reyno póde-to tirar a fortuna, a arte sempre anda contigo, qualquer terra a cria, e a sustenta. Coitado de mi senão tomára este officio, máos cães me comêrao, elle me veste, e me mantem, onde quer que for, segura tenho a pousada. O Mundo anda agora tal, que se não póde viver d'outra maneira. Tenho provado quantos officios deo Deos, com nenhum me achei tão bem, como com este. Ando de terra em terra, como cigano, fazendo meus pousos, onde me não conhecem em dous dias sou conhecido de todos. A primeira cousa que faço como chego, he saber o trato todo da terra, quantas putarias tem, quantos covís, quantas alcoviteiras, quaes são as meças fermosas, os mancebos doudos, qual joga, qual gasta, qual he de mulheres, metto-me com elles, e com ellas, digo-lhes trinta chocarrices, que me vem á boca, todos me conhecem logo, todos se me afeiçoão. Não ha nenhum que não folgue mais de me convidar com o jantar, que dar huma esmola a hum pobre. Ao primeiro dia fei toda a Cidade, não fica rua, travessa, beco, nem recanto, e ponho minhas balizas, porque não erre. A primeira visitação he a  
casa

casa das lavrandeiras, metto-me com aquellas moças, como moça, gabo-as de fermosas, d'alvas, de bons olhos, ensino-lhes mézinhas pera os cabellos, agoas pera o carão, mostro-lhes meus lavores, meus lenços, minhas cadanetas, de huma visitaçáo só fico por companheira, ás velhas chamo moças, ás moças meninas, ás fermosas Anjos, todas trabalho de contentar, porque se dem comigo; os mancebos todos são meus fermosos, meus namorados, meus manos, minhas rofinhas. Hum me dá o gravi, outro a camiza, outro o fayo, e o dinheiro. Assi ganho minha vida o melhor que posso, em quanto o Mundo crear parvos, não ajaes dó de mi. Este he o mais certo ganho, e mais sem trabalho. Todavia andar com o olho sobre o ombro, que estes meus tratos ás vezes tratáo-me mal. Fiquey tão escaldado de hum latego, que ainda me doem as costas, por isso apalpo primeiro o váo, que me metta nelle. Não me vereis nunca por casa de homens velhos casados, arreigados na terra, que me podem pôr no pelourinho por qualquer suspeita. Todos meus passos são seguros, gato escaldado d'agoa fria á medo, não me colhem a mi mais no brete, como finto a bolsa chea, dou hum voo pera a outra parte. Então sou tão matreiro, que quantas terras ando, tantos nomes tomo. Aqui me chamo Bristo, acolá Ilario, porque me não sigáo, que eu por onde quer que ando sempre deixo rasto. E elles chamáo-me fanchono, marinello, mas eu engordo ás suas custas, e por derradeiro dou-lhes tres figas. Nesta Cidade me foi a mi melhor que nunca, por causa desta Camilia, que alvoroça toda a terra. Mais de vinte mancebos andáo apôs ella, e todos pégáo comigo, porque me vem lá ter entrada, que eu conheço-a de menina, e a máy, e o pay, que era hum

ho-

homem muito honrado, Deos lhe aja parte na alma, que já me livrou do poder da justiça. Chamava-se Pindaro, deseioso casar esta filha honradamente, a que elle queria mais que aos seus olhos, foise a essa India, que he peor que as covas de Salamanca, por hum ficão sete: coitado, tendo seu movel feito, e vindo-se com elle, e com outro filho, que levou consigo, deu a tormenta nelles, não parecêrão mais, dous annos ha que os tem por mortos. A coutadinha da moça, que he hum fantinha, fermosa como hum Anjo, colo de garça, toda bem estreada, ficou assi orfaá, e desemparrada em poder de sua máy, he piedade ver a pobreza, com que vivem, todo dia, e toda a noite lavrar, e coser, que me espanto como tem já mãos, e olhos: mal aja a fortuna, que tanto desemparrado causa. Mas Deos nunca desemparrado quem se a elle encommenda. Anda aqui hum cavalleiro de Rhodes chamado Annibal, velho, velhancão, que parece destes Reys antigos das tapeçarias velhas, doudarrão, gastador, mal assombrado, barba de mouro, que as quiz manter o melhor que pode. A obra boa he se fora pelo amor de Deos, mas sua tenção he do diabo. Mette-se-lhe em cabeça que a ade aver por manceba. Trago-o enganado á mil dias, eu faço meu proveito, e guardo a honra da moça. Dessão renda, que lhe Deos dá, faz elle tres quinhões, hum pera mi, outro que elle cuida que he pera ellas, que tambem me fica, o terceiro, e mais pequeno pera sua casa. Nunca al vistes, senão o dos pobres dalo o diabo. E com quanto reparte tambem comigo, sempre me mostro descontente, que estas são minhas artes, a quantos me falão nella, ou em outras, a todos faço bom rosto, todos grangeo, todos roubo sem hum saber parte do outro, e cada hum delles cuida

da que a tem nas unhas. Hum mancebo só anda aqui chamado Lionardo com quem trato toda a verdade , porque he bom filho , e conheço nelle boa tenção pera a moça , que eu queria ver muito bem casada polas boas obras , que já recebi de feu pai , ella tambem he perdida por elle , mandou-me em sua busca , eyo de chegar a conclusão , se seria tão ditoso que o achasse. Lá vejo vir Annibal , quero-me esconder delle.

## S C E N A III.

*Annibal Cavalleiro de Rhodes. Pinerfo.*

*Annib.* **Q**ue te disse esse fanchono? *Pinerf.* Não sei , não o entendo. Tem-lo posto em mui máo foro. *Annib.* De que maneira? *Pinerf.* Parece-me que quer que lhe enchão de cada vez a bolsa , e a barriga. *Annib.* Não joguete elle comigo. *Pinerf.* Mas porque poés tu tua honra na mão deste , que não tem ley com Deos , nem verdade com os homens? *Annib.* Ainda atéqui o não colhi em nenhuma , a primeira pagará por todas. *Pinerf.* Não hey por bom concelho fazer essa experiencia , que o velhaco he tão trincado , que fará feu fardem sem o ninguem sentir. *Annib.* Não oufará elle isso comigo , que eu não sou homem de palha. *Pinerf.* He tão máo , que hey medo que nos engane. *Annib.* Nunca me ninguem enganou em mancebo , menos me enganará em velho. *Pinerf.* Hey por mui roim final andar-se sempre escondendo. *Annib.* Estes são diabos , querem-te dar a entender que tem outros negocios pera te encarecerem mais o teu. Mas onde o deixaste tu? pera onde te disse que hia? *Pinerf.* Nunca mo quiz dizer.

*An-*

*Annib.* Que razão te deo? com que se escusou? *Pinerf.* Com nada. Tudo forão queixumes de seus trabalhos, e tua escaceza. *Annib.* Affi lhe vay? Ora não mais, eu me lhe darey a conhecer. *Pinerf.* Quem não ha medo ao diabo, queres que o aja de ti? *Annib.* E eu não sou peor que todos os diabos, agora me conheces tu? *Pinerf.* Digo senhor que he muita verdade, cuidei que era arrebatado. *Annib.* Não sabes que nunca me ninguem anojou hum tamanino, que o menor castigo não fosse perder a vida? *Pinerf.* Pois porque sofres a este tanto? *Annib.* Porque o homem prudente primeiro ha de andar ás boas que ás más, que este he hum dos bons preceitos da cavalleria. *Pinerf.* Esse guarda tu com os Cavalleiros, e não com os fanchonos. *Annib.* Em toda a parte parece bem o fizo, e a prudencia; mas não se engane elle comigo, guarde-se de minha ira, que a ninguem perdoa, e com ninguem sabe usar de complimentos. *Pinerf.* O Deos, que sofres este, e suas doudices! *Annib.* Por outro tal fiz eu já cruezas, que soárão, vai-te per hi em sua busca, dize-lhe que o fico aqui esperando, então venha-me elle com escusas. *Pinerf.* Hi lá em busca do vento, onde hey de achar hum bargante, que não tem hum covil certo, e se te furta diante dos olhos? *Annib.* He pouco conhecido nesta terra. *Pinerf.* Se o não achar logo, deixá-lo-hey? *Annib.* Faze toda a diligencia com que me vá hoje a casa. *Pinerf.* Prometto se o acho de fazer com que lá não torne. *Annib.* Não sey como vivo, e como não arrebeno. Paciencia. Mas quem poderá com tanto? Não tenho vida de homem com esta moça. Perco-me por ella a olhos vistos, e hey medo que me achem hum dia morto, e matar-me-hão amores, não me podendo nunca matar espadas,  
nem

nem bombardas. He por demais aquelle rapaz , vay de mámente , nem o ha de buscar , nem o ha de achar , então vivey lá. Ha de estar minha vida pendendo das mãos de Britto ? quamanhas mudanças faz o tempo , e idade. Quam fora eu quando estava em Rhodes de sofrer o que agora soffro. Muitas vezes me espanto de me ver allí tão mudado , que eu mesmo me desconheço. Por qualquer cousa matava , queimava , destruia , fazia cousas de todos diabos. Não havia cem homens , que na força de minha cólera me tivessem rosto meya hora. Todos affombrava , todos tremião , onde quer que meu nome soava , fazia espanto , e allí era chamado o segundo Annibal. E sendo sempre dado a estes appetites da carne , nunca nenhum me custou tanto como este. Nunca me vi tão perdido , e tão namorado da vontade , a mor parte de meu fizo perdi com esta moça , dou-lhe quanto tenho , e aindaque atéqui aproveitou pouco , folgo de se ella lograr do meu. Já pôde ser senão tivera este impedimento da ordem , que me casara com ella , e fizera huma boa obra por salvação de minha alma. Mas pois não pôde ser , tambem Deos se contentará destoutra. Casalachei honradamente , pois tenho bem por onde , se ella não quizer ser parvoa , e se entregar em minhas mãos , quando não , toda a perda será sua.

## S C E N A III.

*Montalvão soldado.**Annibal.*

**J**A nunca pude ter hum bom acerto com este , parece cousa feita a cinte. *Annib.* Qua vem Montalvão meu soldado. *Mont.* Cuidei que lhe escapasse homem , e furtasse esta tarde pera meus nego-

gocios. *Annib.* Este he todolos diabos, folgo com elle, porque o vejo de bons espiritos. *Mont.* Hade estar menencoreo, com feros o amansarei. *Annib.* Ainda me não vio. *Mont.* Ha dias que ando dezejeito de achar com quem peleje, he grande enfadamento fer hum homem tão pacifico. *Annib.* Não he menos daquillo, tomai-vos lá com elle. *Mont.* Por isso folgava em Rhodes, cada dia avia mortes, e defaños. Esta gente he toda morta. *Annib.* Aquillo são espiritos meus. Olhai que faz a conversação. *Mont.* Des quanto ha que aqui ando, não vi hum arruido. Antes de hum par de dias eu me mostrarei a estes. *Annib.* Quero-o chamar. Montalvão? *Mont.* Quem me chama? Oh senhor, não te vi sair de casa. *Annib.* De que te vinhas queixando agora? *Mont.* Dir-to-hei. Vinha estranhando comigo quão poucas revoltas vejo nesta terra. *Annib.* E peza-te disso? *Mont.* Bem sabes que me criei com sangue de homens, onde não ouço armas, e golpes, cobre-se-me o coração. *Annib.* Bom vinhas tu agora pera qualquer cousa. *Mont.* Queres-me dar licença que espanque hum par destes escudeiros por meu defenfadamento? *Annib.* Essa licença pide tu á justiça. *Mont.* De ti só hei medo. A justiça pouco me póde empecer. *Annib.* E donde te veyo agora isso á cabeça? *Mont.* Mas donde te vem perguntares-me tu isso? Parece que me não conheces. Não te lembra, quantas vezes me livraste em Rhodes do barço, e do cutello. *Annib.* Ahi podia eu muito, aqui não posso nada. *Mont.* Porque tu queres, em tua mão está levatares-te com a terra. *Annib.* Quando isso fosse não me faria tredor por tão pouca cousa. *Mont.* Do pouco se vem ao muito. Começa tu huma vez, que nós despovoaremos o Reyno. *Annib.* Ora eu vou caindo no que di-

zes , não se enxergão aqui homens. *Mont.* Pera prôva disso heide andar com quantos achar ás bofetadas. *Annib.* Parecem azados pera se calarem com ellas , e demandar-te a injuria. *Mont.* Então te digo eu que se elles salvavão , não me escaparião na India. *Annib.* Porque? *Mont.* Porque não posso sofrer homem covarde. Tu me puzeste neste costume. *Annib.* Todos querias que fossem como eu. Então pera que prestava? *Mont.* Pera o que elles prestarião , se fossem como ti. *Annib.* Que dizes? *Mont.* Que vejo passar certos mancebos por aquella rua , desejo de me defenfadar com elles. *Annib.* Não cures de escandalizar a gente , isso fique pera a guerra. *Mont.* Mata-me logo , e morrerei honrado. *Annib.* Porque? *Mont.* Porque hey medo que me mate a paz. *Annib.* Ha , ha , ha. *Mont.* Deilhe no goto. Bem sabes que a natureza do homem he viver com aquillo só com que se criou. *Annib.* Es diabolico. Mas que honra podes ganhar com esta gente tão mísera? *Mont.* Eu não ohei pola honra. Bem me basta o que tenho em ser teu , e te servir , mas por fartar a vontade. *Annib.* Oh Rhodes , Rhodes. *Mont.* Ah , ah , já me ha enveja , elle começará com as suas. *Annib.* Lembra-te aquelle dia? *Mont.* O do diluvio do sangue? *Annib.* Já nunca perderá esse nome. *Mont.* Queres que se esqueção cousas tuas? *Annib.* Não me parece que podia fazer mais hum homem contra tantos. *Mont.* Eu que o vi o não creio. *Annib.* Tomarem-me desarmado , e elles carregados de ferro. *Mont.* E creio ainda que te faltava a espada. *Annib.* Si. Mas eu de huma punhada lancei hum no chão , e levei-lhe a sua. *Mont.* Então te deu o outro o golpe no hombro. *Annib.* Essa só ferida creio que levei dahi. *Mont.* E fui tal , que ta curei eu com huma estopada.

da. Choro cada vez que me lembra. *Annib.* Ora o outro Valenciano, que jugava de todas as armas se lhe valerão comigo. *Mont.* Não parecia senão que andavas encantado. *Annib.* Huma coirinha danta só trazia. *Mont.* Nunca deste ferida, que curasse fisico, e de quantas apanhaste (se te lembra) sempre ficaste vivo. *Annib.* Que dirás a isso? *Mont.* Que tuas carnes não consentem ferro. Que perda foi, não te achares naquelle cerco. *Annib.* Tinha Deos ordenado de se perder. *Mont.* O primeiro sinal foi faltares tu então. *Annib.* Já pôde ser, que ou se não perdêra, ou se sustentára mais tempo; porque hum homem destro nos ardis da guerra, bem sabeis que val mais que todo o exercito. *Mont.* Nunca me esquecerá aquelle dito teu, que mais era para temer hum exercito de ovelhas, quando tinham por Capitão hum Leão, que de Leões, se os capitaneava ovelha. *Annib.* Mas bem se podia dizer de mi, que livre de hum grande trabalho o povo Turquisco, como o primeiro Annibal disse polo Romaão quando morria. *Mont.* Ora nunca vi cousa trazida a tão bom proposito. *Annib.* Já pôde ser, que se dizia lá isso. Não duvides tu muito. *Mont.* Eu me espanto, como te desacostumaste tanto das armas. *Annib.* He hum modo de penitencia que agora faço, em pago de minhas travessuras. *Mont.* Não sei como podes acabar isso contigo. *Annib.* Porque vejo que tanto se ganha em sofrer, como em vingar. E mais grão fortaleza he vencer-se hum homem a si mesmo. *Mont.* E mais quem todos vence, que tu não dizes. *Annib.* Mas huma menina vence me. *Mont.* Essas forças são da carne, que he o mais forte imigo que temos. Não te espantes disso. *Annib.* Não sei que remedio tenha. *Mont.* Queres que ta traga eu hoje a casa? *Annib.*

Já te disse que minha determinação era viver em paz, quem ma quebrar terá guerra. *Mont.* Pois ha de haver no Mundo Annibal Cavalleiro de Rhodes, conhecido, e nomeado entre Christãos, e Turcos andar assi fogeito a miserias dos outros homens? *Annib.* São mudanças da fortuna, que no meu tempo, bem sabes tu, que quer fosse casada, quer solteira, ou donzella, ou enterrada, não era necessario mais que saber-se, que entendia eu nisso, pera o pay, ou o marido ma trazerem a casa acamada. *Mont.* Quando me lembra isso fico pasmado, olho pera ti, e parece-me que não és esse. *Annib.* Já me aconteceu sobre teima (olha que cousas faz a mocidade) saltar com huns dez, que se tinham por lubis homens, e tomar-lhes huma Turca, que até li se podia dizer fermosa, e rendendo-os a todos sem eu receber ferida, os fiz vir por escudeiros diante della até ma deixarem em casa. Que te parece? *Mont.* Agora queres que me espante de cousas tuas. *Annib.* Estas erão as minhas travessuras. Depois cancei, abrandei, sou já tão mansarrão como vês, que me deixo fogeitar de hum marinello, e não o enforco, e cumpro meu appetite a pezar do Mundo todo. *Mont.* Como, não te tem elle já negociado tudo? *Annib.* Antes me parece que quer brincar comigo. Mandei-o hoje chamar, não quiz vir. Agora he lá Pinerfo em sua busca. *Mont.* Póde ser que descarregarei eu nesse marinello o appetite da furia com que ando. *Annib.* Não faças, vejamos primeiro com que vem. *Mont.* Cumpre-lhe-ha eile trazer-ra a casa, ou hum lobo vivo. *Annib.* Não poderá mais por ventura, que a moça he virtuosa, cuida que o que lhe eu dou he por esmola, e dizem-me que tem grande esperança nos acertos de Deos. *Mont.* E que melhor acerto póde

de ter ella que este ? não val mais ser tua manceba, que mulher de nenhum homem? *Annib.* Isso não entende ella, nem á quem lho diga. *Mont.* Ora me deixa com Bristo, que eu lhe prégaréi hum pouco. *Annib.* Pois alli he, fica por aqui esperando, que ou elle, ou Pinerfo não devem tardar muito. *Mont.* Vay embora, que eu terei cuidado. *Annib.* Hate por bem com elle, não o escandalizes. *Mont.* Descança.

## S C E N A V.

*Montalvão só.*

**V**Edes alli hum homem, que nunca vi, nem conheci senão desque entrei nesta terra. Tive tão boa manha com elle, que lhe metti em cabeça, que o servíra em Rhodes huns dias. De maneira, que ainda que lhe agora jure o contrario, já me não crerá. Terra foy, onde nunca puz os pés. Toda minha vida fuy belinguim em Roma, matey lá hum Clerigo, acolhi-me a este couto. A alma não sey que tal anda, a vida queria segurar, mór medo hey á força, que ao diabo. Quiz-me Deos bem, que vim topar com este doudo, metti-lhe mil mentiras em cabeça com pouco trabalho, des que me informey de sua arte, dou com elle hum dia em sua casa, estando jugando com outros, (que foy grande acerto) lanço-me a seus pés, começo-o de abraçar, como se o sempre conhecêra, elle na verdade á primeira ficou confuso, mas des que me ouvio falar em Rhodes nos Cavalleiros, nos Turcos, e dizer mil façanhas que fizera, de que eu soube que se elle gabava muito, abraçou-me, conheceo-me, agaalhou-me, tem-me como hum Rey. Eu sou o que

mando a elle , e a casa toda , he homem de boa renda , vam , gastador , denodado , cabeça de ferro , que com quanto não hei medo ao diabo , afombro-me com elle. O serviço que lhe faço he fallar-lhe á vontade , gabar-lhe quanto faz , rir-me quando ri , crer-lhe quanto diz , mentir-lhe isso que posso , se chora , choro , se canta , bailo , se brada , grito , e só com isto o contento. Conto-lhe coufas , que elle nunca ouvio , nem fez , desafios que teve , batalhas que venceo , mil perigos de que me livrou , e tudo cuida que he si. Se não de quando em quando me diz , que lhe não lembra. Então me vejo em aperto. Mas começo-me a rir delle , e dizer , que huma moça tem poder de lhe trovar o juizo , e a memoria. Quando isto não basta , juro-lho por quantos juramentos me ensina o diabo. Assim que por huma via , ou por outra , tudo lhe faço crer. Ajudou-me a mi muito a conversação , que tive hums dias com hum soldado que se lá achou , que me deo alguma informação da terra , e me contou coufas deste , que fazia doudamente , mas sayam-lhe tão bem , que espantava a todos. Eu com huma verdade encubro dez mentiras , e tenho tal arte , que ponho em lembrança as mais affinadas coufas , que me conta. Torno-lhas a contar dahi a hums dias tão naturalmente , como se lhas eu víra fazer pelos meus olhos. Mas a graça he , que ainda algumas destas me diz , que lhe não lembrão. Este hey eu por mayor aperto , porque estou estalando com rizo , quando me não posso ter , digo-lhe que me lembrou huma graça sua. Que quereis mais? Aconteceo-me já hilo espreitar huma noite á sua camera , e vê-lo andar passeando só ás escuras , contando-se a si mesmo mil mentiras impossiveis. Como entrou , como veyo , quantos matou , que golpes

pes deo , que de todo em todo cuidey que era doudo. E com isto arrenegava , descreia , bradava , como se andava mettido em todo o furor das armas , quando veyo pola manhã , não se lembrava de nada. Eu tambem , porque lhe sey a condição , faço-me com elle hum Hercules , onde quer que o vejo , tudo são feros , e cruezas ; se homem não usar destes ardis , como quereis que viva. Bem parvo he aquelle , que se fia agora em virtudes , não achais por ellas quem vos fie hum pucaro de agoa. Todo fizo he dizer bem do mal , sofrer , dissimular , lisongear , mentir onde he necessario , que ás vezes he gram prudencia. Eu desta maneira tenho vida de Rey , por muy pouco preço , outros haverá que a compráo mais caro , e não lhe rende tanto. Mas que faço eu aqui ? Quero-me ir a negociar meus negocios. Os de Annibal durmão por agora , este alcoviteiro creyo que o traz enganado , tem-no roubado de quanto tem , mas isto são artes do diabo , faz estes taes seus despenseiros , porque nem com seus bens fação bem , nem os empreguem senão em seus ministros. E assi sostenta a mór parte do Mundo em seu serviço , que tambem eu lhe devo meu quinhão. Não sey quem vejo lá vir , em quanto Bristo não vem , quero dar hum passeio pela praça , se o perder , perco bem pouco nisso.

## S C E N A VI.

*Lionardo só.*

**C**Ada vez que vejo Camilia , me parece que nunca a vi. Assi a estranhão os meus olhos , assi a desconhecem , cada vez vem nella cousas novas , que os espantão , e me matão , quem haverá que

K iv

a não

a não estranhe de todas outras? Quem negará, que se quiz a natureza esmerar nella mais que em todas? Alli não ha cores, não ha agoas, não ha louçainhas, tudo he feu, tudo natural, nenhuma cousa emprestada. Não sey como posso acabar comigo partir-me de sua vista, quanto mais me detenho em a olhar, tanto mais acho nella que ver. Aquelle só espaço que a vejo, me parece que todo o outro tempo não vivo. Trago atravessados na alma aquelles olhos saudosos, que me lançou em me vendo. Parvo de mi, quem me engana? Quem me tolhe tamanho contentamento? Se Alexandre sentisse a força, e a delicadeza do amor, se soubesse entender aquella perfeição de Camilia, aquella fizo, aquella repouso, aquella gravidade, aquella graça, e viveza dos seus olhos, hum despejo tão honesto, hum rir tão sezudo, hum não sey que, que eu cá entendo, certo he, que teria em pouco perder-me por ella. Mas se eu não mouro, antes de muitos dias fartarei esta vontade. Quem me isto tiver a mal, não quero que lhe pareça bem nenhuma cousa minha. Meu pay, pois tambem errou, dissimule com meu erro. Aquelle exemplo, com que se elle escusava, que com a virtude se havia de casar, e não com dote, com esse mesmo me escuse. Vou-me em busca de Bristo, dar-lhe conta desta renção, que não sofrem o amor, e os desejos tamanha tardança. Mas he elle aquelle que lá vem? Aquelle he, que grande acerto foy este. Quero-o esperar aqui.

## S C E N A VII.

*Bristo.*      *Pilarte moço.*      *Lionardo.*

*Brist.* **Q**ue dizes? *Pil.* Que te não arrepende-  
rás de teu trabalho. *Brist.* Eu te direy.  
Não ha rocha tão ingreme, e tão aspe-  
ra, por onde não trepe hum alno carregado de ou-  
ro. *Pil.* Quando Alexandre o não fizer bem com-  
tigo, não o faças tu bem com elle. *Lionard.* A-  
quelle he Pilarte, moço de Calidonio. Que nego-  
cios tem com este? *Brist.* O principal que eu que-  
ria, que não fossem isso palavras. *Pil.* Como pa-  
lavras? *Brist.* Esta moça he muito fermosa, e mui-  
to honrada, e por sua pessoa merece muito. *Pil.*  
Tu te verás com elle, e conhecerás melhor sua  
tenção. *Brist.* Não cuides tu, que sou eu tão par-  
vo, que me ande mettendo em perigos. *Pil.* Pois  
he necessario que o não saiba Lionardo. *Brist.* De  
mi podes tu estar seguro, que me releva. *Lion.* Os  
tratos deste não podem crer. *Pil.* Ora fica-te em-  
bora, que eu me vou com essas novas. *Brist.* For-  
te Camilia he esta, que tantos embicão nella. Hu-  
ma moça fermosa he hum visco de ociosos. Mas  
cayão embora, que eu os depenarei. Com quem se  
elles tomão! Agora novamente embicou nella Ale-  
xandre, que he unha, e carne com Lionardo. Por  
isso pintão ao amor criança, que não tem mais res-  
peito que ao que pede. *Lion.* Que milagre he este,  
nunca o eu vi tão repousado. *Brist.* Segundo me  
Pilarte disse, bom ganho tenho nelle, eu o saberei  
grangear. Sabeis vós como me eu hey com elles?  
como esses procuradores, que por menos justiça que  
tenhais, sempre dizem, que vos sobeja. Ao dar da

sentença fostes mofoino. Eu casarei Lionardo, depois não faltará hum achaque, e quando não, os pés me porão em salvo. Não ajaes medo que me tomem á cossa. Irey hoje ter com Annibal, dir-lhe-hey hum par de mentiras, e pagar-mas-ha, de hunos, e doutros farey meu alforge. Mas primeiro me rele-va fallar com Lionardo, e por me segurar, conse-lhar-lhê-hey que se guarde de Alexandre. *Lion.* Bristo, Bristo. *Brist.* Que doudo he este, que assi barrega? *Lion.* Bristo. *Brist.* Vejo quem buscava. Ay meu Lionardo, aqui estavas tu? *Lion.* Aqui estou á mil horas esperando por ti. *Brist.* Mais ha, que eu ando em tua busca. *Lion.* Quem te creffe isso. *Brist.* Por vida daquelle Anjinho, e da minha, e mais da tua, que eu mais estimo. *Lion.* Viste-a hoje? *Brist.* E quando a deixo eu de ver. *Lion.* Que tal estava? *Brist.* Huma rozinha de Mayo, não parecião os seus olhos, senão duas estrellas do Norte. *Lion.* Que praticaste com ella? *Brist.* Pera isso te buscava. *Lion.* Aqui me tens, que me queres? *Brist.* Ouve-me, e sabe-lo-ás. *Lion.* Dize o que quizeres. *Brist.* Eu meu Lionardo, sempre esperei de ti, o que me promettia tua bondade, e o que conheci sempre na boa tenção, com que me metteste em teus amores. *Lion.* A que preposito? *Brist.* Não te apresses, que eu to direy. Esta confiança, que eu de ti tenho, me deo ousadia pera dar palavra a Camilia do teu consentimento, que não he bem que vossas vontades tão conformes estem esperando algum desastre, que as desfaça. Pareceo-me, que pois eu já tenho feito quanto tu querias, estava em razão fazeres tu tambem o que comigo ficaste. Já debes ter bem conhecido, quão boa filha he, quão virtuosa, quão honesta, o amor que te tem, afóra aquella fermosura, que

que lhe Deos deo , tão differente de todas. *Lion.* Não quero que digas mais. Mas antes que te responda , quero saber , que he o que de mi sentes.

*Brist.* Que eide sentir de ti , senão que sairás ao bom sangue de teus avós , em que nunca se achou mentira , nem falsidade , e que empararás huma orfaã engeitada da fortuna , e não dos dotes do corpo , e da alma , que a todos os outros fazem ventagem. *Lion.*

E não attentas tu , que devo eu isso a mi mesmo , aos meus olhos , e a minha alma ? Ah quantas lagrymas chorei ? Ah quantos passeos dei ? Ah quantos trabalhos me tem custado ? Como posso cometer contra mi mesmo huma ingratição tamanha ? Diz-me por tua vida , não era pera reprehender mais esta crueldade , que comigo usasse , que cometer isto sem licença de meu pay ? *Brist.* Assi como o entendes , assi o faze ; porque ainda que teu pay seja muito rico , as riquezas não enriquecem , senão o contentamento. Tudo o mais he grão miseria , e pobreza. Antes quero ser pobre contente , que Rey descontente. A paixão durar-lhe-ha dous dias , por derradeiro tu és seu filho , elle teu pay , e velho , e não tem outro senão a ti. Não he tão fraco o amor da natureza , que de todo em todo se quebre.

*Lion.* Pois que fará o meu , que he tão rijo. *Brist.* Além disso , tomas mulher conforme a tua vontade , que assi quer Deos , e assi o manda. Por tanto , se te determinas , dá-me palavra certa , concerta o dia , pera que se ellas apercebão , que eu em paga do trabalho que nisso tive , não quero mais que o contentamento , que daqui me cabe. *Lion.* Prouvera a Deos , meu amigo Bristo , que pudéra eu fazer o que desejo , que teus passos não forão mal galardoados. Mas se alguma hora lançaste mão de alguma esperança. *Brist.* Cala-te por tua vida , com te

eu ver com ella em braços muito manos, e muito amigos me contentaria, quanta festa te hey de fazer aquella primeira noite. *Lion.* Agora acabo de crer, que se ha Deos por servido disto, porque eu pera nenhuma outra cousa te buscava. E porque quanto mais te detenho, mor mal me faço. Pódelhes dizer, que pera Domingo á noite me tem lá. E em final disto, leva este Reliquario, onde andão huns poucos de seus cabellos. *Brist.* Deos me faça tão bemaventurado, como me fizeste com estas novas, deixa-me, rogo-te, levar antes que moura. *Lion.* E mais lhe darás por amor de mi este abraço. *Brist.* E hum beijinho na face em final de posse. Mas quero-te dizer, o que me esquecia já com o alvoroço, pelo que te releva, conselho-te Lionardo, que não fies isto senão de ti só. Antes dá a entender, que és já de todo mudado, que eu tenho visto muitos enganos nestes negocios, de quem te menos temes, esse te engana, de quem mais confias, te trinca a fedella. Não digo isto, porque saiba alguma cousa, mas pelo que a experiencia me tem ensinado. Estamos em tempo, em que se não ha de crer mais que em só Deos, bem me entendes. *Lion.* Muito bem. Eu te agradeço o concelho, assi o farei, fico tão alvoroçado de prazer, que me parece que não hei de chegar a tamanho contentamento. Qual ha de ser aquella dia, que te hey eu de ter minha Camilia nos meus braços. Oh Senhor Deos, deixay-me chegar a isto, e depois matay-me. Que doudo he este, que cá vem. Já o conheço, bem tem a quem fair.

## S C E N A VIII.

*Montalvão.*      *Bristo.*

*Mont.* **A**gora vi hum arroido na praça, foi grande acerto achar-me nelle, que salvei as vidas a mais de 25. homens, ainda que eu zombo com Annibal, sou pera mais do que ninguem cuida. Não ha homem que menos estime a vida, fiz maravilhas, e finezas, de que a gente fica pasmada.

*Brist.* Jesu me guarde das horas mingoadas, e dos defastres do diabo.

*Mont.* He este Bristo? A bom tempo vem?

*Brist.* Como os defastres estão apparelhados a todas as horas, por isso dizem, que andão os espiritos mãos derramados pelos ares.

*Mont.* De que se benze o diabo?

*Brist.* Indo por casa de Cornelia pedir-lhe as alviçaras, vi atravessar aquelle Soldado de Annibal tão enfiado, que me fez medo, assombra-me como o diabo, cada vez que o vejo.

*Mont.* Eu farei que o digas com verdade.

*Brist.* Dou volta atrás, vinha hum doudo correndo num cavallo á redea solta, encontrou comigo, lança-me no chão, mais de huma hora grande estive sem folego.

*Mont.* Que perdêras hum, ainda te ficavão seis.

*Brist.* Se me não acudirão logo, pareceo-me que morrêra. Valeo-me huma oração, que sempre trago comigo, que me minha máy deixou de muita virtude.

*Mont.* Dessa que ella tinha.

*Brist.* Quantos estorvos se armão contra huma virtude, antes que lá chegue, hei de ver minha morte.

*Mont.* Quero-me chegar, antes que se me acolha.

*Brist.* Huy por mi, e pola minha vida, vedes-me outra vez na boca do lobo.

*Mont.* Faz que me não vê, cy-o despantar, porque me tema.

*Brist.*  
Mor

Mor medo hey deste , que de hum algoz. *Mont.* Segundo eu agora ando danado , pouca cousa bastava pera destruir o Mundo. *Brist.* Hay minha máy , que assi me affombraste. *Mont.* Sou eu diabo , ou como? *Brist.* Tomaste-me tão de supito , que hum Anjo me fizera medo. *Mont.* Que presteza. Ora bem conheces tu Annibal Cavalleiro de Rhodes? *Brist.* Porque me perguntas isso? *Mont.* Conheces Montalvão seu Soldado? *Brist.* Não te entendo. *Mont.* Responde-me tu ao que te eu digo? *Brist.* Hay máy amiga , e tu não sabes se te conheço eu? *Mont.* Pois porque zombas delle , e me não temes? *Brist.* Eu não zombo delle , nem tenho que temer de ti. Fiz-te per ventura algum mal? *Mont.* Bem certo he que não , pois estás vivo. *Brist.* De que te queixas logo? *Mont.* Que quer dizer , mandar hoje em tua busca , e não teres de ver com isso. *Brist.* Eu nunca costumeo ir senão com nova certa. E mais , esse vesso rapaz he hum grande mentiroso. *Mont.* Roim escusa he essa. Parece-me que avemos de entrar por outra via. Tu téqui foste bemaventurado , guar-te de me caires nas unhas. *Brist.* Eu que te fiz ? que me has de fazer? *Mont.* Nunca prometto nada , so dar sou mais largo , que Alexandre. *Brist.* Essas larguezas guarda tu pera quem quizeres. *Mont.* Per qualquer cousa arranco logo as unhas , e esfolo a cara. *Brist.* Jesu de Nazaré. Isso fazem os ladrões saltadores. *Mont.* Quando me mostro piedoso , sangro todalas veas do corpo. *Brist.* Encommendo-me a Deos , e aos seus Santos. *Mont.* Já me teme , pera este bastão palavras , mas eu já com ellas espantei outros. *Brist.* Quanto a Annibal , não pude lá ir , porque ando em seu serviço. *Mont.* E quem tens tu pera esta parte , que lhe releve? *Brist.* Ando logo em serviço de Camilla ,

lia , de que lhe a elle não peza. Estou tremendo como a verga. De medo não fey o que digo. *Mont.* E quando determinas de dar fim a esta obra? *Brist.* E tu cuidas , que he isto obra dempreitada? Bom eras pera andar de amores. *Mont.* Enculcar-me-hias alguns se os quizesse? *Brist.* Trinta mil. *Mont.* Olha que não zombo? *Brist.* E queres que zombe contigo. *Mont.* Pois que dizes? *Brist.* Zomba tu embora , mas já pôde ser que te não pezalhe. Se pudesse ora armar este. *Mont.* E quem ha qui que me mereça. *Brist.* Tu querias casamento? *Mont.* Com huma moça donzella , fermosa , honrada , e rica me contentaria. *Brist.* Não to crerei , se mo não jurares. *Mont.* Pois ainda eu cuido , que me abaixey muito. *Brist.* Bofé Montalvão , se se tu quizesse dar comigo , bem nos entenderiamos ambos. *Mont.* De que maneira? *Brist.* Isso te direy eu entre mi , e ti , se quizeres. *Mont.* Estou em me metter com este , hey medo que me engane. Não ousará que me conhece. Que farias por tua vida? *Brist.* Queres tu que fallemos nisso? *Mont.* Quero. *Brist.* Ora vem-te a minha casa , que he lugar seguro. *Mont.* Vou. *Brist.* Vem embora , que eu te amansarei. *Mont.* Tu vê o que fazes , que más fadas tens comigo.

## A C T O III.

## S C E N A I.

*Alexandre só.*

**Q**ue novidades são estas tão estranhas pera mi? Que novos alvoroços sinto comigo? Que bicho he este que come? Que imigo tão forte, que me persegue? Quem trago cá dentro em mi, que

que me alancea? Que guerra he esta tão crua? Que aventura? Ou que encantamento? Sinto-me ferir, não vejo quem me fere. De todas as partes me cercão, e ninguem acho com armas, e o pior, que não as tenho para me defender, nem mãos para as tomar, nem desejos, ou lembrança de fogir. Se he este o amor? Se estes são os seus sinaes, como pôde fer? Não sou eu Alexandre? não sou eu livre? Não me conhecem todos? Não me ouvião zombar sempre de homens perdidos? Hay coitado de mim, que já nam sou esse, já sou outro todo differente do que dantes era, já o amor tem em mi mais parte, que eu em mi mesmo. Este he o imigo novo que me mata, este me persegue, este me roe o coração, e as entranhas com seus dentes. Agora se vinga de minhas soberbas, de minhas palavras ociosas, e de todo aquelle tempo atraz, que me deixou viver como queria. Des que mostrou aos meus olhos aquelles olhos de Camilia, aquelle feu parecer estranho, e desacostumado, pouco, e pouco me trocou a vontade de todo, e ma sojugou de maneira; que não tenho já nella parte alguma. Quem se poderá livrar dos acontecimentos do Mundo? Bem dizião os Antigos, que ninguem antes da morte era bemaventurado. Quam pouco ha, que vivia contente, e livre. Vedes-me agora mais cativo, que nenhum cativo, mais triste que todos os tristes, mais perdido, que nenhum homem perdido. Como? e tanto pôde o amor? Affi troca as vontades dos homens. Por certo não creio eu, que com os outros pôde tanto como comigo, pois me trocou a minha, que tão differente era de todas, de tal maneira me mudou, que eu mesmo me desconheço. Não me lembra já Lionardo, senão para lhe aver inveja, todo o tempo atraz hey por perdido,

dido , todo o que vivi por morte , já me desdigo de quanto disse , já conheço meu erro , já confesso , que não he homem o que o amor não conhece. Mas que farei , coitado de mi , que remedio buscarei , ir-me hei por ventura conselhar com Lionardo , a quem faço huma traição tamanha , a quem dantes reprehendia tão asperamente ? Eu tomarei pera mi algum de quantos concelhos lhe dava. Irei cometter Camilia , que está perdida por elle ? Ou esperarei em Bristo , que he o secretario de ambos. Oh fortuna , em que te mereci tamanhos males ? mas já pôde ser , que me tinha Deos guardado este acerto , tudo vem de sua mão. Muitas cousas , que parecem desastres , se mudão em boas venturas. Assi como me eu affieçoei a Camilia , vivendo dantes tão livre , assi ella se me podia affieçoar. Assi como eu esqueci Lionardo , e sua amizade , assi ella o esqueceria , e algum amor se lho tinha. Quem confiou nunca em vontade de mulher. Saya como sair , que já hei de provar minha ventura. Bristo não tem lealdade com ninguem , o amor muito menos , com rogos , com promessas , e com dadivas o porei da minha parte. Por derradeiro , eu devo mais a mi mesmo , que a ninguem. Vou saber de Pilarte o que passou com elle. Mas eilo que sahe com meu pay de casa. Em grandes praticas vem , elle mas contará. Quero-me ir entretanto ver com Bristo.

## S C E N A II.

*Calidonio.**Pilarte.*

*Calid.* **D**Ize-me a verdade , pois que me fio de ti? *Pil.* E tu não sabes , que nunca me achaste em mentira? *Calid.* Vejo-o dontem pera cá  
tão

tão demudado , que me dá em que cuidar , dantes sempre o via ledo , prázenteiro , rir , e folgar. *Pil.* Sempre queres , que os homens tragão hum rosto , como dizião os Philosophos insensiveis. *Calid.* Mas de que vem a hum moço tristezas , e pensamentos ? Da casa que tem que manter , ou das filhas que cazar , ou de qué ? *Pil.* Costuma-se agora a malenconia na mocidade. De que vês tu tantas moças doentes de coração. *Calid.* Nunca tu isso verás a Briolanja. *Pil.* Porque será sua compreição outra. *Calid.* Mas porque he a minha outra ? Bom está o pay , que deixa criar á filha agastamentos. *Pil.* Ora queres que te diga eu a verdade ? *Calid.* Antes me farás prazer. *Pil.* Com condição que o não saiba elle , porque mo defendeo. *Calid.* Eu te seguro disso. *Pil.* Mas que me dá a mi que lho digas. Isto he por ventura cousa de que elle aja vergonha , ou tu descontentamento. Antes me parece , que te obriga a mais amor , porque quem he tão bom amigo dos amigos , melhor o será de seu pay. *Calid.* Não te entendo. *Pil.* Teu filho , como sabes , foy sempre tão encolhido , que nunca te pediu hum ceitil. *Calid.* He verdade. *Pil.* Antes pera as cousas necessarias tomava sempre sua máy por terceira. *Calid.* Não por elle conhecer nunca em mi desamor , ou esquaceza. *Pil.* Por isso lhe deves tu mais , porque o filho , que com branduras se não dana , menos o faria com durezas. *Calid.* Estás enganado , que tudo vem da natureza , ha hi huns Santos , que se querem por bem , outros por mal. Esta experiencia vemos na cera , que com agoa endurece , e com o fogo amolece. *Pil.* Não me negarás logo , que mais firme he a obediencia do amor , que do temor. *Calid.* Dizes bem. E por isso os pays avião de trabalhar , se pudesse ser , de tratar antes os filhos com amor,

amor, e bom rosto, que com carrancas, e asperezas, resalvando sempre o castigo necessario. *Pil.* Esse bom rosto, que tu sempre mostraste a Aléxandre, o fez tão vergonhoso, que nem agora ousa de te levantar os olhos. *Calid.* Isso me allivia mais que tudo. Mas porque me não dizes, de que vem este seu sentimento? *Pil.* Não mais, que de não poder soccorrer a hum seu amigo em huma necessidade. *Calid.* Como? *Pil.* Mandou-lhe pedir emprestados quatro cruzados, acha-se elle por afrontado em não poder fazer esta obra de amizade, a quem lhe fez já outras muitas. *Calid.* Isso he verdade. *Pil.* Eu não sey, mais que quanto me elle disse. *Calid.* Não me parece isso causa pera tanto sentimento. *Pil.* Encrespou-se. *Calid.* Que pois elle está em poder de seu pay, e não tem mais que quanto lhe elle quer dar, tem justa causa pera se escusar a esse homem. *Pil.* Essas proprias palavras lhe disse eu. Respondeo-me, que como se avia de presumir d'elle, que não tendo tu outro filho, tivesse tão pouco poder sobre teu dinheiro. E que pera isso erão os amigos, pera se ajudarem huns dos outros. *Calid.* Tem razão. Mas no que he justo, e possível. *Pil.* Nem isso me ficou no tinteiro. Disse me, que sentia muito, tendo outros dinheiros pera beber, e tafular, não o ter ellê pera huma obra tão honesta. E ainda soltou outra palavra, que te eu não quero dizer. *Calid.* Que? por tua vida? *Pil.* São cousas de moços. *Calid.* Ora dize-mo? *Pil.* Que jurava, e prometia de se metter hum dia em huma armada, e dar comsigo, onde outros tão bons como elle vão ter, e tornão ricos, e honrados, e não viver em tua casa com tanta miseria. *Calid.* Que lhe disseste a isso? *Pil.* Que lhe avia de dizer, comecei-me rir d'elle, e chamar-lhe moço, que

que não sabia conhecer quanto te devia. *Calid.* Quanta differença vay do amor do pay ao filho. *Pil.* Atarraqey-o. *Calid.* Por qualquer palavrinha que lhe dizeis por feu ensino, pelo mais pequeno appetite, que lhe não cumpris, logo vos querem mal, logo vos engeitão, logo se deseirão onde os não vejais. *Pil.* Metti-o em confusão, quero-o deixar cuidar, veremos em que fica. *Calid.* Por isso se disse, que o amor naturalmente mais dece do que sobe. Pois que determina? Em que assentou? *Pil.* Passaria essa vergonha, porque não he nelle querer-to aver por engano, como outros fazem, ou pedi-lò emprestado, porque o ha por baixeza. *Calid.* Ora pois, assi he, Pilarte, como me tu dizes. *Pil.* Andar. *Calid.* Eu sou contente de lhe dar esse dinheiro. *Pil.* Zombas? *Calid.* Não zombo. Antes entendo o que faço. Não quero dar azo a meu filho, que se metta em dúvidas, com que me deseje a morte. *Pil.* Certo, Calidonio, que te louvo esse conselho. *Calid.* Mas não queria que o soubesse elle. *Pil.* Porque razão? *Calid.* Porque lhe não dê occasião pera se desenvolver comigo. *Pil.* Grande sizo he esse. *Calid.* A principal cousa, que o bom filho ha de ter, he a reverencia, e o acatamento. E o pay não ha de dar azo, pera que lho perca. Isto te lembte a ti pera quando te Dcos dér filhos. *Pil.* E como me lembrará, que hum bom conselho he melhor que toda a riqueza. Mas que direi a Alexandre? *Calid.* Que os ouveste dalgum teu amigo. *Pil.* E quem tenho eu aqui, que me possa fazer esta boa obra? *Calid.* Mette-lhe logo em cabeça, que passou por aqui hum parente teu, e que tos deu, ou outra qualquer mentira, que te bem pareça. *Pil.* Achaste tu o mestre dellas. Mas eu o farey assi. *Calid.* Ora vai-te a casa, dize a minha mulher que tos dê, e por

por final que lhe disse, que hia a casa de Robero. Todavia, tu ficarás obrigado a mos tornares á não. *Pil.* Essa obrigação não quero eu aceitar. Porque ha hi huns amigos, que pedem emprestado pera sempre. *Calid.* Ora eu confio de ti, que os arrecadarás. *Pil.* Folgo de me teres nessa conta, e não erras. *Calid.* Rogo-te, Pilarte, que me olhes por esse moço, reprehende-o, conselha-o, descobre-me sempre seus segredos. *Pil.* Dias ha, que tu tenho esse cuidado. *Calid.* Vay-te, que eu vou onde te disse, se hy não ha mais, não tenho de que emer. Antes folgo de ver tão boa inclinação neste moço. A mi fae elle naquillo, que sempre costumei fazer mais por hum amigo, que por mi mesmo. Folguei de Pilarte mo descobrir. Mais val aventurar o dinheiro, que o filho, a necessidade he mestre da malicia, não quero que lhe ensine alguma. Não he tão pouco furtar o corpo aos azos.

## S C E N A III.

*Pilarte só.*

**C**omo se enganão os pays com os filhos, huns os cega o amor, outros a desconfiança. Mas isto não nace, senão de os elles julgarem por si nestmos. O pay, que em sua mocidade foy traveſso, jogador, revoltoso, assi cuida que he o filho. Não hajais vós medo, que estes tão ligeiramente crerão a minha mentira. Calidonio como sempre foi manço, pacifico, de pouco trafego, assi julga agora o filho. E na verdade tem razão, que Alexandre nunca descobrio o fio, senão agora. Nunca quizesseis ver bons principios a vossos filhos, porque vem a mudar todas as penas, e fazer-se aves de rapina. O  
que

que de moço começa ser travesso , quando vem a ser homem está já enfadado. O que o não foy té li , começa-o ser no tempo de mais perigo. Todos os que virdes em pequenos fantos , ou he final de viverem pouco , ou de virem ser diabos. Eu o vejo por muitos , e agora por Alexandre , que sendo dantes hum frade , e mais que frade , de dous dias pera cá se começou desenvolver , de maneira que me espanta , que elle sempre se fiou de mi , não me sabe ter nada encuberto. Affeiçoárão-no seus peccados a esta Camilia , rindo-se antes mais de seus apaixonados , que do mesmo Bristo apôs que andão. Então que cuidais ? Desque estes huma vez caê , feito he , toda aquella liberdade primeira se converte em outro tanto cativoiro. Anda o coitado tão morto , que não dura , nem socega , acha a vida estranha , vê-se sem dinheiro , que he a mór ajuda nestes casos , teme seu pay , que ainda hoje começou a tentar nelle. Mas a mi succedeo-me bem a mintira , porque lho desculpei , e cacei aquelles cruzadinhos pera começo de paga. Mas elles hão de ser tão bem empregados , como se elle soube empregar , que este alcoviteiro , assi como me disse que enganava Lionardo , assi o ha de enganar. Prouvesse a Deos que fosse alli , que de melhor vontade o peitaria , porque he grande mal perder-se assi hum mancebo , em que o pay quer edificar toda sua obra. Coitados dos pays , que suão , e trabalhão , e por derradeiro enthesourão pera sua morte. Eu com o amor que lhe tenho , não sei senão seguir-lhe a vontade , prometti-lhe de o ajudar em tudo. Agora que temos o mais necessario , tornarey a apertar com Bristo. Lá vejo vir Montalvão soldado de Annibal , em cuja casa tem muita entrada , quero-lhe perguntar por elle.

## S C E N A III.

*Montalvão.**Pilarte.*

*Mont.* **V**enho espantado dos tratos deste diabo de Bristo, não cuidei que fosse pera tanto. *Pil.* Que par. *Mont.* Tinha pera mi, que ninguém era mais roim que eu. Este me fez parecer hum capucho. *Pil.* Nem mais nem menos. *Mont.* Levou-me a sua casa, que he huma boca do inferno, negra, escura, mal assombrada, mettida debaixo do chão, que ao meyo dia não óusareis de entrar nella sem candeia. *Pil.* Por mais seguro averia eu hi o final da Cruz. *Mont.* Alli se recolhem todas as aves tristes, e omiziadas, todolos cães, e gatos, he huma arca de Noé. *Pil.* E tu o corvo, e elle a pombinha. *Mont.* Desque se fiou de mi, cousas me contou, segredos me descubrio, que ainda agora me tem confuso. *Pil.* Assaz he o mal, quando se o diabo espanta. *Mont.* Finalmente, ficamos concertados sobre a pelle de Annibal. *Pil.* Esperai affi. *Mont.* Que o comesse-mos, que o troesse-mos. *Pil.* Que taes cães lhe chegão. *Mont.* Que o trouxesse-mos enganado, porque por derradeiro se repartiria o ganho. *Pil.* De tal consistorio tal conselho; mas não fois vós-outros sós, ainda achareis companheiros. *Mont.* Taes razões me deu, taes promessas me fez, que me venceo. *Pil.* Se fora pera huma virtude, não bastára S. Paulo. *Mont.* E pera firmeza disto prometteo me huma moça donzella. *Pil.* Donzella. Se lhe ninguem chegou afora elle. *Mont.* Eu affi como não tenho lei com ninguem (he aparvoice, já se não costuma) affi não espero que a tenha este comigo. Tive tão  
boa

boa manha , que lhe furtei este reliquario sem mo-  
fentir. *Pil.* O diabo enganará estes. *Mont.* Se o  
achar em mentira , tenho bom penhor pelo meu.  
Afóra a pendenza que elle não ha de ir buscar a  
Roma. *Pil.* Bem se póde aqui dizer: A hum roim,  
roim, e meyo. *Mont.* A malicia he agora o mais  
certo mantimento , que nesta vida temos. *Pil.* A-  
quelle dito na boca doutrem val hum Reyno.  
*Mont.* Estes frades com andar descalços , vestidos  
em seus sacos , atados com cordas , com todos seus  
jejuns , e disciplinas , matinas , e orações , sempre  
os vereis mortos de fome com seus altorges ás cos-  
tas. *Pil.* Antes pera encher estas queixadas folgára  
eu só de ser frade. *Mont.* Por isso hei por mais  
seguro estoura vida. Por derradeiro , á hora da morte  
qualquer Sacerdote he Papa. *Pil.* Coitado de ti,  
e dos que fazem essas contas. *Mont.* Quem he  
aquelle? *Pil.* Já me vio. *Mont.* Sou perdido , he  
certo que me ouvio esse velhaco. *Pil.* Deos te sal-  
ve. *Mont.* Venhas embora , á muito que estás aqui?  
*Pil.* Rio-se, ainda agora chego; mas porque o per-  
guntas? *Mont.* Por nada. Ditofo fui. *Pil.* Sempre  
te sei cerrado a banda. Pois mo não queres dizer,  
não to quero perguntar. Saber-me has dizer de Brif-  
to? *Mont.* A que proposito? *Pil.* Como te enga-  
nas. Digo se o viste? Porque o vejo ir ás vezes a  
casa de teu amo. *Mont.* Pois eu trago o comigo  
na bolça? *Pil.* Ora fazei vos parvo. Não o podias  
topar por esta rua? *Mont.* Queres que andem os  
meus olhos tão rasteiros? *Pil.* Estou pera arreben-  
tar. *Mont.* Queres tu mais de mi? *Pil.* Nem tan-  
to ainda. *Mont.* Pois vay te embora , que eu não  
ando ocioso. *Pil.* Temeo-se de mi , hey-o de me-  
xericar com Brifto , mas quero ir primeiro arrecadar  
o dinheiro , antes que se o velho arrependa.

## S C E N A V.

*Bristo.**Montalvão.*

*Bristo.* **N**ÃO pôde ser, senão que morreo hoje neste dia algum excommungado, ou casou algum frade, que tantos desastres me acontecerão nelle. *Mont.* Apôs mi vem. Não sey onde me esconda. *Bristo.* Aquelle reliquario de Lionardo não sei se o perdi, ou se mo tomárão. Parece-vos que são estas boas danças, em que me o diabo mette? *Mont.* Já hei de ver em que assenta. *Bristo.* Desque se aquelle diabo foi de minha casa. *Mont.* Avante. *Bristo.* Veyo dar comigo Alexandre, que me deteve ategora, e me fez perder o tento do que me mais relevava. Não sei onde o perdi, nem onde o puz. Venho outra vez correr quantos caminhos andei. *Mont.* Aquelle me parece bom concelho. *Bristo.* Ora que me matem, se mo não levou aquelle ladravaz de Montalvão. *Mont.* Já me eu espantava, quero-me ora acolher com o meu ganho. *Bristo.* Pela benção de Deos, que não foi outra cousa. E vou-me eu fiar daquelle, que toda sua vida andou a roubar, e esfolar. Se assi he, tenho máo remedio, dirá que faço d'elle ladrão. Todavia por me segurar, não hei de deixar de dar huma volta por aqui. Quando o não achar, o melhor concelho he fallar com Brusia, aquella velha benzedeira minha amiga, que sabe huma boa devação pera as couias perdidas. Ainda bem a não faz, quando lhas trazem a casa. Eide apertar com ella, que ma ensine.

## S C E N A VI.

*Pinerfo. Annibal. Montalvão. Bristo.*

*Pinerf.* **B**risto, Bristo. *Annib.* Negociado vai.  
*Brist.* Não me deixarão estes ociosos. *Pinerf.* Marinello. *Brist.* Mantido ás vossas custas?  
*Annib.* Assi lhe vay. *Pinerf.* Que te digo eu, não faças conta deste, que he o vivo diabo. *Annib.* Não cuido que me conheceo. *Pinerf.* Mas por isso não acudio, nem olhou. *Annib.* Deixa-me com o cargo, não se póde ter tanto fizo. *Pinerf.* Jesu, que he aquillo, vejo vir Montalvão com a espada nua todo enfiado. *Mont.* A verdade he, não ter homem comprimentos com ninguem. Arrancar da espada, metter-lha pola barriga. *Annib.* Chama-o. *Pinerf.* Montalvão. *Mont.* Mas eu vos prometto que o ferre da minha marca. *Annib.* Montalvão. Tu vay-tê pera casa. *Mont.* Valerão-lhe a elle os padrinhos, que se fora em outra parte, eu o desfizera aos dentes. *Annib.* Que menencoria he essa? *Mont.* São rapazes. *Annib.* Que foi, que te aconteceu? *Mont.* Não conheces hum filho de Roberto nosso Cidadão? *Annib.* Que te fez? *Mont.* Encontrámonos á porta de Cornelia, fingio de me perguntar, porque andava por alli. *Annib.* Que dizes? *Mont.* Isto que ouves. *Annib.* Aquelle rapaz? *Mont.* Esse rapaz. *Annib.* Que sabe que és tu meu? *Mont.* Que sabe que sou eu teu. *Annib.* Ousou de te levantar os olhos, ou ha aqui homem, que a tal se atreva? *Mont.* Elle levará o pago. Mas parece que fez hoje a máy alguma devação por elle. *Annib.* Que lhe fizeste? *Mont.* Enviava-me já a elle, se me não bradarão de cima. *Annib.* Quem te bradou?  
*Mont.*

*Mont.* Cornelia, que pelo amor de Deos não fize-se estrondos á sua porta. *Annib.* E pareceo hi Camilia? *Mont.* Querias que a visse? fiquei com a grande furia com os olhos no Ceo, escumando mais de huma hora. *Annib.* Ora vivei neste Mundo, onde os rapazes se levantão contra vós. *Mont.* Isso só me fez arrenegar desta terra mais de dez vezes. *Annib.* He cousa pera se os homens fazerem Elches. Em quantas terras andei, não me lembra que outra tal me acontecesse. *Mont.* O rapaz todavia rapou-me o reliquario. *Annib.* Não sei se ordenou Deos, ou o diabo não me achar eu ahi. *Mont.* E pera que? salvo pera escolheres a morte que lhe daria. *Annib.* Ah Deos, que me das paciencia pera não destruir o Mundo. *Mont.* Essas tuas paciencias te danão muito, se te a ti temêrão nesta terra, mais honra catárão aos teus. *Annib.* Sabes porque me retenho? Porque desque começar, heyde pôr o fogo aos campos. *Mont.* Eu não sei que allí o costumás? *Annib.* Não sou desses, desque me começo a tear, sou hum fogo de alcatráo, não me apagarão com toda a agoa do mar. *Mont.* Por isso melhor he não começares. *Annib.* Com isto espantei huma vez huns poucos de Mouros, que não ousarão de nos correr por huns dias. *Mont.* Bem me lembra. *Annib.* Isso era em Arzilla, antes que eu fosse a Rhodes. *Mont.* Acolheo-me. E em Rhodes não queimaste tu duas galléz ao longo da costa? *Annib.* Hi hias tu, ou como? *Mont.* Antes te digo, que por minha causa mataste o Capitão dellas, que se te pezava ao ouro. *Annib.* Ora muitas cousas te lembrão, que me a mi esquecem. *Mont.* Esta he huma das minhas. Não era isto cousa pera te allí esquecer. Não sei porque deixaste este Reyno, e te desterraste tão longe? *Annib.* Porque cá não

estimão os homens , senão sabem ler por Bartolo.  
*Mont.* E mais não acharias cousas conformes a teus espiritos. *Annib.* Tambem essa foi alguma cousa.  
*Mont.* Que grão festa te farião esses cavalleiros de Rhodes , quando entrafte. *Annib.* Ainda me não conhecião ; mas eu como cheguei , por me dar a conhecer , arrepelei não sei quantos , depois quizerão-se vingar em desafio , e eu acabei de me vingar delles. *Mont.* Ousaste fazer tão grã feito em terra alhea. *Annib.* Isso foi o que espantou toda a gente. E o grã Mestre me levou então a sua casa acompanhado de todos os outros. *Mont.* Assi alcançaste em pouco tempo huma das honradas comendas da ordem. *Annib.* Grandes partidos me fazião , mas por serem fóra do Reyno , não quiz aceitar nenhum. Bem sabes quanto devemos á nossa natureza. *Mont.* Ella he a que te deve , que tu honra-la , e ella des-honra-te. *Annib.* Não me tornes lembrar isso , que me farás fazer o que não queria. *Mont.* Deixa-me tu a mi , que eu me saberei vingar. Em quanto este braço for vivo , não ajas medo que vá pedir outro emprestado. *Annib.* O mal he que he com rapazes. *Mont.* Pois estes taes castigá-los como rapazes , porque matá-los he honra que não merecem. *Annib.* E queres que ande eu por ayo dos villãos ruins? *Mont.* Meu conselho he não te dares por achado nisso ; porque se os erros se háo de castigar conforme a pessoa que se offende , bem vez o alvoroço em que porás toda a terra. *Annib.* Parece-me isso bem. Porque eu , como te digo , não me fei nunca temperar , quando estiver birrento , lembre-te de me fugires diante , porque nem meu pay então conhecerei. *Mont.* Dias ha que te eu sey a condição. *Annib.* Ora de huma cousa me gabavão muito em Rhodes. *Mont.* De huma dizes? *Annib.*

*nib.* De huma especialmente entre todas. *Mont.* De ferres incanfavel. *Annib.* Além deffa, de ter huma ferocidade brava no rosto, e nas palavras, com que fazia tanto medo, como com as armas. *Mont.* Então dizem lá, que não cuidão dous hum cuidado. Isso me tiraste da boca, pois ainda te esquece outra excellencia grande. *Annib.* Qual? *Mont.* Os teus carteis de desafio. *Annib.* Bem apontas. *Mont.* Não ha homem que assi os note. *Annib.* Nunca ahi se fazia desafio, que se não viessem a mi. *Mont.* He muita verdade. Não sei onde achas tanta diversidade de palavras furiosas. *Annib.* Nunca desafiei homem nenhum, que vendo o meu cartel, se não rendesse. *Mont.* Que fizera se te vira as obras. *Annib.* Quando me lembra isto, estou pera me enfor-car. *Mont.* Tal inspiração te viesse, e fizesses-me teu herdeiro. *Annib.* Que me vejo aqui como me vejo, e em poder de Bristo, que tem poder pera zombar de mi. *Mont.* Com a menencia me não lembrava. Eu estive hoje com elle, e me deu muy grandes novas. *Annib.* Porque me não vay a casa? *Mont.* Lá traz humas occupações justas, que o escusão. *Annib.* Que te disse? *Mont.* São cousas, que se não podem dizer na rua. *Annib.* Recolhamo-nos logo, que vem lá gente, e desejo de as ouvir.

## S C E N A VII.

*Calidonio.**Bristo.**Lionardo.*

*Calid.* **V**Enho descontente de casa de Roberto, estando ambos ordenando nossos concertos, nos vierão dizer a grão pressa, que andava Lionardo ás cutiladas com hum rasiãz, que aqui anda, fomos lá, achamos a rua revolta, e ninguem

que nos foubessê dizer o sobre que fora. Senão quanto dizião todos , que o víam por alli passear rodolos dias , e algumas noites. Logo me doeo o cabello. Alli mora huma moça fermosa , segundo me parece , de longe vem o negocio. Roberto he apaixonado , sentio tanto esta travessura , que tive trabalho em o amansar ; mas com quanto eu diffimulei , tambem sinto meu quinhão. Necessario he que vigie , que deite minhas enculcas , pera que depois me não arrependa sem tempo. Vou a casa , póde ser que Alexandre me informará mais do caso. Mas he este Lionardo ? este he , mal me parece a companhia , e o segredo em que vem. Hei-os de espreitar daqui. *Brist.* Quanto folgo de me vingares desse ladravaz , que assi me queimou hoje o sangue. *Lion.* Ainda me eu hei de acabar de vingar delle. *Brist.* Foy grande acerto achare-lo assi com o furto nas mãos. *Lion.* De huma legoa lho conheci. *Brist.* He certo que hão de estar mortas , cuidando que ficaste morto. *Lion.* Hoje me verão vivo , e são. *Calid.* Não os entendo bem , algo he. *Lion.* Não ha de aver tanto poder na fortuna , que me desvie este contentamento. *Brist.* Em fim , o que ha de ser ha de ser , e de meu conselho melhor he cedo que tarde , quanto te mais adiantares , mais te lograrás do tempo. *Lion.* Que negocios tens tu com Alexandre , que te vi hoje com elle ? *Brist.* Falou-te elle mais em teus amores ? *Calid.* Em Alexandre falam. Tambem elle anda na volta ? *Lion.* Falou. *Brist.* Que lhe disseste ? *Lion.* Tomei teu concelho , fiz-me mais frio que nunca. *Brist.* Se te tornar a falar nisso , mostra-te descontente de mi. Dá-lhe a entender , que aiégora te trouxe enganado , pera que te melhor crea. *Lion.* Não saberei eu , porque me dizes isso ? *Brist.* Eu to direi em

em seu tempo, não te fies de ninguém. *Lion.* Este dia me ha de parecer hum anno. *Brist.* Parecer-te ha logo a noite hum momento. *Lion.* Ora eu vou-me a casa desculpar-me a meu pay com alguma mentira, que certo he que o aja de saber, tu entretanto vai-as ver, que eu terei cuidado. *Calid.* Deos me trouxe agora aqui. Este moço anda perdido, e cuido que o remedio está nas mãos de Deos. Medo hei que se lhe apegasse a Alexandre seu quinhão. Necessario he que fale com Roberto, e lhe dê conta do caso, pera que por falta de diligencia se não acabe de perder de todo, elles forão-se sem me sentirem. Vou-me a casa tirar devassa.

## A C T O III.

## S C E N A I.

*Cornelia mãy.**Camilia filha.*

*Corn.* **G**uardê-o ora Deos de algum desastre, que ainda o coração me está saltando de medo. *Cam.* De que se armou o arroido? *Corn.* Não o viste tu? *Cam.* Não. *Corn.* Vinha de qua de cima hum soldado doudo muito recachado, toparão-se ambos, não sei que ouverão, que lhe lançou Lionardo huma mão ao pescoço, e outra á espada. *Cam.* Ferio-se algum delles? *Corn.* Quiz Deos que acodio gente, mas o soldado ficou arrepelado, e injuriado. *Cam.* Hey medo que nação dahi algumas revoltas. *Corn.* Livre-o Deos dellas. *Cam.* Bristo nos dirá sobre que foy, e como passárão ambos. *Corn.* Folgo eu muito de tu não pareceres então. E se me cres ou me amas, rogo-te filha, que sempre te prezes de muito recolhida, e de muito assenta-

tada. Bem vêes quão mal parece nas moças o alvoroço, e defassocego. Teus olhos misurados, e recolhidos, teu rir temperado, tuas falas poucas, e certas, e onde forem necessarias. E por cima de tudo ás de ter tanto poder sobre ti mesma, que nem por mais folias que ouças, ou brados, ou arroidos te bulas, ou te movas donde estás. *Cam.* Eu assi o faço, e o farei sempre, porque tambem minha condição me diz isso. *Corn.* Dá graças a nosso Senhor, que ta deo tão boa. Porque verás muitas, que ainda que sejam ricas, e fermosas, são tão bolicosas, e alvoroçadas, que tudo querem ver, e de tudo dar fé. A boa filha, que estima a honra, e a virtude á de quebrar os pés, e os olhos, há-se de prezar mais de sua honestidade, que de peças, nem thesouros, e mais quem os não tem, mal peccado. *Cam.* Em verdade máy, que me aborrecem tanto huns despejos que vejo em mulheres, que só por aquillo, se fora homem, não casaria com ellas. *Corn.* O despejo, filha, não he máo, se he honesto, e temperado. Porque nem a moça ha de ser estatua, nem diabrete. Todalas cousas tem seu meyo. Não me contentão nada humas fermosuras mortas que vejo, nem outras tão vivas, que parece que estão acenando aos homens. Tu, filha, antre estes dous extremos (como te sempre digo) toma hum meyo, pera que não erres. *Cam.* Assi como hi ha essas, assi tambem averá alguns doudos a que bem pareçáo. *Corn.* Bem disseste doudos, e mais no tempo de agora. Perdoe Deos a teu pay, que me dizia muitas vezes, que o principal dote, que o vencerá a calar comigo, fora meu fizo, e recolhimento. *Cam.* Segundo nos Bristo diz, dessa mesma opinião he Lionardo. *Corn.* Se quizesse ora Deos chegá-lo a isto, antes que eu morresse. *Cam.* Eu espero,

ro que seja mui cedo, porque assi o sinto nelle, e Bristo mo affirma. *Corn.* Faça Deos o que for seu serviço, elle te honre, e te ampare, pois a fortuna te desamparou. E tu, filha, isso lhe pide em tuas orações, a elle só toma por teu casamenteiro, e ao Bemaventurado S. Nicolao, pay das orfãs desemparradas. *Cam.* Muito folguey com aquella devação que nos ensináram. *Corn.* Diz que por ella fez já muitos milagres, reza a tu com muita devação. *Cam.* Assi o faço. *Corn.* Por derradeiro, filha, de cima vem tudo. Quem per si tem Deos, tem todo bem, e toda a riqueza. Parece-me que vejo vir Bristo lá no fundo da rua, pera cá vem. Grisca, vay-lhe abrir aquella porta.

## S C E N A II.

*Bristo só.*

**A** Gora me não queixo de minhas mofinas, pois se mudáo todas em boas venturas. Bem se disse, que ninguem julgue a tarde pela manhã. Hoje me vi em tamanhas tremuras, que me dei por morto, agora estou tão seguro, que não hei medo á fortuna. Fuy a casa de Annibal, metti-lhe em cabeça, que tinha concertado com Camilia, que esta noite o iria ver, fica tão doudo, que ey medo que perca o sizo, ainda que elle pouco tem que perder, mal peccado. A Camilia, que lhe eu ey de levar, á de ser huma moça de minha confraria, que lhe ha de fazer crer que he ella. O coitado nunca a vio bem, mais perdido anda pela fama, que pelos seus olhos. E eu esta mesma noite a hei de deitar na cama com Lionardo, que assi o concertámos. Montalvão com lhe perdoar o furto, fica tão contente,

que me prometteo de me ajudar em tudo. Mas eu não me hey de ter ás suas costas. Já tenho minhas contas feitas , porque não sei tambem que fim terão estas danças. Alexandre per huma parte , Roberto per outra não me hão de poupar a vida , a verdade he roubar , e fugir. Vou-me a casa de Cornelia , que tardo muito. Ou lá , aberta está sempre esta porta , parece que me conhece.

## S C E N A III.

*Pilarte.**Alexandre.*

*Pil.* **N**Aõ pôde ser mór desastre no Mundo.  
*Alex.* São cousas que ás vezes acontecem.

*Pil.* Teu pay veria enfiado? *Alex.* Tomou-me , fechou-me numa camara , sem querer que minha máy lá entrasse , e descobrio-me o negocio de como o achára com Bristo , e o que lhe ouvira. *Pil.* Hum perdido , que pelas ruas vay semeando seus segredos , sem se precatar de quem o pôde ouvir. *Alex.* Rogou-me , ameaçou-me , e conjurou-me , e que lhe dissesse a verdade sopena de sua benção. Não pude al fazer , disse-lhe o que sabia. *Pil.* Hey medo que lhe ficasse de ti alguma suspeita? *Alex.* De que ? elle não ouviu a Bristo cousa que me prejudicasse. Eu tambem disse-lhe , quanto sempre trabalhára com Lionardo de o desviar de seu erro. *Pil.* Agora he em casa de Roberto. *Alex.* Pera lá creo eu que elle hia. *Pil.* Pois que determinas? *Alex.* Mas tu que me aconselhas? *Pil.* Bofé Alexandre , farias bem de tomar meu concelho. Bristo enganounos , Camilia não te conhece , Lionardo dá-o por casado , tu não tens remedio. Meu parecer era , que pois se Deos quiz lembrar de ti , sejas em conheci-  
men-

mento desta mercê tamanha , e ponhas diante dos olhos a vergonha de Lionardo , e a ira de seu pay.

*Alex.* Bem vejo tudo isso ; mas que farey que o amor me não deixa ? *Pil.* Se te não deixa , que o deixes tu.

Em quanto te eu vi remedio , ajudei-te , sabe Deos com que vontade , agora que o não ha , que queres que faça ? *Alex.* Oh Pilarte meu amigo , não sabes onde chega entregar a afeição , quem a sempre teve livre.

*Pil.* Tambem eu já quiz bem , e fuy namorado. E por ventura perdi mais em meus amores , do que tu ganhavas nos teus. Deu-me Deos estamago , e fizo pera esquecer tudo. Ora não o esquecerás tu , pois tanto te releva. *Alex.* Oh Camilia , oh minha Camilia ?

*Pil.* Alexandre , peço-te por amor de Deos , e pelo que debes a tua honra , e ao amor que te teu pay tem , que te não percas , que não descubras de ti ao Mundo o que té agora está encuberto , pois nisso não ganhas mais , que infamia com os homens , perda tua , e aborrecimento com teu pay. *Alex.* Prouvera a Deos que me favorecêra a fortuna , que eu puzera o rosto a todos esses encontros.

*Pil.* Não te lembra quam fco te parecia o erro de Lionardo , quantas vezes lho reprehendias ? *Alex.* Então trazia eu ainda os olhos cegos.

*Pil.* E agora os trazes claros. *Alex.* Então não tinha eu ainda visto aquelles olhos de Camilia , que me abriram os meus.

*Pil.* Oh coitado de mi , que farey a este moço ? hey dó d'elle , hey dó de mi , hey dó de seu pay , e de sua honra. *Alex.* Oh Lionardo bemaventurado , pois pera ti só se guardou hum bem tamanho.

*Pil.* Oh Lionardo malaventurado , pois naceste pera deshonnar a ti , e teus parentes. Dize-me por tua vida , que ganhavas com huma rapariga , pobre , orfã , seguida de quantos perdidos ha na terra ? que hum hora per outra ha-

via de lançar mão de huma esfinolla pera seu mantimento, ás custas do que Deos sabe? *Alex.* Não me digas isso, que todo o Mundo diz bem della, todos a tem por fermosa, por virtuosa, e por boa filha. *Pil.* Digo que seja assi. Todas essas calidades tem tua irmãa. E se lhe teu pay não déra bom dote, não concertára Roberto o casamento de seu filho. *Alex.* Arrengo destes dotes, que ás vezes são dores. *Pil.* Arrengo destes amores, que sempre são dores. *Alex.* Que melhor dote quero eu, que amor, e contentamento? *Pil.* Como isso he ainda de moço? E não sabes tu, que os mal casados são os namorados? quem se vence por appetite, aos dous dias se enfada, quem casa por razão, este he o que ganha. Mas vós outros, manos meus, não tendes conta com mais, que com olhinhos, e com geitinhos, que á primeira noite aborrecem. Então presta muito arreponderdes-vos. *Alex.* Oh que meu pay não me quer tão pouco bem, que se não amansára logo. *Pil.* Antes te digo, que não durára mais, que em quanto o não soubera. Bem sabes, que hum nojo mata mais que huma peçonha. *Alex.* Como se isto fosse cousa, que se nunca vio no Mundo. *Pil.* Não te vás per hi. Não ha peccado tão novo, que se não fizesse já, mas por isso não deixa de ser mais grave. *Alex.* Antes o costume faz estes erros menores. *Pil.* Enganas-te, que per hi se veyo destruir o Mundo. *Alex.* De maneira, que por força me queres tirar do que eu tanto gosto? *Pil.* Deita tu totalas contas, verás o que achas. Roberto não ha de querer ver seu filho, vê-lo fóra de casa perdido, desemparrado, a máy carpida, a revolta no povo, que o hão de praguejar de madraço, parvo, que se foy emburilhar com huma moça sem pay. Já me entendes? Então que

cui-

cuidas? Toda sua perda ha de ser teu proveito, que o pay por o mais magoar, ha-te de querer dar quanto tem com sua filha. A teu pay não falecerá genro. Se quizeres ter fizo, aproveitar-te-has, senão não sei que te mais diga. *Alex.* Por tão certo tens tu ser Lionardo já casado? *Pil.* E tu não o vez? Aposto-te, que ou o he já, ou que não escape doje. *Alex.* Pois hei de sofrer eu, que hum fanchono se vá assi rindo de mi? *Pil.* Rindo, ou como? Espero eu de lhe fazer amargar os bocados, que comeo á nossa custa, e quantos passos perdidos dei apôs elle, ainda que dos quatro cruzados hum só lhe dei. Os mais tenho aqui pera o que tu quizeres. *Alex.* Quem me desse tomá-lo em parte, onde me vingasse da esperança falsa, em que téqui me trouve. *Pil.* Deixa-me tu a mi, que eu lhe correrei a çapata, não ha covil que não saiba, pois arrenegaria de seu pay, e da senhora sua mãy, se com esta me escapasse. *Alex.* Por tua vida armemos-lhe huma filada? *Pil.* Velhaco, marinello, engana meninos. *Alex.* E homens podes dizer. *Pil.* Que á mil dias que me traz apôs si quebrando calçadas. Eu prometto que o pagues a onzena. *Alex.* Quem he este que cá vem correndo? Santa Maria, Lionardo he. Pressa vai lá, vamo-nos, não nos tope aqui. *Pil.* Bom final he este do que te disse. Em fim, conselho de amigo val hum Reyno.

## S C E N A III.

*Lionardo só.*

**C**omo a rapaz, como a moço, já erão á som grandê pera arrepelões. Enviava se a mi aos cabellos, pois arrenegaria eu do parvo velho, se me hoje

hoje não fizesse a vontade. Mando-o eu raivar, que Camilia ha de ser minha mulher, e outra não. Camilia lhe ha de erdar sua fazenda, e por derradeiro hei-lhe de dar dez couces sobre a cova. Ah pezar de mi co velho repetenado, ouvera-me de matar se me não acolhê.a. Se eu acho Alexandre em descuberto, eu lhe perguntarei onde se costuma fazer tamanha treição aos amigos. Bem me dizia a mi Bristo, que me não fiasse delle, rapaz, tredor, e falso, eu vivirei comigo daqui por diante, e alguém me haverá medo.

## S C E N A V.

*Roberto.**Calidonio.**Pilarte.*

*Rob.* **A** H cáo de mi, que se me foi, que a vida lhe ouvera de tirar. *Calid.* Roberto tem fizo, olha o que fazes. *Rob.* Hum filho do diabo, que nunca o eu fiz, nem Deos mo deu. *Calid.* Socega ora, não te entregues tanto a ira. *Rob.* Oh Calidonio, porque me não deixavas, víras o exemplo, que dava aos pays, e aos filhos. *Calid.* Não cuidei que eras tão arrebatado. Deixa a furia pera teus imigos. *Rob.* Não tenho eu agora outro mayor neste Mundo, magoado estou, porque me fugio. *Calid.* Quam perigosa cousa he amor, e cólera. *Rob.* Pois não me ha de escapar onde quer que estiver. Tudo hei de correr, e de buscar, e essas más que mo enganárão, eu as porey por terra. *Calid.* Antes de mea ora te ás de arrepender do que tens feito. *Rob.* Fizera-o eu, e arrependera-me. *Calid.* Fizeste mal de não tomares meu concelho. Se tomaras esse moço por bem, e com huma reprehensão de pay mansamente, e por bons meynos, não póde ser que sua vergonha, e teus bons conce-

celhos não pudéram com elle mais, que seu appetite, e assi per ventura se remedeára o negocio. *Rob.*

Que remedio pôde haver em cousa tão perdida?

*Calid.* Quanta já agora pouca lhe vejo eu. Do que até qui fez lhe dou culpa, do que mais fizer, tu a tens. *Rob.* Como eu vivia enganado, cuidando

que tinha filho, e que tinha herdeiro, e elle tornou-se-me imigo, e solapadamente me roubava quanto tinha pera putas, e alcoviteiros. *Pil.* Não deixarei de ir espreitar o que se cá passa em casa de

Roberto, por quanto ha no Mundo. Alexandre fez-lhe Deos bem, que tomou meu concelho. Temos ordenado de tomarmos este fanchono ás mãos,

hey-o de seguir todalas noites por estas ruas, até que alguma acerte. *Rob.* Malaventurado he o homem,

que deseja filhos, quanto déra eu agora pelos não ter, pois em minha velhice avia de aver tanto nojo de hum só, que me dérão meus peccados.

*Calid.* Roberto, não te agastes. A paixão nunca remediou nada. Por derradeiro, a ty fazes mal, a elle nenhum bem. *Pil.* Grão revolta vai cá. *Rob.*

Não me faria ora Deos tamanha mercê, que lá por onde vai topasse a morte com elle. *Calid.* Guarde-o Deos, isso has de dizer. *Rob.* Si, o filho que

nega o sangue de seu pay, e o deshonra, pera que he vivo? *Pil.* Se Alexandre isto ouvira. *Rob.* Não se engane elle comigo, que eu não sou como outros parvos,

que esmorecem logo de nojo. Agora me hei de curar, e de poupar, e gastar quanto tenho em levar muito boa vida. *Pil.* Em seu fizo está o velho, mas tudo aquillo são feros. *Calid.*

Farás tu já muy bem, e esse he meu conselho, quanto mais, que ainda o mal pôde ter remedio, se lhe logo acudirmos. *Rob.* O que eu daqui mais sinto, he a vergonha do Mundo, e a conta, em que

me tu podes ter, vendo-me crear em casa huma besta feia; mas em emenda disso, chama cá Alexandre teu filho, com que te Deos fez tão bemaventurado, e dar-lhe-hey minha filha, e toda minha fazenda. *Pil.* Vede ora se me enganava eu muito. Tudo aquillo he nossa perda. *Calid.* Não cuides tu Roberto, que por meu interesse queira eu prejudicar a teu filho. *Rob.* Não lhe chames meu filho, que não o he, nem nunca o foy. *Calid.* O concerto que temos feito (se tu quizeres) irá por diante, com tanto que se elle emende, que eu não creio que esté já casado. E quando não, reparte tua fazenda com tua filha, e deixa-lhe seu quinhão, porque depois te não arrependas. *Pil.* Não ouvís nosso amo? como he amigo de seu proveito? Em fim, faz bem, aquella he a verdade. *Rob.* Folgára agora de ter hum Reyno pera to dar todo. *Calid.* Estás apaixonado, espera que se te abaxe a colera, e conformar-te-ás com a razão. *Rob.* Digo, que desdaqui pera todo sempre o engeito de filho, e o hey por desherdado de toda minha fazenda até a valia do mais pequeno ceutil. E se sua máy não fizer outro tanto, não ha de viver em meu poder dous dias. *Pil.* Ainda achará quem a agazalhe, danado está o velho. *Rob.* E entre tanto, porque me não esqueça, quero-me ir ao Corregedor dar huma querella dessas boas senhoras, que mo enganarão, e fazer esfolar este alcoviteiro vivo, que se anda aqui creando á custa de minha fazenda. *Calid.* Não hade amansar oje. Vou-me apôs elle, não faça alguma doudice. *Pil.* Nunca vi velho tão quente do miolo, parece-me se topára o filho, que o comêra aos dentes. Se Calidonio ora soubesse o perigo, em que o feu andou. Por derradeiro, a verdade he viver livre, e não estar sogeito a estas miserias. Eu não  
fei

fei se me engano; mas pera mi tenho, que já que homem nasce pera caminhar por esta estrada trabalhosa, he bem mal aconselhado em tomar ás costas outra carga álem da sua. São tão comprados, e tão amargados huns meyos gostos de hum bem casado, que quando já chegão não se gostão. Que fará os dos mal casados? Torno-me a Alexandre, que ficou esperando por mi.

## S C E N A VI.

*Pinerfo.**Pilarte.*

*Pinerf.* **N**ÃO crerei isto até que o não veja; e quando o vir, hei de crer que he pela arte do diabo. Huma moça muito virtuosa, muito fermosa, filha de hum homem muito honrado (segundo dizem) á de ter hum marinello poder de a enfeitiçar assi! *Pil.* Viste Pinerfo sempre por esta rua direita? *Pinerf.* Si. Porque o perguntas? *Pil.* Não sey se conheces o filho de meu senhor? *Pinerf.* Quem, Alexandre? *Pil.* Esse mesmo. Viste o por ventura ficar passeando lá em cima na primeira travessa á mão direita? *Pinerf.* Não attentei por isso, que levo o cuidado em outra parte. *Pil.* Não serão amores? *Pinerf.* Mas amores de cea. Saber-me-has dizer onde acharei mea duzia de perdizes? *Pil.* Pera oje? *Pinerf.* Pera esta noite. *Pil.* Como, ha lá oje festa em casa? *Pinerf.* Mal o sabes ainda. Ves aqui hum cruzado, que se me deu sômente pera caça. *Pil.* Serão alguns ospedes? *Pinerf.* Ou ospedes, ou ospedas avemos nós oje de ter (como dizem) bona xira. *Pil.* Teu senhor foi sempre grande homem de feros, e de banquetes. Se te enculcar o que buscas, não partirás comigo? *Pinerf.*

E mais dar-te-hei bom ganho , que a mi não me tomão conta. *Pil.* Ora vay-te por aqui abaixo , no fundo da rua em virando pera a mão esquerda está huma travessa estreita , toma por ella acima , virás dar num beco , onde se faz hum terreirinho. *Pinerf.* Bem te entendo. *Pil.* Na derradeira casa do canto , que tem huma grande pedra á porta , poufa huma mulher gorda , que chamão a Brava dalcunha. Esta te dará toda a caça que quizeres. *Pinerf.* Deos te avie sempre , que assi me aviafte agora. Pois sabes quanto vai nisto ? Que me promettêrão hum vestido se as trouxesse. *Pil.* Não me dirás que gente he essa ? *Pinerf.* Pera que te hey de negar a verdade ? leva esta noite Bristo a meu amo huma moça , por quem anda perdido á mil annos. *Pil.* Quem por tua vida ? *Pinerf.* Quem eu não creio , nem tu crerás. *Pil.* Por vida de quem , mo dize ? *Pinerf.* Não to ey de dizer , até que a não veja em casa. *Pil.* E todo este gasto he pera ella ? *Pinerf.* Isto he o menos , tem banquete pera hum Principe. *Pil.* E a que oras te parece que virá ? *Pinerf.* Bem tarde , quando já todos jouverem. *Pil.* Ora não te quero deter , que se faz noite. *Pinerf.* Fica-te embora. *Pil.* Como o diabo sabe bem ordenar as cousas de proveito. Parece-vos que pudéra eu topar com este em outro melhor tempo , necessario he que vigiemos esta noite , porque nos não escape Bristo.

## S C E N A VII.

*Bristo. Licisca. Alexandre. Pilarte. Annibal. Montalvão.*

*Brist.* **N**ÃO de balde dizem , enfeitai o cepo. Se té agora visses , espantar-te hias. *Licisc.* Se eu tão bem pareço como me os vestidos armão , por

por tua vida que fuja. *Brist.* Eu que te conheço, te estou estranhando. *Licisc.* Estes fazem as ricas fermosas, que não seus olhos bellos. *Brist.* Dizes verdade mana, mocinhas conheço eu, que com o terço disto as terião por Anjos. *Licisc.* Não cuidava eu que Camilia era tão galante. *Brist.* Pois não he isto nada. Se a viras agora da maneira que a eu deixey com Lionardo, parecera-te humma Prinzeza. *Licisc.* Espanto-me eu, que o dinheiro não he tão basto. *Brist.* Estes vestidos forão da mãy, quando era moça. Quando morreo o pay polos nella. *Licisc.* Quanto eu nunca a vi senão muito honesta. *Brist.* Assi o foy ella, e assi se tratou sempre desque o pay he na India, e depois com o dó ficou nesse costume. Mas digo-te eu, que o que ella tem em vestidos, quizera eu pera hum par de annos. *Licisc.* Foy muito, em todas suas necessidades não os venderem. *Brist.* Nunca falta a mercê de Deos, agora fica em poder de quem a manterá com muita honra. *Licisc.* Si, mas o pay? *Brist.* Nunca essas pelegas durão até a morte. A moça he tal, he tão bem estreada, que fará delles o que quizer. *Licisc.* E em casa da mãy se fez o casamento? *Brist.* Agora embora. Não se lhe entende a ella tão pouco. Como lhe eu levei as novas, foy-se logo com a filha a casa de humma sua parenta, e alli a vestio, e enfeitou, e perante tres testemunhas muito honradas se recebêrão. *Licisc.* Deixei-os Deos lograr por muitos annos. *Brist.* Não lhe ajas tu inveja por esta noite. *Licisc.* Bofé, se estes vestidos forão meus, que me não trocára por ella. *Brist.* Aperta te muito esse colete? *Licisc.* Muito bom vem. Faz-me os peitos mais pequenos. *Brist.* Grande acerto foi teres os cabellos louros. *Licisc.* Ainda eu não trocarey os meus cabellos, nem os meus

meus olhos pelos de Camilia , nem doutra mais pintada que ella. *Brist*. Não digas isso Licisca , tem aquella moça huns olhos de Anjo. Pois se lhe visses a garganta , e os peitos , assi mulher como és , não te poderias ter , que lhos não comesses. *Licisc*. O que me a mi mais contenta della , he a cintura , que me vai esta sua cora quebrando os quadris. *Brist*. Se te lá agastares muito , tudo he largar hum colchete. *Licisc*. Ainda me não conheces , já eu fuy mais gorda do que agora sou , e pera contrafazer humia menina de onze annos , fuy vestida nos seus vestidos. *Brist*. Eu por isso te busquei , mas agora verey pera quanto és. *Licisc*. Não he esta a primeira. *Brist*. Ey medo que te pejes muito de te conhecerem. *Licisc*. Antes esta he grande ajuda. Cuidará que o faço de medrosa , ou de pejada. *Brist*. Pois no que te tu has de fundar , mais he na vergonha. Teus olhos no chão , e de quando em quando polos nelle com geirinho namorado , e em elle vindo cos seus , torná los a abaixar muito vergonhosa. *Licisc*. Não sei se te disse já humia manha que tenho , que tu verias em poucas. *Brist*. Que janda? *Licisc*. No bulir de humia pestana me torno tão córada como hum lacre. *Brist*. Como fazes isso? *Licisc*. Com reter hum pouco o folego , e embridar assi a barba sobre o peito. *Brist*. Ainda eu essa mestria não sabia. *Licisc*. Pois pera chorar não tenho necessidade que me espanquem. *Brist*. Quem me desse estar espreitando como te negavas. *Licisc*. Porque? *Brist*. Porque ao longe parecerás melhor. *Licisc*. Antes me a mi dizem , que ao perto sou mais fermosa. *Brist*. Enganas-te. *Licisc*. Por vida minha *Bristo* , que ainda oje mo jurou hum homem. *Brist*. Se te dissera a verdade não o crêras , esse feria de huns , em cujo Reyno correm sem-

sempre palavras por moeda. Nunca te fieis desses enganos ; mas sabes tu o que tens ? hum assento neste rosto, que quando estás sezuda, pareces huma Condessa. *Licisc.* Muitos me differão já isso. Ora vamos que he tarde. *Brist.* Que pressa tens da cea, boa noite faz. Deos seja connosco, concerta bem esse rebuffo, não te caya. *Licisc.* Vamos pelo mais escuso. *Alex.* Se nos sentirão em casa? *Pil.* Não, segundo me parece. *Alex.* Daremos por aqui huma revolta, que a noite he escura, e azada pera desastres. *Licisc.* Vamos per cá, que sinto lá vir gente. *Brist.* Péga-te a mi, que eu te levarei por lugar seguro. *Pil.* Escuta assi. *Alex.* Que he isso? *Brist.* Estas são as proprias horas, como ha de estar cá o coitado alvoraçado. *Pil.* Que me matem se aquelle não he Bristo. *Alex.* Tardámos muito. Não são estas as suas horas? *Pil.* Antes nenhuma outras. Vem-te por aqui conhecê-lo-emos. *Licisc.* Apôs nós vem não sei quem. *Brist.* Quem he, passe embora. Não vai aqui quem deva nada á justiça. *Alex.* Ah dum fanchono, puto, feiticeiro, que a mi deves tu a vida. *Brist.* Jesu seja comigo. Homem, que mal te fiz? *Pil.* Tu não fales, nem boquejes, se queres poupar a vida. *Brist.* Ah que del-Rey. *Alex.* Azado te parecia eu pera zombares de mi? *Licisc.* Justiça, justiça, ah que da justiça. *Alex.* Não tenhas de ver com brados, dá-lhe, não o poupes. *Brist.* Ay, ay. *Alex.* Tapa-lhe essa boca, afoga-o. *Brist.* Que me matão. *Alex.* Pagarás por mi, e por outros. *Pil.* Vamo-nos, que acode gente. *Alex.* Quem me déra tomar aquella puta, que vay gri ando. *Pil.* Cansou-me o velhaco, mas mais cantado fica elle. Estas lhe lembrarão por huns dias. *Brist.* Vizinhos desta rua, que me ouvís, sede-me testemunhas, como indo por aqui a estas horas,

sem

fem pão, e fem pedra, em paz, e em salvo, saltarão comigo aquelles dous homens, que alli vão, que eu bem conheço, e me espancarão, e ferirão, sem lhes eu fazer mal nenhum. *Annib.* Não me enganava eu, aquelle he Bristo. *Mont.* Quem avia de cuidar, que tão perto da tua porta se atrevesse ninguem a tanto? *Brist.* Velhacos, ladrões, vadios, que não tem outro officio, senão andar cuidando de dia o que hão de fazer de noite. *Annib.* Abaixa essa chupa. Cerca-os por lá, não nos fujão. *Brist.* Todo me rompêrão, todo me pizárão, nem hum fô offo me deixárão são no corpo. *Mont.* Ah pezar de meu pay, que tua mansidão he causa desta deshonra. *Brist.* Licisca? Huy por mi se se me foi Licisca. Acolheo-se, já estoura he peor, coitado, que farei agora. *Annib.* Bristo, que cousa he esta? quizes são os rapazes, que indo tu pera minha casa, ousarão de te afrontar? *Brist.* Ay senhor, não sey como me achas vivo. *Annib.* Dize-mo, não chores, antes que os innocentes paguem pelos culpados. *Brist.* Não sei quem são, nem por onde forão. Vindo por aqui tão seguro, como quem não tem feito cousa per que se tema, saltarão comigo, fizerão-me tal, qual me achas. *Mont.* Agora os não culpo, pois se foubirão guardar de ti. Parece que de lá lhes metteste medo. *Annib.* Vinha mais alguem contigo? *Brist.* Vinha quem tu sabes. *Mont.* Malvado. Mas quem eu sey. *Brist.* E com a revolta perdi o tento della. Não sey pera onde foy, que isto sinto já mais que minha mofina. *Mont.* Delicado feito. *Annib.* Oh Mundo, oh fortuna! Tamaña injuria se fez nunca a nenhum homem. *Brist.* Parece-me a mi, que a senti ir gritando lá pera baixo. Já pôde ser, que iria ter a tua casa. *Mont.* Nunca o diabo a lá leve, ficará a cea por nos-

nossa. *Annib.* Porque não foy isto de dia, que mór diluvio ouvera de fazer, que o de Rhodes. *Montalvão*, onde te foste? *Mont.* Vi-te tão bravo, que te ouve medo. *Annib.* Agora te dou licença pera todalas cruezas. *Mont.* Que presta, pois não ha em que se fação. *Annib.* Daqui faço voto tolemne, de nenhum homem que esta noite achar, deixar com vida. *Mont.* Mas de meu concelho, já que se nos forão, encubramos o negocio por honra desta moça. E á manhaá deixa-me, que eu tos descubrirei. *Annib.* Nunca o diabo armou tamanho defaître, vamo-nos a casa, se a lá não acho, não me ha de ficar casa em toda a Cidade.

## A C T O V.

## S C E N A I.

*Pindaro pay.*

*Arnolfo filbo.*

*Pind.* **Q**uem averá agora aqui que nos conheça, ou quem se não espantará de nos ver, pois passa de dous annos que nos tem por mortos? *Arn.* Conheço eu logo muy bem esta terra em que nasci, e em que me criei, louvores a nosso Senhor, que nos tornou a ella. *Pind.* Coitadinhas de tua mãy, e irmãa, que assi estarão ora aqui tristes, desemperadas, cubertas de dó, de miseria, e de pobreza. *Arn.* Já os trabalhos são passados, assi nossos como seus, agora virá o descanso, e o contentamento. *Pind.* Assi são as coufas deste Mundo. *Arnolfo*, filbo, se hi não ouvesse mal, não averia bem, senão passasse-mos per trabalhos, não conheceria-mos o descanso; bemaventurado aquelle que soube passar por tudo. *Arn.* Es-  
ses

ses feremos nós logo , pois defque daqui faimos , toda noſſa vida foi morte. *Pind.* Vês aqui filho , que coufa he fer pay , e ter filhos ? Eu com qual-quer coufa me contentára , vós-outros me deſterrastes tão longe , á tantos annos , que indo mancebo torno velho. Verdade he , que as foidades de minha mulher , de minha filha , e de minha caſa me fizeram branco ante tempo , que os trabalhos todos os lá tem , e os paſſão. *Arn.* Seria bom , ſenhor , que tiueſſe mos algum meo com que ellas ſoubefſem noſſa vinda antes que nos viſſem , porque hum prazer tão ſupito , e tão pouco esperado , ás vezes ſe converte em nojo. *Pind.* Dizes muito bem , e eu aſſi o trazia cuidado ; mas onde iremos buscar quem nos conheça ? *Arn.* Aqui perto me lembra a mi , que ſoia morar huma minha tia , que me convidava ſempre quando ya a ſua caſa. *Pind.* Artuſa prima de tua máy , muy virtuoſa peſſoa , ſe ella he viva , não ſera ſeu contentamento pouco. Mas muito eſtimára eu ſaber onde minha mulher pouſa , e ir-mo-la eſpreitar , pera ver aquelle deſemparo virtuoſo com que vivem. *Arn.* Não queiras ver tamanha piedade , bem ſabes já o que de cá te eſcrevião os amigos. *Pind.* Oh minha mulher , minha amiga , que agora ſinto eu voſſas laudades mais que nunca , quão certo he , que de todos eſſes ninguem a conhece já. *Arn.* Acho muitas novidades neſta terra , cujas ſerão eſtas caſas grandes , que tão bem parecem. *Pind.* Não te eſpantes , em pouco tempo faz o tempo muitas mudanças. Os que aqui deixaste meninos , vê-los-has homens , os mancebos velhos , os velhos ſoterrados , que eſta he a noſſa roda por onde andamos. Conheces por ventura eſte velho , que cá vem ? lembra-te d'elle ? *Arn.* Não. *Pind.* Segundo me dá o ar , eſte he Calidonio , que eu

eu deixei mancebo , casado de pouco. *Arn.* Póde fer que te não conheça elle logo? *Pind.* Não sei, a amizade não era tão pouca , para lhe eu não lembrar , mas com tudo , este he , que eu o conheço.

## S C E N A II.

*Calidonio. Pindaro. Arnolfo.*

*Calid.* Amanhos defarranjos causa a ira , e a pertinacia. Vedes Roberto agora com o filho perdido , que nem o acha , nem novas d'elle. Foi-se-lhe a manencoria , entrou a saudade-nelle de maneira , que se não levantou oje , a mulher mea morta , medo cy que lhe custem caro seus feros. *Pind.* Como passa per nós o tempo. Espantado estou de ver este homem tão branco. *Calid.* Eu , porque ouve dó delles , gastei toda esta manhãa com Alexandre em lho buscarmos , cada hum por sua parte. Tenho pera mi , que se acolheo com a moça , porque as pousadas estão fechadas , e não ha na vizinhança quem nos saiba dar novas delles. *Arn.* Falemos lhe , que elle nos guiará. *Pind.* Deixay-o chegar , que pera cá vem. *Calid.* A moça ainda oje soube , que era filha de Pindaro nosso cidadão , que morreo na India , muito bom homem , e meu amigo. Mas que presta , pois não tem nada , e se creou sempre em poder da mãi , não sei de qual delles he pera aver mór dor. *Pind.* De quantas gente por aqui passa , ainda ninguem conheci se não estes. *Calid.* Todo o homem prudente ha de pôr diante dos olhos o que póde acontecer. Que remedio tivera eu agora pera recobrar a filha , e a fazenda , se ambas juntamente tivera entregues? Quantas cautélas se requerem pera a vida deste Mun-

do. Que homens são estes , que cá vem ? parecem estrangeiros. *Pind.* Eide ver se me conhece. Deos te salve , senhor honrado. *Calid.* Assi o faça a ti tambem. Eu vi já este homem , se me não engano. *Pind.* Não és tu Calidonio , filho de Alexandre , que foi muito tempo guarda mór desta Cidade ? *Calid.* Si , que he o que mandas ? *Pind.* Bem me parecia a mi , que te conhecia. Folgo de te ver , louvores a Deos , vivo , e são , posto que muito mudado do que te deixei. *Calid.* Donde me conheces ? *Pind.* Daqui. *Calid.* Estou enleado contigo , parece-me tambem , que te vi já , não me lembra aonde. *Pind.* Não he muito , que o tempo , e a idade te fação desconhecer-me , mas já aqui vivi alguns dias. *Calid.* Por certo , que me tens confuso , e muito mais em te ouvir isso. *Pind.* Saber-me-ás dizer , onde poufa aqui huma mulher viuva chamada Cornelia ? *Calid.* Santa Maria , que assi me alvoraçaste. Se seu marido fora vivo , eu jurara que eras elle. *Pind.* Assi o podes jurar sem peccado. *Calid.* Como. Tu és Pindaro ? *Pind.* Eu , não te benzas , que vivo venho , louvores a Deos. *Calid.* Tu és Pindaro , nosso Cidadão , que dous annos á que temos por morto ? *Pind.* Eu Calidonio , sou teu amigo Pindaro , que nosso Senhor trouxe a esta terra milagrosamente. *Calid.* Não o posso crer. *Pind.* Este he Arnolfo meu filho , que daqui levei em idade de sete annos. *Calid.* Ora verdadeiramente tu és. Ainda agora te conheci. Não deixarei de te abraçar , ainda que não queiras. Parece-me que sonho isto. *Pind.* Sabe Deos camanhos dezejos trazia de ver a ti , e a todos meus amigos. *Calid.* Tambem ey de abraçar teu filho. Benza-te Deos , filho , que assi vens feito homem. *Arn.* Nessa conta me podes ter pera tudo o que mandares. *Calid.*

Oh

Oh senhor Deos, quamanhos são teus mysterios! Se foubesses ora, meu amigo Pindaro, quanto folgo com a tua vinda, espantar-te-hias. *Pind.* Eu to creio certamente, e to mereço, pela boa vontade que te sempre tive. *Calid.* Ora bem, que milagre foy este tamanho, que affi me tem pasmado? *Pind.* São cousas de nosso Senhor. Passa de dous annos, e vay em tres, que partimos da India. Deu a tormenta comnosco, por nossos peccados, lançou-nos em terras estranhas, onde ouveramos de perder as vidas, e as fazendas. *Calid.* Affi vos tivemos nós cá a todos por perdidos. *Pind.* Fez-nos Deos depois tamanha mercê, que nos trouxe a este Reyno, saós, e salvos, e não com muita perda, segundo foráo os desastres. *Calid.* Elle seja louvado pera sempre. Eu não te quero perguntar como vens, pois te vejo vivo. *Pind.* Bem sey eu, que te não pezára nada de meu bem, que he, louvores a Deos, mais do que mereci. *Calid.* Tu tens muita rezão de vires deseioso de ver tua mulher, e filha, e ellas muito mais de te verem. Mas porque as não espantes, vem-te a minha casa, descansarás, e far-lho-hão saber. *Pind.* Deos te aguardeça esse amor, e gazalhado. Eu trabalharei, que o não percas. *Calid.* Espanta-me teu filho, que o meu Alexandre não he mais moço que elle, e vem (benza o Deos) que parece seu pay. *Arn.* São trabalhos, senhor, do mar, e de terras estranhas. *Calid.* Por certo, que nestes quizera eu antes ver criado meu filho, que nos mimos de sua mãy. Pezame não estar agora aqui, pera ir logo visitar Cornelia. Mas eis aqui vem Pilarte, irmo-ha chamar.

## S C E N A III.

*Pilarte. Calidonio. Pindaro. Pinerfo.*

*Pil.* **A**gora me vem à mi cor de rir, do desastre de Bristo. Quem me déra saber o que mais passou. *Calid.* *Pilarte.* *Pil.* Quem me chama? *Calid.* Vem cá. *Pil.* Nosso amo he, quem são os outros? *Calid.* Vai-te a casa de Roberto, muito correndo, chama-me Alexandre, que lá ha de estar. *Pind.* He esse Roberto nosso amigo antigo, com que nos criámos todos? *Calid.* Esse, que não folgará ora pouco com tua vinda. *Pind.* Agora devo mais a Deos, pois ainda acho vivos os meus amigos. *Calid.* Ora vamo-nos daqui, que não queria que te ninguem conhecesse, primeiro que tua mulher. *Pil.* Não me lembra, que visse nunca aquelles homens, nem creio que Alexandre os conhecerá. *Pinerf.* Que pressa he essa? *Pil.* O Pinerfo. *Pinerf.* Onde vás? *Pil.* A hum negocio, mas primeiro eide saber de ti, quem era aquella dama dontem? *Pinerf.* Dá-o diabo. Todo o gasto foi perdido. *Pil.* Como assi? *Pinerf.* Trazendo-a Bristo consigo (o que eu não posso acabar de crer) saltarão com elle huns bargantes, que lha tomáráo, e o espancárão. *Pil.* Por tua vida. *Pinerf.* Quiz-nos Deos bem, toda a cea foy nossa. Annibal andou toda a noite correndo a Cidade, feito Mouro arrenegado do mar, e da terra. O fancho no foy-se por hy além, não sabemos parte delle, por onde eu suspeito, que tudo foy mentira. *Pil.* Muito me contas. Mas todavia, quem era a senhora? *Pinerf.* Huma moça muito fermosa, filha de huma viuva muito honrada, que aqui mora. *Pil.*

Co-

Como se chama? *Pinerf.* Camilia. *Pil.* Que me dizes? *Pinerf.* Mas eu não o crerei, em que mo prégue Dom Paulo. *Pil.* Ay, ay. *Pinerf.* Que há? *Pil.* Que graça tamanha. *Pinerf.* De que te ris? *Pil.* Deixa-me rir por tua vida. *Pinerf.* Que he isso? *Pil.* Ay que me afogo. *Pinerf.* Zombas, ou que fazes? *Pil.* Agora me não quero espantar de nada, pois esse fanchoño teve poder pera tanto. *Pinerf.* Em que? *Pil.* Em que? em roubar teu amo tégora, e per derradeiro zombar delle tão publicamente. *Pinerf.* Sempre eu isso pera mi tive. *Pil.* Pois não sabes como passa? Essa moça desdon-tem está casada com Lionardo, filho de Roberto. *Pinerf.* Isso he certo? *Pil.* Dar-te-hia o pay boa alviçara, e não fosse assi. *Pinerf.* Como o sabes? *Pil.* Basta afirmar-to eu, o coitado do velho jaz em cama pera morrer de nojo. *Pinerf.* Como pó-de ser. Que nos fomos esta noite, e oje pela manhã a casa della, e achámo-la fechada. *Pil.* Como fesudas querias que estivessem hi aguardando o impeto de Roberto, e os terremotos, e bravuras de teu amo. Forão-se a casa de huma parenta sua, que ainda agora o soube de huma pessoa de casa, que mo disse em segredo. *Pinerf.* Quem me dizia a mi, que tudo o deste marinello erão bulras, ou ladroices. Digo-te eu, se o meu amo sabe, que á mister cachorrinhos. Mas eu não heide deixar de lho dizer, e hade ser logo, porque te não detenha. *Pil.* Fazes bem, que eu vou depressa. Mas eis cá vem Alexandre, que me tirará della.

## S C E N A III.

*Alexandre.**Pilarte.*

*Alex.* **P**Er derradeiro, o mór bem deste Mundo he cumprir homem seus desejos. *Pil.* Junto daquillo está, que mór bem he não desejar, senão o que he licito. Oh Alexandre, tiraste-me de hum trabalho, agora ya eu em tua busca. *Alex.* Pera que? *Pil.* Vem a casa, fabelo-has. *Alex.* Que negocios seráo esses? *Pil.* Chegárão agora a teu pay huns hospedes, que eu não conheço, quer (parece) que te vejão. *Alex.* Sabes novas de Lionardo? *Pil.* Sey. *Alex.* Que raes? *Pil.* Que está com sua mulher. *Alex.* Com Camilia? *Pil.* Com Camilia. *Alex.* Quem queres, que lhe não aja inveja? *Pil.* Ainda lhe a este ficárão fezes. Si, se o casamento fora só por estes tres dias. *Alex.* Oh, que val mais huma ora de contentamento, que mil annos de desgosto. *Pil.* Hy verás tu, quanta mercê te Deos fez, que queres que faça o coitado, com a mulher, e logra ás costas, escornado do pay, e dos parentes, de que as ha de manter? onde o ha de ir buscar? que vida ha de ter? Tu não deitas estas contas? *Alex.* Deos que os ajunteu, lhes dará com que vivão. *Pil.* Espera tu por esses milagres. *Alex.* O caso he, eu mais quizera agora fer Lionardo com todas as paixões de seu pay, que Alexandre com os mimos do meu. *Pil.* Olha o que falas, não te colha Deos em soberba. Dá ao demo esse amor cêgo, que te cêga, abre os olhos, conhece teu bem. Não te lembre Lionardo, nem Camilia, senão pera averes dó delles, que tu verás este gofzozinho de appetite convertido em lagrymas  
de

de arrependimento. Deixa-os estar embora, que no fuor de seus rostos viviráo. Vamos, que tardamos muito. *Alex.* Tu vêes aquelle doudo, como vem enfiado. *Pil.* Por vida tua, que lhe fujamos, que vem danado, contar-te-ey de que, e consolar-te-ás.

## S C E N A V.

*Annibal.**Montalvão.*

*Annib.* **T** Amanha injuria como esta hey de sofrer eu, Montalvão? Antes morte. Seria isso paciencia de cornudo. Se não faço coufas, que soem em todo o Mundo. *Mont.* Pasmado estou de hum fanchono se atrever contigo tanto, não o posso crer. *Annib.* Vem-te por aqui, que me não ha de escapar no Ceo, nem na terra. *Mont.* Nem no Inferno. *Annib.* Onde o achar, hi o hey de deixar posto num pão á vista de todos. *Mont.* Outrem te tem a ti mór culpa. *Annib.* Quem? *Mont.* Quem se casou com ella. *Annib.* E quanto cuidas tu, que ha de durar este casamento? *Mont.* Já elle pera minha condição dura muito. *Annib.* Dá-me tu, que o possa eu logo achar? *Mont.* Descubri-lo-ha o diabo. Se elle sabe o que te tem feito, como queres que pareça? *Annib.* Todos os diabos me enganárão, e me troverão a esta terra, que sendo em todas as outras honrado, amado, e temido de grandes, e de pequenos, aqui me vejo de todos desprezado, e abatido. *Mont.* Bem te dizia eu, que tudo vay no foro, em que se os homens põe. *Annib.* A la fé, si. *Mont.* Se tu aqui entráras com foga, e cutélo, como fazias em outras partes, ninguem te levantára os olhos. *Annib.* Dizes verdade, eu tenho a culpa. *Mont.* A's vezes

he necessaria a cólera, e necessario seguí-la. *Annib.* Não, eu virarei a folha, e emendarei o passado. *Mont.* No presente temos nós bem que fazer, e ey medo que não façamos nada. *Annib.* Como nada, quando os não achasse, queimar-lhe-hia as casas, e a fazenda. *Mont.* Que lhe fizeras por tua vida, se o aqui tiveras? *Annib.* A quem, ó Bristo? *Mont.* Não falo nesse. Vergonha tua seria çujares as mãos nelle, deixa-o pera as minhas. Mas a Lionardo digo? *Annib.* Esse rapaz, e a rapariga, porque não soube conhecer o bem, que lhe Deos fazia, hum ao outro os ouvera de fazer comer aos dentes. *Mont.* E se elles não quizerão? *Annib.* Comera-os eu cos meus. *Mont.* Ambos? *Annib.* E ficára ainda faminto. *Mont.* Boa sepultura lhes davas. Mas hey medo arrebentasses? *Annib.* Riste, e gracejas. Bom tempo he este pera graças. Deixa-as pera quando eu estiver gracioso. *Mont.* Isto não são graças, mas raivas, que eu tenho de tua deshonna, que mais a sinto do que cuidas. E pera saberes se he assi, faze o que te disser. *Annib.* Que? *Mont.* Parece-me que te dou bom concelho. *Annib.* Espiritasse ora Deos em ti. *Mont.* Se te parecer bem, sique-o. Se não recebe a vontade. *Annib.* Dize? *Mont.* Este moço, em quanto souber que és vivo, escusado he buscarmo-lo. *Annib.* Assi me parece. *Mont.* Senão, se te elle não teme. *Annib.* Avante. *Mont.* Dissimulemos com o negocio. *Annib.* De que maneira? *Mont.* Eu to direi, faze-te morto, e quando virmos bom tempo, resurgirás pera lhe dares a morte. *Annib.* E como se fará isso? *Mont.* Muito bem. Vay-te á tua comenda. *Annib.* Ouço. *Mont.* Viste-me de dó. *Annib.* Entendo. *Mont.* E eu virei cá pregoar as novas. *Annib.* Deixa-me cuidar hum pouco. *Mont.* Este he o melhor remedio que

que vejo. O tempo, e o negocio não sofrem outro. *Annib.* Si. Mas minha tenção era não prolongar á vingança, que mo não sofre o estamago. *Mont.* É eu por encurtar to digo. Que te parece? Assentas nisto? *Annib.* Que hey de fazer, pois não tenho outro remedio? *Mont.* Que farey? Quanto Bristo, da manhãa por diante, onde quer que o vires, benze-te delle. *Annib.* Mas rogo-te, que mo tragas perante mi, porque gostarei muito de o ver morrer. *Mont.* Ora vay-te pera casa, dissimula fortemente, e deixa-me com o cargo. *Annib.* Se me isto fazes, hey-te de fazer meu herdeiro.

## S C E N A VI.

*Montalvão.*

**V**Ede se he isto cousa, pera fazer arrebentar de riso os homens, e as pedras. Não sei como pude dissimular tanto. Nunca tal graça aconteceu no Mundo. Eu por huma parte hey dó deste coitado, que não seja mais, que pelo pão que lhe como. Doutra parte, quando o vejo tão doudo, que quereis que faça? Folgo de o atizar pera o ver birrento, ainda-que ás vezes he muito perigoso, mas nunca o eu vi tão acezo como hoje. Des que lhe Pinerfo foy com aquellas novas, coufas disse em casa, que se não pôde crer. Senão pegáramos delle, sahia já como hum doudo com a espada nua, pera matar quantos achasse por essas ruas, sem lhe lembrar vida, nem honra, quiz Deos que o desviei disso, agora com este meu conselho amañou mais. Não vedes que graça? Que o que lhe eu dizia zombando, metteo-se-lhe em cabeça, que me dá a mi? Per derradeiro, tudo me cae em casa, escusarei brigas,

gas, e perigos, darey com elle nessa sua comenda, entregar-me-hey do que puder, e irey ganhar minha vida. Quem terra muda, muda ventura. Calejado vou que farte, não ha mal que possa comigo; e quando a fortuna tanto mal me fizesse, ainda prestarei pera chocarreiro de hum Principe, que he o melhor officio, que se agora usa. Mas á mister mais fizo que todos. E elles cuidão, que anda em doudos. Vede vós qual he mais doudice? Que festa he esta, que eu ouço? Que novidade he esta? Se endoudeceo este com as pancadas? Já hey de saber o que he.

## S C E N A VII.

*Bristo.**Montalvão.*

*Bristo.* **N**ÃO se espante ninguem de me ver tão doudo, que o dia he de prazer, e de festa. *Mont.* Este vos digo eu que vive, todo o mais he vento. *Bristo.* Quamanhos são os milagres de Deos, que em hum momento a tristeza de muitos tempos muda em alegria, a pobreza em riqueza, a fortuna em prosperidade. *Mont.* E tuas lagrymas em riso. *Bristo.* Não aja ninguem, que se não alegre comigo. Alegrai vos todos, folgai, festejai, não se veja oje senão alegria, e festa. *Mont.* Bristo, que cousa he esta? donde veo agora o adufe? *Bristo.* O Montalvão, quanto folgo de te achar. *Mont.* Mais folgára Annibal de achar a ti. Mas a que Sancto vay isto? *Bristo.* A hum Sancto, que me livrará das mãos deste diabo. Já passou o tempo, que eu morria de seus medos. *Mont.* E porque não agora? *Bristo.* Porque já tenho por mi na terra senhor, pay, e defensor. De que me vês tu tão alegre? *Mont.* Hum anno ha que io pergunto.

*Bristo.*

*Brist.* Pois sabe, que Pindaro, pay de Camilia, que todos tinhamos por morto, chegou agora vivo, e são. *Mont.* Am? *Brist.* E seu filho comfigo, muito rico ambos, e muito prosperos. *Mont.* Zombas? *Brist.* Eu tos mostrarei logo. *Mont.* Maravilhas me contas. *Brist.* A nossa Camilia, que estava casada com Lionardo, está agora muito contente, e muito rica. *Mont.* Pasmado estou do que me dizes? *Brist.* A mi que o fei, e que os vi, me parece sonho, estando nós oje muito escondidos em casa de Artusa, foy ter comnosco Alexandre com estas boas novas. *Mont.* Jesu, essas mulheres ficarão mortas. *Brist.* Assi o não pudéram crer logo, mas desque o crêram, caíram no chão, taes, que as davamos por defuntas. *Mont.* Nunca tamanho prazer aconteceu no Mundo. *Brist.* Forão-se logo lá meas doudas. *Mont.* Onde? *Brist.* A casa de Calidonio, que os agazalhou. Antes que se dahi partissem, se fizeram amizades com Roberto, que estava pera morrer de nojo. E pera que o prazer coubesse a todos, ordenárão-se casamentos de Alexandre com a irmãa de Lionardo, e a irmãa de Alexandre com Arnolfo, filho de Pindaro. *Mont.* Não fei que diga a isso, são cousas de Deos. *Brist.* He agora lá o prazer, e o alvoroço, assi nos velhos, como nos meços, que não ha quem não folgue de os ver a todos. *Mont.* Coitado de Annibal, elle he o que leva o mal todo. *Brist.* Se tu agora quizeres minha amizade, saberás quam boa te será sempre. *Mont.* Quem queres tu que a não tenha comtigo, pois és tão ditoso, que tudo te sabe bem. *Brist.* Ajudando-nos hum do outro, eu te seguro, que antes de hum anno sejamos Reys nesta terra. *Mont.* Digo que sou muy contente. Mas he necessario, que cumpra com Annibal, que está de cami-

nho pera a sua comenda, como o lá puzer, logo fou comtigo. *Brist.* Sabe elle já parte do casamento? *Mont.* Está hum hereje sem ley, e sem alma. *Brist.* Mettia-se-lhe em cabeça, que havia eu de des-honrar tão boa filha, e a que Deos tinha tanto bem guardado. Enfinar-se-ha pera outras. *Mont.* Dou-te quanto tenho, que os diabos do Inferno se não atreverão a tanto. *Brist.* Se quizeres ter quinhão nas vodas, detem-te hum par de dias. *Mont.* Quando se fazem? *Brist.* Logo este Domingo. *Mont.* Pera lá me guardo. *Brist.* Ora vay consolar teu amo, que eu ando festejando este bom dia.

*Valete, & plaudite.*

*Fim da Comedia de Bristo.*

## C O M E D I A

## D O C I O S O

FEITA PELO DOUTOR .

ANTONIO FERREIRA

## PESSOAS DA COMEDIA

<i>Bromia</i>	<i>Velha.</i>
<i>Julio</i>	<i>Marido de Livia.</i>
<i>Livia</i>	<i>Sua mulher.</i>
<i>Ardelio</i>	<i>Pagem.</i>
<i>Janoto</i>	<i>Pagem.</i>
<i>Clareta</i>	<i>Moça de casa.</i>
<i>Cesar</i>	<i>Velho, pay de Livia.</i>
<i>Bernardo</i>	<i>Mancebo Portuguez.</i>
<i>Ostavio</i>	<i>Mancebo Venezzeano.</i>
<i>Faustina</i>	<i>Cortezã.</i>
<i>Porcia</i>	<i>Matrona, mãy de Livia.</i>
<i>Valerio</i>	<i>Velho Venezzeano.</i>
<i>Inacio</i>	<i>Velho Portuguez.</i>

## A C T O I.

## S C E N A I.

*Entra logo Bromia velha só, e diz:*

**A**Y, ay, homem que taes justiças faz, Jesu, como não entende a justiça nos ciosos, como nos doudos, que doudos ha, que não fazem tanto mal. Coitadinha de ti, Livia, minha filha, e minha senhora, que eu criei a estes peitos,

tos, pois que pera tão más fadas te criava, não ou-  
vera de aver amor no Mundo, se do amor, como  
elles dizem, vem a tanto mal; mas quanteu não  
sei como póde ser, nascer de amor obras de odio,  
e de crueza. Estes negros casamentos quem os acer-  
tára, bom pay, máo pay, ó máo pay, malaventu-  
rado casar, que estimasse mais o dinheiro, que tua  
filha, que podias tu esperar de hum doudo, criado  
sem pay, em tavernas, e em frascarias, mal ajão  
as suas riquezas, e os seus tratos, pois que tão mal  
nos tratarão. Que prestão as riquezas sem homem,  
que não seja melhor o homem sem ellas. Este ter,  
este não ter faz desfazer os casamentos, que as vir-  
tudes, e os vicios avião de fazer, e desfazer. Quan-  
tas vezes ouvi dizer a minha máy, que Deos per-  
doe: Filha, no tempo que o ouro valer mais que  
as pessoas, mette-te numa cova; e cu allí o fizera,  
se pudéra acabar comigo de deixar só Livia, mas  
não posso, crie-a. Determino morrer com ella,  
que segundo a cousa vay, não tardará muito, que  
se não passa dia, nem noite, que o defaistrado não  
estire a coitadinha no chão sem folego, tal, que  
parece que não fica já pera outras. Então não lhe  
ha de escapar ninguem em casa, que não sinta a  
sua ira.

## S C E N A II.

*Miscer Julio cioso. Bromia.*

*Jul.* **V** Eremos quem póde mais, se hey eu de  
viver comvosco, se vós comigo. *Brom.*  
Hei-lo vem, coitada, cansou na mulher, e virá  
descansar em mim. *Jul.* Que he desta boa velha?  
*Brom.* Que me queres? *Jul.* Que boa guarda? que  
boa ama? *Brom.* Ay Julio. *Jul.* De quem me eu  
con-

confio, sobre quem eu deixo minha honra muito segura. *Brom.* Que te fiz, coitada de mi? *Jul.* Nada, zombo. *Brom.* Que te fiz? que te fiz? *Jul.* Faço isto por meu passatempo. *Brom.* Taes passatempos te dê Deos nesta idade, se a ella chegares, mas que nunca o elle queira. *Jul.* Ah pezar de mi, não hey eu de viver? *Brom.* Vives mais do que mereces. *Jul.* Não hey eu de ter casa como os outros? *Brom.* Sê tu como elles, cuja culpa. *Jul.* Não terey eu huma mulher como as outras? *Brom.* Não terá ella como os outros. *Jul.* Que tem vergonha, e medo de seus maridos. *Brom.* Que as tratão com amor, e honra. *Jul.* Que resmungas tu estando? *Brom.* Que tal marido lhe fosses tu, como te ella he mulher. *Jul.* Tal mulher me fosse ella, qual lhe eu sou marido. *Brom.* Assi a mereces tu. *Jul.* Que he isso? *Brom.* Que lhe achas, de que te queixas, porque a matas, e a mi com ella? *Jul.* Parece que sou pão, ou pedra. *Brom.* Mas és peor que pão, e pedra. *Jul.* Assi zombão do que eu faço, assi fazem o que eu mando. *Brom.* Ay Julio, quanto deves a Livia, e quam mal lho agradeces. *Jul.* Vou-me de casa, deixo as janellas fechadas, as frestas tapadas, as portas que se não abráo, requeiro, rogo, mando, e ameaço, que se não bula com ellas, até que eu torne, que aproveita? *Brom.* Vedes alli todos seus males. *Jul.* Torno, acho logo sinais, as janellas mal juntas, que parece que então as acabárão de cerrar, as frestas, que entra o Sol por ellas á vontade. *Brom.* Avemos de viver sempre em trévas? *Jul.* Si. *Brom.* Porque? *Jul.* Porque eu quero. *Brom.* Basta. *Jul.* Não sou eu o Rey nesta casa, não guardaráo as leys que eu ponho? *Brom.* E as outras assi vivem? *Jul.* As boas vivem assi. *Brom.* Como te enganas.

*Jul.*

*Jul.* Os fefudos affi o fazem. *Brom.* E pera que fez Deos o dia? *Jul.* Pera os homens. *Brom.* E não pera as mulheres? *Jul.* Não, em fua casa bafte-lhe huma candea, que não nacêrão pera negociar fóra. *Brom.* Effas leys lhe puzefte vós outros, que mulheres ha no Mundo, que governão feus maridos. *Jul.* D-effes não quero eu ler, e iffo he o que trabalho. *Brom.* E fe a tu deixas fechada num antrefolho, efcuró, e fem frefta, e fem janella, que te temes das janellas? *Jul.* Oh velha parvoa, que não bafte pera o Mundo a virtude fecreta, mas não aver fufpeita de maldade. *Brom.* De quantas janellas tu vês abertas por effas ruas, de todas tu fufpeitas mal? *Jul.* De todas. *Brom.* E das mulheres honradas, que vão, ou vem das Igrejas, e de vifitações de fuas amigas? *Jul.* Deftas mais á duvida. *Brom.* Que Juiz de virtudes. *Jul.* A quem dão mais licença do que convêm, mais quer do que he bem, e feus maridos, que lhe effa treladão, bem lho merecem. *Brom.* Iffo fazia teu pay. *Jul.* Não tinha elle mulher, a que foffe neceffario mais guarda, que fua vontade. *Brom.* Não tens tu mulher, de que ella, e todas as outras não pofsão aprender muita honra, e muita virtude, e honeftidade? *Jul.* Bem o mostra. *Brom.* Ainda mais diffimular tuas corolas, fofrer tão duro cativoiro, fem fe aqueixar a Deos, nem ao Mundo? *Jul.* Não faça porque. *Brom.* Que hum coração de pedra. *Jul.* Não fe aqueixará. *Brom.* Não poderá com tanto. *Jul.* Mulher, que a cinte quer infamar feu marido. *Brom.* Tu infamas a ti, e a ella. *Jul.* Não hei eu de ouvir falar em cornudos, fem me vir cor ao rofto. *Brom.* Máos dias, e negros, e poucos feirão os teus, e que culpa te tem ella nifio? *Jul.* Quero andar com meu rofto muito fegu-

ro , e muito confiado , e não me deixão. *Brom.* Quem te não deixa? *Jul.* Meus peccados , que me forão cativar tão miseramente. *Brom.* Delles te vinga , ou de ti , pois te casaste. *Jul.* Ora não mais , não sei se esperas , que faça meus esconjuros , como faço cada vez que sayo destas casas. *Brom.* Dos quaes tens bem pouca necessidade. *Jul.* Mas pera que? eu tornarei então. *Brom.* Tornar queiras , e não possas. *Jul.* Lembrou-me agora , que se me escusou aquella senhora com a visitação de sua máy , digo que não quero , que pay , nem máy , nem irmão , nem parente , nem vizinho , nem amigo , nem amiga , nem compadre , nem comadre , nem Rey , nem Rainha , nem que venhão do Paraíso , entrem nesta casa. *Brom.* Má ora venhão a casa do diabo. *Jul.* A boa ventura , que te venha bater á porta , não quero que lhe abras. *Brom.* Dessa estás tu seguro , eu te prometto , que primeiro botarás a má ventura fóra. *Jul.* Não digão depois , veyo foão , mandou foão , forão a casa de foão. *Brom.* Agora quero êu estar á razão comtigo , não queres ter prestança , nem vizinhança , como se costuma antre gente? *Jul.* Não. *Brom.* Não usarás do emprestimo , pera que o aches? *Jul.* Não , não. *Brom.* Se nesta casa for necessario fogo , ou agoa , ou outra cousa , ou a vierem pedir de fóra , não queres? *Jul.* Não , digo que não quero esse fogo , e se em casa o houver , mata-o logo , porque não aja razão de o virem buscar. A agoa digão que fugio , pineira , joeira , gral , caldeira , e tudo mais , que as importunas vizinhas foem pedir , dize-lhe que o não ha hi , e que vicrão os ladrões , e que o levárão. *Brom.* E quem me creará isso? *Jul.* Se to não crearem , que se enforcem , que não quero que em minha casa entre ninguem ,  
sen-

fendo eu fóra. Ah pezar de meu pay, não me valerá a mi isto. *Brom.* Mas direi, e apregoarei, que he esta casa excommungada, e que não communiquem com ella. *Jul.* Dize que he excommungada, e que morrem de péste nella. Dize, que andão nella todolos diabos, ou que está encantada, de maneira, que quem nella entra sem minha licença, logo morre. *Brom.* Mas depois de tua morte eu te prometto, que elles o aguardem. *Jul.* Que dizes? *Brom.* Que te não aqueixes do comer, que achares, pois sem agoa, e sem fogo o queres. *Jul.* Contentamento queria eu. *Brom.* Bem creio eu, que vens tu de lá bem farto de banquetes, e a coitadinha de Livia não se farta de lagrymas. *Jul.* Desque ella for de tua idade, póde ser que então fairs cá pera fóra. *Brom.* Bom geito leva de chegar lá, e mais com tal esperança. *Jul.* Mór bem lhe quero eu de que tu cuidas. *Brom.* As obras o dizem. *Jul.* Ora eu vou. *Brom.* Em ora, que nunca tornes.

## S C E N A III.

*Recolhe-se. Fica Julio só.*

**O**H com que trabalhos sayo desta casa, o corpo anda pelas ruas, a alma cá fica espreitando as janellas, o porque hey mór inveja aos Reys, e Principes, porque são tão bemaventurados, que vem os homens aos negocios, e passatemplos buscá-los a suas casas. Se me não fora por fazer costumes novos, fechára estas portas, aquellas janellas mandara-lhes deitar humas travessas. Mas antre tantos parvos, de força he que o seja. Não guardarei eu meu thesouro, e minha honra, e minha fama, rim-se, e não vem os cégos quanta differença vay da

da mulher á bolsa , morrem sobre hum pouco de ouro , que se acha por esse chão , caváo-no , e escondem-no , e vigiáo-no , e tem-no em reliquias , e nem elles mesmos o tocáo. E a mulher , que he o seu verdadeiro thesouro , deixáo-no , desprezáo-no , e offêrecem-no aos ladrões , chama a hum destes confiado , e hum homem que he de espirito , que estima sua mulher , que he perdido por ella , e como de pouco experimentados no Mundo , vos vem a vós-outros parvos estes enganos , quem anda , quem ouve , quem vê por terras estranhas , fará o que eu faço. Oh que boa mestra he a experiencia , por isso dizia o outro bem , que mais proveito recebiáo os fezudos dos parvos , que os parvos dos fezudos , os parvos me ensinaráo , e não acho hum só , que queira aprender de mi. Deixai viver estes confiados , eu quero-me confiar de mi , e dos meus olhos , que não he ainda segura confiança , mas não ha outra. Minha mulher desque foy comigo á porta da Igreja , não sairá , senáo pera a cova , quando eu primeiro morrer , e ella for tão ditosa , então levará boa vida , os meus filhos crerei que são meus , os alheos suas mãys o saibáo. E não parece senáo , que quanto me mais guardo , então a cinte vejo mais continuar por esta rua galantes , namorados , ociosos , más caras , invenções , arroidos de noite , afovios , brados , musicas , e por estroutras todas não. Onde estará o fumo sem fogo , onde estaráo os olhos que se encubráo , mas a mi me parece certo melhor os de Faustina , se fosse eu em tão boa ora , que os visse , mas que presta , que desque cazey , todas me fogem , todas me querem mal. Oh em que trabalho se mettem os homens , lembrar-me-á de que maneira ficáo estas portas.

## S C E N A IV.

*Vay-se Julio. Entra Bromia, e Livia.*

*Brom.* **J**A lá vay o cazeiro, bem podeis fair. *Liv.* Ay minha ama, minha amiga, que vida he esta? que cativeiro he este? quem me matou? quem me cativou? quem me levou a terra de mouros? *Brom.* Senhora, não choreis, que vos ouvirão? *Liv.* Que não chore, e isso me mandas tu. *Brom.* Que presta, coitada de mi, pera que he chorar, o que com lagrymas se não pôde remediar. *Liv.* Desabafó com ellas, abre-me essas portas, que me quero ir gritando por toda a vizinhança, como huma douda. *Brom.* Passo, por amor de Deos, passo, que te ouvirão. *Liv.* Ouça, veja-me, acuda-me todo o Mundo. *Brom.* Livia, fizo. *Liv.* Quero ir ás ruas, e ás praças, clamar, e bradar, pedir justiça de mi, e de meu pay, e de quem me mata. *Brom.* E de ti, de que? *Liv.* Porque fuy tão má, e tão parvoa, que por obedecer a meu pay, deixey de me casar com Bernardo, que me levava pera Portugal, sem querer de mi mais, que minha pessoa. *Brom.* Não te arrependas, que melhor he a má vida na natureza, que a boa na alhea. *Liv.* E a isto chamas tu vida? *Brom.* Nunca ouviste, filha, que melhor he a má mocidade, que a boa velhice. *Liv.* Velhice, mate-me Deos antes, que daqui me bula. *Brom.* Guarde-te Deos de tal, minha filha. *Liv.* Oh minha mocidade tão mal empregada. Oh meus cabellos douro tão maltratados. *Brom.* Livia. *Liv.* Oh minha Bromia, minha velha que me criaste, quão bem to pago. *Brom.* Livia, filha. *Liv.* Oh meu pay, que me vendeste, e  
 não

não me casaste cruel, que em tal cativoiro me meteste. *Brom.* Senhora, não te mates, não te aqueixes do que Deos faz, que quando te não precatares será comtigo. *Liv.* Bernardo, Bernardo, como te mereço isto? *Brom.* Enganas-te com estes Portuguezes. *Liv.* Este ao menos não me engana. *Brom.* Já ouvi dizer, que sabião melhor fingir humas lagrymas, que nós mesmas. *Liv.* Nos seus olhos via eu como as lançava, e elles me falavão a verdade, e elles me promettêrão o pera que eu não fuy. *Brom.* E quem tolhia, que não tiveras lá a mesma vida sem máy, que te déra outras chaves falsas pera teu folego. *Liv.* De quem me tamanho bem queria, não se podia esperar isso. *Brom.* Quanto elle mayor he, dizem elles, que móres estremos faz que estes. *Liv.* Quem diz isso? *Brom.* Teu marido, que do muito amor que te tem, diz que vem guardar-te tanto. *Liv.* Tal lho tenham, e mostrem por onde quer que for, praza a Deos. *Brom.* Tu estás aqui, e não sabes o que vay pelo Mundo, não deve de ser elle só, já ouvi contar doutros, e doutras. *Liv.* Boa consolação me dás. *Brom.* A quem tem os males sem cura, filha, não se dá outra. *Liv.* Por isso eu não posso ter paciencia, coitada de mi, moça parvoa, enganada, onde pudéra eu ir que não vivêra, ou não morrêra. *Brom.* Coitada de tua máy, que tantas lagrymas lhe tem as tuas custado, que sempre refusou este negro casamento. *Liv.* Conhecia este diabo, conhecia o. *Brom.* Parece que sinto bater á porta. *Liv.* Ay, vê se he elle, que já tardava. *Brom.* Fuge, que elle he. *Liv.* Vem-me fechar, Bromia, antes que lhe abras. Oh morte, que vida he esta?

## S C E N A V.

*Sae-se Livia. Entra Julio, e Bromia.*

*Jul.* **B**romia. *Brom.* Que mandas. *Jul.* Se aqui vier hum mancebo esquerdo Espanhol, ou recado seu, digão-lhe que não pouso aqui. *Brom.* Afadigado vem. *Jul.* Ouves? *Brom.* Como posso eu negar o que se pôde saber da vizinhança? *Jul.* Tens razão, dize-lhe que sou fóra. *Brom.* Da Cidade? *Jul.* Mas que me mandou chamar o Duque, isto he mais verisimil, ouves, em chegando me mandou chamar. *Brom.* Que medos seráo estes. *Jul.* Eu irme-ei a casa de Alberto, irei jugar este annel, que levava pera Faustina. *Brom.* Irte-á lá buscar. *Jul.* Vá se quizer, ou lhe dize, que costume lá tardar muito. *Brom.* Que torne á tarde. *Jul.* Não, má pascoa tenhas, não quero que me ache aqui, nem em outra parte. *Brom.* Teme-se. E se aqui quizer esperar? *Jul.* Como esperar, onde ha de esperar? *Brom.* Por essa rua pública, quem lho tolhe. *Jul.* Mã velha, tu estás bebada, dize que não espere, que não quero. *Brom.* Hei-lhe de dizer que te não espere, que não queres? *Jul.* Não digo assi, ha-me de deter, até que o outro venha. *Brom.* Pois que dizes? *Jul.* A ti digo eu, que não quero que me espere, nem que cá entre, nem que sómente fale contigo. *Brom.* Como lho tolherei eu? *Jul.* Tolhe lhe logo a pratica, e dize não he aqui, e fecha logo a janella. *Brom.* E se tu não queres que fale comigo, como hey eu de falar com elle? *Jul.* Nunca vi velha tão pernoistica, cuido que o faz a cinte, se lhe puderes deixar de falar, não lhe fales. *Brom.* Jesus, que esconder de

de ladrões he este, se dizes mais? *Jul.* Não ha, nem sei se perguntará mais. *Brom.* Se algo deves á justiça, ella te descubra. *Jul.* Parece-vos que me veo bom alvitre, mancebo despoſto, lustrôſo, gentil-homem, Eſpanhol, e creio ainda, que Portuguez, levay-o a voſſa caſa, moſtray-o a voſſa mulher, agazalhay-o de noite, e de dia. O bom de Benedito, o que coſtumo em Genoa, cuida que ſou eu obrigado a fazer cá; ſe elle he liberal de ſua mulher, eu ſou muito eſcaſſo da minha, encomende-me elle outras couſas de boa amizade, achar-me-á.

## A C T O II.

## S C E N A I.

*Sac-se Julio. Entra Ardelio, e Janoto moços. Bromia ama.*

*Ardel.* **N** Aõ ha tal homem no Mundo, hum Alexandre, a mulher he pera ſer ſenhora de Genoa, fermôſa, reverenda, liberal, prazenteira. *Janot.* Agora te creio, porque neſtas couſas a mulher he o principal. *Ardel.* Que mais nos agazalhava com ſeu roſto, que com iguarias, e mimos. *Janot.* O homem queria eu na praça, e a mulher em caſa. *Ardel.* E tambem he já coſtumada a banquetes, Benedito, como digo, he groſſo, e largo, não paſſa dias ſem tres ou quatro homens. *Janot.* Que taes queixadas trazes! *Ardel.* Pois digo-te, que emmagreci na não. *Janot.* De que mal ſe te enxerga. *Ardel.* Aſſi de enſoadado, como de humas certas ſaudades, que lá ficão. *Janot.* De quem eſtá bem fóra de as ter de ti. *Ardel.* Mas as alheas ſinto eu mais que as minhas. *Janot.* Avia de aver hum eſpelho público, onde ſe os homens viſſem. *Ardel.* É a que prepoſito?

sito? *Janot.* Por escusar enganos , que estão em o Mundo. *Ardel.* E pera que , se cada hum os tem em sua casa. *Janot.* E se effes não falão verdade. *Ardel.* Dá ao diabo effes amores velhos , que sempre reverdecem. *Janot.* Como assi? *Ardel.* Via lá fermosas , falava com fermosas , nenhuma achava , que merecessc o nome de fermosa , senão Livia. Quando lhe lembra seu pay , que á cinco annos que deixou de o ver. *Janot.* Esqueça-lhe. *Ardel.* E na verdade , posto que aquella terra seja bem abastada de bons olhos , e de boas graças , já vereis que cousa he Genoa , eu os não vi taes , quaes os ella tem. *Janot.* Tinha , ouveras de dizer. *Ardel.* Porque? *Janot.* Porque já os não tem. *Ardel.* Comò não tem? *Janot.* Agora sabes , que não vê. *Ardel.* Não vê? *Janot.* Não vê Sol , nem Lua , nem terra , nem gente , chamas tu a isto vê? *Ardel.* Jesu , que foy isso , cegou? *Janot.* Arrancou-lhe os olhos seu marido. *Ardel.* Arrancou-lhos! *Janot.* Diz que lhe dava com elles má vida. *Ardel.* Tal á no Mundo! *Janot.* Espanta-me , como és boçal. *Ardel.* Já te entendo , metes me em confusão. *Janot.* Desque a coitada casou , anda em rifão por toda a vizinhança. *Ardel.* Motina moça. *Janot.* Marido tão defagastado , que anda cêgo , chama aos outros cêgos. *Ardel.* De maneira , que a matarão em vez de a casarem. *Janot.* Mas não lhe fizerão ainda tão boa obra. *Ardel.* Quem he elle , como se chama? *Janot.* Micer Julio. *Ardel.* Micer Julio? *Janot.* Si. *Ardel.* Mercador? *Janot.* Mercador. *Ardel.* Onde mora? *Janot.* Aqui junto de S. Marcos pera onde imos. *Ardel.* Ora não mais , entendido he. *Janot.* E porque dizes isso? *Ardel.* Sabes tu onde nós hiamos? *Janot.* A casa do teu hospede , me disseste. *Ardel.* Sabes quem he?

*Janot.* Como o hei eu de saber , se mo não dizes.

*Ardel.* O hospede que nós vinhamos buscar , a que te disse que demos a carta de Benedito pera nos agazalhar. *Janot.* Si. *Ardel.* He esse Micer Julio.

*Janot.* Certo. *Ardel.* Senão se me tu mentes. *Ja-*

*not.* A que hospede negro vinhamos , e que negro hospede lhe vinha , bom acerto foi o do nosso encontro , parece-me que foreis á estalagem. *Ardel.*

Nós nos espantamos da maneira , que se tornou em lendo a carta. *Janot.* Conhecia-vos elle? *Ardel.*

Nós ao menos não o conhecemos. *Janot.* Como se escusou? *Ardel.* Não se escusou , nem nos fa-

lou , fez que hia falar a hum homem , e nós quando nos precatámos , não o vimos. *Janot.* Nem o

has de achar. *Ardel.* Cuidámos que chegava a casa dar recado. *Janot.* Diria que o negassem , e fechar-

sey-a a mil chaves. *Ardel.* Como faz a sua mulher ? todavia , chegemos lá. *Janot.* Aqui me parece que

he. *Ardel.* Santa Maria , isto he mosteiro , e gente vive aqui. *Janot.* Huma gente estranha , que não

tem nunca dia , não ouviste já dizer , que a avia no Mundo. *Ardel.* Eu bato. *Brom.* Quem está ahí?

*Ardel.* Hum recado ao senhor Micer Julio. *Brom.* Não he cá. *Ardel.* Não sae á janella. *Janot.* Nun-

ca , senão quando elle lá está , e ainda por regra. *Ardel.* Chega á janella , quem quer que és. *Brom.*

Que mandas ? já te digo , que não está cá , mandou o chamar o Duque. *Ardel.* Bromia , não me

conheces? *Brom.* Ay Ardelio , donde vens? *Ardel.* Já fei tudo , Deos sabe o que perdeu. *Brom.* Teu

senhor he vindo? *Ardel.* Vindo , mas se tal soubera. *Brom.* Forão peccados nossos. Vay-te , que te

não posso mais falar. *Ardel.* Tal se sofre entre

Christãos , e não tomão hum doudo , e o degradação do Mundo fóra. *Janot.* Nunca por aqui passa nin-

guem, que não chore a hum, e pragueje o outro. *Ardel.* Ah moças parvoas, appetitosas, cabecinhas de vento. *Janot.* Que culpa tem. *Ardel.* Não era meu senhor homem pera se ella aventurar com elle, mais que segurar-se com effoutro. *Janot.* Parecia-lhe, que escolhia o mais seguro. *Ardel.* Mas são mulheres os que as pedem, desprezáo-nos, e os que as não estimáo, pedem. *Janot.* Creio eu, que forçado foy o negocio. *Ardel.* E pay que tal faz. *Janot.* Bom homem he o pay, mas enganou-se como outros muitos. *Ardel.* Bom homem parvo, faça-se fráde, e não case filhas, se leu irmão fora. *Janot.* Mofina foy nisso. *Ardel.* E não tendo outro filho, nem filha. *Janot.* Cegueiras deste Mundo. *Ardel.* Vay-te pera casa, dá lá estas novas, que assi sem comer, nem beber, hei de correr toda a Cidade, até que o ache, e veja com que se desculpa, ao menos metelo-ey em afronta. *Janot.* Farás bem, doudinha Clareta, que pressa que traz.

## S C E N A II.

*Sae-se Ardelio. Entra Clareta, e Janoto.*

*Clar.* **J**Anoto, minha rosa. *Janot.* Clareta, meu cravo. *Clar.* Ay, que venho sem solego. *Janot.* Viste algum lobo? *Clar.* E peor que lobo. *Janot.* Como vens tão á pressa? *Clar.* Deixa-me descansar, oh diabo, oh malaventurado. *Janot.* Quem? *Clar.* Quem me assi cançou. *Janot.* Quem he? *Clar.* Hia lá pera casa com hum recado de Faustina, veyo dar comigo aquelle desfechado, que desque casou, parece chupado das carouchas. *Janot.* Não me dirás quem he? *Clar.* Ay senhor, quáo desmazelado se torna hum homem casado. *Janot.*

*not.* Parece-me que zombas? *Clar.* Espera, que eu to direi. *Janot.* Porque o não dizes? *Clar.* Quem vio aquelle de antes, mancebo galante, gentil-homem, polido, penteado, mais enfeitado que huma dama, como o conhecêram agora, çujo, magro, a capa caída, por isso não casaria, senão com hum Principe. *Janot.* Vou-me. *Clar.* Vem cá, este demo, digo, de Julio, importunador de Faustina. *Janot.* Que te fez? *Clar.* Queria me deter em tanta paróla, que lhe fugi, té que se enfadou de me seguir. *Janot.* Que te dizia? *Clar.* Mil juramentos, que fãira hoje de casa com hum anel de hum rubi muito fino, que trazia no dedo polegar pera lho dar. *Janot.* Como te entendo, quem lho tolheo? *Clar.* Diz, que ella, que se escondeo delle. *Janot.* Requerimentos trazes. *Clar.* Que requerimentos? *Janot.* Dou-vós ao diabo todas, que tantos ardís sabeis. *Clar.* Bem, Janoto, e isso suspeitas tu de Faustina pera Octavio? *Janot.* Já não suspei o senão quanto vejo, perdoe-me Deos. *Clar.* Não sabes tu, que o seu amor pera com elle he odio cris pera todolos outros. *Janot.* Ao fim o veremos, antes quizera que lhe quizera mal. *Clar.* Pois cré, que anda aquelle coitado perdido. *Janot.* Deos o encaminhe. *Clar.* Por Faustina digo. *Janot.* Foi lá? *Clar.* Que pergunta, tem-me defezo, que se lhe não virar o rosto, e cuspir, onde quer que o achar, que me não ha mais de ter em casa. *Janot.* Queres tu, que te crea eu isso? *Clar.* Como és máo. *Janot.* Sou tanto teu amigo, que o farey por amor de ti. *Clar.* Vós outros sois os que desconcertais os estamagos. *Janot.* Vós-outras sois as que os tornais a concertar muito bem. *Clar.* Pois outro anda aqui bebendo os ventos. *Janot.* Senão achares ainda outro, que me mates. *Clar.* Conhe-

ces Raphael Patricio, mancebo, galante, liberal, que se desfaveyo agora de Laura. *Janot.* O manquaõ. *Clar.* Morto chorando de noite, e de dia, como menino. *Janot.* E Faustina tão dura, que a não amolentão essas lagrymas. *Clar.* Mais chorou, e chora hoje em dia aquelle filho do mercador biscainho. *Janot.* Finalmente, que negociação he a rua? *Clar.* Mas já te digo, que nem o mesmo Duque poderá ter remedio. *Janot.* Acaba, tudo creyo. *Clar.* Não he por ser, parece que a encantou teu amo, que nunca tal vi, huma meya ora que o não vê, não dura, e a visitar o hia agora. *Janot.* E mais. *Clar.* Que mais? *Janot.* Tem razão, dizem que de rosto a rosto. *Clar.* Sabeis mais do necessario. *Janot.* Tu vens diante fazer o campo franco. *Clar.* Mas pera que vejas quão máo és, não quero lá ir, dize-lhe que me achaste no caminho. *Janot.* Tudo isso. *Clar.* Que diz Faustina, que a veja ainda hoje. *Jan.* Tem hospedes, não sey se poderá. *Clar.* Não zombes, que em verdade mo disse quasi chorando. *Janot.* Eu tambem lhe direy quasi chorando. Não sey em que isto ha de ir parar, ella se entrega ao inferno, e ir-se-á coroar a Roma, se ella he a que eu cuido. *Clar.* Nunca vi moço mais trincado, que este Janoto, outras o farião a elle tão refochado, que fora se lhe differa, que promettêra a Julio huma noite a furto de Octavio. Não he aquelle anel pera engeitar. Faustina não será tão parvoa, mas ella he perdida por estoutro, em tal hora o vio, com taes olhos o olhou, e tal graça lhe achou, que todos os outros acha feyos, desairosos, desengraçados, não sey quão bem o empregou. Eu por minha parte grangeo o que posso, não pôde ser tão crú, que humas oras polas outras, não deixe huma pessa em casa. Que cousas fomos tão

parvoas, ora roubamos todo Mundo, ora nos deixamos roubar. Que velho he este, o sogro do outro triste, bofé alli velho, como elle he, antes o eu tomára, que o genro.

## S C E N A III.

*Micer Cesar só.*

*Ces.* **Q**uem vê este Mundo, que se não espanta, e verdadeiramente olhando bem todas as cousas por Deos creadas, fazem directamente seu officio natural, senão o homem. Nós fós andamos fóra d'elle, ainda a razão entre nós tão cega, ou tão trocada, que a não vemos, ou quando nos parece, que a melhor seguimos, então della mais nos desviamos, não sohia de ser assi, sempre o dia derradeiro he pior. Naquelles tempos bemaventurados, quando eu naci (que bem se podião chamar douro) andava a cousa em sua ordem natural, os moços são moços, os mancebos mancebos, os velhos velhos, agora tudo ao revés, os moços homens, os mancebos velhos, os velhos são moços. E quando eu com sessenta annos ás costas tão branco, tão calejado nas voltas deste Mundo, e com tanta experiencia de fortuna me ceguei, me enganei, me distrahi, que se póde dizer, senão que andamos desatinados, sem olhos, sem juizo, onde cuidei de casar huma só filha que tinha, alli a fiz viuva, onde cuidei de a honrar, a deshonrei, onde cuidei de a enriquecer, e descançar, a empobreci, e cativei. Oh pensamentos vãos, cegueiras deste Mundo, quem cuida que melhor vê, esse vai cego. A' vida quem mais certas contas lança, esse cega, esse se engana, esse se perde. Que te farei

minha filha, filha minha, que te farey, filha, em que os meus olhos se revião, em que as minhas câs descançavão, como te tirarey de tamanho cativo, pragueja de mi, pide de mi justiça a Deos, que eu te matei: velho parvo, não fora melhor que não tiveras tu mais do que eu pera ti busquei, e cavei, e ajuntei, entregar juntamente com a fazenda a quem destrue a ella, e mata a-ti. Não dera eu agora quanto tenho, e quanto tinha por te vêr livre, por não vêr os escandalos da vizinhança, das justiçaes que em ti fazem, e os brados de tua mãy, e suas lagrymas, e seus arrependimentos magoados. Oh cobiça quanto pôdes, nem nos dás descanço neste Mundo, nem a gloria no outro, nem sei que remedio tenha. Palavras boas, conselhos, admoestações, engravão-no mais, por onde o levarei? Perdoe Deos a Micer Julio, que se elle vivêra, ou tu outro foras, ou não vivêras, e perdoe-me Deos, que me enganei com sua amizade, e com o nome de seu filho, quizerão meus peccados que alli fosse, mas porque soffrerei o que soffro, porque não vingarei minha honra, e minha filha, não ha qui justiça, não ha qui homens, tal se ha de consentir, vou-me em sua busca, hey de morrer eu tão magoado, não queira Deos, segundo o que achar nelle, alli o farei. *Jul.* Pera que tem virtude esta pedra de criar amor, onde o não ha. Ah mulheres, que nunca vos acenão, que não tomeis, e que me fie eu da minha. *Ces.* Mas hey-lo acola vem. *Jul.* Se me aquella verdade fala, nunca annel vi melhor empregado. *Ces.* Que pensamentos serão aquelles, Deos os melhore. *Jul.* Com alvoroço não quiz ir a casa de Fabricio, nem o coração me dava esse vagar, quiz antes vir vêr, como recebêrão o hospede, não sey se chegaria já. *Ces.* Vou a elle, que

que outro caminho toma. *Jul.* Daqui estou seguro, e depois me virey segurar de toda a casa, mas heis outro demo. *Ces.* Julio, Deos te salve. *Jul.* Não pôde homem fugir a fortunas. Deos te salve. *Ces.* Com que rosto, ah meus peccados. *Jul.* Vir-me-ha quebrar a cabeça, como cestuma. *Ces.* Rogo-te Julio, que me queiras ouvir hum pouco repousadamente. *Jul.* Hum pouco te ouvirei, mas estou depressa. *Ces.* Sempre te acho com essas pressas. *Jul.* Parece-te que he de espirito ocioso. *Ces.* Fosse de tua honra. *Jul.* Bem entras pera te ouvir muito. *Ces.* Que he isso? *Jul.* Nada. Fiquei affigurado, cuidei que era o meu hospede. *Ces.* Socega, sempre andas como assombrado. *Jul.* Matar-me-hia, se viesse aqui dar comigo. *Ces.* Eu Julio, como já muitas vezes te disse. *Jul.* Bastavão as ditas. *Ces.* Por Christão, ainda que mais obrigações não ouvera, era obrigado, como tu a mi, a mostrar-te nos teus erros ícretos, quanto mais nos públicos, que escandalizão ao Mundo, sopena de os fazer meus na culpa, e pena. *Jul.* Avante. *Ces.* Ora tendo-te eu por filho, como aquelle, a quem eu por dar minha filha a neguei a todos, como tu sabes, e tendo-te o amor que te tenho, que te parece que devo fazer? *Jul.* O que fazes avendo porque. *Ces.* Ainda mal, porque tanto porque ha, porque os teus olhos andão tão seguros, porque o não vem. *Jul.* Que hão de ver os meus olhos? *Ces.* O que vem os de todo o Mundo. *Jul.* Sempre me vens com huns casos de morte de homens. *Ces.* Mais graves forão teus erros. *Jul.* Muito grande bem me queres, cuido que me porás na forca. *Ces.* Não he mais grave matares tua mulher? *Jul.* Si. *Ces.* Pois, porque a matas tão sem causa? *Jul.* Mas porque me dizes isso tão sem causa? *Ces.* Di-

ga-o a vizinhança, digão-no os que o ouvem, e o que eu vejo. *Jul.* E o que eu faço das minhas portas a dentro, ninguem o ouve, nem o sabe, se o tua filha não palra. *Ces.* Folego lhe dás tu pera isso, se o pensamento lhe pudéras tirar, tambem o fizeras. *Jul.* O que tu vês he. *Ces.* Quantas vezes to dixes? *Jul.* Quantas vezes te respondi. *Ces.* Oh Julio. *Jul.* Oh Cesar. *Ces.* Quero dissimular. *Jul.* Sou mais moço que ti, entendo muito bem o que cumpre a minha honra, e tua. *Ces.* Como o entendes, ou em que? *Jul.* Tu não tens, senão pelo que presumes. *Ces.* Eu presumo o que vejo. *Jul.* E não pelo que verás adiante. *Ces.* Que hey de vêr? *Jul.* O sizo, e o repouso, e a honestidade com que tua filha sairá da forja quando for tempo. *Ces.* E quando será esse tempo, se o já não for? *Jul.* Quando eu tiver razão de me fiar della. *Ces.* Se a tu não tens, ou tiveste até qui, não me parece que a terás nunca. *Jul.* Se a eu não hei de ter melhor do que até qui teve, não me parece que a terás nunca. *Ces.* Paciencia, de que casa foi ella, cuja filha he, onde se creou, pera te tu não honrares muito della em todo o Mundo. *Jul.* Eu não me deshonorro atégora, mas seguro-me. *Ces.* Como te seguras? *Jul.* Tu és ainda daquelle bom tempo, quando jugavão as mulheres o Aleo na praça. *Ces.* Por isso choro eu. *Jul.* Agora são outros tempos. *Ces.* Tu os fazes, que sempre os homens honrados honráo muito suas mulheres, e as tratão igualmente. *Jul.* E eu que deshonorro a minha? *Ces.* No que cuidas que a mais honras. *Jul.* De que maneira? *Ces.* Em dares que falar della aos ociosos. *Jul.* Como se todos meus trabalhos, são segurar-lhe a fama contra a infamia. *Ces.* Tu verás como te enganas, não queres tu, que dos taes es-

tremos presumão grandes cousas. *Jul.* Antes as presumão, que as affirmem. *Ces.* Eu não quero que as presumão, nem menos que as aja, não sabes quanto mais póde a opinião, que a verdade, e de que vês valerem tanto os rostos magros, e defumados, e tão pouco as faces lavadas, como Deos manda. *Jul.* E nós andamos ao costume. *Ces.* Se te esse valeisse no outro Mundo, bem dizes. *Jul.* Ora dize-me, a quem doe mais minha honra a mi, ou a ti? *Ces.* Póde ser que a mi. *Jul.* Mais me és tu logo do que me eu sou. *Ces.* E como sou, e por isso me eu mato, e por isso soffro. *Jul.* Eu, louvores a Deos, não sou doudo, nem parvo, e contento-me muito de meu sizo. *Ces.* Essa mercê nos fez Deos, reparte-o de maneira, que cada hum se contenta. *Jul.* Sou pera ensinar todos os velhos, e moços, a viver com suas mulheres. *Ces.* Espera te ensinarem todos os moços a viver com tua mulher, bem não darás tu mais credito a estas cãs tanto tuas amigas, não te parece, que fuy eu mancebo, e que vi, e andei, e fiz, não sabes tu, que a amizade de teu pay me obriga a mi a estes confederamentos. *Jul.* Obrigou-te a ti teu proveito. *Ces.* Bem se vê. *Jul.* Pois porque me enganaste, eu impertuneite nunca? *Ces.* Tu me enganaste, tu me destruíste, tu me roubaste. *Jul.* E tu agastas-te? *Ces.* Não me agasto, que se me agastara, já estivera desgastado, mas lembra-me que tenho a culpa, e com isso me componho. *Jul.* Queres tu Cesar, que deixe eu andar tua filha pelas praças, e pelos banqueiros, e que me encerre eu em casa? *Ces.* Que estremos de bom sizo! *Jul.* Pois minha mulher, a pezar de todo o Mundo, hade viver a meu modo. *Ces.* Pois eu sou Micer Cesar, que ainda tenho nome, e vida, e em quanto a tiver, minha

filha ha de ser outra. *Jul.* Ora não mais, isto vem della, a casa iremos. *Ces.* Se he livre, que viva livre, se he companheira, que não seja escrava, e psor que escrava, pera que fez Deos a justiça no Mundo, senão pera bem dos bons, e mal dos máos. *Jul.* Es velho, não te respondo. *Ces.* Affi velho, se outras forças me não atalhárão as minhas, mas estamos na rua. *Jul.* Eu tenho mais poder sobre tua filha que ti, e heide fazer della o que quizer, preza, cativa, mettida em ferros. *Ces.* Quebrado he o fio, folgo muito, porque me corria do que passava, minha filha virá pera minha casa antes de oito dias, se eu vivo. *Jul.* Isso ganharás tu com todos esses teus feros, não ey eu de tapar a boca a este velho, que nunca me deixa, ando por me honrar, e tirar sua filha de infamia (como todo bom, e prudente deve fazer) não quer senão arrancar-me os olhos, não he já desses, ainda agora o acabey de conhecer, sempre até qui me falou por outro modo tão brando. A senhora sua filha lhe deu aquelle esforço, não me tentem ambos com alguma doudice, asinha eu quebrarei o banco, e darei comigo em chipre. Velhos babosos, que tornão a engaiinhar, não são já pera fazerem differença entre bem, e mal, e querem a pezar de todos os diabos, que tomeis seus conselhos. Isto me faz ainda desconfiar mais da filha de hum homem, que tanta liberdade deu a sua mulher. E se os córnos saísem pera fóra, quantos farião o que eu faço.

## S C E N A III.

*Sas-se Cesar. Entra Ardelio.*

*Ardel.* **S**Uado, e tressuado ando, e não no posso descubrir, pois não me ha de escapar.

*Jul.* Que apressado he este? *Ardel.* O melhor que tenho he, que elle não me conhece, nem me vio, e não me ha de fugir. *Jul.* Vou-me a casa, antes que dem comigo. *Ardel.* He elle aquelle, que vay pera casa? aquelle he, ditoso fuy, aferro nelle antes que se me entre. *Jul.* Quem corre apôs mi?

*Ardel.* Oh senhor. *Jul.* Que mandas? *Ardel.* A ti buscava. *Jul.* A mi, aqui me tens. *Ardel.* Não és tu o senhor Micer Julio? *Jul.* Assi me chamão, e cujo és tu. *Ardel.* Daquelle mancebo Espanhol, que lhe oje falou. *Jul.* Que fizo o meu, zombo contigo, não sou quem cuidas. *Ardel.* Como não?

*Jul.* Em afronta me vejo. *Ardel.* Não te vi eu agora no porto? *Jul.* A mi? *Ardel.* E te deu meu senhor huma carta. *Jul.* Que carta? *Ardel.* Oh que graça. *Jul.* De que te ris? *Ardel.* Não te deu huma carta de Genova? *Jul.* Quem? *Ardel.* Bernardo Portuguez. *Jul.* Que Bernardo, que Portuguez? *Ardel.* De teu amigo Benedito. *Jul.* Não sabes com quem falas, em toda minha vida fuy a Genova, sou perdido, se me não nego. *Ardel.* Zombas?

*Jul.* De quem eide zombar? *Ardel.* Se foste a Genova, não o sey, mas Benedito nunca o viste? *Jul.* Que Benedito? *Ardel.* Oh desfavorgonhamento de homem. *Jul.* Mancebo, vê se buscas alguem, que eu saiba, encaminhar-te-ei? *Ardel.* A quem me has de encaminhar, se me negas quem busco. *Jul.* Quem buscas? *Ardel.* A ti busco.

co. *Jul.* Quem sou eu? *Ardel.* Eu te queimarei o sangue, não és tu o senhor Micer Julio, Venezano? *Jul.* Passo, não brades. *Ardel.* Quem poufa aqui nestas casas? *Jul.* Que has, digo que não. *Ardel.* Não poufas aqui? *Jul.* Como o sabes. *Ardel.* Porque já aqui andei bem de dias, e te conheço. *Jul.* Como me conheces, se te eu nunca vi? *Ardel.* Avia-te eu de vêr com os meus olhos, ou com os teus. *Jul.* Nunca me viste. *Ardel.* Não me has assi de escapar, genro de Micer Cesar. *Jul.* Não grites. *Ardel.* E casado com sua filha. *Jul.* Que farei? *Ardel.* Amigo de Benedito. *Jul.* Tu és doudo? *Ardel.* Aonde te vaz? *Jul.* Que me queres? *Ardel.* Porque te negas. Se o has por Bernardo, já tem poufada. *Jul.* Vay ora buscar quem buscas, e deixa-me. *Ardel.* Achão-te a ti em dous lugares? *Jul.* Que desastre tamanho, estou corrido, não sey que faça. *Ardel.* De maneira, que tu dizes, e affirmas, e confessas publicamente nesta rua, nesta rua publica, que não és Micer Julio. *Jul.* Digo que te não conheço, e que nunca te vi, e que não sei quem és. *Ardel.* Verdadeiramente eu jurára que eras elle, mas quero-te antes crer, que aos meus olhos. *Jul.* Não te espantes, muitas vezes se enganão os olhos. *Ardel.* Nunca vi leite mais semelhante a leite do que tu és com elle. *Jul.* Se eu fora, porque me negára? *Ardel.* Tu o saberás, pois conhece-lo? *Jul.* Já o ouvi nomear. *Ardel.* Não me parece, que pôde aver mais ruim homem no Mundo. *Jul.* Não praguejes dos ausentes. *Ardel.* Hey-me de vingar, por justiça o avião de lançar de Veneza, porque a infama. *Jul.* E porque? *Ardel.* Micer Cesar, velho tão parvo, que sua filha lhe deu com elle. *Jul.* Fazes mal de falar mal dos homens de bem. *Ardel.* Chamas a Ju-

lio homem de bem? *Jul.* Pera isso o buscavas?  
*Ardel.* Não sey a quem chamáras homem de mal,  
tão coitado, e tão misero. *Jul.* Que te fez? *Ardel.*  
Que foge aos homens, porque o vê nenhum  
homem. *Jul.* Coitado de mi, como me irey deste.  
*Ardel.* Espanto-me, como esta nobre Cidade tal  
consente, mandem-lhe tomar a mulher, e dem-na  
a quem a merece. *Jul.* Mancebo, meu costume  
he não ouvir praguejar de quem o merece, quanto  
mais de quem o não merece. *Ardel.* Não dizes tu,  
que o não conheces? *Jul.* Conheço-o por bom  
homem, e sezudo. *Ardel.* Não o conheces. *Jul.*  
Como não? *Ardel.* A hum cioso malaventurado,  
desconfiado, que martyriza a mulher de dia, e de  
noite, chamas bom, e sezudo? *Jul.* Já pôde ser,  
que o ferá mais que todos. *Ardel.* Já pôde ser,  
que sua mulher tal não fora. *Jul.* Que fora? *Ardel.*  
Deos o sabe, não vê o parvo, que o que se  
mais guarda, mais se deseja. *Jul.* Vay buscar quem  
te ouça, ondas se me vão, ondas se me vem, mas  
melhor he ja dissimular até o cabo. *Ardel.* Pois se  
o tu conheces, e o vires, dize-lhe, que Benedito  
lhe manda por aquelle seu amigo, de quem elle  
fugio, certas peffas. *Jul.* Peffas, que peffas? *Ardel.*  
Que o busque quanto elle buscou, e lhas dará.  
*Jul.* Como as averei? *Ardel.* Ainda que merecêra  
negar-lhas, como se lhe elle negou. *Jul.* Dize-me  
o que he pera lho saber dizer? *Ardel.* Lá virá na  
carta. *Jul.* Fuy tão parvo, que a não acabei de  
ler. *Ardel.* Mas ella foy escrita depressa, já pôde  
ser, que as confiaria Benedito de meu amo. *Jul.*  
E elle não lhas dará? *Ardel.* Onde, ou como, se  
o elle não vê, nem o acha. *Jul.* De homem de  
bem he dar boa conta das encomendas. *Ardel.* Por  
amor de Benedito o fará elle, que aquelloutro ou-

tra cousa lhe merece. *Jul.* Desbocado és. *Ardel.* Es-lhe tu alguma cousa? *Jul.* Amigo. *Ardel.* Como és amigo de tal homem? *Jul.* Já me arrependo da dissimulação. *Ardel.* Mato-o, ferve-lhe o sangue. *Jul.* Não folgará elle de saber isto? *Ardel.* Assim to digo, pera que lho não digas, nem he bem, pois me confio de ti, não me dirás onde poufa? *Jul.* Queres que o descubra a seus imigos? *Ardel.* Que imigos? *Jul.* Tu, e teu amo. *Ardel.* Mal o sabes ainda. *Jul.* Quem o tão bem pragueja, não sey que bem lhe quererá. *Ardel.* Quem quer que o tão bem pragueja, não sei que bem merece. *Jul.* Esse teu amo onde poufa? *Ardel.* Não to quero dizer, busque-o. *Jul.* Ora, mas não. *Ardel.* Está morto, não sabe que diga. *Jul.* Isto me parece melhor, elle não he agora aqui, póde mandar o que quer, que he á casa de Fabricio Colonia, tão seguro como a sua. *Ardel.* Bom recado he esse, quem se nega a si mesmo, melhor negará o mais. Se o elle em pessoa não receber perante testemunhas, e com estromento publico, não faça conta de nada. *Jul.* E se Fabricio fizer tudo isso? *Ardel.* Não sei que meu senhor quererá fazer, falem-lhe, e responderá. *Jul.* Tens razão. *Ardel.* E porque te fuy algum tanto importuno, aconselho-te, que lhe não falem sem tabalião, e testemunhas presentes. *Jul.* Eu to agradeço, e pola amizade que com elle tenho, o negociarei. *Ardel.* Não se detenha muito, que nós estamos de caminho. *Jul.* Logo será feito, que desastre tamanho; mas creio que lhe fiz crer, que não era eu. Vou-me a casa de Fabricio dar-lhe conta, porque se não perca o meu. *Ardel.* Assim, assim cançarás, como eu cancei, e enganarte-hão, como nos enganaste, com que parvo se tomava, mais raposas tenho mortas neste Mundo do  
que

que cuidas, he cousa isto pera se pôr em Comedia. Quem me déra, que nos ouvira Bernardo, porque me não ha de crer. Mas pois se elle foy, não hey de deixar de apalpar a porta á entrada, eu enxerguey lagrymas na velha, póde fer que a má vista obrigue a algum desmancho. Livia nunca quiz mal a Bernardo, mas temeo-se de feu pay, razão tem agora pera se vingar. Todavia, melhor será seguí-lo hum pouco, a ver se torna do caminho, porque faça meu salto mais seguro, e tomarey este gosto por mantimento.

## S C E N A V.

*Entra Bernardo, e Oslavio mancebos ambos.*

*Bern.* **T** Aõ cheos de Veneza andavão os meus olhos, que a cada passada a vião, e com isto descancavão, e agora de a verem, chorão, e canção. *Oslav.* Não te entregues a esses pensamentos, que elles se desfarão per si. *Bern.* Não sey, tão viva trago eu a alma em Livia, que em quanto viver a heide achar sempre nella. *Oslav.* Lembre-te que a tem morta, e morrerá tambem em ti. *Bern.* Mas isso he o que a faz em si mais viva, com essa mágoa não podem os meus olhos. *Oslav.* Está já tal, que te aborrecherà se a vires. *Bern.* Não póde fer, que com a sua alma andava eu de amores. *Oslav.* Com a sua alma? *Bern.* Espantas-te? *Oslav.* Não queres que me espante damores tão novos? *Bern.* Pois crê, que o bom amor, e este he só dos homens. *Oslav.* Quanto eu não me namoro, senão de hum corpo bem feito, e de huns olhos graciosos. *Bern.* Isso não são amores, mas deleite de amor. *Oslav.* E tu que querias de sua alma?

*Bern.*

*Bern.* Honra, riqueza, contentamento. *Oſtav.* Tudo iſſo vias nella? *Bern.* Tudo. *Oſtav.* E como? *Bern.* Com os meus olhos nos ſeus, agora ſabes que alli ſe vem as almas, e ſe falão. *Oſtav.* Pouco te dará logo da prizão do corpo? *Bern.* Mas dá-me por ſer corpo daquella alma. *Oſtav.* Eu te dou de boamente todas as almas de quantas mulheres á no Mundo, e dá-me tu os ſeus corpos. *Bern.* Os teus pensamentos são diferentes dos meus. *Oſtav.* Não ſey ſer tão eſpiritual. *Bern.* Claro eſtá, que quem quer bem, não quer mal aos olhos, que o afeiçoão, mas quem bem o ſabe querer, o deleite põe a huma parte, e o verdadeiro contentamento a outra, que ſe iſto não ouveſſe, pouca firmeza me darias nos matrimonios. *Oſtav.* Ainda tu queres mais poucas. *Bern.* E de que vem? *Oſtav.* Tu o dize. *Bern.* De lhe enfadarem os corpos, e aborrecerem as almas. E eu a Livia buſcava mais honra, que appetite. *Oſtav.* Quanto darias pola ver? *Bern.* É pera que? *Oſtav.* Todavia. *Bern.* Pera que? *Oſtav.* Partiras com eſſe goſto. *Bern.* Mas partirá como deſgoſto. *Oſtav.* Ella ſe algum bem te quiz, ficaria magoada de ſeu erro. *Bern.* Por ambas eſſas razões a não veria. *Oſtav.* Bem lhe queres. *Bern.* Vou-me, pera que lhe hey de lembrar, nem ella a mi, fique viva, deſcance, Deos lhe mude a ſua má ventura em outra boa. *Oſtav.* Paſſas por eſta rua, como que ſe a não conheces. *Bern.* Não me lembrára, ſe mo não diſſeras. *Oſtav.* Conheces eſſas janellas? *Bern.* Oh caſas, oh janellas, tão continuadas nos meus olhos, tão imaginadas na minha alma. *Oſtav.* Finge que a vês, como ſohias. *Bern.* Outra graça lhe achava eu certo, com outro alvo-roço as viã. *Oſtav.* Tu cuidas que pouſa ahi. *Bern.* Pois onde? *Oſtav.* Vamo-nos avante, vês aqui o caſ-

castello , em que a tua Livia está. *Bern.* Aqui?  
*Octav.* Aqui. *Bern.* Aqui está Livia? *Octav.* Aqui  
está. *Bern.* Tem estas casas pera trás alguns jar-  
dins , ou quintaes? *Octav.* Tinha , e desfizerão-se.  
*Bern.* E porque? *Octav.* E humas frestas , e janel-  
las , que nellas cabião , taparão-se. *Bern.* Quero  
mal a toda esta vizinhança. *Octav.* Que queres que  
fação? *Bern.* Como que fação , tal cousa costumais  
vós outros , antes as mulheres são aqui mais livres  
que os homens. *Octav.* Na verdade , isto se estra-  
nha muito. *Bern.* Como se estranha , pois se sofre?  
Oh minha Livia , neste cativoiro estás tu , quão mal  
respondeo a fortuna aos teus merecimentos. *Octav.*  
Tambem á hi mulheres , que sabes tu o que seu  
marido achou nella , se lhe enxergou algumas la-  
grymas , alguns suspiros , e alguns sinaes de desgosto  
, e arrependimento , que lhe desse causa a isto.  
*Bern.* Não á hi causa pera isto. *Octav.* Desapaxo-  
nado és. *Bern.* Ou a mate , ou a sofra. *Octav.*  
Tambem esses são bons estremos. *Bern.* Não he  
melhor que dar-lhe peor vida , que a mesma mor-  
te. *Octav.* Temer-se-á de algumas suspeitas. *Bern.*  
E não queres que todo o homem , principalmente  
os que casão com fermosas , desejadas de muitos ,  
fação conta comfigo , que podia ella em algum tem-  
po dezejar outro. *Octav.* Que queres que façi des-  
ta conta? *Bern.* Os de tão pouco saber , e tão bai-  
xos espiritos o farão ; mas o homem prudente ha  
de ser tão confiado quando casa , que crendo  
dante mão ao que se póde presumir , pera que de-  
pois lhe não seja novo , confie que sua pessoa pó-  
de fazer esquecer tudo. *Octav.* Quanto a mi , en-  
fadar-me-hia muito cuidar , que aos olhos de minha  
mulher podião já outros parecer melhor , que os  
meus. *Bern.* Não tens razão. *Octav.* Não? *Bern.*

As mulheres são de pão , ou de pedra , não sentem , não gostão , não tem olhos , não se afeiçoão.

*Octav.* Antes por mais fracas , e mais afeiçoadas não sofreria eu suspeita. *Bern.* Por isso fê tu tão discreto , que se nella conheces esta afeiçoão tão viva ,

ou és tão desconfiado , que te pôde dar má vida , a deixes , e busques outra. *Octav.* Em amores me dás tu esse vagar. *Bern.* E queres se te elles

cegão , e forção huma vontade livre , vingar-te em quem te não tem culpa. *Octav.* Que remedio. *Bern.*

Que com mimos , e branduras a afeiçoões , e não com asperezas , e desconfianças. *Octav.* Oh que a

mulher , ou ama , ou avorrece. *Bern.* Si , mas antes que caya nestes extremos , passa por muitas obrigações ,

e a huma afeiçoão de olhos sómente não os gera , de maneira que com seu marido a não perca. *Octav.* Mofina Livia , quem te prendeo.

*Bern.* Ella estará mais rica , mas certo que estivera mais contente. *Octav.* Todavia vejamo-la. *Bern.*

Não pôde ser , que por seu perigo o não tentaria. *Octav.* Pera tudo ha hi remedio. *Bern.* Como se

pôde entrar fortaleza tão guardada? *Octav.* Com a vontade. *Bern.* E de quem? *Octav.* De Livia. *Bern.*

Quam mal Julio creará isso , que cuida que os olhos são os que peccão. E como a veremos? *Octav.*

Com te ver , ou saber de tua vinda. *Bern.* Espera affi. *Octav.* Que he isso? *Bern.* He aquelle Ardelio ,

que de lá fae. *Octav.* Ardelio he. *Bern.* Aquelle? Jesus , que cousa he esta. *Ardel.* Oh fortuna cruel , e má , que sem razões são as tuas.

*Octav.* Chamemo-lo. *Bern.* Ardelio. *Ardel.* Ah senhor. *Octav.* Quem te metteo nessa casa? *Ardel.*

Mereço triumphar oje. *Bern.* De que? *Ardel.* Se soubesses minhas aventuras. *Bern.* Dize por tua vida? *Ardel.* Melhor será em casa , que eu não

comi oje , e a historia quer vagar. *Octav.* Tem  
razão. *Bern.* Vamos logo.

## A C T O III.

## S C E N A I.

*Faustina* cortezá. *Clareta* moça.

*Faust.* **A** Dias , que tanto á minha vòntade me  
não lavei , e enfeitei como agora. *Clar.*  
Se te o amor lava , e enfeita , não queres ser dife-  
rente do que dantes eras. *Faust.* Dizes verdade ,  
aos olhos sós de meu Octavio me enfei o. *Clar.*  
Ditosos olhos , que poderáo ser teus e pelh s. *Faust.*  
Ora olha Clareta por tua vida , se vês em mi al-  
gum desconcerto , não lhe queria parecer mal em  
nada. *Clar.* Pois por não ser tão pechosa , não fe-  
ria namorada. *Faust.* Namorada não , não sabes o  
que perdes. Bemaventuradas as casadas , que usáo  
dette amor limpamente. *Clar.* Deixa-o logo pera  
ellas , que tem sua vida segura ; mas tu que vives  
do commum , porque te fazes particular a hum só ?  
*Faust.* Porque , parece-te mal ? *Clar.* Antes me es-  
panto de ti , caíres em tamanho erro , queira Deos  
que não venhas cair na conta , a tempo que te não  
preste. *Faust.* Como dizes isto ? *Clar.* Enganas-te  
*Faustina* , cuidando que o ás de ter sempre seguro ,  
e certo , deixa o enfadar , e verás. *Faust.* Isto que-  
res tu , que eu espere de quem me tanto amor mos-  
tra. *Clar.* Ay , como és parvoa , não te lembra  
quando tu roubaste o outro com amores falsos , e  
lagrymas fingidas. *Faust.* E a que propósito ? *Clar.*  
C mo não cuidarás agora , que as fingem tambem  
por ti. *Faust.* A verdade he tão senhora , que logo  
o def-

o descobre. *Clar.* Mais senhora he a mentira, que a lança fóra cada vez que quer. Eu não sei que tu achas a este Oçtávio. *Faust.* Se o tu sentisses, não me culparias. *Clar.* Que te não deva parecer melhor o rubi de Julio, e a cadêa de Patricio. *Faust.* O Clareta, que isso he ouro, que não farta a alma, o outro he seu mantimento. *Clar.* Pois eu prometti lhe a noite, e eyo de cumprir. *Faust.* Não queria. *Clar.* Que contas são as tuas Faustina, desprezares todos por este, quando te elle deixar, como terás os outros? *Faust.* Elles me buscarão. *Clar.* Nessa confiança vives, como se outra não ouvesse de taes olhos, e taes cabellos. *Faust.* Encarecer me eu tanto, me fará mais desejada. *Clar.* Mas encareces-te tanto, que ey medo que te não vendas. *Faust.* Nunca falece hum mais apetitoso, que pague pelos outros. *Clar.* E queres perder tão bom bocado. *Faust.* Mas queres, que faça essa treição a Oçtávio? *Clar.* Ay mãy, e Oçtávio he teu marido, deixa-me, que eu darei maneira com que o não suspeite. *Faust.* Lá te avem, olha o pégo onde, e em que me metes. *Clar.* Mais perigoso será o da velhice pobre, coitadas de nós, senão fomos como as formigas, que encovão no verão pera comer o inverno. *Faust.* Está-me bem esta saya? *Clar.* A graça he o que lustra, que o panno não. *Faust.* Hum bom concerto muito affeição. *Clar.* As fermosas, quanto mais chás, mais fermosas. *Faust.* Cheiro-te bem? *Clar.* Não queria que cheirasses. *Faust.* Porque? *Clar.* Deixa isso a essas velhas desdentadas, que querem encobrir a velhice com affeites, então fazem lá humas mogenifadas de misturadas, de agoas, de oleos, e de cheiros, que com o suor, em vez de cheirar, fedem. *Faust.* Se as velhas o fazem, que farão as moças. *Clar.*

A moça cheira muito bem , quando não cheira. *Faust.* Que dizes logo a estes mancebos untados , e perfumados? *Clar.* Merecião ser mulheres , homens , que taes cousas fazem , como os consentem os outros homens. *Faust.* Quem te ensinou tanta cousa? *Clar.* Quem tinha mais experiencia do Mundo que ti , aquella te digo eu , que vivia , e roubava , e enganava. *Faust.* Assi o sohia eu de fazer. *Clar.* Assi o faze , e Octavio enforque-se , casará hum dia destes , e tu ficarás viuva. *Faust.* Não mo praguejes por tua vida. *Clar.* Bem escusada fora agora lá esta ida. *Faust.* Eu vou lá por meu gosto , e não pelo seu. *Clar.* Por isso te estima elle tão pouco. Se queres bem , não o encubrirás? *Faust.* Não posso. *Clar.* Não podes? *Faust.* Jesu como és crua. *Clar.* Crê tu , que se eu fora a ti , outra fora. *Faust.* Vamos por tua vida , que me canças com tua parola. *Clar.* Não te venha mais cançar a fome , e a necessidade. *Faust.* Bom marinheiro temos , e Deos o accrescentará. *Clar.* Deos queres que o accrescente. *Faust.* Que queres que diga? *Clar.* Espera não sayas , parece que enxergo lá vir Octavio. *Faust.* Vê pois se he elle? *Clar.* Aquelle he , pera cá deve de vir.

## S C E N A II.

*Octavio só.*

**Q**Uam pouco sabe hum homem , em quanto he mancebo , quantos segredos tem o Mundo , que cá não crem. Parecia-me a mi , que todo o fizo estava em não crer nada , agora me parece , que está em crer já tudo. A quem crêra eu , ou quando , que huma mulher tal vida passasse , qual  
passa

pássa Livia , e tanto se enganasse hum homem como se engana Julio. Coufás nos contou Ardelio , cruezas , miserias , e vergonhas , que só de lhas ouvirmos , chorámos. E no meyo destas miserias , tal esforço em huma mulher , que não abafa , ou não se mata. E tem taes ardís , e artes , que a furto do marido , anda , come , pratica com quem quer , cuidando elle que a deixa como em cova. Parvo , porque não vês , nem entendes , que a malicia da mulher , quando quer , não abastão portas. Se eu caso , eu não amostrarei nunca a minha mulher defconfiança , que eu por baixeza , e parvoice não culpo a coitada no que comette. Manda pedir a Bernardo com grandes rogos , e lagrymas , que a veja , pois seus peccados lhe estorvárão tanto bem , mas o meyo não sey como he. Diz que hey eu de pedir a outra , que me quer mayor bem , que a si , que dê huma noite a Julio , pera elle cá ter entrada mais segura. Parece-vos que cabe em razão , cometer eu isto a Faustina ? ou que será sem razão , em me não querer vêr nunca ; mas que hey já de fazer , rogou-me , abraçou-me , chorou-me , venceo-me. Eu aventuro honra , ou perda dalguma cousa ? perda he todavia aggravar huma vontade tanto minha , vergonha me ha de ser , mas a amizade então se vê , quando se em mór péssa prova. Lá me vou , não fei com que palavras lho peça , revolta finto cá em casa de Cesar.

## S C E N A III.

*Porcia matrona. Micer Cesar seu marido.*

*Porc.* **P**Era que era isso, coitada de mi, foste lançar o azeite no fogo, com os concelhos, e rogos, se escandaliza, que faria com injurias, e ameaços. *Ces.* Levantou-se-me a cólera. *Porc.* Mas levantaste lha a elle, pera se ir faltar em minha filha, que he certo que a tem já morta. *Ces.* Quem queres que tenha tanta paciencia? *Porc.* Quem tem necessidade della, agora te deixou ella mais que nunca. *Ces.* Agora, porque tambem me falou mais descortez, que nunca. *Porc.* Sofrêra-lo, como fizeste sempre. *Ces.* Não pude, e espero que seja por melhor. *Porc.* Melhor fora, e mais seguro dissimulares, e sem o elle saber, ires-te ao Senado chamar, e pedir, que te dessem tua filha. *Ces.* Assim o farey. *Porc.* Ay Cesar, Cesar, que nunca me creste, rias te de minhas lagrymas, e zombavas de meus medos, os meus olhos, e o meu coração vião já o que agora chorão, e vem. *Ces.* He verdade, que eu me enganei, mas quem se não enganára. *Porc.* Se me tu crêras, se me tu ouviras, não te enganaras, sempre zombaste dos meus conselhos, sempre fizeste tua vontade. *Ces.* O feito he feito, no mais atalharemos. *Porc.* Atalhe-lho Deos, que elle só pôde, filha que eu sempre te profetizey este mal tamanho, e assim te entreguey a esse como a hum inimigo. *Ces.* Ah fortuna. *Porc.* Não te aqueixes da fortuna, senão de ti só, que culpa tem ella a quem se entrega ao mal. *Ces.* Ora tudo terá remedio, eu venho sem folego, e tu queres-mo acabar de tirar. *Porc.* Não queres que grite, e endou-

doudeça, e que me mate, lembrando-me o que te sempre disse. Cesar, este mancebo creado sem pay, vive á sua vontade, sem deixar conversações doutros taes como elle, porque queres hora aventurar tua fazenda, e tua honra, porque queres hora por cobiça de mais dous reis, perderes o que tens, e veres nojos em tua velhice, não te engane o seu trato, o seu dinheiro, que a fomenos parte no homem he o dinheiro, e a riqueza. Quantas vezes clamey isto, quantas lagrymas chorey, quam mal me creste sempre. *Ces.* E eu porque o fiz? por ventura, era Livia mais tua filha, que minha: presumia eu, ou era bem que presumisse, que de Micer Julio meu amigo, tão bom homem, e tão lezudo, nacesse hum tal como esse. *Porc.* Porque não presumias o que vias, e porque não perguntáras por sua vida, e tão semelhantes viste tu sempre os pays com os filhos. *Ces.* Pois que queres agora, queres que me mate? *Porc.* Mas que não deixes matar tua filha. *Ces.* Forte mulher he esta, e eu que faço as consolações, que me ella dá, os conselhos, e os remedios. *Porc.* E tu queres meus conselhos, nem quizeste-os nunca. *Ces.* E teus conselhos tem razão em nada, senão acertos, defaltres, e appetites. *Porc.* Bem o tens visto, dessa confiança te vem a ti teres-me em tão pouco. *Ces.* Parece que o quizerão meus peccados, que acertasses tu nitto, pera mór trabalho meu, e pera cada dia me tirares os olhos, e a alma. *Proc.* A mi a tirára eu de boamente, se pudéra. *Ces.* Fizéras cá pouca falta. *Proc.* Bem creyo eu, que a ti a faria eu menos, pelo muito amor que me mostraste sempre, que nunca já huma hora me fizeste a vontade em nada. *Ces.* Prouvéra a Deos que fora alli, que outra vida tivera eu, e outra tenho. Parece-vos que se póde isto soffrer, se

a filha tal he , não culpo o que faz o outro. *Porc.* Coitada de mi , a mi se tornão todas as culpas ; mas os homens que desprezão os conselhos de suas mulheres , caem nestes erros , como se ellas não tivessem razão como elles , então aos erros das coitadas não ha desculpas , os seus tem trinta mil. Minhas contas erão boas , fazia-o por taes respeitos , quem havia de cuidar , se me isso a mi parecêra. Com isso passão , e querem que as mulheres não tenham juizo , nem entendimento , e que não vejam o que vem , e que não entendão o que entendem.

## S C E N A III.

*Cesar só.*

**N**ÃO pudêra eu viver neste Mundo sem mulher , e filhos , bemaventurados os que não casão , e malaventurados os que o desejam , que não sabem o bem que tem , e o mal que buscam. Em quanto hum homem vive , duas obrigações tem , huma do Mundo , e outra de Deos , destas ambas pôde melhor usar sendo solteiro , que casado , pôde conversar os homens mais soltamente , desenfadar-se com mais gosto , lograr-se da vida , de maneira que gane tambem a outra com menos trabalho. Não fei quem nos cega , quem nos engana , parece que ordenou Deos este appetite nos homens , porque sem elle , mal se entregara ninguem a tamanho cativoiro , mal se conservara a geração humana , que não sem causa chamou o outro á mulher , mal necessario. Cuidais que vos hão de levar nada em conta. Se alguma ora acertão a ter razão , aveis-lhe de confessar , que sabem mais que vós. Se quereis ter vida , ou lha aveis de tirar , porque vos não matem.

tem. De dia , e de noite , na meza , e na cama , em casa , e fóra de casa nunca me deixa. Tu o fizeste , tu o quizeste , tal o tens. E não cuida que aquillo he o que mais doe , que o mesmo engano meu. Não fei que farei áquelle doudo , eu vou fazer o que a mi convêm. Que mancebo he este ? já o eu aqui vi outrora , homem de bem parece. Não fey que he isto , que a todo o homem de bem ey agora inveja , a todo homem quizera antes ter entregue minha filha , com mais ainda do que tenho , e do que lhe dei , que quem a tem. Coitados de nós , que a mais certa cousa que temos , he o arrependimento. Mas de que vem ? de se errarem os principios , donde se seguem os máos fins.

## S C E N A V.

*Bernardo.**Ardelio.*

*Bern.* **P**Or tua vida *Ardelio* , que me digas , que rostro te mostrou *Livia* , quando entraíte ?

*Ardel.* O que tinha. *Bern.* Não se lhe mudou já ?

*Ardel.* Não avia ahi mudar , nem contrafazer ; e se alguma mudança fez , foy de mais tristeza , e de mais lagrymas. *Bern.* Que te disse ? *Ardel.* Não to disse já ?

*Bern.* Dirias , mas eu não fey se te ouvi , não me lembra. *Ardel.* Pera que perguntas logo , senão ouves , nem te lembra ?

*Bern.* Este gosto só me ficou , rogo-te que mo mostres. *Ardel.*

Eu não sabia que to avia de dizer tantas vezes como to disse , não o queiras mais saber. *Bern.*

Que lhe disseste , vendo-a assi ? *Ardel.* O que se me offerceo. *Bern.* Que ? *Ardel.* Que , bofé que me não lembra.

*Bern.* Oh lembre-te por tua vida. *Ardel.* Que te parece a ty , que lhe eu diria ? *Bern.*

Mui-

Muito havia que dizer. *Ardel.* Dêsse muito lhe disse eu hum pouco. *Bern.* Que pouco? *Ardel.* Oh que enfadamento este ! tres vezes lho contey já , e não o acabou de ouvir. *Bern.* Não mo que-res dizer? *Ardel.* Ouvilo-has tu? *Bern.* E eu por-que o pergunto? *Ardel.* Pera mo tornaes a per-guntar logo. *Bern.* Dize-mo , que eu to ouvirey. *Ardel.* Ora lembre-te que to digo. Disse-lhe , que agora veria , onde chegava hum engano , e hum arrependimento. *Bern.* E mais? *Ardel.* Que mais. *Bern.* Vay por diante? *Ardel.* E outras palavras conforme aos mesmos propositos. *Bern.* Quaes? *Ardel.* Quaes tu mesmo lhe differas. *Bern.* E ella? *Ardel.* Nisto levanta os olhos aos Ceos , ou aos te-lhados (não queria nunca mentir em nada) choran-do , e çaluçando , e torcendo as mãos. *Bern.* Di-zendo? *Ardel.* Nada , mas tornou-os a baixar , sem poder dizer palavra , com o grande impeto das la-grymas. *Bern.* Não choravas por tua vida? *Ardel.* Esta he outra demanda , não. *Bern.* Não? *Ardel.* Bofé não. *Bern.* Porque? *Ardel.* Não pude , sou muito seco dos olhos , e todos por onde vimos , alli o fomos. *Bern.* De que choráras logo? *Ardel.* De nada. Verdade he , que desejei eu de chorar hum pouco por amor della , e de ti. *Bern.* Oh quanto folgára com isso , porque em ti conhecêra ella o meu amor , e a minha mágoa. *Ardel.* Quan-to se sem lagrymas são os amores secos , não me fez Deos per elles. Morreo meu pay , e minha máy , e meus avós , e meus irmãos , e nunca chorey , nem me parece que choraria , ainda que me visse morrer. *Bern.* Chorarias se tu bem quizessees. *Ardel.* Antes por não chorar , hei de trabalhar por que-rer sempre mal. *Bern.* Gracioso estás , que em ta-manha mágoa me fazes rir por força. *Ardel.* Não

he melhor, que chorar por vontade. *Bern.* Finalmente, em que ficaste? *Ardel.* No que já sabes. *Bern.* Eu que sey? *Ardel.* Cuido que me queres fazer chorar de raiva com tanta pergunta. *Bern.* Com que palavras to disse, com que geito, com que olhos? *Ardel.* As palavras creyo eu, que erão Venezeanas, o geito me não lembra, nem os olhos. *Bern.* Parece-me que queres chocarrear affinte? *Ardel.* Muitos outros chocarreiros verás affinte, e que por ventura ganhão mais com suas graças contrafeitas, que eu com as minhas naturaes. *Bern.* Affi que te disse, que me queria ver, e falar? *Ardel.* E mais á noite, que he grã peffã. *Bern.* Como se não teme do marido? *Ardel.* Porque lhe não quer bem. *Bern.* Tens razão. *Ardel.* Cuidas tu que pôde com a mulher, mais o medo que o amor. *Bern.* Nem com os homens tão pouco. *Ardel.* Está a coitada, que não pede senão morte, nem deseja outra cousa, e arreceará cometter nada. *Bern.* Se Octavio faz o que me prometteo, quem he mais ditoso que eu. *Ardel.* Agora o saberás, que cylo fae. *Bern.* Que voltas me dá o coração, mande-me Deos ora algumas boas novas, mas a que se torna dentro?

## S C E N A VI.

*Octavio. Bernardo. Ardelio.*

*Octav.* **O** Utra vez te prometto. Esse amor, e essas lagrymas, minha Faustina não me merecem enganar te. Peza-me sómente de teu desgosto, nem desconfies, que eu sou teu, e o serei sempre. *Bern.* Muito se detem. *Ardel.* E fae afrontado. *Octav.* Se tal foubera, rira-me de Bernardo, corrido venho do que passei com esta, tanto que  
lhe

lhe toquei no caso, deu-se por avorrecida de mi, e a mim por enfadado. *Bern.* Parece-me que o enxergo triste. *Octav.* Lançou mãos aos cabelos, e aos toucados, chamando-se enganada, e fazendo estremos de huma douda; não cuidei que nestas mulheres se achasse amor tão inteiro. *Bern.* Não posso mais esperar. *Octav.* Em fim, não fiz mais que anojár a ella, e ella envergonar a mi, que nem me deixou dizer, pera que lho pedia. *Bern.* Que novas trazes, que novas me dás, meu Octavio? *Octav.* Não quiz Faustina. *Bern.* Não quíz? *Octav.* Digo-te, que mais me quizera morto, que vêr-me na afronta, em que me vi com ella. *Bern.* Que farei logo? *Octav.* Não te agastes, Julio he bargante, não póde ser, que em quanto aqui estiveres, não acertemos huma noite. *Bern.* Oh que não naceo pera mi nenhum bom acerto. *Ardel.* Ninguem entende essa senão eu. *Octav.* Que entendes? *Ardel.* Ella o mostrará cedo, tu vigia, e guar-te. *Bern.* Pois a fortuna se vingou em mi, no mais eu não o hey de estranhar, ao menos lograr-se Julio do que lhe ella deu, e a mi negou. *Octav.* Este parece elle, que cá vem. *Ardel.* Quem? *Octav.* Julio. *Bern.* Este he. *Ardel.* Não he. *Bern.* Não he este Julio? *Ardel.* Não. *Octav.* Como não? *Ardel.* Quem o saberá melhor, elle, ou tu, he hum seu amigo, que lhe anda arrecadando as pefas. *Bern.* Octavio, ha, ha, ha. *Ardel.* De má graça vem, deixai-me com elle, e escondi-vos pera aqui, e rireis hum pouco.

## S C E N A VII.

*Julio. Ardelio. Octavio. Bernardo.*

*Jul.* **N** Aõ sey quem diz , que hum mal he começo de hum bem ; eu digo , que hum bem he começo de hum mal , e hum mal começo de muitos males. *Ardel.* Bernardo , matemos este , que mata Livia , fõs estamos , não ha testemunha. *Octav.* Tal colerico ouvéra ahi , que tomára teu conselho. *Jul.* Dou ao diabo Benedito , dou ao diabo meu sogro , dou ao diabo aquelle rapagão , que zombou de mi , que assi todos me enfadárão , e cançárão. *Ardel.* Dou ao diabo este Julio , amigo de Benedito , que o não posso descobrir oje. *Octav.* Ha , ha , ha , he. *Ardel.* Dou ao diabo aquelloutro seu amigo , com que oje faley , que o não vejo , nem parece. *Octav.* Vales quanto ha no Mundo. *Jul.* Quem ouço eu? *Ardel.* Vio-me , chego-me. *Jul.* Que farei , hei de sofrer , que se vingue este assi de mi. *Ardel.* Oh amigo de Julio , tens já prestes? *Jul.* Que hei de ter prestes? *Ardel.* Teu estormento , e tuas testemunhas. *Jul.* Tão pouca vergonha tens? Que fora se mandára vir Julio donde está , pera arrecadar o vento. *Ardel.* Que vento? *Jul.* Que peffas , ou que mentiras são as tuas? *Ardel.* Julio , ou digo , amigo de Julio , se mal falares , mal ouvirás. *Jul.* Fuy saber do Piloto da não de Genova , disse-me , que não trazia esse teu amo mais fato , que o de sua pessoa , e que o sabia em certo. *Ardel.* Isso te disse? *Jul.* Perante trinta homens , que dirão o mesmo. *Ardel.* Foste ditoso em o creeres logo. *Jul.* Em que? *Ardel.* Se apertáras com elle , cáiras na verdade , que  
meu

meu senhor pelas salvar do frete, e dos direitos ás escondido, que as não visse elle. *Bern.* Que dirás a este. *Octav.* He diabo, atarracou-o. *Jul.* Onde as tem? *Ardel.* Não tens necessidade disso, virá Julio, e achalas-ha se as quizer, pois te tu enfadas de as negociar por elle. *Jul.* Perdoa-me, que cuidei que me enganaras. *Ardel.* Não me espanto, porque, que amigos pôde ter esse? *Jul.* Mas por tua vida, já que me meti nisso, e tenho falado a Fabricio, e com tudo prestes, quando fuy á não, cuidey que era engano, que ordens de maneira, com que lhe eu faça esta boa obra. *Ardel.* Como te chamão? *Jul.* Pera que o perguntas? *Ardel.* Não queres, que diga a meu amo com quem falei? *Jul.* Não he necessario, basta, que sou hum amigo de Julio, de que elle confiará tudo. *Ardel.* Tirando a mulher. *Jul.* Ora te digo, que a mulher tambem. *Ardel.* Não és tu logo seu amigo, mas és seu corpo, e sua alma? *Jul.* Assi sou sua alma, e elle he a minha. *Ardel.* Muito ruim alma tens. *Jul.* Digo, porque antre os bons amigos ha huma só alma. - *Ardel.* Essa será boa, mas do amigo máo como esse, será tão má, que danará as outras. *Jul.* Tu não o conheces, e queres-lhe mal? *Ardel.* Peor he conhecere-lo tu, e queres-lhe bem. *Bern.* Eu senão víra isto, não o crêra. *Octav.* Nem o crêra ninguem a quem o contar. *Jul.* Ora eu me torno a negociar, pôde ser que ainda oje se arrecadem. *Ardel.* Vejo-te doutro cabo tão sollicito, que parece que tens nisto algum quinhão. *Jul.* Que melhor quinhão queres tu, que a boa amizade. O homem de bem ha tanto de folgar com o bem de seu amigo, como com o seu proprio, que outro dia fará elle por mi o mesmo. *Ardel.* Mas cuido que o faz sempre. Em fim, lá t'avem, e se tardares, tu perde-

derás esse gosto , e elle seu proveito. Meu senhor está de caminho , como te disse , tornalas-ha a mandar a Genova. *Jul.* Parece-me que hei de vir ainda a dar ao diabo as peffas com tantos encargos , já este dia affi ha de passar , o outro que vier Deos o melhore. *Ardel.* Apeçonhentado vay , que vos parece? *Octav.* Coitada da mulher , e do logro , que tão boa honra tem neste. *Bern.* Mas coitado de mi , a quem estimarão menos que a elle. *Ardel.* Souberas tu tambem caçar , desque teve a prea nas mãos tornou ao seu. Não he a condição cousa , que se tanto tempo encubra. *Octav.* Andava aquelle velho tão cego , que o mal deste lhe parecia bem , agora algum bem , se o tiver , lhe parecerá outro tanto mal. *Bern.* Ora nós vamos , vigiemos esta noite. *Ardel.* As vezes estão os acertos guardados a quem os busca.

## S C E N A VIII.

*Faustina.**Clareta.*

*Faust.* **A**Y Clareta , tal ha no Mundo , e taes são os homens. *Clar.* Ay Faustina , que te dizia eu ? aprenderás ás tuas culpas , pois não quizeste as alheas. *Faust.* Somos tão coitadas , e tão parvoas , que os queremos , e desejasmos. *Clar.* Agora saberás , que o amor tanto se estima , quam caro se vende. *Faust.* Oh que não he isso amor , mas roubo , que creás já , ou a quem crearáo. Oh meu Octavio , oh meu amor , oh meu mano. *Clar.* Oh teu ladrão , oh teu rasião , oh teu enganador. *Faust.* A quem me eu dei toda , que tantas vezes jurava , que outra cousa não queria. *Clar.* Se não lograr-se de ti quantas vezes quiz , e depois passar-te a ou-

a outro. *Faust.* Não pôde ser, senão que me quiz tentar. *Clar.* Ay como te vejo tornar a meter no fogo. *Faustina*, olha o que te cumpre, estes parvos dormem tão seguros sobre seus enganos, que não acordão senão depois que se acha nelles, já que tambem contrafizeste teu nojo, deixa-me, que eu o trarei ás redes. Vou onde te disse. *Faust.* Coitada de mi, que farei, que me não sofre o coração lançar fóra, a quem tamanho lugar dey nelle, quem me mudou tanto da que dantes era, quantos se matarão por mi, quantos se destruirão, quantos chorarão de dia, e de noite, huns enganados, outros roubados, sem minha vontade se dar a algum. Este *Octavio* me afeiçoou, assi que não sei viver sem elle, amo-o, desejo-o, nelle cuido, nelle sonho, olhay quam bem o emprego. Não me pôde lembrar sem lagrymas o rosto, e a desenvoltura, com que me veyo com aquelle requerimento, então guarday verdade, tende amor a ninguem. Coitadas de nós; se amamos, somos aborrecidas; senão amamos, roubamos, e em fim, melhor he o roubo, pois nos enriquece, e os roubados vão mais contentes; mas minha condição não era essa, sempre desejei hum bom amor, agora que cuidava que o tinha, não o vejo. Enganaste-me *Octavio*, não to merecia, trabalho me será esquecer-te. Trabalho será aos meus olhos não te verem; mas porque outra vez não se enganem, fiquem com esta mágoa. *Clareta* por derradeiro he minha amiga, porque terei eu amor a quem mo não tem.

## A C T O III.

## S C E N A I.

*Julio.**Bromia.*

*Jul.* **N**Aõ cuidei que tão bem acabasse o dia, forte cobiça de annel foy esta, que o não guardou Faustina pera mais tarde, logo eu hoje enxerguei na moça bons desejos, e com tanto alvoroço me veyo chamar agora, que parecia que lhe fogia. Mas com que mentira encobrirei eu esta minha ida a taes horas, que me não entendão. Dou ao diabo esta velha, que já estive por vezes pera a lançar fóra de casa, e hey-o de vir a fazer; não sey quem a fez tão endiabrada, parece que tem algum espirito familiar, que lhe diz quanto eu faço, que já agora no seu rosto, e nos seus olhos, entendo eu que me entende, mas como a enganarei, ora andar, boa dissimulação tenho. *Bromia.* *Brom.* Já me chama, começará com seus esconjuros. *Jul.* *Bromia.* *Brom.* Que mandas? *Jul.* Quanto me debes, pela confiança que em ti tenho. *Brom.* Deos o sabe. *Jul.* Eu sou convidado pera huma certa festa de hum meu amigo, por isso vou assi de festa, não me parece que tornarei esta noite. *Brom.* Pera que me das essas contas, avefado és ires, e vires quando, e cada vez que queres; achaste por ventura alguma ora as portas abertas a outrem, e fechadas a ti? *Jul.* Não papees, por isso to digo, porque durmas descansada de me vires abrir. *Brom.* Quem tivesse o teu descanso. *Jul.* A porta, da maneira que a eu deixar, assi fique até que eu torne. *Brom.* Que não seja mais, que pelo costume, ella

ella o fará já de si. *Jul.* E porque muitas vezes acontecem enganões, falo isto, pelo que já vi, ainda que outrem venha com recado meu, ou diga que sou eu, não lho creas. *Brom.* De que servem tantos medos, por tua vida, quem vês, ou quem ouves pera os teres de ninguém? *Jul.* Isto não são medos, mas fizes, ás vezes acontece o que homern não cuida, e por não cuidar no que pôde acontecer, vem a cair no perigo sem remedio. *Brom.* Bom he atalhar em tempo. Mas. *Jul.* E que melhor tempo que este, sabes tu se está alli por ventura alguém espreitando quando eu fayo, e me pôde contrafazer tambem a fala, que te engane, e lhe vás abrir. *Brom.* Ay que máo homem. Ora dou-lhe que aconteça isto, em entrando não averá ahi olhos que o conheção? *Jul.* Em entrando. E querias que entrasse? *Brom.* Que peccado era entrar, cuidando que eras tu. *Jul.* Mas que peccado he avisar-te eu, pera que não entre, não poderá elle mais que ti, não te matará, ou não te tapaná essa boca pera fazer tudo a seu salvo? *Brom.* Como te pôde cair isso no pensamento, que nunca se vio, nem se ouviu? *Jul.* Porque o tu não viste, nem ouviste, crês logo, que ninguém o veria, nem faria, por isso eu digo, que quem não vê, não sabe o caso, e eu não quero que ainda que eu mesmo torne. Olha o que te digo, ainda que eu mesmo torne, não quero que me abras. *Brom.* Que dizes? *Jul.* Isto que ouves. *Brom.* Ainda que tor- nes? *Jul.* Ainda que eu torne. *Brom.* Que te não abra? *Jul.* Que me não abras. *Brom.* Isso me mandas, não cuidarás que te pôde acontecer cousa por ventura, que te obrigue a vir a casa, ou se te arrependerás da ida, e do caminho. *Jul.* Eu que to digo, bem sey que não hey de tornar. *Brom.*

Se tornares? *Jul.* Mata-me , e não me abras , ainda que brade , e que grite , e tu me vejas , e conheças , crê que he o diabo , e não sou eu , porque eu vou pera não tornar , nem mandar recado algum , ouves-me tu? *Brom.* Ouço , mas não fei como isso seja , não queria ter mais guerra contigo , da que tenho. Ey-te de ver eu estar batendo á porta , e não te hei de abrir? *Jul.* Se te digo. Esta he a mais perra velha do Mundo , que nem ey de tornar , nem me has de ver , e ainda que me vejas , me não abras. *Brom.* Digo que assim o farei , pois mo mandas , quem crerá tal. *Jul.* Deitai-vos logo , apagai a candeia , e dormi descansadamente. *Brom.* A osadas. *Jul.* E lembre-vos o que vos sempre digo , que vivamos em paz. *Brom.* De quantos defastres os bons achão pelo Mundo , não averá hum só pera este mão , que o mate. Homem he isto ? alma tem este ? rezão tem este ? faz-me crer que cheirou já os recados de Bernardo , e que nos vay espreitar a todos. Coitada de mi , que nunca pude tirar Livia de tamanho cometimento , offerecida está a seu perigo , o odio que tem a este , e o amor de Bernardo lhe dá este animo , e afouteza. Oje lhe mandou dizer , que a desejava ver , oje se foy ordenando , como se vissem. Ociosos , enganados , cegos , quero ver , antes que o outro acerte de vir , se a peisso tirar de sua teima.

## S C E N A II.

*Julio só.*

**B**Em cuidada deixo a minha mentira ; mas que alvorço he este , que eu levo no meu espirito , vou-me assim , deixo minha mulher moça toda huma

huma noite só, offerecida a se vingar de mi, e fazer o que quizer. Mas que pôde acontecer, ella fica fechada, e será já deitada, tão mofofino ferei eu, que logo o perigo estê mais prestes agora, que outrora, mal fiz de dizer, que não avia de tornar, melhor fora tê-las seguras com meu modo, o alvo-roço me enganou, torno lá: mas pera que, tão pouco me temem, que ousem nada. Huma noite asinha se passa, com o prazer de Faustina me esquecerá este medo.

## S C E N A III.

*Bernardo. Oclavio. Ardelio. Janoto.*

*Bern.* **B** Romia to disse, Ardelio, como pode? *Ardel.* Não sey como pode, mas disse-mo.

*Bern.* Não receyo, senão ser tão mofofino, que em tamanho prazer como este, me queira empecer a fortuna acinte. *Oclav.* De que te vem essa desconfiança, não tens que arreccar. *Ardel.* Bom coração, e costas, que te segurarão o campo, de que has medo? *Bern.* Mal me entendeis ambos, se com minha morte se encobriſſe a infamia de Livia, seguro, e perfeito seria o meu gosto. *Oclav.* Ora te digo, que he esse hum bom elcrupulo, se ella isso não teme, porque o temes tu? *Bern.* Porque o amor que me tem, a faz não temer, e eu não lho queria pagar mal. *Ardel.* Não ha de que temer, Julio he fóra, nós vigiaremos, logra-te da noite, e não esperes a manhã. *Bern.* Não creio, que me hey de ver em tamanho bem, até que me não veja nelle. *Oclav.* Porque temes logo o mal, sem te veres nelle? *Bern.* No mor bem se ha de arreccar mais o mal. *Ardel.* Ora espera, a mi me pa-

parece , que acho hum bom seguro. *Bern.* Dize por tua vida? *Ardel.* E tu Octavio julga se falo bem. Torna-te pera casa , irey a Livia , dir-lhe-hei que não queres ir. *Bern.* Que dizes, bom. *Ardel.* Este he o melhor remedio pera teu medo. *Octav.* Ha , ha , ha , he. *Bern.* Velhaco , que fazes , onde vás? *Ardel.* Que me queres , seguro-te. *Octav.* Nunca melhor falou. *Bern.* Chega-te á porta , vê se he tempo? *Ardel.* Olha o que fazes , os defastres andão muy correntes , e mais de noite , póde ser que aches huma bombarda nos peitos em entrando. *Bern.* Não curemos de mais graças. *Octav.* Aconselha-te bem , á fala está. *Ardel.* Aqui esta ce , ce. *Octav.* Acolhe-te , e entrega-te. *Bern.* Oh fortuna , acaba bem tão bons começos. *Octav.* Boa foy a entrada. *Ardel.* Tal será a saida. *Octav.* Que faremos agora? *Ardel.* Eu to dirci , quem vem lá cantando. *Octav.* Aquelle parece Janoto. *Ardel.* Janoto. *Janot.* Quem he ? *Ardel.* A bom tempo vens , o negocio está pacífico , tu te devias ir , que nós abastamos. *Octav.* Assi me parece. Eu onde posso já melhor passar esta noite , que com Faustina. Se alguma couza acontecer , voe Janoto.

## S C E N A III.

*Octavio só.*

**Q**Uam gostosas são as obras da amizade , que o teu trabalho tomas por grande gosto , e o gosto do teu amigo por teu proprio. Parece que se me carrega a consciencia em me ir agora daqui. He este Bernardo de tão boa arte , que sendo estrangeiro , não sómente o ey por natural , mas por amigo , e por irmão , quantas vontades pren-

prende a boa condição , e fizo , peza-me na alma de se ir desta terra. Déra muito do meu , pelo ver casado com Livia , e melhores forão seus fados do que são , ao menos creio eu , que outro nenhum tão bello lhe pudéra fazer o que agora fez por elle. Vede ora se a pudérão ter todas as prizões , e chaves? E Julio tão cégo , que nem lhe vem pelo pensamento , a que vierão parar todos os ardis dos seus ciumes , ou lá , que descuido foy este? porta aberta a tacs oras.

## S C E N A V .

*Ardelio. Janoto. Julio.*

*Ardel.* **Q**Uanto agora vingar , bofé Janoto , nós vamo-nos buscar nossa vida. *Janot.* Bem te parece isso , e Bernardo? *Ardel.* Não he esta a primeira aventura , homem he , que dará bom recado de si em toda a parte. *Jul.* Assim se faz isso , ah rasião , traidor , infame. *Janot.* Que brados são os que ouço? *Jul.* Ah treição , ah puta , civil encubridora de ladrões. *Ardel.* Eu não conheço aquella fala. *Jul.* Tinhão-se concertado , eu te conhecerei quem quer que és. *Janot.* Pera que vem? *Jul.* Antes damenhá a estas oras , hum , e outro saberão com quem o ouvérão. Pois depenaria eu quantas barbas tenho , se com esta me escapassem. Parece-vos , se foy grande valentia , saltar com quem estava á mezá pera cear , tão seguro , como quem estava com huma mulher ás portas fechadas , e ella tinha-as abertas ao rasião , ah beleguinazo , fugidiço das galés , eu o acolherei. *Janot.* Este parece Julio. *Jul.* Não de balde me detinha ella em jogos , e em trapaças , e toda a festa era ao meu annel , que me logo arrebatou em en-  
tran-

trando. *Ardel.* Janoto, boa, este he Julio? *Janot.* E vay-se direito a casa. *Jul.* Ta, ta, ta. *Ardel.* Janoto boa, pôde ser mor mofina. *Janot.* Escondamo nos hum pouco pera aqui, veremos em que para. *Jul.* Não ouvem, tras, tras, tras. *Janot.* Que graça, senão ouvifsem, nem abriifsem.

## S C E N A VI.

*Bromia. Julio. Ardelio. Janoto.*

*Brom.* **C**Oitada de mi se he Julio, que farei?  
*Jul.* Tras, tras, tras, tras. *Brom.* Quem está ahi? quem bate?  
*Jul.* Abre lá. *Brom.* Quem he?  
*Jul.* Quem ha de ser, outrem costuma por ventura bater a esta porta senão eu. *Brom.* Somos perdidos, elle he. Escondei-vos bem, em quanto o detenho. E quem és tu?  
*Jul.* Abre, que eu sou. *Brom.* Não te conheço, nomea-te. *Jul.* Sou Julio, conheces-me?  
*Brom.* Julio, não pôde ser, o diabo ferás tu mais azinha. *Jul.* Não me conheces?  
*Brom.* Deos? Ainda seus esconjuros me valem, não entrarás cá oje. *Jul.* Porque?  
*Brom.* Porque aqui não entra senão Julio, cuja a poufada he. *Jul.* E eu quem sou?  
*Brom.* Tu o saberás. *Jul.* Não sou eu Julio, que fuy daqui esta tarde?  
*Brom.* Não te parece que o conheceriaõ aqui. *Jul.* Pois como me não conheces?  
*Brom.* Porque não sei quem és. *Ardel.* Oh boa velha, Deos te faça moça, se lhe não abres. *Jul.* Já, já, lembra-me o que deixei dito, aconteceu tornar, que remedio, não me vês tu?  
*Brom.* Vejo que não és elle, nem que o fosses te abriria. *Jul.* Que farei?  
*Brom.* Vai embora, se és espia que cá manda, dize-lhe que bem pouca necessidade tem dellas.

*Ardel.* Janoto , vivo , esta velha me segurou , não lhe quer abrir. *Janot.* Como não? *Ardel.* Nega-o , como se elle oje negava. *Jul.* Bromia , não graces , que não são horas , abre , e senão. *Brom.* Máy , quem és tu , com quem falas , ou a quem hei de abrir? *Jul.* A mi. *Brom.* E porque , és tu Julio? *Jul.* Pois quem. *Brom.* Ou sejas , ou não sejas , podes-te tornar por onde vieste. *Ardel.* Não me parece que o diabo ousará tanto. *Janot.* Serão feros de Bernardo , que o não deixem entrar. *Jul.* Velha , que graças estas tuas. *Brom.* As que vês ; como podes tu ser Julio , se elle deixou dito , que não avia de vir. *Jul.* He verdade , que disse eu isso , porque cuidei que não tornasse , mas se me vês , e ouves. *Brom.* Ouço , e vejo , mas tu não és esse , e se esse és , tu me disseste que te não cresces. *Ardel.* Póde-se crer isto? *Janot.* Não te rias tão alto , que te ouvirão. *Jul.* Não me queres abrir? *Brom.* Não te queres ir? não he esta a casa , em que de dia , nem de noite , quanto mais a estas oras costuma entrar ninguem , senão seu dono. *Jul.* Ah cão de mi , e quem he seu dono? *Brom.* Ao menos não já tu. Se erras a porta , acerta-a , que não poufa aqui quem cuidas. *Jul.* Velha malaventurada , comida dos bichos , alma do diabo , porque me não abres? *Brom.* Agora si , com esses rogos , bem podes entrar. *Ardel.* Fechou-lhe a janela. *Jul.* Tamanha má ventura foy a minha , que me trouxe a isto. Sou eu Julio , ou não. Conheço-me eu , ou perdi-me. *Janot.* Viste tal acontecer? *Jul.* Fazem mais a hum cornudo. *Ardel.* Justamente falou ao pé da letra. *Janot.* Ainda o elle não crê. *Jul.* Que farei , onde me irey a estas oras , medo hei que me ouvisse a vizinhança , parece-vos que tenho mulher , ou casa , ou honra. *Ardel.* Em

ponto estou de o fazermos ir mais depressa. *Janot.* Demos-lhe huma coçadura? *Ardel.* Não he bem, que perigará Livia, e Bernardo. *Jul.* Não fora eu antes morto, que passar estas vergonhas, que passei desque oje sahi desta casa atégora. *Ardel.* Se tu alguma tivesses, não passarias por ellas. *Jul.* Que dia malaventurado foy este. *Janot.* Pois a noite podes tu gabar. *Jul.* Que noite de diabos foy esta. Ah mulheres, quem vos vê, quem vos quer, quem vos deseja. *Ardel.* Donde veria agora este. *Jul.* Quero tornar a bater. Tras, tras, tras. *Janot.* Responde-lhe Ardelio. *Jul.* He por demais, já não desejo senão o dia; se eu não mouro, eu farey justiça. Não sey quem lá vem, vou-me a casa de meu sogro, se me quizer abrir, contar-lhe-ey a honra, que me dá sua filha.

## S C E N A VII.

*Octavio. Ardelio. Janoto.*

*Octav.* **N**ÃO sei quem cá vem, guarde Deos Bernardo, e Livia de vergonha, e de perigo. Se soubera que era Julio, e me aquella puta deixára, viera mais cedo. Metteo-me em cabeça, que elle se me viera metter em casa por força, com rogos, e piedades, que lha fizerão ter d'elle, e com outras mayores, e mais lagrymas me pedio perdão. Engana-se, feito he, não sou dos que esperão pela segunda, o perigo de Bernardo temo, que não sei como fairá, que gente enxergo eu lá? *Ardelio. Ardel.* Escuta. *Octav.* Janoto. *Janot.* Quem chama, quem he? *Octav.* Chega cá. *Ardel.* O Octavio. *Octav.* Manço, não nos ouça ninguém, como passastes cá? *Ardel.* Se soubesses, pas-

ma.

marias. *Oſtav.* E Bernardo? *Janot.* Ainda lá jaz. *Ardel.* Vay-te a casa, e lá ſaberás tudo, que eu hei já de esperar a manhãa por eſſas ruas. *Oſtav.* Não farey, vigiemos fortemente, cada hum por ſua parte, tu por lá, e eu por cá, não he iſto couſa pera ſe aſſi deixar a ventura. *Ardel.* Eſta he a noite das aventuras, poderá mais acontecer, por iſſo dizem, que andão os diabos de noite, e as almas peccadoras, não me poſſo ter ao riſo com as moſinas deſte coitado, tanto ſe matou oje por não ſer Julio, até que o não foy no tempo, que o mais ouvêra de ſer. Em quanto Bernardo não ſae, vou ver aonde ſe mette.

## S C E N A VIII.

*Bernardo ſó.*

**E**Spera, verey ſe paſſa alguem. Bem he, ninguém parece. Deos fique contigo. Que delatres vão pelo Mundo, e que acontecimento? ſe ſe pôde imaginar couſa que não aja. Bem me profetizava a mi o meu eſpirito tudo o que paſſey, que eu não ſinto por minha a cauſa, mas por Livia, que por mi ſe aventurou a tamanho perigo, em que fica. Oh Livia, Livia, quanto te devo, e quam pouco deves a quem tão mal te trata, não o poſſo dizer ſem lagrymas. Coitadinha de ti Livia, moça fermoſa, tão ſeſuda, e tão boa filha, huma ſó filha, e hum pay tão rico, e tão honrado, criada em tanto mimo, e em tamanhas eſperanças, empregada em quem, em vez de te venerar, te deſhonra aſſi, e te mata. Melhor me fora não te ver, qual te deixo; mas pois niſſo te fiz a vontade, queixar-me-hei ſó da fortuna, que te levou de mi, e me deixou com eſta mágoa, pera que cuidareis

ora,

ora , que me mandou ella chamar , pera desabafar só comigo , e me pedir perdão de feu erro com os olhos , e rosto banhados em lagrymas , me sahio a receber com hum abraço , mais de amizade , que de amor , tão differente do que dantes a conhecia , que no primeiro impeto a desconheci. Todos tres nos assentámos chorando , e chorando começa ella. Bernardo , aventurar-me eu a isto , não he bem que o atribuas , senão a parte , porque o faço , quizeste-me bem , e eu to quiz , a fortuna só me quiz tanto mal , que em pago do que te devia , me obrigou pedir-te perdão da má vida , que por mi passaste , porque a que eu agora passo , sei que me deixará cedo. E porque aquelle amor passado não he já em mi poder-to pagar com outro , que elle merecia , contenta te com estas lagrymas de meu arrependimento. E nisto corrião ellas de maneira , que por hum espaço lhe impedião a prática , e as minhas lhe começárão a fazer boa companhia. Então me deu conta de toda sua vida , a que ella chamava morte , sem eu poder acabar comigo de a deixar de ouvir , ou lançar mão do mais do que me sua vontade , e honestidade concedia. Finalmente , que gastada a mor parte da noite nestas cousas , concruy-o pór derradeiro. Rogo te Bernardo , que isto que contigo passo , ninguem o saiba senão tu , ou se quizeres que o saibão , matem me , porque o eu não ouça , sey que me podes ter em má conta , e eu quero que saibas , pera que te não enganes , que o espirito de huma mulher magoada he tão grande , que não recea estes perigos. Aquella que merecer a Deos , o que eu em ti perdi , trata-a melhor do que me tratão , porque a não obrigue a algum despejo como este. Que diria eu aqui , ou que faria , fiquei confuso , e pasmado do saber , e virtude de huma

huma moça. Aquelle amor que lhe sempre tive, se me accrecentou então de maneira, que acabando ella, comecei eu a chorar minha desventura em a perder, senão quando o marido bate á porta, com que ella ficou morta, e eu mais morto por ella. Medo hey, segundo elle he, que não bastem escusas da velha pera o tirar da suspeita, fahi-me logo consolando-a assi, e offerecendo-me a aventurar a vida por sua honra, sem entre nós haver mais, que lagrymas magoadas de amor, e de saudade. Alguns se rirão de mi, principalmente estes endiabrados, perdidos por homens, que se agora costumão; mas eu certo me não arrependo do que fiz, folgo de lhe dever aquelle amor tão casto, e tão honesto, ey já de esperar o que sobre isto passa, Deos o remedee, que se Livia mal passa, não me sotrerá o estamago deixá-la sem vingança.

## A C T O V.

## S C E N A I.

*Micer Cesar só.*

**Q**ue farey, quem me aconselhará em tamanha afronta, tenho minha honra, e minha filha offerecida á fortuna. Ah velho, parvo de mi, quem me cegou, quem me matou. Oh ouro tão perigoso neste Mundo, pera tanto mal achado, não sey que diga, não sey que faça? Entrou aquelle doudo em minha casa esta noite, tal, que houve medo delle, jurando, brasfemando, que havia de matar minha filha. Ah filha mal fadada, por meu mal nacida. Minha mulher está morta, e eu pera me matar. Estrondos fez, diaburas, e terre-  
mo-

motos, que acordou a vizinhança; acudirão meus amigos, puzerão-se a amañá-lo, então se indignava mais, os seus juramentos são pera crer, o caso não he pera crer, como havia de aver no Mundo, bater elle á sua porta, e não lhe abrirem, fohou-o, inventou-o o diabo pera me acabar de matar. Vou saber de Livia como passou o negocio, que ainda me Deos fez grande mercê em mo trazer a casa, que já agora não tivera filha.

## S C E N A II.

*Valerio.**Ignacio.*

*Valer.* **S**Egundo os finaes que me dás, não póde ser outro. Octavio com quem conversa, he muito bom filho, e bemquisto nesta terra, e eu o conheço de menino, de quando o dérão ao Duque. *Ignac.* Prouvesse ora a Deos, que hey medo de não achar já o pay vivo, que só na vida deste filho tinha sua honra, e sua vida. *Valer.* Não lhe ficou outro? *Ignac.* Não. De dous, que lhe Deos deu, hum lhe desapareceo em Lisboa em idade de cinco annos, e nunca mais foubemos deste, cremos que Mouros, ou Francezes lho furtarão. Este Bernardo só que lhe ficava, deseioso de ver terras, o importuncou tanto, que lhe deu licença, temendo ir-se sem ella. *Valer.* Esse he o primeiro impeto da mocidade. *Ignac.* Como se os homens todos não fossem homens, e todo o Ceo hum. *Valer.* Bom he huma pouca de experiencia. *Ignac.* Oh que se danão cá muito com a soltura, e liberdade, se fosse pera ir buscar virtudes, e exemplos de bem viver, bem me está; mas não he senão pera vícios, e pera ter que contar depois, ou mentiras, ou pec-

cados , que eu deſſes dias , que já por aqui gastei , não tirei mais que aconselhar a todos , que vivão em suas terras. *Valer.* Eſſe he o mais ſeguro ; mas a mocidade ferve , e em quanto ferve não lhe lançar agoa , que será peor , os mais delles tornão tão eſcaldados dos deſaſtres , e dos perigos , que ſe contentão quando vem , de ſe verem fóra delles. *Ignac.* Deu-lhe o pay licença a eſte por dous annos , e paſſa já de cinco , que cá anda. Então que quereis , que cuide hum velho triſte , ou he morto , ou he cativo , que do dó , que ouve delle , me offereci a eſte trabalho. *Valer.* Foſte ditoſo em vires aqui ter , porque ſem dúvida aquelle he. *Ignac.* Com iſſo deſcanço , e vivo , e eſſe ſeu amigo quem he ? *Valer.* Dir-to-hei , porque por ventura ninguem mais delle ſabe que eu. Há já bem de annos , que Micer Oſtávio foy daqui por Embaxador ao gram Turco , acompanhey o eu ; depois de acabarmos eſte negocio da embaxada , vindo-nos a embarcar em Conſtantinopla , vimos vender ao pregão certos meninos Chriſtãos , entre os quaes lançando Oſtávio os olhos , aſſi os aſſeiçooou a hum , que o comprou em idade , que não podia dar mais razão de ſi , que moſtrar que era Portuguez na lingua , e trazendo-o aqui , o deu Oſtávio ao Duque , em cuja caſa ſe criou atégora , e he eſte Oſtávio que te digo , a que ficou o nome de ſeu ſenhor , ſe ſe aſſi pôde chamar. *Ignac.* Ditoſo acontecimento , que dirás aos males que vão pelo Mundo. *Valer.* E logo hi ſoubemos , que Francezes o vendêrão. *Ignac.* Ay , já pôde ſer que entre eſſes iria o meu Ambroſio , que eu criei , irmão de Bernardo. *Valer.* Bem apoſto eu , que não lembre iſto a Oſtávio , que ſe ha por mais natural da terra que eu. *Ignac.* Não ſei que alvoroço ſinto ao eſpirito ; mas que pôde ſer a

tanto tempo. *Valer.* Que falas comigo? *Ignac.* Nada, afigurava-se-me se por desastre poderia ser esse. *Valer.* Grandes são os milagres de Deos. *Ignac. Sy.* Mas quem lhos merece? *Valer.* As vezes os faz elle a quem lhe apraz, e tu conhecê-lo-hias? *Ignac. Sy,* que o criei; mas isto são sonhos, com Bernardo me contentaria, rogo-te que tornemos lá, pôde ser que será vindo. *Valer.* Vamos, mas devias ver primeiro esta Cidade, que tanto ha que a deixaste, ainda que a quem vem de Lisboa, nenhuma outra cousa parece grande. *Ignac.* Senão Veneza, que certo he cousa grande, e de cada vez mayor, mas hi fica tempo depois, vamos que me não repousa o coração. *Valer.* Quizera dar huma palavra a este homem, que cá vem, depois o farey.

## S C E N A III.

*Julio só.*

**N**unca ninguem tão bem ordenou sua vida, que o tempo, e as mudanças delle lhe não trouxessẽ alguma novidade, e ensinassẽ, que aquillo que tinha por melhor, experimentado o ouvesse por peor, como a mi agora acontecco. Desque calei atégora segui huma maneira de viver, que ao meu juizo era melhor, e mais segura pera minha honra, e descanso, agora vejo que não tão sómente não era vida, mas huma vergonha, e baixeza. Olhai as cegueiras, e desenganos, ainda hoje quiz mal, e deshontey a quem me dizia, que me enganava. Agora que acabei de me ver, e que me lembra o passado, assi me aborreço a mi mesmo, como a hum imigo; agora conheço que todos aquelles meus fundamentos, e boas razões erão ceguei-

gueiras , e doudices , e todas aquellas minhas contas em que eu cuidava , que mais que todos acertava , erão erradas , e bestiaes. Tal força tiverão as razões , e os concelhos , que em que me pez me dérão , que de cégo que era , me abrirão os olhos , de danado , e determinado de matar minha mulher , e pôr fogo ás casas , me tornarão tão manso , que não sey já senão chorar as tristezas , e mágoas , com que até qui a tratey. Que cousa he o peccado tão pezado , e desgostoso. Em todo este tempo que vivia , eu tinha gosto de nada , no mór contentamento entristecia , no mais pezado sono acordava em casa , e fóra de casa , que vida era a minha , temia-me dos homens , das mulheres , dos ventos , e das sombras , e não me temia de mi mesmo , e do meu peccado , de que mais devêra. Louvores a nosso Senhor , que tanta mercê me fez , já sey que cousa he ser casado , e este nome de matrimonio quão honrado he , e quão gostoso a quem sabe usar del- le. Já sey , que me deu Deos mulher pera minha igual companheira , em meus prazeres , e trabalhos. É mais que mulher ? Oh Livia , com que olhos te olharey agora ? Livia , quão pouco amor me debes , mas eu o emendarey. Sus , sus , daqui por diante nova vida , se até qui foste minha cativa , serás daqui por diante minha senhora da casa , e da fazenda , farás o que quizeres , e de mi tambem. E não vivirey eu como os outros homens ? De crer he , como me a mi dizião , que eu só sou o que acerte , e todos errem , não póde ser. Os que me dantes conhecião , vejjão-me , e conheçãome novamente ; quantos sabião os meus erros , venhão ver a minha emenda. Se pudêra tomar outro nome , deixára o que tenho , pera que em tudo parecêra novo homem. Já não sou aquelle máo Julio que sohia ,

as vergonhas que passei com Bernardo, he necessario que lhas emende com outra mór honra. Quizerá buscá-lo, e desculpar-me, como melhor puder, não faiba Benedito, ou não suspeite, que estimo pouco sua amizade. Convidá-lo-hei, e ficar-me-ha por hospede, mais vergonhosa cousa he o peccado, que a emenda d'elle, pois pelo peor passei, não he razão que o melhor recee. Cá vem o seu criado, dir-me-ha d'elle.

## S C E N A III.

*Ardelio.**Julio.*

*Ardel.* **C**ousa ha hi, que parece que acinte as ordena o diabo, e as desta noite taes forão. Eu não sey do que mais me ria, se da parvoice de Bernardo, ou dos desastres de Julio, ou da lealdade de Faustina com Octavio. Parece-vos que hum frade capucho tivera a consciencia de meu amo, chamado de huma mulher a que queria bem, e que o queria a elle, e que se aventurava a tamanho risco, sair se assi sem hum só abraço della, vio-se nunca tal paciencia? *Jul.* Que grão travesso, repetenades, de que se vem rindo? *Ardel.* Se o Livia já quizer ver, que me matem, ora deixay o Octavio, não me posso ter, desculpar a puta. Ha, ha, e diz que si, que lhe quer grande bem, que entrou Julio por força, e jura que he verdade, que ella lho jurou, e chorou. *Jul.* Em quantas vergonhas me mettêrão meus peccados, corrido estou do que passou por mi. *Ardel.* Aquella velha tão endiabrada, que negou o outro, parece-me que o sonhei, tal aconiecoo todavia, he verdade que a mi me lembra, que não dormi esta noite. Andei desde  
en-

entrão atégora vigiando, e não vi final de nada. As portas, e as janellas estão como se vem, não creio que tornou ainda. *Jul.* Devagar vem. *Ardel.* Mas hey-lo acolá, vejo-o tão paciente, que hey dó del-  
 le. Não sey se o cometta. *Jul.* Vou-me a elle. Por tua vida mancebo, que me faças hum prazer. *Ardel.* As pessãoas? Perdoa me, que te enganey, jurára que as trazia Bernardo, folgo de o não termos dito a Julio. *Jul.* Não digo isso, mas que me mostres teu amo, que me releva muito. *Ardel.* Pera que? *Jul.* Eu sou Julio. *Ardel.* Julio? como pôde ser? *Jul.* Encobri-me atégora, ou neguei-me, porque me temi de hum certo negocio de Genoa. *Ardel.* Como se ouvesse muito, que eu faley contigo. *Jul.* Não zombo. *Ardel.* É como crerey, que és tu agora mais que danies? *Jul.* O que te eu digo he assi. *Ardel.* Muito se parece contigo aquelle teu amigo. *Jul.* Que amigo? *Ardel.* Hum que lá andava muito negociador por tua parte. *Jul.* Tens razão, porque eu era o mesmo. *Ardel.* Perdoa me logo, porque tu me tiraste de meu fizo, se crê-as que era Julio, como eu cria, não cançaramos tanto. *Jul.* Perdoa me tu o que eu passei contigo, que eu te perdo o todas tuas graças, mas Bernardo desejo muito de ver. *Ardel.* Que lhe queres? *Jul.* Pedir lhe perdão de minhas culpas, que eu creyo que me elle dará, sabendo a causa. Rogo-te que me leves, ou lhe dize de minha parte, que me faça mercê de me dar licença pera me ver com elle. *Ardel.* Farto-hei. Isto, que será! *Jul.* E seja oje por tua vida. *Ardel.* Queres que vá elle lá dar comigo? *Jul.* Se o não tomar por trabalho. *Ardel.* A tua casa? *Jul.* Sy. *Ardel.* Jesu, que ouço, se endoudeceo este, irá ter comigo a tua casa? *Jul.* Sy. E quanto mais cedo, mais folgarey. *Ardel.*

Ora não mais, isto he trato, não nos paparás, como eu estava parvo. *Jul.* Falo-as assi? *Ardel.* Eu te direy, pois já queres que te conheçamos, elle he ido desdoutem pola manhã fóra da Cidade, não sei se tornará hoje. *Jul.* He fóra? *Ardel.* Sy. *Jul.* Oh dou-me a Deos, e anda elle já de caminho. *Ardel.* Tomai lá, não se deterá nada, não digo bem, eu não sey todavia, creio que ainda está devagar. *Jul.* Por tua vida que me não enganes, porque me vay muito nisto. *Ardel.* A nós vay mais que a ty, he como te digo, e bem o podes saber. *Jul.* Ora eu terey cuidado de o buscar, fica-te embora, sentirey muito ir-se-me assi sem alguma desculpa, ou comprimento por amor de Benedito, escrever-lhe-ha quam mal o fiz com elle, eis-me sem amigo. *Ardel.* Que me matem, se isto não he manha, vou-me com tempo dar aviso ás partes.

## S C E N A V.

*Clareta só.*

**Q**ue direis a tamanho desastre, a tamanho descuido, a tamanha parvoice minha, ficar-me assi a porta aberta a tal tempo, estou pera arrebentar. Faustina fica comendo os pés, e as mãos, desespera já de se vingar de Octavio. Em fim, Julio pagou por elle, coitado, estava com a meza posta, e a cama feita, e nem de meza, nem de cama levou bocado. Nós já estamos de levante, que elle ou se ha de vingar, ou ha de querer tornar haver o seu annel, a isto vierão passar todos os amores, e lagrymas de Faustina. Folguey em parte, porque saberá viver daqui avante.

SCE-

## S C E N A VI.

*Janoto. Clareta.*

*Janoto.* Onde poderey achar Octavio, ou Bernardo, ou Ardelio. *Clar.* Este he Janoto, ey-o de tentar. *Janot.* Dizem-me que andão aqui dous homens muito mortos apôs elles, não fey que seja. *Clar.* Se pudesse ora chorar hum pouco. *Janot.* Medo hey que pairam aquellas bacorinhas algum mal. *Clar.* Ay, ay Faustina, quam pouco dó averei de ti, quem te mata. *Janot.* Quem chora aqui? *Clar.* Coitadinha, que te não merecem esse amor. *Janot.* O Clareta, que he isso? de que choras? *Clar.* Ay Janoto, onde está Octavio? *Janot.* Que has, que lhe queres? *Clar.* Morre Faustina, deixey-a tal. *Janot.* Fala? *Clar.* Que não parece viva. *Janot.* Que fez, quem lhe fez mal? *Clar.* Estirada no meyo da casa como hum corpo morto. *Janot.* De que? *Clar.* Eu toda esta noite andey com ella com agoas, e com cheiros, parece que arrebenta, e que lhe salta o coração fóra. *Janot.* Já entendo. *Clar.* Diz, que se lhe Octavio não fala, e a não ouve, que sobre elle carregue a sua morte. *Janot.* Ha, ha, he. *Clar.* E riste? *Janot.* Endiabrada és, mas eu te direy, huma mo-fina não vem sem outra. *Clar.* Bem parece em ti, se lhe merece Octavio o que por elle passa. *Janot.* Clareta, não me enganes, cissas lagrymas são de mostarda, andastes muito mal em vossos raposios. *Clar.* Assi as pagamos, ainda que todo o mal he da coitadinha. *Janot.* Pois se soubesses, pera quem Octavio negociava aquillo. *Clar.* Pera quem, que ainda Faustina crê que era zombaria? *Janot.* Por-  
que

que hey dó della , e de ty , to quero dizer. Pera Julio. *Clar.* Pera Julio? *Janot.* E foy tão recatado, que o entendeo. *Clar.* Zombas, mas por tua vida , que digas a teu amo , que aja dó de quem por elle tal fica. *Janot.* Zombo, mas tu com alvoroço deixaste a porta aberta a Octavio , vay, vay , bem parvo he quem escapa de huma , e se torna a metter em outra. Faustina tome outros amores de melhor rendimento. *Clar.* Foy-se , se tal he , que paciencia terá Faustina pera Julio , agora cremos, que nós-outras somos as parvoas, e as coitadas , algum peccador virá, em que se tudo emende , o traidor como me entendeo.

## S C E N A VII.

*Valerio.*      *Janoto.*

*Valer.* **A** Dias , que tanto prazer não tive como hoje. Oh Senhor Deos , que grandezas são as vossas. Quem cuidára depois de vinte annos, que tanto averá que viemos do Turco , se viesse a descobrir o que agora por minha causa se descobrio. Pera algum bem grande guardou Deos aquelle moço. *Janot.* Valerio , viste-me por aqui Octavio? *Valer.* Qual Octavio , não he senão Ambrosio. *Janot.* Como Ambrosio ? eu digo meu amo. *Valer.* Eu digo teu amo , já não he Octavio. *Janot.* Como não? *Valer.* Vay te a casa de Cesar, lá o verás. *Janot.* Não te entendo. *Valer.* Eu o creyo ; mas se o queres entender, vay onde te disse , que eu vou depressa.

## S C E N A VIII.

*Ardelio.*      *Janoto.*

*Ardel.* **J**esu, que prazer, e boa dita. *Janot.* Não sey que diz aquelle velho, cá vem *Ardelio.* *Ardel.* Que dia tão bemaventurado. *Janot.* Que pressa he esta, parece doudo. *Ardel.* Ainda que em nossa mão fora dar bom fim a taes perigos, não pudéra ser, como aconteceu. *Janot.* *Ardelio,* que he isso? *Ardel.* Oh *Janoto,* hey-te de abraçar. *Janot.* Que ouveste, de que vens tão alvoraçado? *Ardel.* A Portugal, á Portugal. *Janot.* Que dizes? *Ardel.* Que avemos de ir todos a Portugal. *Janot.* Quaes todos? *Ardel.* Bernardo, e Octavio, e *Ardelio,* e *Janoto.* *Janot.* Tu és doudo? *Ardel.* Não se pôde crer, *Julio,* já não he *Julio.* *Janot.* Morreo? *Ardel.* Mas mudou-se de maneira, que o não conhecerás, digo-te, que aquelle desastre dontem foy bemaventurado pera *Livia,* já he mulher, já he casada, já vive. *Janot.* Muito assombrado vens, começas numa cousa, e saltas noutra. *Ardel.* Cuidas que estou em mim? *Janot.* Toma folego, não te atogues. *Ardel.* Em fim, pera que me hey de deter em palavras, veyo aqui em nossa busca *Ignacio,* amo de *Bernardo,* foy dar com elle a casa de *Cesar,* onde o levou *Julio* convidado pera hum banquete, que faz por festa de sua nova vida. *Janot.* Que me contas? *Ardel.* Espera, topa-o nessa rua com *Octavio,* levou-os ambos com grandes desculpas, e perdão do passado, inspirou-lhe Deos graça pera se conhecer, e arrepende-se da vida passada, desfoje por diante toma outra, e oje faz conta, que recebe sua mulher. *Janot.* E por isso avemos de ir

a Portugal? *Ardel.* Não fey o que conto, isso te ouvêra dizer primeiro, Ambrosio he irmão de Bernardo. *Janot.* Qual Ambrosio? *Ardel.* Octavio teu senhor. *Janot.* Hum, tu tens feito? *Ardel.* Não duvêdes, conhecerão-no agora milagrosamente. *Janot.* Como estou encantado. *Ardel.* E eu tambem. Hum velho natural daqui contou a sua historia, e Ignacio o nosso amo o conheceo por sinaes, como quem o creou. *Janot.* Isso he assi? *Ardel.* Assi. *Janot.* Que he Octavio! irmão de teu senhor. *Ardel.* Pera que he estar contigo em práticas, vem, e vê-lo-has com o olho. *Janot.* Jesu. Jesu *Ardelio.* *Ardel.* Hey-lo velho, sae chorando de prazer.

## S C E N A IX.

*Cesar só.*

**Q**Uanto devo a Deos, pelo prazer que me mostrou oje, livrar minha filha de infamia, e de hum perigo tão certo, tamanho, camanho era a suspeita que o marido tomou della. E na verdade, posto que tivessem alguma desculpa de seu medo, que elle avesado era a dizer, e fazer. Porém não se sofria todavia vê-lo bater á porta, e não lhe abrir, nosso Senhor espirou nova alma, e nova vida, quando mais parecia, que estava fóra della. Vay ter a casa, e lança-se aos pés de Livia, e quisme beijar os meus, com lagrymas o levantei, e com lagrymas conto isto. Ajuntou-se outro prazer daquelles mancebos, que se chamão irmãos, que vê-los a elles, e a hum velho seu amo, he pera louvar a Deos. Livia estava morta, jágora vive, já terá vida que lhe sempre desejei, que segundo o que enxergo nelle, vay já caindo em outro estremo

mo demasiado. Vou convidar meus parentes, e amigos, que me ajudem a rir, e a folgar como antes me ajudavão a chorar, e vós também festejey este meu contentamento.

*Fim da Comedia do Cioso.*

T A B O A D A  
DESTE LIVRO.  
T O M O I.  
D O S S O N E T O S.

A

<b>A</b> Quella, cujo nome a meus escritos.	fol. 44.
Ab porque não posso eu em prosa, ou rima.	56.
A ti torno Mondego claro rio.	66.
A que alçarey os olhos pois não vejo.	71.
Affí da fonte cristalina, e pura.	68.
Aquelles olhos, que eu deixei chorando.	66.
Alegra-me, e entristece a real Cidade.	69.
Alma innocente que teu vèo despindo.	88.
Aquelle claro Sol que me mostrava.	75.
Aquella nunca vista fermosura.	75.
A Jupiter tres Deosas se queixarão.	81.
A esta lapa vimos Virgem sancta.	92.
Anjo enviado áparelhar as vias.	92.
Águia divina, que tão altamente.	93.

B

Bem podeis vós, senhora, ajuntar fogo.	51.
Bernardes, cujo sprito Apollo inspira.	85.
Bom Vasco de Lobeira, e de grã sem.	89.

C

Cboras, Antonio, e levão Lima, e Douro.	83.
Com que mágoa ó Amor, com que tristeza.	74.
Co alma nos Ceos pronta, o sprito inteiro.	77.
Clarissimo Marquez, em cujo sprito.	82.

D

Despojo triste, corpo mal nascido.	74.
------------------------------------	-----

Dos

<i>Dos mais fermosos olbos , mais fermoso.</i>	46.
<i>Donde tomou Amor , e de qual vea.</i>	56.
<i>Doce amor novo meu tambem tomado.</i>	60.
<i>Do que em vós vi , senbora me presenta.</i>	71.
<i>Despois que o meu sprito então jó claro.</i>	64.
<i>Daquella vista , de que se mantinhão.</i>	64.
<i>Desfeito o sprito em vento , o corpo em pranto.</i>	79.
<i>Despois de cin o lufros já aquella hora.</i>	90.
<i>Diante do cutello rigurofo.</i>	93.

## E

<i>Eu não canto mas choro , e vey chorando.</i>	45.
<i>Em quanto solto ao Sol brando ar movia.</i>	55.
<i>Eu vejo ind'aqui os sinaes das agoas.</i>	67.
<i>Eu vi em vossos olbos novo lume.</i>	60.
<i>Em dia escuro , e triste fui lançado.</i>	59.
<i>Este peito que está de fogo cbeo.</i>	58.
<i>Em quanto tu lá Andrad'os votos sanctos.</i>	84.
<i>Em duas partes deixey lá partida.</i>	84.
<i>Estas cinzas aqui chorando encerra.</i>	78.
<i>Eu vejo arder teu peito em nova gloria.</i>	82.
<i>Escrève Dem Diogo , escrève , e canta.</i>	83.
<i>Eis o mar eis o vento espanto , e medo.</i>	91.

## G

<i>Gloriosos espiritos coroados.</i>	87.
--------------------------------------	-----

## H

<i>Huns olbos , que ó Sol claro ó dia , ó norte.</i>	52.
<i>Hum tempo chorey ledo co a esperanza.</i>	76.

## L

<i>Livro se luz desejas , mal t'enganas.</i>	44.
<i>Lagrymas costumadas a correr-me.</i>	47.
<i>Liniano , tu ó jom do claro Lima.</i>	85.

## M

<i>Mondego tão soberbo vás da vista.</i>	49.
<i>Muitas vezes quizera (tal me vejo)</i>	57.

## N

<i>Não he minba tenção louvar aquella.</i>	46.
<i>Não aparece o Sol, triste está a terra.</i>	50.
<i>Não lagrymas fingidas, não de cores.</i>	61.
<i>Não Téjo, Douro, Zezer, Minbo, Odiana.</i>	48.
<i>Nimphas do claro Almonda, em cujo seo.</i>	73.
<i>Num concarvo penedo onde quebravão.</i>	86.

## O

<i>O olhos, donde Amor suas frechas tira.</i>	50.
<i>Onde está aquella imagem pura, e bella?</i>	51.
<i>O cabellos d'Amor rico thesouro.</i>	56.
<i>O fogo, que em meu seo guardo, e crio.</i>	57.
<i>Onde quer que eu esteja, onde me vire.</i>	58.
<i>Os dias conto, e cad'bora, e momento.</i>	65.
<i>Os que a fortuna Deosa sua fazião.</i>	87.
<i>O alma pura, em quanto cá vivias.</i>	73.
<i>Onde m'esconderey, senhor de ti?</i>	91.

## P

<i>Parecerá senhora em outra idade.</i>	48.
---	-----

## Q

<i>Quando entoar começo com voz branda.</i>	49.
<i>Quem vio neve queimar, quem vio tão frio.</i>	54.
<i>Quantas vezes Amor comigo cheo.</i>	55.
<i>Quando eu vejo sair a menbam clara.</i>	62.
<i>Quando vos vi, senhora, vi tão alto.</i>	61.
<i>Quantos suspiros, triste, e quão compridos.</i>	69.
<i>Quando eu os olhos eiço áquelle rosto.</i>	72.

<i>Quando s'envolve o Ceo, o dia escurece.</i>	67.
<i>Quando eu os olbos ergo áquella parte.</i>	72.
<i>Quando será que eu torne a ter diante.</i>	70.
<i>Que Apelles, que Lisippos poderião.</i>	81.
<i>Quem pode ver hum coração tão triste.</i>	76.
<i>Qual bom planeta, qual boa estrella, ou signo.</i>	77.
<i>Quanto d'Amor se pode humanamente.</i>	88.

## R

<i>Rey bemaventurado este he o dia.</i>	80.
<i>Rainha sancta aos Reys exemplo claro.</i>	94.

## S

<i>Se saber fermosura, e Real estado.</i>	80.
<i>S'eu pudesse igualmente mostrar fora.</i>	45.
<i>S'erra minb'alma em contemplar-vos tanto.</i>	47.
<i>Sol, que já tantas voltas aos Ceos deste.</i>	54.
<i>Se vós podesseis com desprezo, ou ira.</i>	52.
<i>Sae minb'alma ás vezes a buscar-vos.</i>	53.
<i>Seprãtado em tristeza, em dor, em pranto.</i>	78.
<i>Solitario, que segues tão contente.</i>	90.
<i>Se com vos ver, senhora, assi lá ardia.</i>	70.
<i>Se meu desejo só he sempre ver-vos.</i>	59.
<i>Spritos coroados da victoria.</i>	94.

## T

<i>Tem-me Amor prezo em humas redes d'ouro.</i>	63.
<i>Têjo triumphador do claro Oriente.</i>	65.

## V

<i>Valles, serras, e montes, bosques, prados.</i>	62.
<i>Vay minb'alma cansada a vós buscando.</i>	63.
<i>Vou de suspiros todo este ar enchendo.</i>	68.
<i>Vincio eu vejo do Oriente a clara.</i>	86.
<i>Vay novo Sol esclarecer o dia.</i>	79.
<i>Vi:</i>	

<i>Vinha Amor pelo campo trebelbando.</i>	89.
<i>Os Epigrammas.</i>	95.

## DAS ODES.

<i>Ode primeira.</i>	98.
<i>Ode aos Principes D. João, e D. Joanna.</i>	99.
<i>Ode a D. João de Lancastro.</i>	101.
<i>Ode aos Reys Christãos.</i>	103.
<i>Ode a D. Afonso de Castel-Branco.</i>	105.
<i>Ode a huma não d'armada, em que hia seu irmão.</i>	106.
<i>Ode a Manoel de Sampaio.</i>	108.
<i>Ode a D. Antonio de Vasconcellos.</i>	110.
<i>Ode ao senhor D. Duarte.</i>	112.
<i>Ode a Pedro d'Andrade.</i>	113.
<i>Ode a Francisco de Sá de Menezes.</i>	115.
<i>Ode a Afonso Vaz Caminha.</i>	117.
<i>Ode a Antonio de Sá de Menezes.</i>	119.

## DASELEGIAS.

<i>Elegia a Francisco de Sá de Menezes.</i>	122.
<i>Elegia na morte de Diogo de Betancor.</i>	127.
<i>Elegia a Mayo.</i>	130.
<i>Elegia a D. Luiz Fernandes de Vasconcellos.</i>	132.
<i>Elegia a Pedro d'Andrade.</i>	134.
<i>Elegia a Afonso d'Albuquerque.</i>	137.
<i>Elegia Amor fugido.</i>	140.
<i>Elegia Amor perdido.</i>	142.
<i>Elegia a Sancta Maria Magdalena.</i>	143.

## DASEGLOGAS.

<i>Archigamia. Egloga I.</i>	147.
<i>Janio. Egloga II.</i>	163.
<i>Tyuro. Egloga III.</i>	167.
<i>Lilia. Egloga IIII.</i>	171.
<i>Tevio. Egloga V.</i>	174.
	Ma-

<i>Magica. Egloga VI.</i>	177.
<i>Daphnis. Egloga VII.</i>	182.
<i>Floris. Egloga VIII.</i>	187.
<i>Miranda. Egloga IX.</i>	191.
<i>Segadores. Egloga X.</i>	195.
<i>Androgeo. Egloga XI.</i>	202.
<i>Natal. Egloga XII.</i>	205.
<i>Epiibalamio ao Casamento da S. D. Maria.</i>	210.
<i>Historia de Santa Comba dos Valles.</i>	221.

## T O M O II.

## D A S C A R T A S.

<i>Congratulação do Reyno a ElRey D. João III.</i>	3.
<i>A Pero d'Alcaçona Carneiro Secretario.</i>	7.
<i>A Francisco de Sá de Miranda.</i>	96.
<i>A D. Simão da Sylveira.</i>	102.
<i>A D. João de Lancastro.</i>	18.
<i>Outra ao mesmo.</i>	37.
<i>A João Rodrigues de Sá de Menezes.</i>	20.
<i>A Garcia Frois Ferreira seu irmão.</i>	25.
<i>A Pero d'Andrade Caminha.</i>	10.
<i>Outra ao mesmo.</i>	29.
<i>A Manoel de Sampayo.</i>	42.
<i>A Diogo de Betancor.</i>	47.
<i>A Diogo Bernardes.</i>	52.
<i>Ao Senhor D. Duarte.</i>	58.
<i>A ElRey D. Sebastião.</i>	61.
<i>Ao Cardeal Iffante D. Amique Regente.</i>	67.
<i>A Luiz Gonçalves de Camara.</i>	73.
<i>A Antonio de Sá de Menezes.</i>	14.
<i>Outra ao mesmo.</i>	84.
<i>Ao Conde do Rodondo Regedor.</i>	107.
<i>A Vasco da Sylveira.</i>	110.
<i>A Francisco de Sá de Menezes.</i>	112.
	A

<i>A Diogo de Teyve.</i>	78.
<i>A João Lopes Leitão.</i>	90.
<i>A D. Constantino, indo governar a India.</i>	92.
<i>A Antonio de Castilho.</i>	88.
<i>Os Epitaphios.</i>	115.
<i>Castro Tragedia.</i>	123.
<i>Elegia de Diogo Bernardes a Pero d'Andrade na morte de Antonio Ferreira.</i>	176.
<i>Resposta de Pero a' Andrade.</i>	180.
<i>Comedia de Bristol.</i>	1.
<i>Comedia do Cioso.</i>	85.

## F I M.

## ERROS DO TOMO I.

Pag. 1. Gracia, lê Garcia. Pag. 9. Gracia Froes de Andrade, lê Garcia Froes Ferreira. *Ibid.* Manoel de Sampayo, aquelle judicioso, lê Manoel de Sampayo, judicioso. Pag. 25. Gracilasso, lê Garcilatto. Pag. 28. o desaprova, lê os desaprova. Pag. 29. constituem, lê constitue. Pag. 33. em si mesmo, lê em si mesma. Pag. 34. nelle, lê nelles. Pag. 37. do meu Lima, lê deste meu Lima.

CATALOGO  
DE VARIOS LIVROS  
IMPRESSOS Á CUSTA  
DOS IRMÃOS DU-BEUX

OU QUE SE ACHÃO EM GRANDE NUMERO  
NA LOJA DOS MESMOS

Á CRUZ DE PÁO

Na esquina da travessa de Santa Catharina  
no Bairro Alto.

---

**T**Evii *Jacobi Lusitani*, Orationes, Opera Poetica & Historica cum ejusd. Commentario de rebus ad Diem Gestis, cura Jos. Caet. de Mesquita, 8.º *Parisis*, 1762. *elegans editio.*

Aia Vigilante, ou Reflexões sobre a educação dos Meninos por Mad. de Ville Neuve, 12.º *Lisboa* 1767.

Bibliotheca Lusitana Tomo IV, separadamente, pelo Abade Diogo Barbosa Machado, fol. *Lisboa* 1739.

Cartas Geograficas das quatro partes do Mundo com a Mappa mundi, conforme as novas observações da Academia das Sciencias, publicadas em 5 folhas, illuminadas, por Pedro Gendron. *Paris* 1757.

Catecismo de Montpellier, impresso por ordem de M. Colbert, e agora traduzido na lingua Portugueza por mandado do Excellentissimo Senhor Arcebispo de Evora, 8.º 4. Tom. *Lisboa* 1765.

Compendio do mesmo Catecismo para os Meninos, 8.º *Lisboa* 1767.

— de la Historia de España, traduzido do Francez em Castelhana, 8.º 2. Tom. *Amberes* 1758.

— da Historia do Antigo, e Novo Testamento, 12.º *Paris* 1760, e *Lisboa* 1765.

Con-

- Confrontação da Doutrina da Igreja com a Doutrina da Sociedade dos Jesuitas, por Joaquim Gomes Teixeira, 12.<sup>o</sup> Lisboa 1770.
- Conquista de Goa, Poema de Francisco de Pina e Mello, 4.<sup>o</sup> Coimbra 1759.
- Dialogos sobre a Eloquencia em geral, e a do Pulpito em particular, por M. de Fenelon, traduzido em Portuguez, 12.<sup>o</sup> Lisboa 1761.
- Discurso sobre o bom, e verdadeiro gosto na Filosofía, do Padre Antonio Soares Barboza, 4.<sup>o</sup> Lisboa 1766.
- deduzido dos sólidos principios do Direito Natural, e Humano, estabelecendo as Leis proximas sobre os Testamentos, 8.<sup>o</sup> Lisboa 1770.
- Educação de hum Menino Nobre, por Martinho de Mendocça de Pina e de Proença, 12.<sup>o</sup> Lisboa 1734, e Porto 1761.
- Elementos do Commercio, traduzido do Francez, 12.<sup>o</sup> 2. Tom. Lisboa 1766.
- da Historia de Vallemont, 4.<sup>o</sup> 5. Tom. Lisboa 1766.
- Do Estado da Igreja, e poder legitimo do Pontifice Romano, resumo da excellente Obra de Just. Febronio, traduzido de Francez por Miguel Tibério Pederache, 12.<sup>o</sup> 2. Tom. Lisboa 1770.
- Gazetta Litteraria, &c. por Francisco Bernardo de Lima, 4.<sup>o</sup> Porto 1760, e seg.
- defeza da mesma por hum Cirurgião Portuguez, assistente em Londres, 4.<sup>o</sup> Londres 1762.
- Grammatica Franceza, e Portugueza, ou Methodo para aprender com perfeição, e ainda sem uso de Mestre a lingua Franceza, e de algum modo a Portugueza, de la Rue, 8.<sup>o</sup> Lisboa 1766.
- Latina de Antonio Felis Mendes, Professor Regio, 12.<sup>o</sup> Lisboa 1770.
- Historia de Santarem, de sua fundação, e cousas notaveis nella succedidas; das vidas dos seus varões illustres, &c. fol. Lisboa 1740.

Historia Sagrada do Velho , e Novo Testamento de  
Royaumont , traduzida de Francez , 4.º Lisboa  
1758.

————— Universal dos terremotos , 4.º Lisboa 1758.

————— Chronologica Critica da festa do Corpo de  
Deos , pelo Abbade Diogo Barbosa Machado ,  
fol. Lisboa 1759.

Instrucção sobre o modo de bem estudar de M. Gobi-  
net , Doutor de Sorbona , traduzido de Francez  
em Portuguez por Luiz Correa de Franca e Ama-  
ral , 12.º Lisboa 1770.

————— sobre a Logica do P. Manoel Alvares , 12.º  
Porto 1760.

O Lima de Diogo Bernardes com as suas Eglogas , e  
Cartas , 12.º Lisboa 1761.

Ilave nueva y universal para aprender con brevedad y  
perfeccion la lengua Franceza por D. Antonio  
Galmache , 8.º Paris 1767.

Longino , Tratado do Sublime , traduzido da lingua  
Grega na Portugueza , e illustrado com notas  
pelo P. Custodio José de Oliveira , Professor Re-  
gio do Grego , 12.º Lisboa 1771.

Luciano sobre o modo de escrever a Historia , traduzido  
do Grego , e illustrado pelo mesmo , 12.º Lis-  
boa 1771.

Manual da Missa , ou Orações para assistir ao Sacrificio  
da Missa , com figuras finas , e abertas por Te-  
resa Angelica da Silva , 12.º Paris 1756.

Mappa do Reino de Portugal Antigo , e Moderno , pe-  
lo P. João Baptista de Castro , com os Mappas  
illuminados das Provincias , 4.º 3. Tom. Lisboa  
1769.

Methodo Geographico facil , donde se demuestra el mo-  
do de Gobierno de todos los Países , &c. com  
hum Compendio de la Esfera , 12.º 2. Tom.  
Paris 1754.

————— Atlas , Compendio Geographico del Globe  
terrestre en Mappas iluminadas para introdu-  
cion ,

cion, ò Supplemento al Methodo Geographico, 4.º 2. Tom. *Paris* 1756.

Methodo verdadeiro de estudar, para ser util á Rêpublica, e á Igreja pelo R. P. \*\* Barbadinho, 4.º 2. Tom. *Valença* 1743.

## O B R A S

DO P. FRANCISCO JOSÉ FREIRE

DA CONGREGAÇÃO DO ORATORIO,  
*aliàs* CANDIDO LUSITANO.

Arte Poetica de Horacio, traduzida, e illustrada com notas, Latin. Portuguez, 4.º *Lisboa* 1758.

———— Poetica, ou Regras da verdadeira Poesia em geral, 8.º 2. Tom. *Lisboa* 1759.

Maximas sobre a Arte Oratoria, extrahidas das Doutrinas dos antigos Mestres, e illustradas, 8.º *Lisboa* 1759.

Vida do Infante D. Henrique com o seu retrato, fol. *Lisboa* 1753.

Athalia, Tragedia de Racine, em Portuguez, e Francez, 8.º *Lisboa* 1762.

Obras de Luiz de Camões, com a vida do Author, e figuras, 12.º 3. Tom. *Paris* 1759, elegante edição, da qual sobejão poucos exemplares.

———— do célebre Poeta Antonio Ferreira, 8.º 2. Tom. *Lisboa* 1772.

Obrigações Christãs, e Civis do grande P. S. Ambrosio, traduzidas para o uso do Collegio Real de Nobres, por José Caetano de Mesquita, Professor Regio, 12.º *Lisboa* 1768.

———— Civis de Cicero, traduzidas para o uso do Real

Real Collegio de Nobres , pelo Doutor Miguel Antonio Ciera , 24.º *Lisboa* 1766.

Ortografia da lingua Latina , por Antonio Alvares da Congregação do Oratorio , 12.º 2. Tom. *Lisboa* 1758.

Observações Criticas sobre a dita Ortografia , 12.º *Paris* 1760.

Tratado da Conservação da saude dos povos , obra util , e igualmente necessaria aos Magistrados , Capitães Generaes de Mar e Guerra , Prelados , Abbadessas , Medicos , e Pais de familias , &c. 8.º *Paris* 1756.

———— dos principaes fundamentos da dança , 12.º *Coimbra* 1767.

Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres , da Ordem dos Prégadores , Arcebispo de Braga , composta por Fr. Luiz de Sousa , 8.º 2. Tom. *Paris* 1760.

———— de D. João de Castro , composta por Jacyntho Freire de Andrade , nova edição , com figuras , 8.º *Paris* 1769.

---

## C A T A L O G O

### DE ALGUNS OUTROS LIVROS

QUE SE ACHÃO

### NA LOJA DOS MESMOS.

#### LIVROS THEOLOGICOS.

A Kempis Opera cum addit. Amort. 4.º 1759.

Amort. Theologia Moralis , 4.º 2. Tom. 1757.

Anaclet. Theologia Moralis , fol.

Basseliers , Natalis Alexandri Theologiae Moralis Compendium , 12.º 9. Tom.

Benedicti XIV opera omnia , fol. 12. Tom. *Romæ* 1747. eleg. editio , & rara.

- Biblia Sacra, 24.<sup>o</sup> 7. Tom. *Antuerpiæ*.  
 ——— Cum notis Sabbathier Ord. S. Bened. fol. 3.  
 Tom.  
 ——— Cum notis Du-Hamel, fol. 2. Tom.  
 Bullarium Ordinis Fratrum Minor. Cappuccinorum, cum  
 Scholiis Mich. a' Fugio, fol. 7. Tom. *Romæ* 1745.  
 Cani Melchioris Theologia, 4.<sup>o</sup> 1762.  
 Catechismus Concil. Trid. ad Ordinandos, 12.<sup>o</sup>  
 Concordantia Sacr. Bibliorum, fol.  
 Febronius de Statu Ecclesiæ, 4.<sup>o</sup> 1766.  
 Genetti Theologia Moralis, 12.<sup>o</sup> 7. Tom.  
 Giribaldi Cler. Reg. Theologia Moralis, fol. 5. Tom. 1760.  
 Godeau Theologia Moralis, 4.<sup>o</sup> 1758.  
 Juenin Institutiones Theolog. 12.<sup>o</sup> 7. Tom.  
 Lombardi Magister Sententiarum, 4.<sup>o</sup> 1754.  
 Marchantii hortus pastorum, fol. 1752.  
 Natalis Alexandri Historia Eccles. fol. 9. Tom.  
 Piette *Ord. S. Aug.* Theologiæ Quæstiones difficilliores,  
 8.<sup>o</sup> 6. Tom.  
 S. Thomæ Aquin. opera omnia C. N. de Rubeis, 4.<sup>o</sup>  
 35. Tom.  
 Tourneli Theologia cum continuat. Collet. 4.<sup>o</sup> 22. Tom.  
 Walemburck de Controversiis & Fr. Veronius de Re-  
 gula fidei Catholicæ, 8.<sup>o</sup> 1768.

---

LIVROS JURIDICOS-CANONICOS, E CIVIS.

- Ameno Ord. Min. Practica Criminalis, fol. 3. Tom.  
 Augustini ant. opera omnia, fol. 5. Tom.  
 Premeu Univ. Iptia Can. Civil. fol.  
 Brito de Locato & Conducto, fol.  
 Binckershoeck de Jure publico & Gentium, fol. 2. Tom.  
 Cæpola de Servitutibus, 4.<sup>o</sup>  
 Caldas Pereira Opera Jurid. fol. 7. Tom.  
 Cassaregis de Commercio, fol. 4. Tom.  
 Constantini vota decisiva cum addit. fol. 6. Tom.  
 Corpus Juris Civilis Gothofredi, fol. 2. Tom. 1756.

- Corpus Juris Canon. cum notis & cura Pet. Gibert.  
fol. 3. Tom.
- Doujat Prænotiones Canonicae, 4.<sup>o</sup> 1762.
- Fermosini opera juridica Civ. Can. fol. 14. Tom.
- Gasparri Institutiones Civ. Can. 4.<sup>o</sup> 1751.
- Gravinæ opera, 4.<sup>o</sup> 1756.
- Grotius de Jure belli ac pacis, cum notis Cocceii, 4.<sup>o</sup>  
5. Tom. 1751.
- Heineccii opera omnia, 4.<sup>o</sup> 9. Tom. 1771.
- Keés ad Instituta, 4.<sup>o</sup>.
- Matthæi *ant.* de criminibus, 4.<sup>o</sup> 1760.
- Mendes a Castro Practica Lusit. fol. 1767.
- Paiva & Pona Orphanologia, fol.
- Pegas de Maioratibus, Tomus 3. 4. & 5. fol. 3. Tom.
- Pereſii ad Instituta 12.<sup>o</sup> *Lugd.*
- Phæbi Decisiones Lusit. fol. 1760.
- Pinheiro de Testamentis & de Censu, fol. 3. Tom.
- Puffendorff de Jure Naturæ & Gentium C. N. Barbeiracii, 4.<sup>o</sup> 2. Tom.
- Ratto Decisiones S. Rotæ Rom. fol. 4. Tom.
- Tanarii Decisiones S. Rotæ Rom. fol. 2. Tom.
- Valentibus opera juridica fiscalia, &c. fol. 7. Tom.
- Van-Eſpen jus Ecclef. cum Supplemento, fol. 5. Tom.  
*París & Ven.* fol. 9. Tom.
- ejusd. operum Supplementum, fol. *Scorſim.*
- Velasco Judex perfectus, fol.
- Vicat Vocabularium Juris utriusque, 8.<sup>o</sup> 3. Tom.
- Wolfii Jus Naturæ, 4.<sup>o</sup> 9. Tom. 1765.

---

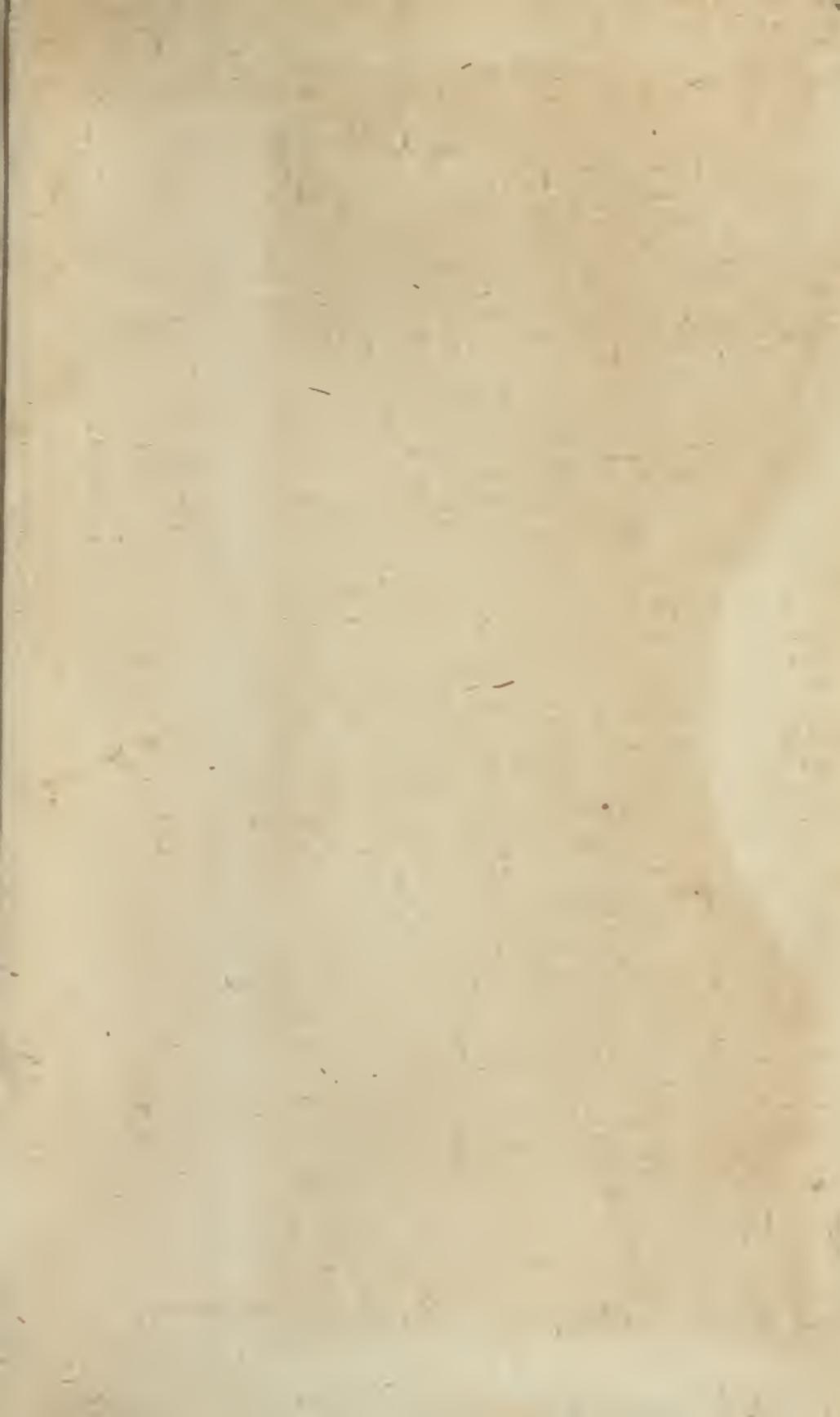
 LIVROS MISCELLANEOS.

- A Brixia Fort. *Ord. Min.* Philosophia mentis, 4.<sup>o</sup> 2. Tom.  
*fig. Venet.* 1769.
- Philosophia sensuum, 4.<sup>o</sup> 4. Tom. *fig. Venet.* 1756.
- Bagliivi opera Medica, 4.<sup>o</sup>
- Hoffmanni opera omnia, fol. 11. Tom. e 4.<sup>o</sup> 13. Tom.
- Pharmacopea Tubalensis, Pars 1. e 2. fol.

- Alvares Em. Elementa Philosophiæ, 12.º 1765.  
 Calepinus Facciolati, fol. 2. Tom.  
 De Colonia Rhetorica, 12.º Lugd. 1758.  
 Ephemerides Rerum Lusitanarum, 4.º Ulif. 1761.  
 Fonseca Lexicon Latino-Lusitanum, 4.º  
 Genuensis Logica, Metaphysica & Physica, 8.º 8. Tom.  
 S'Gravesande Physica, 4.º 2. Tom. cum fig.  
 Homeri Opera Græc-Lat. 8.º 2. Tom. Paris 1747.  
 Horatius Minelli, 12.º  
 Newton opera omnia, 4.º 7. Tom. fig.  
 Nolteni Lexicon Latinæ Linguæ antibarbarum, 8.º  
 Purchotii Philosophia, 12.º 5. Tom. fig. 1760.  
 Titi Livii Historia Rom. C. N. Crevier, 12.º 6. Tom.  
 Virgilius Minelli, 12.º

*Na loja dos mesmos se acha hum grande sortimento de Livros de todas as Faculdades, e Linguas, dos quaes distribuem o Catalogo, e se offerecem de mandar vir por preço commodo os artigos, que não tiverem.*

F I M.











Robert Southey, from an undated miniature, attributed to Edward Nash, in the possession of Mrs. F. F. Boulton.

